

A 858,798

PROPERTY OF

*University of
Michigan
Library*

1817

ARTES SCIENTIA VERITAS

CANTOS POPULARES PORTUGUEZES

RECOLHIDOS DA TRADIÇÃO ORAL

E COORDENADOS

FOR

A. Thomaz Pires



VOLUME IV



ELVAS

TYPOGRAPHIA E STEREOTYPIA PROGRESSO

DE Antonio José Torres de Carvalho

Rua de Manuel Gomes Estella, 2-B

1910

869.8
P667CQ
v. 4

63-51739

CANTOS POPULARES PORTUGUEZES

(Volume IV)



CANTOS POPULARES PORTUGUEZES

III

O Homem e a Sociedade

g) Festa e baile

7855 Em nome de Deus começo,
Padre, Filho, Esp'rito Santo,
E' a primeira cantiga
Que neste auditorio canto.

(A.)

7856 Eu quando entrei nesta casa
Esqueceu-me a cortezia,
Agora, que cá 'stou dentro:
Guarde Deus a bizzarria.

(E.)

7857 Eu sou o porta bandeira,
Nisso tenho grande chança,
Uma vez que aqui *chiguei*,
Toca á festa, dança á dança.

(A.)

- 7858 Eu venho da romaria
Da Senhora das Canhotas,
Agora, que venho santo:
Dae-me um abraço, cachopas.
(D.)
- 7859 Lá vem o Belchior da Paz,
Mais o Bento desvalido,
Deixe entrar este rapaz
No cofre do amor sentido.
(A.)
- 7860 Senhor's, deem-me licença,
Eu quero metter o pé,
Eu ando por este mundo,
Não sei o que o mundo é.
(D.)
- 7861 Quem não sabe, tatareia,
Sempre anda a tatarear,
Um cantador é chegado
Aqui a este lugar.
(A.)
- 7862 E' chegado, é chegado,
Afinal já chegou,
E' chegado o cantador,
A' 'spera de quem eu 'stou,
(A.)
- 7863 E' chegado, é chegado,
E' chegado não sei quem,
São chegados lindos olhos
A quem os meus querem bem,
(A.)

- 7864 Senhores, desculparão
Este meu atrevimento,
Eu era desconhecida,
Vim tomar conhecimento.
(D.)
- 7865 Aqui chegou a cantora
Embrulhada numa manta,
Venha cá o povo todo
Dar ouvidos a quem canta.
(D.)
- 7866 Visto d'eu aqui chegar,
Com licença, meus senhores,
Eu venho aqui para dar
Maior honra aos cantadores.
(A.)
- 7867 Aqui cheguei e parei
Numa estrada seguida,
Eu venho satisfazer
Uma promessa devida.
(A.)
- 7868 Graças a Deus que cheguei
A' funcção cá das pimponas,
Só me deram p'ra comer
Salada com azeitonas.
(A.)
- 7869 E' chegada este céguinho,
Aqui a este paiz,
Enganou-se no caminho,
Cahiu, quebrou o nariz.
(A.)

- 7870 Inda agora aqui cheguei,
Mais cedo não pude vir,
Fui deitar o meu amor,
Lá ficou já a dormir.
(A.)
- 7871 Deus lhes dê mui boa tarde,
Uma vez que aqui cheguei,
Fiz-lhe a minha diligencia:
Prometti e não faltei.
(D.)
- 7872 Senhor's deem-me licença,
Eu vou a dizer quem sou,
Neste mundo vos dou paz
E no outro *union*.
(D.)
- 7873 Boas noites, meus senhores,
Já que eu aqui cheguei,
Eu, como doutor formado,
Vou a dar a minha lei.
(D.)
- 7874 Dae palmas ao cantador,
Dae tambem á cantadeira;
Hei de te amar, ó Manoel,
Uma semana inteira.
(D.)
- 7875 Deus salve o cantador,
E tambem a cantadeira,
Tu serás o meu 'standarte,
Eu serei tua bandeira.
(D.)

7876 Senhor's, deem-me licença,
Eu quero tomar entrada,
E' obrigação que tenho
Ajudar meu camarada.

(D.)

7877 Camarada, amigo meu,
Eu já te não conhecia,
Ninguem te quer mais do que eu
Cá na nossa freguezia.

(A.)

7878 Não me chames camarada,
Camarada é ladrão,
Chama-me o que tu quizeres,
Camarada, isso não.

(D.)

7879 Não me chames camarada,
Camarada é ladrão,
Chama-me antes aprendiz
Das cantigas ao serão.

(A.)

7880 Agora começo eu,
Vida nova, nova vida,
Eu venho de Santa Justa,
Dei volta por Santo *Ovido*.

(D.)

7881 Eu venho de Santa Justa,
Caminho p'r'ó S. Matheus,
Falar bem, pouco me custa:
Boas noites nos dê Deus.

(A.)

- 7882 Sapato, meia e polainas,
Graças a Deus, tudo tenho,
Por me não 'star descalçando,
A bailar de botas venho.
(A.)
- 7883 Venho d'aqui tantas leguas,
A' fama do teu cantar,
Quem quer fama, busca fama,
Que eu fama aqui vim buscar.
(D.)
- 7884 Rapaz do chapeo armado,
Que inda agora aqui chegou,
Faz favor de me dizer
Quantas moças namoram.
(A.)
- 7885 Visto eu aqui chegar,
Haja paz e união,
Haja socego nos homens,
Nas mulher's, ou haja ou não.
(A.)
- 7886 Vinha por aqui passando,
E não tinha reparado,
Mas ouvi-te 'star cantando,
Vim acudindo ao teu brado.
(A.)
- 7887 Toda a noite tenho andado
A' procura de quem canta,
Encontrei o meu amor
Embrulhado numa manta.
(A.)

7888 E' chegada a ganharia,
Más atraz vem o restante,
O' rosa d'Alexandria,
E' chegado o teu amante.

(A.)

7889 Vou cantar umas cantigas,
Se me ajudar o juizo,
Sou tão mal afortunado,
Que sem falar 'scandaliso.

(A.)

7890 Inda agora aqui cheguei,
Eu não sei se é tarde, ou cedo,
Tenho o meu corpo a tremer,
Não sei se é de frio, ou medo.

(A.)

7891 Eu tenho o canto por vida,
Tenho o canto por cegueira,
Tenho uma estrada seguida
De Souzel até Fronteira.

(A.)

7892 Ha muito que eu não canto
No tribunal desta rua,
Agora quero cantar,
Amor, com licença tua.

(A.)

7893 Eu vim da cidade aqui,
A' fama d'esta funcção,
Eu não venho por bailar,
Venho amar teu coração.

(A.)

- 7894 Eu venho do dar e toma,
Não me deram nada a mim,
Eu já fui papa em Roma,
E sou cardeal aqui.
(A.)
- 7895 Deixem-me agora cantar,
Que ha muito que tal não faço,
Quero ver a minha voz
Se inda tem desembaraço.
(A.)
- 7896 Deixem-me agora cantar,
Que ainda hoje não cantei,
Quero ver a minha fala
Se está como eu a deixei.
(A.)
- 7897 Lá vae uma, lá vão duas,
Lá vão tres chapas ao ar,
Esta é minha, aquella é tua,
Esta é de quem a ganhar.
(A.)
- 7898 Lá vae uma, lá vão duas,
Lá vão tres pela primeira,
Lá vae o meu coração
A' busca de quem o queira.
(A.)
- 7899 Senhora dona de casa,
Eu lhe peço por favor,
Que me deixe entrar no baile,
Quero ouvir o cantador.
(A.)

- 7900 Quem quizer *óvir* cantar,
Vá ás grades da cadeia,
Ovirá cantar os presos,
A's escuras, sem cadeia.
(A.)
- 7901 Parabens á tua vinda,
Novas á tua chegada,
Emquanto tu não vieste,
A funcção não valeu nada.
(A.)
- 7902 Lá do monte da Padeira
Vem meu bem, de pão na mão,
Vem de peito feito aqui
Cantari nesta funcção.
(A.)
- 7903 Ha muito que aqui não venho,
Já serei desconhecido,
Antes quer' ser desejado,
Que por ti aborrecido.
(A.)
- 7904 Na hora de Deus lá vou
Minha voz exp'rimentar,
Quero ver se capaz sou
D'uma cantiga cantar.
(A.)
- 7905 Agora vou eu cantar,
Que me compete a razão,
Tenho aqui os meus amores,
Elles me responderão.
(A.)

- 7906 Eu venho aqui sem saber
Cantar, sem ter estudado,
Senhor's o que hei de fazer,
Se estou tão envorgornado!
(A.)
- 7907 Não venho aqui por ganhar
Nem palmito, nem pendão,
Venho só p'ra vivas dar,
A quem da casa é patrão.
(A.)
- 7908 Eu vim a esta função
Embrulhado no capote,
Venho dar uma lição
Aos rapazes do meu lote.
(A.)
- 7909 Logo assim que aqui entrei,
Disse: esta gente não fuma!
Como encontrei boas moças,
Agarrei-me logo a uma.
(A.)
- 7910 O' rapazes cavalheiros,
O' raparigas honradas,
Vivam todas, vivam todas,
As solteiras e as casadas.
(A.)
- 7911 Mui bons dias nos dê Deus,
Mais a todos que aqui estão,
E a mim, para dar allivio
Ao meu triste coração.
(A.)

- 7912 Agora é que eu vou dizer,
Agora é que eu vou cantar,
Quem muita panella prova,
Nalguma se ha de escaldar.
(A.)
- 7913 Dos lados da onde venho,
Minha terra longe fica,
Remedio p'r'ó mal que eu tenho
Não o ha nesta botica.
(A.)
- 7914 O' sineiro, toca á festa,
Chega a senhora morgada,
São duzentos atraz 'd'ella,
Tomara vel-a casada!
(E.)
- 7915 Ai que lindos pratos finos
Que tendes na cantareira!
Viva o dono d'esta casa,
Mais a sua companheira.
(A.)
- 7916 Vá de roda, cantem todos,
Cada um sua chacota,
Nos bailes é que se vê
Quem usa sapato ou bota.
(A.)
- 7917 O brilho do cantador,
Quando á funcção chegou,
Perguntar ao seu amor:
—Como está, como passou?
(A.)

7918 A fama dos cantadores,
Quando chegam a um baile,
Perguntar aos seus amores
Se passaram bem ou mal.

(A.)

7919 Quem me dá por 'hi noticias
D'um cravo que bem cantou?
Em que jardim foi nascido,
Em que vaso se creou?

(A.)

7920 Vou-me cantar 'ma cantiga,
Ha muito que tal não faço,
Todos passam, não se prendem,
Só meu bem cahiu no laço.

(A.)

7921 Raparigas, cantem todas,
Rapazes, cantem com ellas,
Ponham os olhos em todas,
E o sentido numa dellas.

(A.)

7922 Visto eu aqui chegar,
Venho a dar o meu recado
Antes que eu me morresse,
Que ficava arrecadado.

(B. B.)

7923 A isca é que accende o lume,
A agua é que apaga a braza:
Vamos nós a dar os vivas:
Viva o dono d'esta casa.

(D.)

7924 Pergunta requer pergunta,
Quem pergunta quer saber
Se na romaria é acceite
O homem sem a mulher.

(D.)

7925 Não é pelo meu saber,
Que venho aqui a cantar,
É' por gostar de ver
Bellas moças a bailar.

(A.)

7926 Minhas vozes deito ó ar,
Minhas vozes ó ar vão,
Se cá 'stão os meus amores,
Elles me responderão.

(A.)

7927 Quem aqui vem de tão longe,
É' certo que te quer bem,
Era capaz de te dar
Tudo o que em seu peito tem.

(T. M.)

7928 Quem aqui vem de tão longe,
Não vem para ver paredes,
Vem por ver o seu amor,
Que só o vê raras vezes.

(T. M.)

7929 Eu venho hoje de maré,
Cantando de mão em mão,
Tu disseste—este é que é!—
Quando eu cheguei á funcção.

(A.)

- 7930 Não sei que cantiga cante
A' porta da m'nha comadre,
Uma cantiga bonita,
P'ra alegrar o meu compadre.
(A.)
- 7931 O' rapaz da camisola,
Canta lá uma cantiga,
Tu vens a passar a 'scola
Em casa da rapariga.
(A.)
- 7932 O' rapaz da cinta verde,
O' rapaz do gorro preto,
Vou cantar uma cantiga,
E vae ser a teu respeito.
(A.)
- 7933 O' r paz do gorro verde,
Quem te mandou cá entrar?
Se não cantas 'ma cantiga,
Já te podes retirar.
(A.)
- 7934 O' rapaz do gorro novo,
O' rapaz do gorro preto,
A respeito do que cantam,
Preciso é falar com geito.
(A.)
- 7935 O senhor não se admire
De eu cantar e não saber,
Eu sou rapariga nova,
Tenho tempo de apprender.
(D.)

- 7936 Senhores, não se admirem
Do meu cantar, do meu rir,
Que eu sou rapariga nova,
Gósto de m'*adevertir*.
(A.)
- 7937 Menino, não se admire
De eu cantar e ser solteira,
Que eu canto com alegria
Por não achar quem me queira.
(T. M.)
- 7938 Adeus ó rancho da Torre,
Rancho de toda a valia,
Inda chegamos a horas
Balhar c'os da romaria.
(A.)
- 7939 Camarada, dá licença,
Um bocadinho, faz favor?
Quero dar palavra e meia
Ó' seu par, que é meu amor.
(A.)
- 7940 O' meu 'standarte gallego,
O' meu valente guerreiro,
Dá-me licença que eu cante,
Já que cantaste primeiro.
(D.)
- 7941 Graças a Deus que cantou
O botão da primavera;
Meu amor, inda aqui estou,
E ainda sou quem era.
(A.)

7942 Já recibes parabens
D'essa tua namorada,
Vou a dar-te uma razão,
E olha que não é mal dada.

(A.)

7943 Ainda sou muito moça,
Ainda não sei cantar,
Ahi vae esta cantiga,
Que acabam de me ensinar.

(A.)

7944 Quem quizer ceifar, que ceife;
Quem quizer segar, que segue;
Quem quizer chorar, que chore;
Eu canto, que estou alegre.

(A.)

7945 Quem quizer cantar, que cante,
Eu não, porque estou cançado,
Venho d'aqui muita legua,
Só p'ra ver o teu bailado.

(A.)

7946 Venha o copo, venha a pinga,
Venha mais meia canada,
Que eu sem a pinga não canto
Cantigas á minha amada.

(A.)

7947 Não canto por bem cantar,
Nem por boa fala ter,
E' só por quebrar os olhos
A quem não me póde ver.

(A.)

- 7948 Canta-me uma cantiguinha,
Não me digas que não sabes,
Diz-me antes que não queres,
Não é da tua vontade.
(A.)
- 7949 Quero cantar, que me mandam,
Não quero ser mal mandado,
Não quero que o mundo diga:
Filho de pae mal creado.
(M.)
- 7950 Este *senhori* me pede
Que lhe cante uma cantiga,
Canto-lhe duas ou tres,
Que uma não é cortezia.
(A.)
- 7951 Pediram-me que cantasse,
Por fazer favor cantando;
Que favor tão pequenino
A quem devo fazer tantos!
(A.)
- 7952 Se canto, dizem que canto,
Se choro, dizem que choro,
Se me deixo rir p'ra ti,
Já dizem que te namoro!
(A.)
- 7953 O *Hilar'* canta por arte,
O seu saber é bastante,
Visavis, alàvancáte,
Quem manda é seu par marcante.
(A.)

- 7954 O *Hilar'* canta por arte,
Onde chega bate o pé,
Visavis, alàvancáte,
E o seu *passé balançé.*
(A.)
- 7955 Eu gosto muito do v'irão
P'ra ir passear ao campo;
Viva lá o *sôr Hilaro,*
Que anda vestido de branco.
(A.)
- 7956 Vestido de caça de lã,
Pintadinho á *négligé,*
Assim entra o meu amor
Na sala do *balançé.*
(A.)
- 7957 Haja no *cante caitela,*
Que eu cá vivo *dcaitelado,*
Eu sou filho de Palmella,
Nascido e *baltezado.*
(A.)
- 7958 Canta, Maria, que és bella,
Cantigas ao teu derriço,
Eu tambem cantei ao meu,
Agora não 'stou p'ra isso.
(A.)
- 7959 Raparigas, cantae todas,
Ajudae umas ás outras,
P'ra se casarem as feias,
Que as bonitas já são poucas.
(D.)

7960 Deus te dê 'ma boa tarde,
Minha *felor* do loureiro,
Eu achei que vinha cedo,
Mas já não fui o primeiro.

(A.)

7961 Estas cascas são cheirosas,
Forradas de pau de cravo,
Viva quem nellas assiste,
Morra quem lhes faz aggravo.

(A.)

7962 Vou soltar uma cantiga,
Vou falar-te ao coração:
Os teus olhos, rapariga,
São a minha adoração.

(A.)

7963 Suspirando, dando ais
Ao teu peito dirigidos,
Ando bailando com outro,
E contigo no sentido.

(A.)

7964 Pelo cantar te conheço,
Escuso de perguntar,
E's filha da minha terra,
Creada no meu logar.

(A.)

7965 Agora cantaste tu,
Agora cantarei eu,
Agora é que vae ouvir
O teu coração o meu.

(A.)

- 7966 Com licença dos senhores,
Agora começo eu,
Começa meu coração
A dar combates ao teu. (A.)
- 7967 Esta casa está caiada
Por dentro, e por fora não,
Viva a dona d'esta casa,
Toda a sua geração. (A.)
- 7968 Vou-te cantar 'ma cantiga,
Vou-te nella descompôr:
Entre meio de tanta rosa,
Tu és a mais linda flor. (A.)
- 7969 Eu venho de amar, eu venho,
Eu venho de amar á noite,
Não venho de amar teus olhos,
Eu venho de amar os d'outre. (A.)
- 7970 Canta amor, cantêmos ambos,
Lindo é o nosso viver,
Que anda a morte pelo mundo,
Póde algum de nós morrer. (A.)
- 7971 Vou-me a cantar 'ma cantiga,
Faz favor, dê-me a resposta,
Ou se quer, ou se não quer,
Ou se gosta, ou se não gosta. (A.)

7972 Canta minha companhia,
Que me vens ajudar bem,
Que se tu já não tens pae,
Eu tambem não tenho mãe.

(B. B.)

7973 Que bem canta aquella môça
Que acabou já de cantar!
Tem uma fina garganta,
Merece palmas levar.

(A.)

7974 Já cantei uma cantiga,
Agora fico calada,
Até que o meu bem conheça
Que era a voz da sua amada.

(A.)

7975 Eu já fui môça de cego,
Tambem já *sube* cantar,
Andava de terra em terra,
Com o cego a esmolar.

(A.)

7976 Ainda que ao longe cantes,
Logo te conheço a voz,
Dás-lhe certa pancadinha,
Que essa é só cá para nós.

(A.)

7977 Assim que te ouvi cantar,
Logo vi que eras ratão,
E fiz conta de te dar
O meu leal coração.

(A.)

7978 Se é por mim que vós bradaes,
Meu peito acudir vem,
Se por outrem, já me vou,
Se é por mim, aqui me tens.

(M.)

7979 Tu vieste-me ajudar,
Muito te hei de agradecer,
Tu vieste dar-me a vida,
Que eu 'stava para morrer.

(D.)

7980 Ao serio, menina, ao serio,
Ao serio, devagarinho;
Já não canto, já não bailo,
Que não quer o meu bemsinho.

(A.)

7981 Ao serio, menina, ao serio,
Ao serio, faça favor;
Já não canto, já não bailo,
Já não quero o seu amor.

(A.)

7982 Ao serio, menina, ao serio,
Ao serio, devagarinho;
Mais que ao serio ando eu,
P'ra lograr os seus carinhos.

(A.)

7983 Conheço a tua nobreza
P'la tua *cantadoria*,
E's de boa natureza,
Pertences á fidalguia.

(A.)

7984 Cante, menina, comigo,
Cante, não tenha vergonha,
Cá não 'stá o seu amor
Que elle embaraço lhe ponha.

(D.)

7985 Ai, que desgraça tamanha!
Ai, que dôr do coração!
Cantar uma rapariga
Onde tantos rapazes 'stão.

(D.)

7986 Ai de mim, que já não posso
Puxar por minhas ideas!
A' força tens demudado
O sangue das minhas veias.

(D.)

7987 Coração, acima, acima,
Se não podes, pede ajuda,
Dá um grito sobre outro,
Não faltará quem te acuda.

(A.)

7988 Vou cantar uma cantiga
Toda feita ao enviez:
Quando os coxos tem amores,
Que fará quem tem dois pés!

(A.)

7989 Eu sou da terra da Feira,
Passei pela Villa-Flor,
Adorada cantadeira,
Has de ser o meu amor.

(D.)

7990 Aqui estou p'ra ouvir
Esse teu garganteado,
Tuas vozes retinir
N'um *cante* bem acertado.
(A.)

7991 Por ouvir cantar os mais,
A cantar me acostumei,
Mas as cantigas que eu canto
Não m'as ensinou ninguém.
(A.)

7992 Por ouvir cantar os mais,
A cantar me acostumei,
Para amor fechei meu peito
Desde que uma ingrata amei.
(A.)

7993 Se eu soubera cantar bem,
Cantava-te uma cantiga.
A' saude de quem tem
Na funcção a rapariga.
(A.)

7994 Adeus senhora Maria,
Esta vae a seu respeito,
Se me não dá uma fala,
Esta noite não me deito.
(B. A.)

7995 O' rapaz, não sejas tôlo,
Bota fala mais bonita,
O ser tua em qualquer parte,
Isso, amigo, está na tinta.
(A.)

7996 Quero cantar e não posso,
Falta-me a respiração,
Falta-me a luz de teus olhos,
Prenda do meu coração.

(T. M.)

7997 Quero cantar, mas não posso,
Falta-me a respiração,
Falta-me a luz dos *tês* olhos,
Um favor da tua mão.

(A.)

7998 Graças a Deus, que te ouvi,
Tenho feito a diligencia,
Não ha outro como a ti
Sem defeito na sciencia.

(A.)

7999 Adeus ó querido moço,
Barranco do meu amar,
Eu peço-te por favor
Me queiras acompanhar.

(D.)

8000 Canta, minha prima, canta,
Canta, que eu te ajudarei,
Se te vires empenhada,
Eu te desempenharei.

(A.)

8001 Graças a Deus que vieste,
Já a alegria aqui chegou,
Nem só uma, que prestasse,
Cantiga se aqui cantou.

(A.)

8002 Coitadinho de quem anda,
Auzente do seu paiz;
Quando chega a uma funcção
De mestre passa a aprendiz.

(A.)

8003 Com licença, meus senhores,
Agora me toca a mim,
Vejo cravos, vejo rosas,
Sem pôr os pés no jardim.

(A.)

8004 Já que tanto me pedis,
Vou-vos fazer a vontade,
Não sei que graça lhe achaes,
Ouvir cantar quem não sabe.

(D.)

8005 Puz-me a cantar' 'ma cantiga
P'ra lhe fazer a vontade,
Não sei que gosto lhe dá,
Ouvir cantar quem não sabe.

(A.)

8006 Deus vos dê mui boas noites,
Estimados moradores,
A benção de Deus vos cubra,
Com prazeres e louvores,
Uma vez que aqui cheguei:
Boas noites, meus senhores.

(M.)

8007 O' minha S. Joaneira,
Dizei-me aonde moraes,
Moro á beira do rio,
E com porta para o caes,
Moro á beira do rio,
Não és capaz de cantar
Comigo ao desafio.

(M.)

8008 A primeira vae a eito,
A segunda a seu respeito,
Se me não daes uma fala,
Esta noite não me deito,
Agora quero levar
A semana toda a eito.

(M.)

8009 O' meu rico raios-te-partam
Dá visitas á Rosinha,
Para amar e querer bem
Não ha terra como a minha,
Se eu soubera que era isto,
Raios-te partam, cá não vinha.

(M.)

8010 Dae-me pinguinhas de vinho
Com bocadinhos de pão,
Dae-me mais alguma coisa
Para fazear caldeação,
Tu ateimas, eu ateimo,
Verás se assim é ou não.

(M.)

- 8011 O' vida da minha vida,
Eu sou de *rasgo* talento,
Cantadeiras como a ti
Dou rebate a mais d'um cento,
Sendo ellas taes e quaes,
Póde vir um regimento. (M.)
- 8012 Abre-te, voz do meu peito,
Sae-te de mim, rouquidão,
Que me não deixas chegar
Á' minha satisfação. (D.)
- 8013 Mal o *haia* a catarrheira,
Esta que eu agora tenho,
Que não me deixa cantar
Uma cantiga de empenho. (A.)
- 8014 Dizem que *nam* canto bem,
Nem canto, nem *Dês* permitta,
Cantadores *nam* tem capa,
Eu rompo da *milhor* chita. (A.)
- 8015 Tenho um casaco branco,
Que é de lavar e trazer;
Á's filhas de minha mãe
Ninguem tem que lhe dizer. (A.)
- 8016 Eu já tenho a conta feita,
A dizermos a verdade;
Respeito a quem me respeita,
Olhando a *sanguidade*. (A.)

8017 'Traz d'uma moita está outra,
Atraz d'essa outra estará:
Se vossê aqui namora,
'Traz de mim o que fará!

(A.)

8018 Tenho feito mil apostas,
Tenho perdido, e ganhado:
Vê lá tu, meu bem, se gostas
D'este meu palavreado.

(A.)

8019 Inda agora d'aqui fui,
Aqui me tens outra vez,
Venho a *dari* a resposta
Do *açano* que me fez.

(A.)

8020 Canta prima, canta prima,
Repenica os teus anneis,
Estes mocinhos d'agora
Não valem nem trinta réis.

(A.)

8021 O meu rir e o meu zombar
Não tira de eu ser mulher,
Hei de rir, hei de zombar
Cada vez que eu quizer.

(E.)

8022 Vae metter tuas cantigas
Dentro da casca d'um ovo,
Que tu não sabes cantar
Deante de tanto povo.

(A.)

- 8023 Se é repique, não repiques,
Se é remate, não te entendo,
Se vens p'ra cantar comigo,
Eu nada de ti pretendo.
(D.)
- 8024 Se é por *piques*, não me *piques*,
Se é por *chasques*, não entendo,
Se é por lograr coisa tua,
Recada, que não pretendo.
(A.)
- 8025 Se é por *piques*, não me *piques*,
Se é por troça, não entendo,
Se é por lograr's os meus olhos,
Eu de ti nada pretendo.
(A.)
- 8026 Eu venho nesta maré,
Não venho aqui p'ra brigar,
Eu bem sei que cantas bem,
Não te estejas a apurar.
(A.)
- 8027 Tu vens por muito esperto,
E' o erro que te eu acho,
Tu vens cahir aos meus pés,
A servir de meu capacho.
(D.)
- 8028 Camarada, amigo meu,
A'manhã faremos contas,
Todo o homem que é bizarro
Dá cigarros, não dá pontas.
(A.)

- 8029 As cantigas que tu cantas
Mette-m'as n'um assobio,
Não és capaz de cantar
Comigo ao desafio.
(B. A.)
- 8030 Senhores que estão á roda,
Vossês hão de perdoar,
Que esta menina picou-me,
É eu quero-me despicar.
(D.)
- 8031 Repara, toma sentido
Para a razão que me déste,
Se não sabes o caminho
Volta p'ra d'onde vieste.
(A.)
- 8032 O' rapaz, o que tu eras
E ó que viestes a chegar!
Até agora precisas
D'alcôfa p'ra namorar!
(A.)
- 8033 Vós de cá, e nós de lá,
Carabelhos numa cesta;
Nunca venceste demanda,
Para agora vencer's esta.
(M.)
- 8034 Tu já me q'rias ganhar
Hoje, aqui, nesta funcção,
Pranta-te aqui ó meu lado,
A cantar de mão a mão.
(A.)

- 8035 A viola tem bexigas,
O tocador tem maleitas,
Se quizer's cantar comigo,
Olhá lá como te ageitas.
(D.)
- 8036 A viola grita, grita,
A viola que terá?
A viola está dizendo:
Vem cá, meu amor, vem cá.
(D.)
- 8037 Nunca cantei á viola,
Não foi minha criação,
Agora, se canto a ella,
E' que a toca meu irmão.
(D.)
- 8038 Dei um beijo na viola,
Outro no tocador,
Inda espero de dar outro
Nas faces do meu amor.
(B. B.)
- 8039 O tocador da viola,
O tocador e mais eu,
Ambos somos solteirinhos,
Nem elle casa, nem eu.
(D.)
- 3040 Toca-me nessa viola,
Toca-me nella sem medo,
Se as cordas arrebentarem
Aqui tens o meu cabelo.
(A.)

8041 Viva quem toca a viola,
Quem repenica o tambor,
Viva quem ha de morrer
Nos braços do seu amor.

(A.)

8042 Toca-me nessa viola,
Que m'a faça retenir,
O meu amor é de longe,
Que m'o façaes aqui vir.

(D.)

8043 O tocador da viola
'Stá doente, pede encosto
Numa cama de lençoes,
E 'ma menina a seu gosto.

(A.)

8044 O tocador da viola
Precisa d'uma jaqueta,
Haja quem lhe dê o forro,
Que eu lhe darei a baêta.

(D.)

8045 A viola tem um S
Por cima do cavallete,
O tocador que a toca
E' um lindo ramalhete.

(A.)

8046 Canta m'nha viola, canta
Cantigas ao meu amor,
Que ellas vem do coração
Com todo o maior primor.

(A.)

8047 Minha violinha nova,
Feita de pau de colheres,
Toda a vez que toco nella
Faço dançar as mulheres.

(D.)

8048 Se sabes tocar viola,
Chega-te p'r'ô pé de mim,
Se tens enganado a muitas,
Não me has de enganar a mim.

(A.)

8049 De noite a minha guitarra
Fartou-se de soltar ais,
A guitarra está doente,
E eu já não canto mais.

(E.)

8050 Guitarra, minha guitarra,
Toca modinhas bonitas,
Para serem do agrado
D'estas pequenas catitas.

(E.)

8051 Dá-me licença que eu cante,
Já que cantaste primeiro:
Deus te salve ó meu 'standarte,
O' meu valente guerreiro.

(D.)

8052 Deixa-me agora lá ir,
Que eu tambem sou cantador,
É quero dar uma fala
O' ladrão do meu amor.

(B. A.)

8053 Deixa-me agora cantar
A' *felor* que aqui chegou,
'Stava para me ir embora,
Agora já me não vou.

(B. A.)

8054 Para cantar e bailar,
Menina, Deus te creou,
Para pegar numas contas
Nunca d'isso *t'alembrou*.

(D.)

8055 Eu quero-te ajudar,
Mas não é pelo carregão,
P'ra te fazer companhia,
Que sósinha tinhas medo.

(D.)

8056 Já cantei uma cantiga,
Já com está vou a duas,
Não torno a cantar outra
Sem ouvir uma das tuas.

(D.)

8057 Já cantei uma cantiga,
Já com esta vou a três,
Não me vou d'aqui embora
Sem ouvir uma de vez.

(D.)

8058 Deus te salve, cantadeira,
Da cabeça até aos pés,
Eu desejava saber
Da terra d'onde tu és.

(D.)

- 8059 Sou a Thereza Pandilha,
Moro na ramada alta,
Appareça o cantador,
Que a cantadeira não falta.
(D.)
- 8060 Sou a Thereza Pandilha,
Saiba-o quem o não souber,
Góvêrno na minha mão,
Posso dal-a a quem quizer.
(D.)
- 8061 Senhores que á roda estão
Servirão de testemunhas,
A cantadeira é minha
Da cabeça até ás unhas.
(D.)
- 8062 Da cabeça até ás unhas
Eu tua nunca serei,
Canta até arrebentares,
Que eu nunca te amarei.
(D.)
- 8063 Desceras do ceo á terra
A servir de testemunha,
Tu aqui has de ser minha
Da cabeça até ás unhas.
(D.)
- 8064 Não me levas de vencida,
Que eu te não deixo levar,
Pelo poder de Maria,
Só se as cartas me enganar'.
(D.)

8065 Adeus, adeus, cantadeira,
Adeus, adeus, regalar,
Nunca vi morrer em pé
Senão as velas do altar.

(D.)

8066 Aqui me tens a pé firme,
Como os santos no altar,
Sempre foi do meu costume
De pagar e repagar.

(D.)

8067 Adorada cantadeira,
Vens tocar tambor na guerra,
Não sabes, ó cantadeira,
Quanto em meu peito se encerra.

(D.)

8068 Vou-me embora, adeus, adeus,
Que já tenho muito frio,
Diabo do cantador,
Já se está mettendo em brio.

(D.)

8069 Para cantar, quem quer canta,
Barregar, quem quer barrega,
Para as tirar da memoria
'Té a cabeça fumega.

(D.)

8070 Muitos cuidam que o cantar
E' coisa do outro mundo:
São quatro pontos quadrados,
O primeiro c' o segundo.

(A.)

- 8071 Deixa-me vêr se ainda sei
Uma cantiga cantar,
Se o pensamento me ajuda,
A quatro pontos juntar.
(A.)
- 8072 Para se saber cantar
Não é preciso voz ter,
Basta quadrar quatro pontos,
E sabel-os bem dizer.
(A.)
- 8073 Hei de escrever aos poetas
Tres cantigas apuradas,
Se estas não me são certas,
Todas me são erradas,
(A.)
- 8074 Cantigas ao consoante
São custosas d'alcançar;
Joelhos á terra lanço
Para as tuas mãos beijar.
(A.)
- 8075 Siga adeante, siga adeante,
Siga adeante, sem parar,
Cantigas ao consoante
São as melhor's d'acertar.
(A.)
- 8076 Siga adeante, siga adeante,
Siga adeante, sem parar,
Cantigas ao consoante
São custosas d'alcançar.
(A.)

- 8077 Isto de arranjar cantigas,
E' p'ra memorias 'scolhidas;
Olhem lá, aquelle pimpão
Fala a duas raparigas.
(A.)
- 8078 Cantigas ás duas vezes
Não quero que m'as canteis,
Cantae-me uma bonitinha,
D'aquellas que vós sabeis.
(D.)
- 8079 As cantigas apprendidas
Nunca me levaram tempo,
Em não sendo bem medidas,
Já não teem fundamento.
(A.)
- 8080 Cantigas de pé quebrado
Eu nunca as apprendi;
Com pena de te não ver
Uma carta te escrevi.
(A.)
- 8081 Cantigas de pé quebrado
Não as canto eu a ninguem,
Que eu sei os pontos quadrados,
Da noite até p'la *manhem*.
(A.)
- 8082 Eu venho detraz da serra
Com o meu gorro á campina;
Quem é mestre tambem erra,
Quem erra tambem se ensina.
(A.)

- 8083 Todo o caçador que atira
A' caça com presumpção,
Mede o ponto pela mira,
Erra a caça, abate o chão.
(A.)
- 8084 Meninas, não façam caso
Da cantiga ser errada:
Tambem um bom caçador
Atira, não mata nada.
(A.)
- 8085 Por se errar uma cantiga
Não se deixa de cantar,
Eu já vi um caçador
Errar a caça no ar.
(A.)
- 8086 Numa cantiga errada
Não haja reparação,
Tambem o bom caçador
Errou a perdiz no chão.
(E.)
- 8087 Eis aqui porque eu não canto,
Porque eu não tenho cantado,
Hoje em dia, a qualquer canto
Ha um mestre examinado.
(A.)
- 8088 Eu cá gosto de cantar
Aonde os mestres estão,
Se eu nalgum ponto errar
Elles me ensinarão.
(A.)

8089 Isto do *cante* é cegueira,
Uns cantam mal, outros bem,
Cada um *prania* na feira
Conforme a *loje* que tem.
(A.)

8090 Bello monte da Contenda,
Dá vistas á Abegoaria;
Quem não souber, que apprenda
Os termos da cortezia.
(A.)

8091 Quem diz que o falar tem hora,
Fala verdade, não mente,
Hoje não posso cantar,
Hontem cantei lindamente.
(D.)

8092 Eu d'antes cantava bem,
Tinha bem bonita voz,
Não sei se a derramei
Em chegar ao pé de vós.
(B. B.)

8093 Já 'stou farto de cantigas,
Sem eu as saber cantar;
Por causa das raparigas
Cá ao baile vim parar.
(A.)

8094 Eu queria cantar bem,
Meu coração não me ajuda,
Ajuda-me, ó coração,
Ajuda um passo á ventura.
(B. B.)

- 8095 A filha da minha mãe
Onde havia vir cantar!
A' terra das cantadeiras,
Que a podem reprovar.
(D.)
- 8096 Cantigas que te eu cantar,
Serão o correr da mão,
Saidas da m'nha cabeça,
Sem que o saiba o coração.
(A.)
- 8097 Eu bem sei que estão fazendo
Mangação do meu cantar,
Quem me não quizer ouvir,
Pegue no chapéo, vá andar.
(A.)
- 8098 Quiz fazer nma cantiga,
Não me pude recordar,
Mas não tenho d'isso pena,
Que eu tambem não sei cantar.
(A.)
- 8099 Cantiguinha que eu cantei
Não a torno a cantar,
Farinha que eu peneirei
Não a torno a peneirar.
(M.)
- 8100 Eu hei de apprender a ler
No livro da Vedoria,
Para ver se dou combate
A' tua sabedoria.
(A.)

- 8101 As cantigas que cantares
Não as cantes sem pensar,
Não caias na bocç' do mundo
Por não saberes cantar.
(A.)
- 8102 Não precisas de cantar,
Eu bem sei que és cantador,
Armas cantigas no ar,
Tens cabeça de doutor.
(A.)
- 8103 A cantar e a dançar
Ganhei uma saia nova,
Inda espero de ganhar
A fita p'ra toda a roda.
(M.)
- 8104 A cantar e a bailar
E' que o meu bem ganha pão,
De viola a *tiracolle*
E panderêta na mão.
(A.)
- 8105 Se queres que eu cante bem,
Paga-me, dae-me dinheiro,
Que esta minha gargantina
Não a fez nenhum ferreiro.
(D.)
- 8106 Canta Carlos d'Almodovar,
'Tura lá esta massada,
Tu cantas, ganhas dinheiro,
Eu canto não ganho nada.
(A.)

- 8107 Se o meu canto val' dinheiro,
Para mim já se acabou,
O dinheir' que é mal ganhado
A ninguem aproveitou.
(A.)
- 8108 A cantar ganhei dinheiro,
A cantar se me acabou,
O dinheiro mal ganhado
Agua o deu, agua o levou.
(A.)
- 8109 Se eu pelo cantar ganhasse
Pão para a minha velhice,
Sempre andaria mettido
No rol da brejeirice.
(A.)
- 8110 Encarnado, encarnado,
Quem gosta d'elle faz gala;
Ha muito tempo que andava
P'ra chegar contigo á fala.
(A.)
- 8111 Eu gosto do encarnado,
Emquanto é novo faz gala;
Ha muito que tenho andado
P'ra chegar contigo á fala.
(A.)
- 8112 O cantar do peito cança,
O da cabeça allivia,
Cante quem quizer cantar,
Que eu já fiz o que sabia.
(A.)

8113 O cantar do peito cança,
O da cabeça entontece;
Toda a moça cantadeira
Pela fala se conhece.

(A.)

8114 Gosto de te ouvir cantar
Porque não cantas do peito:
A' uma tens boa voz,
A' outra dás-lhe bom geito.

(A.)

8115 O cantar veio do ceo,
Que o mandaram os anjos,
Que o mandassem no mundo
Todos os homens humanos.

(B. B.)

8116 Eu vejo o baile acabado
A' falta de cantadores:
Agora começo eu,
Com licença, meus senhores.

(A.)

8117 Eu vejo a funcção parada
A' falta de haver quem cante:
Cá metto a minha pennada,
Siga a roda p'ra diante.

(A.)

8118 Tenho um sacco de cantigas,
E mais uma sacalhada,
Comecei á meia noite,
Acabei na madrugada.

(A.)

- 8119 Tenho um sacco de cantigas,
Inda mais 'ma taleigada:
Se as hoje canto todas,
Amanhã não canto nada.
(B. B.)
- 8120 Tenho um sacco de cantigas,
E mais uma taleigada:
O sacco é p'ra esta noite,
Taleiga p'ra a madrugada.
(A.)
- 8121 Tenho um sacco de cantigas,
E a mais um guardanapo:
Se as hoje canto todas,
Amanhã desato o sacco.
(B. A.)
- 8122 Tenho um sacco de cantigas,
Inda mais um guardanapo,
Ha por 'hi algum poeta?
Desata-se a bocca ao sacco.
(M.)
- 8123 Tenho um sacco de cantigas
Vou-m'as a prantar em venda,
Só p'ra ver se as raparigas
Mercam da minha fazenda.
(A.)
- 8124 Tenho um sacco de cantigas
Nos canos das minhas botas
P'ra cantar ás raparigas,
Umas d'reitas, outras tortas.
(A.)

8125 Tenho um sacco de cantigas
Atadinho pela bocca,
Vou a desatar o sacco
Para cantar inda outra.

(A.)

8126 Tenho um sacco de cantigas,
Mais um cesto pelo arco,
Cá vou cantar as do cesto,
Emquanto desato o sacco.

(A.)

8127 Tenho um sacco de cantigas
Escondido num buraco:
Que se isto vae por aposta,
Desata-se a bocca ao sacco.

(A.)

8128 Desata-se a bocca ao sacco,
E então é que é cantar:
Tenho mil e uma cantigas
Para as moças ensinar.

(A.)

8129 Tenho um lenço de cantigas,
P'las pontas a transbordar,
Para te dar gosto a ti,
Uma a uma hei de cantar.

(A.)

8130 Tenho um sacco de cantigas
Atadas ao calcanhar,
Se pego a puxar por ellas,
Vae-se o sacco a desatar.

(A.)

- 8131 Tenho um sacco de cantigas
Presas ao calcanhar,
Quem as quizer aprender,
Venha-m'o cá desatar.
(A.)
- 8132 Tenho um sacco de cantigas
Atadas ao calcanhar,
Se eu aqui desato o sacco,
Tenho muitas que cantar.
(A.)
- 8133 Tenho um lenço de cantigas
Debaixo d'um bul bul,
Para cantar aos fadistas
Que usam de cinta azul.
(A.)
- 8134 Tenho um lenço de cantigas,
Debaixo d'um alguidar,
Para dar ao meu amor
Quando quizer ir bailar.
(A.)
- 8135 Tenho um lenço de cantigas,
Que outro cantador perdeu,
Divirtam-se, raparigas,
Quem canta agora sou eu.
(A.)
- 8136 Tenho um livro de cantigas,
Que nunca lhe dou c'o fim;
Quero bem ás raparigas,
Queiram-me ellas a mim.
(A.)

8137 Dizes que não sei cantar,
Eu também digo que não;
Tenho um livro de cantigas
Dentro do teu coração.

(E.)

8138 Trago-te aqui, meu amor,
Um cestinho de cantigas,
Olha que vem bem atado
Com uma das tuas ligas.

(A.)

8139 Tenho um papel de cantigas,
Outro vou principiar,
Tenho nell' tantas cantigas,
Não sei quando hei de acabar.

(A.)

8140 Tenho um ramo de cantigas
Por as pontas vae vergando;
Quer's cantar o desafio?
Minha maré vae chegando.

(A.)

8141 De cantigas tenho um cento,
E fil-as todas num dia,
Todas estas cantiguinhas
Eu canto á minha Maria.

(E.)

8142 Trago cantigas de venda
No bolso da minha saia,
Que venho aqui d'encommenda
P'ra cantar com qualquer faia.

(A.)

- 8143 Tenho um copo de cantigas,
Que parece um vespereiro,
Batalhanho umas com outras,
A ver quaes saem primeiro.
(A.)
- 8144 Tenho um lencinho de seda
Atadinho ás castanholas,
Eu venho de peito feito
P'ra romper um par de solas.
(A.)
- 8145 Guarde Deus a *vomecês*,
Aqui 'stou p'ra ser seu moço,
Com este lenço encarnado
A' roda do meu *bescoço*.
(A.)
- 8146 O' meu lencinho encarnado,
Que á contradança saiu,
Minhas mãos é que o fizeram,
Minha bolsa é que o sentiu.
(A.)
- 8147 Meu lencinho de cambraia,
Debruadinho de fita,
Se vens cá só p'ra me veres,
Dispensó a tua visita.
(A.)
- 8148 O' meu lenço de cambraia,
Bem debruado de fita;
E' o que usa o meu amor,
E que tão lindo lhe fica!
(A.)

8149 Eu perdi o meu lencinho
No terreiro a bailar,
Minha mãe não me dá outro,
E assim tenho de passar.

(E.)

8150 Eu perdi o meu lencinho
No terreiro a dançar,
Minha mãe não me dá outro,
Em cabelo hei de andar.

(T. M.)

8151 Foste-te gabar ao Porto
Que me destes um cruzado,
Tambem eu te dei um lenço
Pelas minhas mãos comprado.

(D.)

8152 Trago lenço ao pescoço,
Quem tem olhos bem me vê,
Venho aqui p'ra ser seu moço,
Guarde Deus a *vomecê*.

(A.)

8153 Lencinho de *cachinés*
Ninguem usa senão eu,
No baile anda bailando
A maluca que m'o deu.

(A.)

8154 O lenço do meu pescoço
Tem a bainha p'ra fóra;
Quem me dera agora ver
O rapaz que eu amo agora.

(A.)

- 8155 Moças de Campo Maior
Vão a bailar ao castello,
Todas levam na cabeça
O seu lencinho amarello.
(A.)
- 8156 Chapeu de meia moeda,
Ninguem o tem com' o meu,
Ando cantando e *balhando*
Diante de quem m'o deu.
(A.)
- 8157 Chapeu de meia moeda,
Ninguem o tem senão eu.
Longe está quem me namora,
E bem perto quem m'o deu.
(A.)
- 8158 Chapeu de meia moeda,
A fita quanto custaria?
Não sei para que tu queres
Prenda de tanta valia.
(A.)
- 8159 Chapeu de meia moeda
Ninguem o tem senão eu,
Aqui nesta funcção anda
O alarve que m'o deu.
(A.)
- 8160 Chapeu de meia moeda
Não é p'ra homens casados,
E' para moços solteiros
Quando andam namorados.
(D.)

- 8161 Chapeu de meia moeda,
Aqui está quem o comprou
Com beijinhos e abraços,
O teu corpo é que o pagou.
(A.)
- 8162 O' rapaz da minha terra,
De chapeu de borla ao lado,
Diz-me lá tu por cantigas
Se quer's ser meu namorado.
(A.)
- 8163 Rapaz do chapeu armado,
Que ainda agora aqui chegou,
Faz favor de me dizer
Quantas môças namorou.
(A.)
- 8164 Rapaz do chapeu armado,
Laços de fita avoando,
Vossê diz que me não quer,
Por que me anda namorando?
(A.)
- 8165 Eu perdi o meu chapeu
No terreiro a dançar,
Se meu pae não me dá outro,
Em gadelha hei de andar.
(D.)
- 8166 Que te importa o meu chapeu,
O meu chapeu que te importa?
Custou-me o meu bom dinheiro,
Desde a aba até á copa.
(A.)

8167 Cantigas são pataratas,
São cantadas á viola,
Quem as não quizer ouvir,
Ponha o chapéu, vá-se embora.

(A.)

8168 Cantigas são pataratas,
Pataratas são cantigas,
Com pataratas enganam
Os rapazes as raparigas.

(A.)

8169 Cantigas são pataratas,
Isso não hei de eu dizer,
Cantigas são *alembrações*
De um amor que se quer ver.

(A.)

8170 Cantigas são pataratas,
Eu por mim não digo isso,
Muitas vezes em cantigas
E' que se arranja um derriço.

(A.)

8171 Cantigas são meninices,
São vozes, leva-as o vento,
Quem se fia em cantigas
E' falto de entendimento.

(B. B.)

8172 Cantigas não são cantigas,
E' um *adevertimento*,
Quem repara em cantigas
Tem pouco entendimento.

(D.)

8173 O cantar é p'ra quem tem,
E' p'ra quem tem boa fala,
Ai de mim, que eu a não tenho!
Se a tivera, bem cantara.

(A.)

8174 Eu já não torno a cantar
Como algum dia cantei,
Já bebi agua de bruços,
Toda a fala demudei.

(B. B.)

8175 Minhas vozes já não prestam,
São canas verdes do rio,
Como ha de cantar bem
Quem de noite dorme ao frio?

(B. B.)

8176 Eu nunca *sube* cantar,
Eu não me sei divertir,
Canto para te obrigar,
E as tuas falas ouvir.

(A.)

8177 Quando eu alegre cantava,
Que lindos cantar's sabia!
Andava eu então no ról
Da bella tafularia.

(A.)

8178 Quando era rapaz solteiro,
Que andava para casar,
Na ladeira do Louredo
Retinia o meu cantar.

(A.)

8179 Dizeis que cante, que cante,
Já não posso cantar mais,
Que me doe o ceo da bocca,
E mais os dentes queixaes.

(D.)

8180 Já não canto, já não bailo,
Que não quer o meu amor.
Graças a Deus que já tenho
Quem de mim seja senhor.

(A.)

8181 Amor já lá vae o tempo,
Que eu cantava co' alegria,
Agora já eu não canto,
E a culpa de quem seria?

(A.)

8182 Já lá vae o meu bom tempo,
O meu rir, o meu zombar,
O meu amar de cantigas,
O meu modo de cantar.

(D.)

8183 Minha fala, minha fala,
Minha fala está perdida,
Algum dia a minha fala
Das mais era conhecida.

(D.)

8184 Já o meu cantar não presta,
Já meu rir não tem valia,
Já morreu quem escutava
O meu cantar d'algum dia.

(D.)

8185 Já que ninguem te responde,
Eu quero-te responder,
Já que ninguem por ti morre.
Eu quero por ti morrer.

(D.)

8186 *Indas que sâmos do campo,*
Criadas á margalhóta,
Tambem sabemos falar
De amor quando nos toca.

(D.)

8187 O' Josepha, Josephinha,
Esta vae a teu respeito,
Tu mais a tua vizinha
E' mais a fama que o feito.

(D.)

8188 O assucar mascavado,
Um vintem de sementinhas;
Já me teem captivado
Essas tuas palavrinhas.

(D.)

8189 Eu tenho quatro navios
Encostados á moirama;
Amor, sustenta os teus brios,
Longe chega a tua fama.

(D.)

8190 Esta noite, á meia-noite,
P'la tua porta passei,
Ouvi teu lindo cantar,
Não resisti e entrei.

(D.)

- 8191 Já não canto, já não bailo,
Que não quer o meu marido,
Deixem-no ir embora,
Restaurarei o perdido.
(A.)
- 8192 Quando eu ia ás funcções,
Na *felor* da minha idade,
Batia-me c' os pimpões,
Triumpho da mocidade.
(A.)
- 8193 Já lá vae o meu bom tempo,
Que cantava nas funcções,
Agora todo elle é pouco
P'ra chorar minhas paixões.
(A.)
- 8194 O cantar é para quem,
Para quem tem boa nota,
Ai de mim, que eu já não canto,
Já de mim fazem chacota!
(A.)
- 8195 O cantar é p'ra quem tem
O seu amorsinho á vista,
Mas eu, que o tenho longe,
E' bem que pena me assista.
(A.)
- 8196 Algum dia cantei bem,
Foi na minha mocidade,
Agora quero e não posso,
Tudo requer *la* idade.
(B. A.)

8197 Minha fala, minha fala,
Minha fala já não presta,
Já te não dou atenção,
Nem tampouco já conversa.
(A.)

8198 Já o meu cantar não presta,
Já meu rir não tem valia,
Já morreu quem escutava
O meu cantar d'algum dia.
(A.)

8199 Quem me a mim ouvir cantar,
Dirá — o que 'stá de alegre!
Tenho o coração mais negro
Que a tinta com que se escreve.
(A.)

8200 Quem me a mim ouvir cantar,
Cuidará que estou contente,
Eu canto por disfarçar
Minha paixão tão ardente.
(A.)

8201 Quem me a mim ouvir cantar,
Dirá com muita razão:
Olha o que está de alegre!
Deus sabe do meu coração.
(A.)

8202 Quem me ouvir a mim cantar.
Quem souber a minha pena,
Dirá: oh! triste, coitado,
Que ainda o cantar te lembra!
(A.)

- 8203 Toda a gente se admira
De eu cantar e ser casada,
Eu canto p'ra me entreter,
Por me dar bem empregada. (A.)
- 8204 O' senhor, não se admire
De eu cantar, e ser casada:
Eu *descanto* a minha sorte
De me ver desamparada. (A.)
- 8205 Quem canta seus mal's espanta,
Quem chora é que tem motivo,
Eu canto por me esquecer
Do mal que usaste comigo. (A.)
- 8206 Quem canta seu mal espanta,
Eu canto por distrahir
A paixão que entrou no peito,
E que d'ell' não quer sahir. (A.)
- 8207 Quem canta seu mal espanta,
Quem murmura penas tem,
Vale mais andar cantando,
Que murmurar de ninguem. (A.)
- 8208 Quem canta seu mal espanta,
Quem chora mais o augmenta,
Eu canto por espalhar
A paixão que me atormenta. (A.)

- 8209 Não canto por bem cantar,
Nem por bem cantar o digo,
Canto por espalhar maguas,
Que trago no meu sentido.
(A.)
- 8210 O cantar é para o triste,
Quem o ha de duvidar?
Quantas vezes canto eu
Com vontade de chorar!
(A.)
- 8211 Se o cantar é para os tristes,
Deixa-me cantar agora,
Que o meu coração 'stá triste,
Deita lagrimas e chora.
(A.)
- 8212 Se ouvires cantar os tristes,
Não tens que te *admirar*,
Quasi sempre canto eu
Com vontade de chorar.
(A.)
- 8213 Disse-me alguém, não sei onde,
Disse-me alguém, não sei quando,
Que muitas vezes esconde
Tristezas quem vae cantando.
(A.)
- 8214 Pediram-me que cantasse,
Mas eu não posso cantar,
Tenho o meu coração triste,
Só posso agora chorar.
(A.)

- 8215 Quem quizer cantar, que cante,
Que eu nunca *sube* cantar,
Nasci triste e triste vivo.
A minha vida é chorar.
(A.)
- 8216 O meu leal coração
Anda todo maguado,
Vae para cantar e chora,
Lembra-lhe o tempo passado.
(D.)
- 8217 Chora, guitarrinha, chora,
Mais baixinho, violão,
Não quero que ninguém ouça
Palpitar meu coração.
(M.)
- 8218 Agora é que vou entrando
Na rua da formosura:
Aqui não ha que escolher,
Cada um pegue na sua.
(M.)
- 8219 Aqui dentro d'esta casa
'Stá uma candeia accêsa:
Quanto dás a quem a apague
Com dois beijos á franceza?
(A.)
- 8220 Toda a mulher que é casada,
Pelo canto se conhece:
Lá no meio da cantiga
Suas falas abrandece.
(A.)

- 8221 O aro do meu pandeiro
E' de madeira de fóra ;
'Stava para vir, não veio.
O rapaz que me namora.
(A.)
- 8222 Quando eu era rapariga,
Chegava a uma funcção,
Dava d'olho ao meu amor
Para me apertar a mão.
(A.)
- 8223 Que lindo ramo de rosas,
Viva a bella mocidade!
Cantem, cantem, raparigas,
Viva a bella liberdade!
(A.)
- 8224 Vá de vagar, entoadado,
Que ámanhã tambem é dia,
Não se rache o taboado,
Que a madeira é nóvadia.
(A.)
- 8225 Vá de *balho*, vá de *balho*,
Vá de *balho* e vá de *cante*,
Em se chegando ao *abalho*
Pela manhã, é bastante.
(A.)
- 8226 Vá de roda, vá de roda,
Vá de roda com valor,
Viva quem anda na roda
Bailando c'os seus amores.
(A.)

8227 Vá de roda, vá de roda,
Cada um siga seu par,
Vá de roda, vá de roda,
Meu amor ponha-se a andar.
(A.)

8228 Vá de roda, cantem todos
'Ma cantiga bem alegre,
Que além vem o caçador
Atirar um tiro á lebre.
(A.)

8229 Vá de roda, vá de roda,
Menina da saia branca,
Não havendo tanto luxo,
Pobreza não era tanta.
(A.)

8230 Vá de roda, vá de roda,
Cada um sua cantiga,
Que eu tambem cá canto a minha,
Que a necessidade me obriga.
(A.)

8231 Saltem velhas, saltem môças,
Saltem todas ao terreiro,
Como ha tão pouca gente;
Toda a palha faz palheiro.
(A.)

8232 Dancem todos, dancem todos,
Brinquem quantos aqui estão;
Quem quizer ver brilhar môças,
Venha ó nosso pavilhão.
(D.)

- 8233 Dos pares que andam na roda,
Já uma me encheu o olho:
E' a da blusa encarnada
E da saíinha de folho.
(A.)
- 8234 O' lirio perliquitino.
O' lirio perliquitete,
O' lirio perlicatirio,
Diz meu bem a quem compete.
(A.)
- 8235 Cantava, cantei, cantando.
Cantando, cantei, cantava.
Chorava, chorei, chorando.
Chorando, chorei, chorava.
(A.)
- 8236 Sonhava, sonhei, sonhando.
Cantando, cantei, cantava.
Chorava, chorei, chorando.
Falando, falei, falava.
(A.)
- 8237 Eu q'ria saber cantigas,
Eu q'ria saber cantar,
Eu q'ria ser muito rico.
Só para não trabalhar.
(A.)
- 8238 Guarde-as Deus a todas tres.
'Ma d'ellas, não sei qual é,
Manda dizer não sei quem,
Que vá lá, não sei onde é.
(A.)

8239 Eu não faço maravilha
De olhar p'r'á tua pessoa,
Como está tua *familha?*
Eu a ti vejo-te boa.

(A.)

8240 Eu não faço maravilha
De olhar p'r'ó teu *coraçon,*
Como está tua *familha?*
Eu a ti vejo-te bom.

(A.)

8241 Se me ouvir's cantar d'amores,
Não me saias ao caminho,
Eu sou rosa de cem folhas,
Cada folha tem seu 'spinho.

(A.)

8242 A' entrada d'esta rua,
Logo á entrada não,
Off'receram-me pancadas,
Venha cá, seu valentão.

(T. M.)

8243 Mesmo agora aqui cheguei,
Já me querem dar pancadas,
Cuidam estes meus senhores
Que eu que trago as mãos atadas.

(A.)

8244 Dos pares que andam bailando
Ali no meio do terreiro,
Não se me dá de apostar:
Nenhum d'elles tem dinheiro.

(A.)

- 8245 Os sóccos para dançar
Fazem mui ruim *effêto*,
Ainda que as damas usem
Ricas jóias em *sê péto*.
(A.)
- 8246 Oh! que pernas, oh! que bocca,
Henriqueta, vossê tem!
P'ra que quer vossê as pernas,
Se vossê não dança bem?
(A.)
- 8247 Moças cantae e bailae,
Guardae o que vosso é,
As que não cantam, nem bailam,
Tamem lhe escorrega o pé.
(M.)
- 8248 Esta terra não é minha,
Se eu quizer, minha ha de ser,
Se eu nella quizer amores,
Quem m'o ha de a mim tolher?
(A.)
- 8249 Quero rir, quero cantar,
Quero comer e dormir,
O que tiver de ser meu
A' minha mão me ha de vir.
(A.)
- 8250 Olha que lindo compasso
Que anda naquelle terreiro!
Como baila, como dança,
Como traz o pé ligeiro!
(A.)

- 8251 Os pares que andam bailando,
Quem m'os dera ver cair!
Tenho o meu coração triste,
Q'ria fa tar-me de rir.
(A.)
- 8252 Eu tenho uma bengalinha
De ir a passear a Varche,
Bailei lá numa funcção,
Lá me pegaram o parche.
(A.)
- 8253 A funcção está bem bôa,
Só uma falta é que tem,
As mocinhas serem poucas,
Mas todas bailando bem.
(A.)
- 8254 Camaradas e amigos,
Queiram todos escutar,
Dêem todos attenção,
— Canta *Chico* do Pombal.
(A.)
- 8255 A passo, senhores, a passo,
Que os mestres a passo vão,
Quem quer ver obra que eu faço,
Chegue-se a esta funcção.
(A.)
- 8256 Quem canta é o Gaspar,
Cá do terreiro da aldeia,
Fui á roça a Momporção,
Lá p'r'ós lados da Galveia.
(A.)

8257 No meio d'aquelle mar
'Stão dois gallos á *contista*,
Uma é Anna do Paralta,
Outro é Anna do Baptista.

(D.)

8258 Canta Anna, canta Ritta.
Canta Maria tambem,
Cantae raparigas todas,
Que todas *cantádes* bem.

(D.)

8259 De Palhaes é a Pinóta,
Da Marigalha a Ferreira,
Da Praça a Maria Angelica,
Do Rocio a Julia P'reira.

(A.)

8260 Dos Lunas é o Antonio,
Dos Reboxos é o André.
Dos Piais é o João,
Dos Paivas é o José.

(A.)

8261 Mecejana o Zé Antonio,
D'Ourique canta o Caraça,
Em Ferreira o Viegas
Faz a obra com chalaça.

(A.)

8262 Dos Barros José Francisco,
Zé da Rosa da Figueira,
O Rocha dos Gasparrões,
O Viegas em Ferreira.

(A.)

- 8263 D'Ervidal o Man'el Milho,
D'Aljustrel o Capa-rotta,
De Mecejana a Sophia,
Como essa não ha outra.
(A.)
- 8264 Da Amoreira o Arriaga,
Venha de Beja o Elias,
Peraltinha da cidade,
Da Conceição, Zacarias.
(A.)
- 8265 Adeus Ignacia Roxinha
E Antonio Faustinito,
São as duas *pampolinhas*
Que se ajuntam num palmito.
(A.)
- 8266 Adeus, ó Anna das Neves,
A cantiga não disséra,
A tinta com que te escrevo
E' verde, mas não *disséra*.
(A.)
- 8267 Esta cantiga foi dita,
Amor, com todo o louvôr,
Antonio, Lemos, Sabino.
Filho da Branca *felor*.
(A.)
- 8268 Francisco, Manoel, Domingos,
Joaquim, Luiz, Militão,
Pedro, Mathias, Matheus,
Antonio, José, João.
(A.)

- 8269 Maria, Antonia, Cath'rina,
Francisca, *Zabel* e Anna,
Thereza, Julia, Joaquina,
Ritta, Rosaria, Joanna.
(A.)
- 8270 Cath'rina, Paschoa, Luzia,
Tareza, *Zabel* e Anna,
Sabina, Engracia, Maria,
Francisca, Antonia, Joanna.
(A.)
- 8271 Se fôres ás Ruas Juntas,
Pergunta por Marianna,
Que é uma moça trigueirinha,
Que até no cantar tem fama.
(A.)
- 8272 Para contradança Varche,
Para *Mariquita* aldeia,
No povo de S. Vicente,
Salto, pulo e cadeia.
(A.)
- 8273 No tempo em que eu cantava,
Quando eu era cantador,
Aonde quer que eu chegava
Certo era fazer furor.
(A.)
- 8274 Se não cantar com primor,
Espero ser desculpado,
Cada um canta o que sabe.
Não é a mais obrigado.
(A.)

- 8275 O' rapaz do gorro azul,
Está-te bem, porque és trigueiro,
Diz-me quanto te custou,
Quero-te dar o dinheiro.
(A.)
- 8276 O' vida da minha vida,
Minha maçã camoeza;
Estimo que se regale,
Adeus ó senhora Th'resa.
(M.)
- 8277 Meu amor canta comigo,
Canta, que eu te ajudarei,
Se te vires affrontado,
Eu te desaffrontarei.
(M.)
- 8278 O meu regalo é cantar
Sentado numa cadeira,
Tiraram-me a rapariga,
'Stá bonita a brincadeira!
(A.)
- 8279 Sabes cantar e não cantas,
Deus te queira castigar,
Sabes cantigas tão lindas,
Não m'as queres ensinar.
(D.)
- 8280 Não canto por bem cantar,
Nem por ter falas d'amante,
Só canto para dar gosto
A quem me pede que cante.
(A.)

8281 Viva o dono d'esta casa
Os annos que Deus quizer,
Viva tambem uma rosa
Que Deus lhe deu por mulher.

(A.)

8282 Senhor's deem-me licença,
Eu quero desabafar,
Eu quero dar um aceno
A quem não posso falar.

(D.)

8283 Aperte-me a mão direita,
Faça os dedos estalar,
Que anda ahi certo sujeito
Já capaz de rebentar.

(A.)

8284 Quem desdenha, quer comprar,
Quem engrandece, vender,
Eu venho-lhe perguntar,
Quem pergunta quer saber.

(A.)

8285 Não te digo quanto sinto,
Por causa dos que ahi estão,
Mas com um certo geitinho,
Os meus olhos t'o dirão.

(A.)

8286 Eu quero morrer cantando,
Já que chorando *nassi*,
As tristezas d'este mundo
Não se fizeram p'ra mim.

(A.)

- 8287 Tu dizes que me não queres,
Meu amor diz-me porquê,
Eu sei cantar e bailar,
E rir e falar também.
(A.)
- 8288 Isto da dôr de cabeça
E' um mal que não tem cura,
Queira Deus não adoença
Cá 'ma certa creatura.
(A.)
- 8289 Ai que linda vae a festa,
Que vistosa romaria!
Só eu, coitada, não tenho
Quem me faça companhia.
(E.)
- 8290 Para cantar dóe-me um dente,
P'ra bailar dóe-me uma perna,
• Quando sinto algum allivio
E' á porta da taberna.
(A.)
- 8291 Vá de aposta, vá de aposta,
Quem mais quer ao seu amor,
Eu aposto a propria vida,
Dou meu c'ração de penhor.
(A.)
- 8292 Eu já fui a Olivença,
Passei p'ra o lado de lá;
O' rapaz, tem paciencia,
Que esta noite ceias cá.
(A.)

- 8293 Villa de Campo Maior,
E's 'ma villa amuralhada ;
Cada vez cantas melhor
Cantigas á tua amada.
(A.)
- 8294 Villa de Campo Maior,
E's 'ma villa amuralhada ;
Parece que 'stou ouvindo
Requebros á tua amada.
(A.)
- 8295 Villa de Campo Maior,
Tens muralhas á franceza ;
Cada vez cantas melhor
Cantigas á camponeza.
(A.)
- 8296 Camponezas, camponezas,
Eu sou de Campo Maior ;
Rendeste-me uma fineza,
Eu rendo-te outra maior.
(A.)
- 8297 Deus te salve, ó bella aurora,
Deus te guarde, ó claro dia,
Onde tem 'stado *inté* agora
Sem *na* minha companhia?
(A.)
- 8298 Hei de cantar, hei de rir,
Hei de ser *adevertida*,
Agora é que hei de ser
Alegre da minha vida.
(D.)

8299 Tendes o cabelo preto,
Dá-me d'elle tres pontinhas
Para as cordas da viola,
Que lhe quebraram as primas.

(B. A.)

8300 Eu gosto de ouvir cantar
Aquelles que cantam bem,
Que aquellos que cantam mal
Não dão gosto a ninguém.

(A.)

8301 'Stou á vista de quem quero,
Vejo quem estou querendo,
E amo a quem tenho á vista,
E venero a quem 'stou vendo.

(A.)

8302 Uma noite, toda a noite,
Eu sou capaz de cantar
Cantigas a teu respeito,
Sem no teu nome falar.

(A.)

8303 Amor, fala-me a verdade,
Se por mim aqui vieste,
Eu quero-te agradecer
O favor que me fizeste.

(A.)

8304 Ai de mim, que já não posso
Cantar como já cantei!
Bebi agua dos teus olhos
A minha voz derranquei.

(D.)

8305 Se ha por 'hi algum que queira
Comigo entrar em combate,
Venha co'a voz em bom 'stado,
Que eu sou professor na arte.

(A.)

8306 Amor, vem d'ahi bailar,
Anda, vem-te a divertir,
Que te quero procurar
O caminh' que hei de seguir.

(A.)

8307 Pediram-me que bebesse
Um copinho d'aguardente,
Foi-me d'reito aos calcanhares,
Deixou-me a cabeça quente.

(A.)

8308 No adro da minha aldeia
E' onde eu faço as delicias:
Co' as solteiras palavrinhas,
E as casadas com caricias.

(A.)

8309 O' rapaz do gorro preto,
Volta-o de dentro p'ra fóra;
Inda estou do mesmo lado,
Inda me não volto agora.

(A.)

8310 Ai lari, lari, lolé,
Ai lari, lolé, meu bem,
Chora, amor, as tuas penas,
Que as minhas remedio têm.

(D.)

- 8311 Salvaterra, Buenavista,
Jericó fica no meio;
As meninas d'esta terra
Bailam com todo o ascio. (A.)
- 8312 Eu sou o que fui a Roma,
Ao Padre Santo falei,
Sou o que, p'r'áamor d'amor's,
Pae e mãe, tudo deixei. (A.)
- 8313 Eu já vi um valentão
A brigar c'uma cidade,
Logo ao primeiro encontrão
Derrubou mais de metade. (A.)
- 8314 Em se acabando o entrudo
Já se não comem filhozes,
Já não é tanto a miudo
Que se ouvem as tuas vozes. (A.)
- 8315 Olhos, que vindes a ver,
Para ver já vindes tarde,
Se vieras mais cedinho
Viras á vossa vontade. (M.)
- 8316 O' rapaz do gorro, gorro,
O' rapaz do gorro preto,
A respeito de namoro
E' preciso muito geito. (A.)

8317 Aqui para a minha d'reita
E' um gosto a gente olhar,
E' a rosa mais perfeita
Que occupa este logar.
(A.)

8318 Dos pares que andam bailando
A mais mexida sou eu,
Não ha aqui rapaz nenhum
Que já não fosse amor meu.
(A.)

8319 Muito bem toca o *pandêro*
Nas mãos d'uma hespanhola!
Viva quem ha de lograr
O moço da camisola.
(A.)

8320 Gosto muito de cantigas,
Sendo ellas bem cantadas,
Mas ainda gosto mais
Das moças que são casadas.
(A.)

8321 Ando caindo com somno,
Se eu soubera cá não vinha;
O' rosa, que não tens par,
Anda cá, se quer's ser minha.
(A.)

8322 Abre-te meu peito e fala,
Coração salta cá fora,
Anda ver o teu amor,
Que chegou aqui agora.
(M.)

8323 Quero cantar, ser alegre,
Que a tristeza nada tem,
Inda não vi a tristeza,
Dar de comer a ninguém.

(A.)

8324 Regala-me o teu cantar,
O teu cantar me regala,
Regala-me estar ouvindo
Requebros da tua fala.

(A.)

8325 Chamaste-me trigueirinha,
Minha geração é boa:
Tambem o chapéu que é preto
Diz bem a toda a pessoa.

(A.)

8326 Se eu soubera d'orações,
Como sei cantar cantigas,
Andava sempre rezando
Por alma das raparigas.

(A.)

8327 Esta noite de verão
O teu cantar me entremem,
E uma esp'rança me anima:
Sobre o tempo, tempo vem.

(A.)

8328 Inda canto, inda bailo,
Inda cá não ha tristeza,
Inda cá não ha quem tenha
Minha liberdade presa.

(A.)

8329 Já lá vae o v'rao que é doce,
Tempo que amadura a fructa,
Se quer's saber a m'nha vida.
Se me quer's *ôvir*, escuta.

(A.)

8330 *Estô* caíndo com somno,
Mds valera cá não vir,
Os olhos que eu vinha ver
'Stão dêtaados a dromir.

(A.)

8331 Minha fala, minha fala.
Minha fala de mulher,
Se pego a puxar por ella.
Levo-a *adonde* eu quizer.

(A.)

8332 Em saber cantar cantigas
A ninguem eu tenho medo,
Minha terra é Coimbra,
Bebi agua do Mondego.

(M.)

8333 Se ~~queres~~ que eu cante bem,
Dá-me uma gôta de vinho,
Que o vinho é coisa santa,
Faz o cantar miudinho.

(A.)

8334 Se eu ~~soubera~~ cantar bem,
Cantava-te uma chacota
A' saude de quem tem
Na funcção sua cachopa

(A.)

- 8335 Ao tocador da viola,
O' moças, queiram-lhe bem,
Que elle é de fóra da terra,
Não conhece aqui ninguem. (A.)
- 8336 O tocador da viola
Tem dedos de *marafim*,
Tem olhos de enganar môças,
Não me ha de enganar a mim. (A.)
- 8337 O' tocador da viola,
Repenica-me isso bem,
Eu quero cantar cantigas
Como não cantou ninguem. (M.)
- 8338 Quatro coisas ha no mundo
Que eu desejava apprender:
Cantar bem, tocar viola,
Bdilhar bem e saber ler. (A.)
- 8339 'Stou rouca, enrouquecida,
'Stou cançadinha do peito,
Tudo isto são paixões
Causadas por teu respeito. (A.)
- 8340 Esta minha rouquidão
Não é de comer azêdo,
E' de falar ao amor
Pela manhã, muito cêdo. (A.)

8341 'Stou rouca, enrouquecida,
Não é de beber vinagre,
E' d'uma paixão que tive,
O meu amor é que sabe.

(A.)

8342 'Stou rouca, enrouquecida,
Não é catarrho, nem tosse,
E' o ladrão do amor
Que de mim quer tomar posse.

(A.)

8343 O cantar é para quem
Tem o seu amor ao pé,
Mas o meu está bem longe.
Cantar escusado é.

(A.)

8344 Vá d'aposta, vá d'aposta,
Quem mais quer o seu amor?
Vamos tirar a medida,
Meu coração é traidor.

(A.)

8345 Eu não sei ler, nem 'screver,
Nem tambem tocar viola,
Inda espero d'apprender,
Menina, na vossa escola.

(A.)

8346 Quando a casa faz poeira,
Então é que é o bailar:
Quando a mulher pisca o olho,
Então é que é 'proveitar.

(A.)

- 8347 Esta noite, á meia noite,
A' meia noite seria,
Ouvi cantar meu amor
Aos cantos da Mouraria.
(A.)
- 8348 Assim que á funcção *chignê*,
O *tê* modo *m'agradô*,
E disse *ô mê* camarada:
Sem amor já *ê nan vô*.
(A.)
- 8349 Quando eu cheguei ao baile
Ôlhei para o teu semblante,
E disse para comigo:
Já me não vou sem amante.
(A.)
- 8350 Tendes um cantar tão lindo
E um ar tão excellente!
Tendes um jardim na bocca
E um cravo em cada dente.
(D.)
- 8351 Ai que lindos olhos tendes!
As falas melhor serão,
Menina, dê-me licença,
Quero vêr como ellas são.
(D.)
- 8352 Se ha por ahi alguém
Que na estrada se atravesse,
Traga mortalha a vestir
E confessor que o confesse.
(A.)

- 8353 Venho da Aldeia Gallega,
P'ra lá ando a fazer lenha,
Aonde este rapaz chega
Nada ha que ó chão não venha.
(A.)
- 8354 Tenho *especias* de gigante,
De valente eu tenho fama,
Já briguei c'um almirante,
Já venci toda a moirâma.
(A.)
- 8355 Viva a malta e trema a terra,
D'aqui ninguem arredou!
Quem ha de temer a guerra,
Sendo homem, como eu sou? !
(A.)
- 8356 Ha por 'hi algum fadista
Que comigo cantar queira?
Eu faço a barba á espanhola,
Corto o cabelo á estrangeira.
(A.)
- 8357 *Samiei* no meu quintal
A semente do destino;
Podem-se os dois ajuntar
A cantar comig' sosinho.
(A.)
- 8358 Sinto pintos a chiar,
Ouço uma tal chiadura!
Deixa-me lhe ir a deitar
Baguinhos de alampadura.
(A.)

8359 Se tu quer's cantar comigo,
Já me lanço *d'enjoêlhos*,
Ponho-te o pé no cachaço,
Lanço-te as mãos *às* chavelhos.

(A.)

8360 Tenho dentro do meu peito
Botica, boticario não;
Esse é que é arrabaceiro,
Que apanha fructa do chão.

(A.)

8361 Este meu cantar seguido
Nunca fez mal a ninguem;
Isto de quem tem má lingua
Tira a honra a quem a tem.

(A.)

8362 O do barrete vermelho,
Lá o da testa encarnada,
Não se vae d'aqui embora
Sem a cabeça rachada.

(A.)

8363 Eu tenho a cabeça rija,
E vossê leve de mais,
A minha pésa e não salta,
A tu' dá saltos mortaes.

(A.)

8364 O' cantador, corta as barbas,
E semê-as numa leira,
Inda hoje has de ficar
Aos pés d'esta cantadeira.

(D.)

- 8365 Olhae p'r'á cara de Paschoa,
Tem cara de excommungado,
Que diz o que assim não é
Ao povo que está de lado.
(D.)
- 8366 E's uma mulher horrenda,
Não quererás ouvir isto,
Chucha lá nessa borracha,
Off'rece ás chagas de Christo.
(A.)
- 8367 Morreu o f'ralda e deixou
Dois filhos á *liberdade*:
Um é pae da brutidade,
O outro, lá vou, lá vou.
(A.)
- 8368 Além naquell' canto, canto,
Além n'aquelle *arcadar*,
'Stá 'ma var' de marmeleiro
Para as costas te apalpar.
(A.)
- 8369 Cala-te ahi bocca aberta,
Que tu não sabes cantar,
Tens um buraco na lingua
Para a voz se te escapar.
(A.)
- 8370 Cala-te ahi bocca aberta,
Rodilha de candieiro,
Tens-te por espertalhão,
Tu és um pantomineiro,
(A.)

- 8371 Cala-te ahi bocca aberta,
Que tu não sabes cantar,
Tua mãe que te dê pão,
Que te acabe de criar.
(A.)
- 8372 Cantas bem, não cantas mal,
Garganta de pau d'adorno,
Cantigas como as que cantas
Vae cantal-as p'r'ó inferno.
(A.)
- 8373 Tens cabeça d'andorinha,
Bescoço de uma cegonha,
Tens olhos de porca russa,
Cara de pouca vergonha.
(A.)
- 8374 Tens cabeça d'andorinha,
Bescoço de *cerangonha*,
Olhos de cabra marinha,
Olha a cara sem vergonha!
(A.)
- 8375 O' rapaz, enrola a esteira,
Mette a espada na bainha,
Não has de fazer poeira
Em casa de gente minha.
(A.)
- 8376 Venho de Villa Boim,
De assistencia aqui estou ;
A tal besta pequenina,
Os ~~cores~~ que me pregou !
(A.)

- 8377 Todas as tuas cantigas
Mette-as num borralho quente,
Não és capaz de cantar
Deante de tanta gente.
(A.)
- 8378 Adeus ó cara d'infusa,
Bocca de meia canada,
Pesçoço de galga preta,
Olhos de vacca raiada.
(A.)
- 8379 Adeus homem, 'stá cá ella,
Minha bocca de maquia,
Foi-se a namorar a gaja
Ao meio da ganharia.
(A.)
- 8380 Cala-te meu boi torrado,
Filho d'uma vacca preta,
Não podes puxar ó arado,
Já quer's puxar á carreta.
(A.)
- 8381 O cantar é da cabeça,
Bailar o que as pernas dão;
Outra vez não te aconteça
Migar's sôpas sem ter's pão.
(A.)
- 8382 Vou saltar ó desafio,
Por cima d'aquelle muro,
E verás como te ganho
A ti, meu cara de burro.
(A.)

- 8383 A' porta do meu quintal,
Onde se enterram defunctos,
Franganitos como a ti
Tenho eu depennado muitos. (A.)
- 8384 Trazes chapéu á rebimba,
Andas todo arrebimbado,
Se és filho de boa gente,
Tens cara de mal creado. (A.)
- 8385 Desafio, desafio,
Desafio á navalha,
A culpa tive-a eu
De me metter co' a canalha. (A.)
- 8386 Desafio, desafio,
Eu não te desafiei,
Foi um jogo que jogámos,
Tu perdeste, eu ganhei. (A.)
- 8387 Tu não faças muita bulha,
Deixa o cãesinho dormir,
Que se o cãesinho acordar,
A' pedra podes fugir,
Mais vale nós ficar mal
Do que este povo se rir. (M.)
- 8388 Tenho um vestido de chita,
A' camponeza talhado;
Não has de mangar de mim,
Como das mais tens mangado. (A.)

8389 A rua é para os homens,
E a casa é p'r'ás mulheres;
Não me estejas com aquellas,
Que eu bem sei o que tu queres.

(A.)

8390 O' rapaz, tua esperteza
Veio a dar-te em par 'oeira,
Já não tornas a arrancar
Pedras da mesma pedreira.

(A.)

8391 O' rapaz, tu és pimpão
Com respeito ao cantar,
Tua mãe que te dê pão
P'ra te acabar de criar.

(A.)

8392 Chamaste-me ó desafio,
Eu não te desafiei,
Se sabes muitas cantigas
Eu tambem algumas sei.

(D.)

8393 Desafio, desafio,
Eu não te desafiei,
Cantei-te uma cantiguinha,
Mas logo me retirei.

(A.)

8394 Cantigas ó desafio,
Vossê que me desafiou,
Cantei-lhe uma cantiga,
Vossê logo se calou.

(A.)

- 8395 Cantigas ao desafio
Para mim são escusadas,
As minhas são de repente,
E as vossas são consid'radas
(M.)
- 8396 Desafio, desafio,
Eu ao desafio venho,
Agora é que estou p'ra ver
O desafio que tenho.
(D.)
- 8397 Desafio, desafio,
Desafio pelo mato,
Não quero mais desafio
Comtigo, barbas de gato.
(E.)
- 8398 Tenho feito mil apostas,
Tenho perdido e ganhado.
Vê lá tu, meu bem, se gostas
D'este meu palavriado.
(A.)
- 8399 Cantador, *atrepa, atrepa,*
Cantador da bogalhinha,
Andas funcção em funcção
Esta é tua, aquella é minha.
(A.)
- 8400 Cantas bem, não cantas mal,
Cantas de toda a maneira,
Eu tenho ouvido dizer:
Cantigas não vão á feira.
(A.)

8401 Não me fales á hespanhola,
Que não entendo a tu' fala,
Sem teres táto na bola,
No *cante* quer's fazer gala.

(A.)

8402 Vós chamaes-me pequenina,
Sou tamanha como a vós,
Delgadinha como a linha,
Fininha como o retroz.

(D.)

8403 O' rapaz, se quer's cantar
Comigo de mão a mão,
Quem apprende sabe ler,
Eu nunca fui á lição.

(A.)

8404 Se queres cantar comigo,
Desce cá para o terreiro,
De cantigas sou eu rico,
Assim fosse de dinheiro.

(D.)

8405 Não me cantes *ó* divino,
Que eu não sou homem de letras,
Índa que sou pequenino,
Tu comigo não te mettas.

(A.)

8406 Tu dizes que me quer's bem,
O' minha cara fagueira,
Foi hoje o primeiro dia
Que cheguei á tua beira.

(D.)

UNIVERSITY OF MICHIGAN

- 8407 Já me chamaram maluca,
Só por cantar e bailar,
Pois quem assim me chamou
Devia p'ra si olhar.
(A.)
- 8408 O meu cantar é de raiva,
Quem me ouve bem me entende,
Deu-me Deus habilidade
P'ra comprar a quem me vende.
(D.)
- 8409 Quando falas em pancadas
Toda me encho de rir,
Inda me cá não chegaram
Já as estou a sentir.
(D.)
- 8410 Adeus ó Maia do Porto,
Adeus ó do Porto Maia,
Se me desta vejo livre
Noutra não temas que eu cáia.
(M.)
- 8411 Nunca cantei á viola,
Nunca á viola cantei,
Sem licença de meu pae
Nunca me eu aventurei.
(D.)
- 8412 O' Bernardo dá-me um bolo,
Em que seja de fermento,
A rosa que tens ao lado
Já foi minha nalgum tempo.
(A.)

8413 Meu colletinho de linho,
Feito detraz da parede;
Isto fica para exemplo,
P'ra quem 'stá fóra da rede.

(M.)

8414 Eu hei de me aventurar,
Eu hei de perder o medo,
Hei de te fazer suar
Ao pé de mim a pé quedo.

(D.)

8415 Cá na minha parenteira
Ninguem saiu cantador,
Não posso, ainda que queira,
Ao pé de ti fazer flor.

(A.)

8416 Eu tenho ouvido gabar's-te,
Quem se gaba quer gabão,
Aonde quer que eu chegar
Não has de cair no chão.

(A.)

8417 Eu sei ler e sei 'screver,
Faço letras em latim,
Eu desejava saber
P'ra que me trata assim ?

(A.)

8418 Tu ateimas, mas não vences,
Não me levas de vencida,
Que eu já tenho p'ra passar
O resto da minha vida.

(A.)

- 8419 P'ra cantar's uma cantiga
Pede licença primeiro,
Que aonde eu 'stou não vás tu
Metter o pé no terreiro.
(A.)
- 8420 Chamaste-me conselheiro,
Eu não *conselho* ni guem,
Conselhos me dão a mim
P'ra que te não queira bem.
(A.)
- 8421 Se eu vivera do cantar,
'Stava pôdre de riqueza,
Eu vivo de trabalhar,
Faço do *cante* baixeza.
(A.)
- 8422 *Nau* cantes ó desafio
Que *ê nau* te *sê* responder,
É só filho de homem pobre,
Nau me ensinaram a ler.
(A.)
- 8423 Gosto muito do teu dito,
Tambem da tua razão,
Como hei de botar bandeira
Com luto no coração?
(D.)
- 8424 Com luto mesmo a bandeira
Serve de boa atenção,
Puxa tu lá pela borla,
Que eu pegarei no cordão.
(D.)

8425 Escuta a minha razão,
'Scuta, se quer's escutar,
Eu tenho ouvido dizer
Que tens fama no cantar.

(D.)

8426 Ai, este moço que diz
Tenho fama no cantar!
Se os outros sabem muito,
Eu occupo o meu lugar.

(D.)

8427 Se muito gosto de chá,
Mais gosto de capilé;
Eu venho a esta funcção
Só para te vêr dar o pé.

(A.)

8428 Eu 'stou prompta a dar-te o pé,
Mas has de tu dar-me a mão,
E comigo receber's-te,
Quando chegar a occasião.

(A.)

8429 O' minha maçã camoêza,
Picada do rouxinol,
Se não fossem as bexigas
Eras mais linda que o sol.

(A.)

8430 Chamaste-me bexigosa,
Que te importam meus signaes?
Não ha igreja sem santos,
Nem altar sem castiçaes.

(A.)

- 8431 Anda aqui uma sujeita,
Não se faz senão gabar,
Inda não assou castanhas,
'Stou p'r'a vêr se as ha de assar.
(A.)
- 8432 As castanhas *qu' é assê*
Tu m'as fizestes assar.
Jur'-te, p'la minha certeza,
Que inda me as has de pagar.
(A.)
- 8433 Com licença, entra o pinto,
Seu papinho quer encher,
Entre gallos e gallinhas
Não têm pintos que fazer.
(A.)
- 8434 Chamaste-me pintainho,
Pintainho de vintem,
Deixa-me ir ao teu poleiro
E sab'rás se canto bem.
(A.)
- 8435 A' tua porta, menina,
Fiz eu grande resmalhada,
Essas vozes que estás dando
Não são de mulher honrada.
(A.)
- 8436 Se á minha porta faz lama,
A' tua faz lamaceiro,
Quando tu falar's de mim
Ôlha para ti primeiro.
(A.)

- 8437 Não se cance d'essa forma,
Não se enleve, não se enfeite.
Que a sua capa, menina,
Tem uma nodoa d'azeite.
(A.)
- 8438 A minha nodoa d'azeite
N'agua corrente se lava,
Mas a tu' raça judia
Só co'a morte é que se acaba.
(A.)
- 8439 O' cantador afamado,
Que assentas tudo no rol.
Dize-me lá por cantigas
Quem fez os raios ao sol.
(D.)
- 8440 Cala, que te hei de apanhar
Lá no meu pinhal aos tocos;
Quem fez os raios ao sol
Foi Iriques, mais Iroques.
(D.)
- 8441 Poeta, se és cantador,
E quer's saber mais do que eu,
Diz-me lá quem foi no mundo
Que morreu e não nasceu.
(A.)
- 8442 Quem morreu e não nasceu
Foi o nosso pae Adão,
Eva da terra foi neta,
Tud' da mesma geração.
(A.)

8443 Diz-me lá, ó cantador,
Quem o rio Jordão passou,
Qual foi a primeira mãe
Que em ver seu filho cegou.

(A.)

8444 Primeir' homem foi Adão,
Eva da terra foi neta,
Moisés o rio passou,
Discorre assim, se és poeta.

(A.)

8445 O' rapaz, se sabes ler
No livro do desengano,
Diz-me tu lá por cantigas
Quantas horas tem o anno?

(A.)

8446 As horas que o anno tem
Contam-se no mez de Abril,
Setecentas e sessenta
E mais d'ellas oito mil.

(A.)

8447 O' rapaz, tu és pimpão,
Faz lá esta conta bem:
Um moio de trigo limpo
Quantas meias quartas tem?

(A.)

8448 Um moio de trigo limpo,
Veja lá não tenha joio,
Quatrocentas e oitenta
Meias quartas tem um moio.

(A.)

8449 Hei de te fazer dar voltas
Como a roda d'um moinho,
Em quanto me não disseres
Quem é mãe filha do filho.

(D.)

8450 Quem é mãe filha do filho
É' a Virgem Nos' Senhora,
Essa mesma é que é
Da minh'alma protectora.

(D.)

8451 Eu hei de morrer solteira,
Levar o ramo da palma,
Quero que me *despeliques*
Quem entrou no ceu sem alma?

(D.)

8452 Da palmeira nasce a palina,
Da palma nasce o palmito,
O que entrou no ceu sem alma
Foi a santa cruz de Christo.

(D.)

8453 O' homem, se és cantador,
Has de me agora dizer
Onde estavas escondido
Antes de teu pae nascer?

(A.)

8454 Antes de meu pae nascer
'Stava numa escuridão,
Prezo com 'ma linha fina
Entre Eva e Adão.

(A.)

- 8455 Diz-me tu lá, cantador,
Quantas pennas tem um pato,
Quantos picos um ouriço,
Quantos cabellos um gato?
(A.)
- 8456 Está bem feita a pergunta,
Agora respondo eu:
Pennas, picos e cabellos
Só têm os que Deus lhes deu.
(A.)
- 8457 Quem me troca um vintem
Contra um cruzado novo?
Dize-me lá por cantigas,
Quantas penas tem um corvo?
(A.)
- 8458 Recada lá teu vintem
Que o cruzado novo é meu,
O corvo não tem mais pennas
Que aquellas que Deus lhe deu.
(A.)
- 8459 O' cantadeira afamada
Tu cantas por 'hi alem,
Tambem quero que me digas
O corvo que pennas tem.
(D.)
- 8460 Eu venho de Santa Justa,
Caminho p'r'ó S. Matheus,
O corvo não tem mais pennas
Que aquellas que Deus lhe deu.
(D.)

- 8461 As pennas que tem o corvo
Eu t'as vou a explicar:
Vinte cinco na cabeça
E nas azas a dobrar.
(D.)
- 8462 As pennas que tem o corvo
Tenho-as eu no meu chapéu,
Dize-me lá por cantigas
Quantas 'strellas ha no ceo.
(A.)
- 8463 As 'strellas que ha no ceo
Não nas quero eu ajuntar;
Diga-me lá por cantigas
Quantos peixes ha no mar.
(A.)
- 8464 O' rapaz, tu és pimpão.
Tenho-te ouvido gabar,
Dize-me lá por cantigas
Quantos peixes ha no mar.
(A.)
- 8465 Os peixes que ha no mar
Eu não sei, nem fui ao fundo;
Dize-me lá por cantigas
Quantos olhos ha no mundo.
(A.)
- 8466 Os olhos que ha no mundo
Não sei, nem posso saber,
Dois olhos em cada cara,
Quantos olhos vem a ser?
(A.)

- 8467 Tu diizes q'és poeta,
Na materia do cantari,
Pôs diiz-me lá pro cântiigas,
Cantos pêxes hai no mari?
(A.)
- 8468 Cantos pêxes hai no mari
e t'o vô já a dezeri:
Sã mêtade i ôtros tantos,
For'ós que stã p'ra naceri.
(A.)
- 8469 Quatrocentos guardanapos,
Seis vintens em cada ponta,
Diga-me lá por cantigas
A quanto monta esta conta.
(A.)
- 8470 A conta está bem deitada,
Sem alcaide, nem 'scrivão;
Quatrocentos guardanapos,
Quatrocentos pintos são.
(A.)
- 8471 Essa conta já eu fiz
Em cima do meu balcão,
Quatrocentos guardanapos,
Quatrocentos pintos são.
(A.)
- 8472 Adorada cantadeira,
Levas agua pela prôa,
Tambem quero que me digas
Quantas ruas tem Lisboa.
(D.)

8473 Quantas ruas tem Lisboa
Digo-t'as sem as contar;
Tambem quero que me digas
Quantos peixes ha no mar.

(D.)

8474 Quantos peixes ha no mar
Digo-t'os sem ir ao fundo;
Tambem quero que me digas
Quantos olhos ha no mundo.

(D.)

8475 Quantos olhos ha no mundo
Digo-t'os sem os contar,
Cada qual tem os seus dois
Bem postos no seu logar,
E quem lá os collocou
Soube-os bem collocar.

(D.)

8476 Tenho-te ouvido gabar,
E sei que és grande pimpão,
Dize-me lá por cantigas
Quantos filhos teve Adão.

(A.)

8477 Dos filhos que teve Adão,
Eu não o sei, nem fui ver,
Uns são vivos, outros mortos,
Outros 'stão para nascer.

(A.)

8478 Os filhos que teve Adão
Trago-os eu no meu chapeu;
Dize-me lá por cantigas
Quantas almas ha no ceo.

(A.)

- 8479 Depois que o mundo é mundo
Quanta gente tem morrido!
Nem no mundo fazem falta,
Nem o ceo se tem enchido.
(A.)
- 8480 Cantador, que tão bem cantas,
O teu cantar me regala,
Dize-me lá por cantigas
O que entrou no ceo sem fala.
(A.)
- 8481 Rouxinol, que tão bem cantas,
Onde fostes aprender?
Dize-me onde estava Christo
Quando estava p'ra *nacer*.
(A.)
- 8482 Poeta, se és cantador,
Responde a esta *précura*:
Diz-me quantos passos tem
A rua da Amargura.
(A.)
- 8483 Poeta, se és cantador,
Diz-me se já lestes isto:
Qual foi o primeiro juiz
Que fez a lei de *Zu* Christo.
(A.)
- 8484 Poeta, se és cantador,
Has de me saber dizer
Quantos annos tinhas tu
Antes de teu pae nascer.
(A.)

- 8485 Qual foi o primeiro altar
Onde a Virgem ajoelhou
Antes do Verbo encarnar,
Depois que o Verbo encarnou?
(A.)
- 8486 Éi chiigade Braz das Pias
A's festas de Sant'Antão,
Vêin tirári as bizariias
O's poetas que cá 'stão.
(A.)
- 8487 Munta cinza, pôca chamma,
Faz a rãma da figuêra,
Se veins a câintar pro fama,
D'aquii nã levas bandêra.
(A.)
- 8488 Sô maltez de cóp'átáda,
E and' de forn'em forno,
Trág'a miinh'obra liimada,
Toda passadiinh'á torno.
(A.)
- 8489 Graces a Dês que chiigastis,
Niisto fazia ê impenho,
Nã ha moço com'a tii,
P'ra t'ôviiri éi q'aquii veinho.
(A.)
- 8490 Ê ando pro freguezias
D'estes paiizes p'ra fóra,
S'ha munto que me nã viias
Abr'os olhos, vêi-m'agora.
(A.)

- 8491 Ind'ágor'áquii chigué,
Más cedo nã pude viiri,
Mas iinda chigué a horas
Dos tês ganiidos ôviiri. (A.)
- 8492 Cãintas bem, nã cãintas mal,
Graganta de marafim,
Ê dav'uma tiint'á cara
Se cãintáira côm'a tii. (A.)
- 8493 As cãintiugas que tu cãintas
Mét'tas tu num forno friio,
Tu éis capaz de cãintari
Com um burr'ó desafio. (A.)
- 8494 Subii ó alto rochedo
P'ra ver o sol a raiari,
Péza-me nã viir más cedo,
P'ra t'ôviir assim zurrari. (A.)
- 8495 Teinho duzas de cabrestos,
Enfilêrados na fêra,
P'ra encrabestari as bestas
Que cãintão d'essa manêra. (A.)
- 8496 Esta nôte chovê neve,
Arrazarão-s'os açudes;
Cala-te, chiibo, nã berres,
Cala-te, burro, nã zurres. (A.)

8497 Quêin tein ráva q'erinráveça,
Quêin tein catarrho que tussa,
Quêin le doeri a cabeça
Que le ponh'á carapuça.

(A.)

8498 Calat'hii mê boc'áberta,
Rodiilha da chumenéi,
Se tu tivéiras vergonha
Nã m'arrumairas ó péi.

(A.)

8499 Calat'hii mê boc'áberta,
Novêillo de liinhas finas,
Que te traigo retratado
No polêro das gallinhas.

(A.)

8500 Calat'hii mê boc'áberta,
Rodiilha do mê palhêro,
Já vii andairi o tê pai
A's marradas c'um carnêro.

(A.)

8501 Calat'hii mê bachareli,
Boca de cartilh't meio,
Se tivess'aquii criiado
Mandava-t'a pôr o freio.

(A.)

8502 Se tivess'aquii criiado
Mandava-t'a pôr na rua,
Callat'hii mê bachareli,
Boca de grande comua.

(A.)

8503 A cãintiiga que cãintairis
Nã a cãintes duas vezes;
A somana tẽin sês diias,
O anno tẽin doze mezes.

(A.)

8504 Vã-se d'aquii tolêrõ,
Boca d'amotoliiã,
Gardanapo d'estallage,
Vassõra d'estrevariã.

(A.)

8505 Cãintas bêin, nã te disfaças
D'esse tê cãintari affliito,
Põs s'os animaes cãintassem,
Miilhor cantav'ó cabriito.

(A.)

8506 Cãintas bêin, nã cãintas mal,
Com'ó sapo n'álagõa,
Vaii roeindo esses troços,
Té que veinh'á palha bõa.

(A.)

8507 Cãintas bêin, nã cãintas mal,
C'om'ó sapo num alquêve,
Vaii roeindo esses troços,
Té qu'o diabo te leve.

(A.)

8508 Trag'õ chapé desabado,
O' uso de Sant'Alêxo;
E'is um rapaz abonado,
Provêtdor do qu'ê dêxo.

(A.)

8509 Diiss'o gallo p'r'á gallinha
Lá ós cântos da Carrêra:
Nêin tod'ó caintari é um,
Nêin tod'á voz é toêra.

(A.)

8510 O cantari nã é sciiença
P'ra quêin sab'armari cântigas.
Más sciienç'é namorari
Tres ó catro rapariigas.

(A.)

8511 E's nasciido i baltiisado
Nas covas de Montargiili,
Cabaços que têins levado
Andã pro cat'centos mili.

(A.)

8512 Trazes lenciinh'encarnado,
A' mediida do deseijo,
Trazes tê amori ó lado,
E nã só cego, bem veijo.

(A.)

8513 Lá no mé da rua Nova
A penn'ó pavã cahiu;
Nêinguén diig'ó que nã sabe,
Nêin affirm'o que nã viiu.

(A.)

8514 Se no mé da rua Nova
Cahii'a penn'ó pavão,
Quêin nã quer q'ó mundo fali
Nã dê accasião.

(A.)

- 8515 Cãintiigas de pé cubrado
Nã se caintã a nêingueni,
Os catro pontos d'em cadro
Dã nôte inté p'la manhein. (A.)
- 8516 Iisto do cãintari é vêa
Que Dês dá ás criiaturas,
Quêin nã sabe tatarêa,
Ê' com'ó cego ás escuras. (A.)
- 8517 Diiss'o gallo p'r'á galliinha
Lá ós cantos do mercado:
P'ra cantari com'a tii
Más valera 'star calado. (A.)
- 8518 Hêde-te prenderi ó valh'
C'uma corda bem comprida,
P'ra que comas, aliimali,
P'ra que enchas a barriiga. (A.)
- 8519 Má peste fina te mate,
E contiina dori de deintes,
E dor de gota coral,
Dor de pedra q'arrebeintes. (A.)
- 8520 O' cãintador, Dês te dê
Cada diia 'ma doença,
As milhoras n'hôspiitali,
Na tumb'á combalecença. (A.)

- 8521 **Cãntigas ó desafio**
Cá p'ra mim sã escusadas,
As tuas sã apprendiidas,
E as minhas sã estudadas.
- (A.)
- 8522 **Já 'stou farto de cantigas,**
Sem eu as saber cantar,
Por causa das raparigas,
A este bail' vim parar.
- (A.)
- 8523 **Despedida, despedida,**
Eu inda me não despeço,
Quem se despede, acaba,
Eu inda agora começo.
- (A.)
- 8524 **Estes senhores me pedem**
Que lhes cante uma cantiga,
Cantarei duas ou tres
Agora, por despedida.
- (M.)
- 8525 **Em cantando esta cantiga**
Já não quero cantar outra,
Já me está doendo o peito,
Mais o ceo da minha bôcca.
- (A.)
- 8526 **Em cantando esta cantiga,**
Meu amor, não canto mais,
Quer' antes ficar calada
De longe. ouvindo os teus ais.
- (A.)

8527 Já tenho cantado muito,
Bastante tenho versado.
Inda cantaria mais,
Se estivesse a meu lado.

(A.)

8528 Se tu queres cantar mais,
Canta, canta, rapariga,
Agora não te acompanho
Porque me doe a barriga.

(A.)

8529 As mōças não cantam.
Dança a gravidade,
Isso só é bom
Lá p'r'ás da cidade.

(A.)

8530 Vou-lhes dar a despedida,
Que me parece que é bem.
O muito cantar enfada,
O pouco parece bem.

(D.)

8531 O muito cantar enfacia,
O pouco parece bem:
Vale mais muito cantar,
Que dizer mal de ninguém.

(A.)

8532 Vou botar a despedida
Que me quero despedir.
Saltae fora do terreiro,
Que os outros tambem quer' ir.

(D.)

- 8533 Vou botar a despedida,
Ella ahi vae a findar;
Ao cabo d'esta cantiga
Strepassa, deixa ficar.
(D.)
- 8534 Vou-me a dar a despedida,
Em a dando, vou-me embora.
São horas de recolher,
De recolher já são horas.
(A.)
- 8535 Adeus, que me vou embora.
Faço uma declaração:
Um joven de capa e gorro
Foi a minha perdição.
(A.)
- 8536 Adeus. ó minha menina,
O' *felor* do meu jardim,
Se as minhas falas são asp'ras.
Meu c'ração não é assim.
(A.)
- 8537 D'aqui me vou ausentar
Com pesar do coração,
Se te eu causei agravo,
Peço me deis o perdão.
(D.)
- 8538 Vou-te dar a despedida,
Um favor quero alcançar:
Se estás de mim offendida,
Que me queiras perdoar.
(D.)

- 8539 Estava p'ra me ir embora,
Agora já me não vou,
Inda vou a responder
A' rosa que aqui cantou. (A.)
- 8540 Adeus, que me vou embora
Para a minha obrigação:
Paciencia, não importa,
On' se levam 'hi se dão. (A.)
- 8541 Vamo-nos d'aqui embora,
Meia noute já está dada,
Temo de ouvir nossa mãe
Sermão e missa cantada. (M.)
- 8542 A's cantigas dou remate,
Menina vou-te deixar,
Meu amor 'stá noutro ponto
E eu vou p'ra lá a cantar. (A.)
- 8543 A's cantigas dou remate,
Eu não posso mais cantar,
Menina, se quer ser minha,
Ha-de commigo casar. (A.)
- 8544 Já não quero cantar mais
Na sua terra, menina,
Que me chegam as saudades
De me ir a cantar á minha. (A.)

8545 Amor, não digas adeus
No remate da cantiga,
Já me parece que dizes:
Adeus para toda a vida.

(A.)

8546 O' meu bem, meu bem,
Lá vae o *remate*:
Os moços de agora
Todos têm ac.aaque.

(A.)

8547 Estes cantadores,
Estes *cantaristas*,
Inda não são gallos,
Já querem ter crista!

(A.)

8548 Estes cantadores
Da cabeça atada
Cuidam que o cantar
E' comer salada.

(A.)

8549 Estes cantadores
Da cabeça gorda
Cuidam que o cantar
E' comer açorda.

(A.)

8550 Estes cantadores,
Estes afamados,
Cantam 'ma cantiga,
Ficam abalroados.

(A.)

- 8551 Ailé, ailé,
Linda primavera,
Inda não morri,
Inda sou quem era ;
Quem era.
Quem era sou,
Inda não morri,
Ainda aqui estou. (A.)
- 8552 Regala-me ouvir
O meu bem amado,
Regala-me vêr
O seu bandeado. (A.)
- 8553 Algum dia, viva.
Cantavas melhor,
Que fará em vindo
Cá para o meu rol! (A.)
- 8554 Eu para cantar
Não preciso empenho.
Não posso, não quero.
Vontade não tenho. (A.)
- 8555 Eu sou pequenino,
Rentinho do chão,
Capaz de nam'rar
Todas que aqui estão. (A.)
- 8556 Afina a guitarra,
Toca o realejo,
O' que lindos olhos
Eu aqui não vejo! (D.)

- 8557 Eu não sei cantar,
Nem armar cantigas,
Todos meus enlevos
São as raparigas.
(A.)
- 8558 Este meu cantar
Não é de vontade,
E' p'ra me par'cer
Mais pequena a tarde.
(A.)
- 8559 Este meu cantar
Não é cá de dentro,
E' p'ra espalhar mágoas
Do meu pensamento.
(A.)
- 8560 Este meu cantar
Não é de alegria,
E' p'ra me par'cer
Mais pequeno o dia.
(A.)
- 8561 Canta, camarada,
Meu camaradinha,
Faz obra limada,
Assim como a minha.
(A.)
- 8562 Este rapaz ruivo
Canta no terreiro,
Deixal-o dançar,
Que é moço solteiro.
(D.)

- 8563 Se o meu bem soubera
Que eu aqui cantava,
Estava tres dias
Que me não falava.
(A.)
- 8564 Afina a guitarra,
Toca o *bambolim*,
Oh que lindos olhos
'Stão ao pé de mim!
(D.)
- 8565 Vá de casimira.
Siga tudo, tudo,
O meu par é este
No dia de entrudo.
(A.)
- 8566 Ailé, cantar
Cantigas não sei,
O rol das cantigas
Tem-no lá meu be.n.
(A.)
- 8567 Ailé, ailé,
Já te tenho dito,
Quando eu cantar
Que cales o bico.
(A.)
- 8568 Ailé, ailé,
Toma lá e leva
Esta moda nova
Para a tua terra.
(A.)

8569 Ailé,
Vá de roda, vá,
Que o meu lindo amor
Inda aqui não 'stá.

(A.)

8570 Ailé,
Quem canta, cantou,
A filha de meu pae
Nunca atraz ficou.

(A.)

8571 Ailé,
Eu canto, eu canto,
Para o meu amor
Não se admirar tanto.

(A.)

8572 Ailé,
Vamo-nos a andar,
A dona da casa
Queira perdoar.

(A.)

8573 Lari, loléli,
Chove, faz calor,
Todos te venceram.
Meu lindo amor.

(D.)

Em respeito a esta secção, veja tambem os Cantos n.ºs 1, 2, 15, 70, 336, 428, 429, 435, 457, 482, 493, 494, 496, 498, 503, 511, 584, 602, 605 a 608, 611 a 613, 650, 652 a 654, 636, 632, 687, 688, 691, 751, 759, 789, 818, 850, 987, 997, 1004, 1025, 1039, 1078, 1088 a 1090, 1155 a 1157, 1169, 1188, 1200, 1201, 1240, 1263, 1266, 1288, 1289, 1305 a 1307, 1334, 1367, 1372, 1375, 1406, 1452, 1453, 1492, 1498, 1513, 1540, 1601, 1602, 1637, 1772, 1779, 1808, 1846, 1894, 1942, 1984, 1986, 2028, 2047, 2097, 2159, 2186, 2326, 2927, 2333 a 2335, 2366, 2392, 2394, 2405, 2411, 2440, 2442, 2468, 2469, 2515, 2522, 2539, 2584, 2587, 2603, 2627, 2634, 2642, 2652, 2653, 2657, 2670, 2692, 2705, 2707, 2840, 2964, 2968, 3020, 3022, 3035, 3063, 3123, 3134, 3200, 3232, 3280, 3290, 3306, 3503, 3504, 3584, 3598, 3649, 3729, 3730, 3732, 3737, 3770, 3776 a 3778, 3780, 3781, 3787, 3793 a 3796, 3798 a 3803, 3867, 3883, 3886, 3892, 3915, 3918, 3922, 3925, 3929, 3933, 3936, 3953, 3968, 3972, 3981, 3992, 4004, 4010 a 4012, 4015, 4017, 4066, 4089.

h) Cantigas profissionaes

1) Agricultura

- 8574 Não ha nada mais bonito
Que um marido lavrador,
Ir com ell' domingo á missa
Render graças ao Senhor. (A.)
- 8575 O amor do lavrador,
E' que agrada ás raparigas,
Boa bota, bom calção,
E chapéo branco á rebimba. (A.)
- 8576 O meu bem é lavrador
Lá no monte d'Alemtisca,
Usa tudo quanto é bom,
Mas de modas não petisca. (A.)
- 8577 Quando vou para a cidade,
Passo a Penamacor;
Rapariga, e meu rapaz
Parece-me um lavrador. (A.)
- 8578 Frascisquinho, lavrador,
Moras no monte Ferreira,
O arado com que lavras
E' de pau de laranjeira. (A.)

8579 No principio dos meus annos
Fui lavrador largos tempos,
Todo o fructo que colhi
Foram lagrimas, tormentos.

(A.)

8580 No principio do meu mundo
Fui lavrador alguns annos,
Semeei leaes carinhos,
Recolhi falsos enganos.

(A.)

8581 Bartholomeu da ladeira,
Lavrador de tres arados,
Foi lavrar á Taboeira,
Deu voltas pelos Aivados.

(A.)

8582 Semear e não colher
E' que atraza o lavrador:
Tambem eu ando atrazado,
Em não falar ao amor.

(A.)

8583 Não quero lencinho branco,
Que me chamarão senhora,
Quero lencinho vermelho,
Que é trajo de lavradora.

(B. B.)

8584 Ailé,
Lencinho de seda,
Antonio da Silva,
Lavrador d'Almeida.

(A.)

- 8585 Cá 'stou á porta da rua,
Sem manta, nem *cassação*;
Oh rapazes, vá lá fora,
Que lá vem o abegão. (A.)
- 8586 Bello monte da Gramicha
Que já não tem abegão,
Eu hei de p'ra lá mandar
O amor do meu coração. (A.)
- 8587 Corri matos e charnecas,
Eu mais o meu abegão,
Para achar um par d'aivecas
A' minha satisfação. (A.)
- 8588 Sou sóta no Taboado,
Na Pina dou-te partido;
Se eu não sou do teu agrado
Diz-me qual é o motivo. (A.)
- 8589 Corro matos e charnecas,
Más o mê apêrador,
P'r'encontrar um par d'aivecas
P'ra um ganhão *enfrior*. (A.)
- 8590 A mulher do almocreve
Passa vida regalada,
Sem se importar se o marido
Ficará morto na estrada. (A.)

8591 Cá te trago retratado,
No meu peito mais alegre;
Nunca Deus mandou ao mundo
Vida como a d'almocreve.

(A.)

8592 Os almocreves d'Abrantes,
Quando andam no caminho:
Bôa carne, bom pão alvo,
Melhor borracha de vinho.

(A.)

8593 O amor do almocreve
Não dura mais que uma hora:
Apparelha e carrega,
Arreata e vae-se embora.

(A.)

8594 Almocreves, almocreves,
Almocreves de Lisboa,
Quando abalam p'ra Abrantes
Nunca fazem coisa boa.

(A.)

8595 Menina, sou almocreve,
Não lhe posso assistir,
De dia ando na estrada,
A' noite quero dormir.

(A.)

8596 Tenho uma saia de chita,
Um avental ós ramalhões,
Não dou *crêto* aos almocreves
Sem chegarem os ganhões.

(A.)

8597 Os almocreves na estrada,
Arrieiros no caminho;
Se me quer's alguma coisa,
Fala, que eu não adivinho.

(A.)

8598 Meu amor é almocreve,
Traz arreatas na mão,
Cada vez que o vejo vir
Se me alegra o coração.

(A.)

8599 P'ra carregar, um carreiro,
Para lavar, um ganhão,
P'ra namorar, um ganadeiro,
Um guarda p'ra mandrião.

(A.)

8600 Não quero amor *carrêro*,
Que tem a vida arriscada,
Quero o amor *ganadêro*,
Que vae dormir á malhada.

(A.)

8601 As moças das Alpedreiras
Usam lencinhos de malha;
Os carreiros da Padeira
E' que vencem a batalha.

(A.)

8602 O meu amor é carreiro,
Tem uma vida arriscada:
Ao descer d'uma ladeira,
Ao cerrar d'uma carrada.

(A.)

8603 O meu amor é carreiro,
Traz as arreatas na mão,
Eu não quero as arreatas,
Mas quero o seu coração.

(A.)

8604 O meu amor é carreiro,
Traz as arreatas na mão,
As arreatas são de prata,
O amor do meu coração.

(A.)

8605 Sou carreiro, vou p'ra a estrada,
Vou meu carro conduzir,
Quem quiser vêr boas moças
Venha meu carro a seguir.

(A.)

8606 Menina, se queres usar
Sapatinhos de velludo,
Casa c'um carreirinho,
Que arreatas dão p'ra tudo

(A.)

8607 O meu amor é carreiro,
Que anda na carraria,
São os olhos mais bonitos
Que vão á missa do dia.

(A.)

8608 Não quero amor carreiro,
Não quero carreiro, não;
Quero o amor boieiro,
Que é mais da minha paixão

(A.)

- 8609 Eu subi ao marmeleiro
P'ra colher uma gambôa ;
Quem tem o amor carreiro
À bellos lenços se assôa. (A.)
- 8610 Fui *carretêro* no Rasquilha,
Apêrador na Alcobaça;
Tal é a mãe como a filha,
Tudo é da mesma raça. (A.)
- 6611 Quem me vir de pau e manta,
Lá do lado da Murteira:
Sou carreiro da Co'chola,
Criado de *Zê* Caldeira. (A.)
- 8612 Ailé,
Lá em Estremoz,
Meu bem é carreiro,
Acarreta arroz. (A.)
- 8613 Toda a vida me enlevei
Em ter amor hortelão;
Agora, que já o tenho,
Já perdeu a *acêtação*. (A.)
- 8614 A horta da minha sogra
E' como as hortas dos mais;
No coração da Ajuda
E' que combatem meus ais. (A.)

8615 Eu não quero amor ganhão,
Que não quero ser ganhôa,
Quero o amor hortelão,
Que eu quero ser hortelôa.

(A.)

8616 Não quero amor hortelão,
Não quero ser hortelôa,
Quero amor sacristão,
Pois quero ser sacristôa.

(A.)

8617 O' quinteiro da quinta nova,
Que hoje estás no Malvar,
Pódes perder a esperança
De me vires a lograr.

(A.)

8618 Quem me dera estar na quinta,
O' na quinta ter alguém,
Para ter a liberdade
Que a filha do quinteir' tem.

(A.)

8619 Mandaste-me para as quintas,
A' sombra das laranjeiras,
Nas quintas é que me eu quero,
A brincar co'as *quintaneras*.

(A.)

8620 Olá, olá,
Se quer's correr, corre,
Eu sou hortelão
Da horta da Torre.

(A.)

- 8621 Dá-me as chaves do jardim,
Que eu quero ser jardineiro,
Ficarei assim sabendo
As rosas que abrem primeiro.
(A.)
- 8622 O' boieiro, vae-te embora,
Que a manhã vae rompendo,
Não diga o teu camarada
Que eu cá te estive entretendo.
(A.)
- 8623 Esta vida de boieiro
E' uma vida *arrastrada*,
Não tem noite, não tem dia,
Nem sesta, nem madrugada.
(A.)
- 8624 Toda a vida fui pastor,
Toda a vida guardei gado,
Tenho uma chaga no peito
De me *arrumar* ao cajado.
(A.)
- 8625 Toda a vida fui pastor,
Toda a vida andei á tuna,
Para agora me chamarem
Filho da pouca fortuna.
(A.)
- 8626 Toda a vida guardei gado,
Toda a vida fui pastor,
Deixei botins e cajado
Por via do meu amor.
(A.)

8627 Já não ha quem queira dar
Uma filha a um pastor:
E' que casar, hoje em dia,
E' só bom p'r ó lavrador.

(A.)

8628 Mal-o haja paes que dão
Suas filhas a pastores,
Que as não deixam lograr
Os seus primeiros amores.

(A.)

8629 No Reguengo sou pastor,
Nas Furadas abegão,
Em Revelhos amassador,
Na Vallada hortelão.

(A.)

8630 Triste dia se me ordena
Em ter o amor pastor,
Andar de cerro em cerro:
Visteis p'r'aqui meu amor?

(E.)

8931 Eu não quero amar João,
Que é cabreiro, cheira a leite,
Quero amar o meu José,
Que é a flôr do ramallete.

(A.)

8632 O meu amor é leiteiro.
Cheiram-lhe as botas a leite,
Quando vem domingo á missa
Parece-me um ramallete.

(A.)

- 8633 Eu sou ganhão de *manzêra*
E não *no* posso negar,
Trago a junta á *carreêra*,
Que faço a terra estalar.
(A.)
- 8634 Sou ganhão em Revelhos,
Córtaráma no Balouco;
A respeito de *paleio*,
Menina, has de comer pouco.
(A.)
- 8635 Eu sou ganhão de Revelhos.
Vou-me á missa ás Cilladas,
Trago sapatos e meias
Por amor das caminhadas.
(A.)
- 8636 Sou ganhão na Casa Branca,
Vou trabalhar á Pereira,
Tenho um porto que desbanca,
Sou guarda na Vinagreira.
(A.)
- 8637 Triste vida a de um ganhão,
Andar sempre a trabalhar!
Dá-lhe Deus uma doença,
Vae morrer ó *êspital*.
(A.)
- 8638 O regalo do ganhão
E' comer em prato cheio,
Beber vinho, se lh'o dão,
Fumar do tabaco alheio.
(A.)

- 8639 O' feira de S. Matheus,
Onde as ganharias vão
A gastarem o dinheiro
Da temporada do v'irão.
(A.)
- 8640 Sou ganhão no monte Rego,
Criado de Antonio Pinto,
Haja aqui muito socego,
E bem pouco *lavarinto*.
(A.)
- 8641 Por me ver's de pau e manta
Não cuides que sou pastor,
Sou um pobre ganhão
Dó conde de Villa-Flor.
(A.)
- 8542 Já não ha por hi quem queira
Accommodar um ganhão
Por alqueive e sementeira
E a temporada do v'irão?
(A.)
- 8643 Quem tiver filhas bonitas.
Não as deixe ir a funcções,
Que são rodilhas de todos,
Onde se limpam ganhões.
(A.)
- 8644 Para lavar, abegões,
P'ra poupar bois, os boieiros,
P'ra comer migas, ganhões,
P'ra laurear, carreteiros.
(A.)

- 8645 Eu nasci num berço d'oiro;
Quem havia de dizer
Que nos braços d'um ganhão
Havia de vir morrer!
(A.)
- 8646 Todas me lavam a cara,
Do meu amor ser ganhão:
E' bonito, eu gosto d'elle,
E' honrado e ganha pão.
(A.)
- 8647 A tua manta, ganhão,
Tem uma nodoa d'azeite,
Não ha moça na funcção
Que o ganhão não rejeite.
(A.)
- 8648 Socego, haja socego,
Haja pouco *lavarinto*,
Que eu sou da malta do Cégo,
Ganhão do Francisco Pinto.
(A.)
- 8649 O' feira de S. Matheus,
Onde vão as ganharias;
Adeus, meu amor, adeus,
Até de hoje a oito dias.
(A.)
- 8650 O' *fêra* de S. Matheus,
Onde se vendem pinhões;
Anda agora muito em moda
Gorros verdes á Camões.
(A.)

8651 Quem me ouvir cantar colloquios
Dirá que é algum morgado,
E' um triste ganadeiro,
Toda a vida a guardar a gado.

(A.)

8652 Sou um triste ganadeiro,
Soffro do tempo o rigor,
Indo adeante, sou o primeiro
A falar ao meu amor.

(A)

8653 Tod'á vida *gardê* gado,
E sempre fui *ganadêro*,
Uso *cêfdes* e cajado,
E pellico e *caldêro*.

(A.)

8654 A malta d'Arengosinha
E' d'assucar e cannela,
Aqui nestes arredores
Não ha malta como aquella

(A.)

8655 A malta d'Agua de Banhos,
E' uma malta safada!
Começa no abegão,
Acaba no camarada.

(A.)

8656 Viva a malta, viva a malta,
Viva a malta do Adens,
Viva a malta da Padeira
E da Amoreirinha tambem.

(A)

8657 O meu amor é do campo,
Do campo, sabe lavar,
Não é como os da cidade,
Que só sabem namorar.

(A.)

8658 Ailé,
Venho da Alagada,
De tratar o gado
Com bota cerrada.

(A.)

8659 Ailé,
Meu amor é ganhão,
Não me pode dar
Maior estimação.

(A.)

8660 Ailé,
Lencinho de seda,
E' a bandeirinha
Dos ganhões d'Almeida.

(A.)

8661 Não quero que vás á monda,
Não quer' que vás a mondar,
Se amanhã vier a ceifa,
Não quer' que vás a ceifar.

(A.)

8662 Não quero que vás á monda,
Não quero que vás sósinha,
Quando tu te casares
Quero ser tua madrinha.

(A.)

8663 Já não quero ir á monda,
Já não quero ir a mondar,
Foi na monda que eu ganhei
Dinheiro p'ra me casar.

(A.)

8664 Eu não quero ir á monda,
Que não sei cortar a cito;
Mandem-me falar d'amor,
Que p'ra isso tenho eu geito.

(A.)

8665 —Não quero que vás á monda,
Na monda não ganhas nada.
—Foi na monda que eu ganhei
Uma saia encarnada.

(A.)

8666 As cortadeiras da herva
Vão aos grelos ao nabal,
Já não ha santo nem santa
Que as deixe ficar mal.

(M.)

8667 O meu amor foi p'r'á ceifa,
Deus queira que corte um dedo,
Que se foi, deixou-me só,
Mettida neste degredo.

(A)

8668 Quando fores para a ceifa,
Levae a vossa samarra,
Comei muito, ceifae pouco,
Fazei grande resmalhada.

(B. A.)

8669 Eu hei de ir além Douro
A segar e a atar molhos,
Hei de te levar comigo,
Linda prenda dos meus olhos.

(B. B.)

8670 O meu amor foi á ceifa,
Hei de lhe guardar firmeza,
Ha de me trazer um lenço
Para pôr á camponeza.

(A.)

8671 O meu amor foi á ceifa,
P'ra lá de Campo Maior,
Mandei-lhe um lenço encarnado
Para alimpar o suor.

(A.)

8672 Eu hei de abalar p'r'á eira
Só p'ra casar c'um ratinho,
Só p'ra andar de feira em feira:
—Quem merca pano de linho?

(A.)

8673 Hei de ir além do rio
Segar pão e atar mólhos,
Hei de levar-te comigo,
Linda prenda de meus olhos.

(T. M.)

8674 Não me mandes á segada,
Que eu não sei correr o eito,
Mandae-me falar de amor,
Para isso tenho geito.

(B. B.)

8675 O senhor doutor Faria
Mandou vir os ceifadores
P'r'ó jardim da Alameda
Que está coberto de flores.

(A.)

8676 Oh que calma está caindo!
A' sombra me estou queimando!
Que será do meu amor,
Lá na eira trabalhando!

(A.)

8677 Faz calma que abraza o mundo,
Senhor, mandae fresquidão,
Anda o meu amor a ella,
'Stá falto de *compreiçãõ*.

(A.)

8678 Ailé,
Anda cá ceifar,
Se não fôr no trigo,
Seja no pomar.

(A.)

7679 Eu fui a Borba á vindima,
E vim de lá vindimado,
Os amores de uma prima
Me puzeram neste estado.

(A.)

8680 Fui ao Douro á vindima,
Não achei que vindimar,
Vindimaram-me as costellas,
Foi o que lá fui ganhar.

(M.)

- 8681 Não se me dá da vindima,
Nem de andar a vindimar,
Dá-se-me das tristes noites
Que se passam no logar.
(B. A.)
- 8682 Senhor pae, senhora mãe,
Eu aqui vou para cima,
C'uma viola no braço,
Como quem vae á vindima.
(M.)
- 8683 Vae-te, amor, vae-te á vindima,
Que accomoda o bom e o mau;
Quem ao salgado se inclina,
Sempre leva o seu quinau.
(A.)
- 8684 Anda cá, meu bem,
Não vás p'r'á vindima,
Entra p'r'ó meu peito,
Sab'rás quem te estima.
(A.)
- 8685 Fui ao Douro á vindima
Pagaram-me trinta réis,
Fui á feira de Moncorvo
Empreguei-os em aneis.
(B. B.)
- 8686 Já se findou a vindima,
Começa caindo a chuva,
Como a videira, do fructo,
S'tá a minh'alma viuva.
(T. M.)

2) Artes e officios

8687 Sou artista e trabalho,
Ganho doze vintens puros,
Como bem, e visto, e calço,
E dou dinheiros a juro.

(M.)

8688 Quatrocentos alfaiates,
Todos postos em campanha;
Só eu me deixei cair
Nas tuas teias de aranha.

(A.)

8689 Quatrocentos alfaiates,
Todos postos em campanha,
Com agulhas e tesoiras,
P'ra matarem uma aranha.

(A.)

8690 Senhor mestre: temos fome,
Mande-nos dar de comer,
Que a aranha já é morta,
Já não torna a reviver.

(A.)

8691 Aqui d'el-rei, quem acode
Ao fogo de Santarem?
Acodem os alfaiates,
Em quanto os homens não vem.

(D.)

- 8692 Alfaiates não são homens,
Sapateiros também não;
Quando chega o almocreve.
Bate a terra, treme o chão.
(A.)
- 8693 Tenho um collete bem feito,
Que m'o fêz o alfaiate,
Que m'o fêz tão bem feito,
Que de apertado me mata.
(M.)
- 8694 Alfaiates, sapateiros,
São um bando de ladrões:
Sapateiros roubam beijos,
Alfaiates corações.
(B. A.)
- 8695 Alfaiates, sapateiros,
E' uma corja de ladrões:
Alfaiates furtam linhas,
Sapateiros cordovões.
(A.)
- 8696 Não quer' amor alfaiate,
Que está sempre lica, lica,
Quero o amor boticario,
Que está sempre na botica.
(D.)
- 8697 Alfaiate, ou sapateiro,
Isso sim que é bom artista!
Trabalha, ganha dinheiro,
Sempre está á nossa vista.
(A.)

8698 — Minha mãe, quero casar.
— O' filha, diz-me com quem ?
— Minha mãe, c'um alfaiate.
— Minha filha, não vaes bem,
Como elle pica a roupa,
Picará-te a ti tambem.

(A.)

8699 Sapateiro, alfaiate,
E official de barbeiro,
São tres pessoas distinctas,
Sem nenhum ser verdadeiro.

(A.)

8700 Não quer' amor alvanéo,
Que trabalha lá no alto,
Póde cair e morrer,
Dizerem que eu é que o mato.

(A.)

8701 Alvanéo trata da cai,
Carpinteiro da madeira,
Cada qual no seu officio,
Eu tambem sou lavadeira.

(A.)

8702 Eu gosto d'aquelle moço,
D'aquelle moço alvanéo,
Que traz as pingas de cal
Nas abas do seu chapéo.

(A.)

8703 Não quero amor pedreiro,
Que cheira a cal amassada;
Quero amor carpinteiro,
Que é obra mais delicada.

(A.)

- 8704 Ailé,
Eu hei de ir ao céu
Pedir a Deus
Por um alvanéo. (A.)
- 8705 Senhor boticario novo,
Dê-me dez réis de unguento,
Quero curar uma f'rida
Que trago no pensamento. (D.)
- 8706 Lá o vizinho barbeiro
Passa a vida alegre á porta;
Eu trabalho noite e dia,
Não passo da cepa torta. (A.)
- 8707 — Minha mãe, não me bata
Co' a vara de marmeleiro,
Que eu estou muito doentinha,
Mande chamar o barbeiro.
— O barbeiro já lá vem,
Com a lanceta na mão,
Para sangrar a menina
Na veia do coração. (B. B.)
- 8708 Numa sala de barbeiro
A' bocca cheia se diz,
Que Deus só dá os lenços
A quem lhe falta o nariz. (M.)
- 8709 O officio de barbeiro
Não o gabo eu a ninguem!
O maldito do officio!
Nunca avezam um vintem! (A.)

8710 O meu amor é barbeiro,
Faz a barba ao juiz
Com uma toalha de linho
Lavada no chafariz.

(A.)

8711 Antoninho, carpinteiro,
Não te faça mal nenhum,
Deus te faça mal casado,
Ou não dures tempo algum.

(D.)

8712 Sou rapariga solteira,
Mal te posso assistir.
De dia faço chapéus,
A' noite quero dormir.

(D.)

8713 Muito bem 'stá um chapéu
A' porta d'um chapeleiro:
Muito bem 'stá uma moça
Ao pé d'um rapaz solteiro.

(D.)

8714 Costureira, mãos de neve,
Dá o ponto miudinho,
Inda espero de romper
D'essas mãos um collarinho.

(A.)

8715 Se eu *sóbera*, Marianna,
Que tu eras *costurêra*,
Mandava-te vir de fóra
Um *relojo d'algibêra*.

(A.)

8716 Se eu soubera, Laureana,
Que tu eras costureira,
Mandava vir do Algarve
Esparto p'ra uma esteira.

(A.)

8717 O' moças do Carvalhido,
Dobadeiras de algodão,
Não é só em Santo Ovidio,
Que na Raza também hão.

(D.)

8718 Encostei-me, recostei-me.
Ao banco d'um ferrador,
Cuidei que estava encostado
Nos braços do meu amor.

(A.)

8719 Villa Nova, Rio Tinto
Atravessa o Bulhão:
O meu amor é ferreiro.
Trabalha na fundição.

(D.)

8720 Quem tiver um chapéu velho,
Pelas almas, que m'o venda,
O meu amor é ferreiro,
Não tenho que pôr na tenda.

(D.)

8721 Mal empregada fui eu.
Ferreiro, na tua mão,
Era branca, fiz-me negra,
De andar ao pó do carvão.

(A.)

8722 Esta casa ladrilhada,
Quem foi que a ladrilhou?
Um ladrilhador de fóra
Que na terra pernoitou.

(A)

8723 Minha mãe não quer que eu case
Com homem que seja olleiro;
Mas eu faço nisso gosto,
Pois tudo é ganhar dinheiro.

(A.)

8724 Minha sogra é pannelleira,
Meu sogro faz as panellas,
Minha cunhada Maria
Dá o barro para ellas.

(A.)

8725 Meu amor é fabricante,
Leva sempre a amassar;
Como quer que eu o namore,
Se elle me não vem falar?

(A.)

8726 Se tens pelle grossa,
Põe-lhe pós d arroz.
Que eu vou ser oleiro
Para Estremoz.

(A.)

8727 Quem me dera ser pintor,
Que pintava a primavera.
E pintava o meu amor
Dentro d'alma, se pudera.

(A.)

- 8728 Quem me dera ser pintor,
Que pintava a Deus do céo,
É pintava o meu amor
Nas abas do meu chapéo. (A.)
- 8729 Quem me dera ser pintor
Das muralhas do Escaninho.
Para pintar no meu lenço
As moças do Ribeirinho. (A.)
- 8730 Puz-me a pintar, e pintei
Da pintura a melhor arte:
Olhei p'ra traz, reparei,
Puz a pintura de parte. (A.)
- 8731 Sou pintor de loiça fina,
Já hoje pintei um prato,
Em não vendo o meu amor
Vou a vêr o seu retrato. (A.)
- 8732 Na casa do retratista
Perguntei ao professor:
— Qual é a mais fina tinta
P'ra retratar meu amor? (A.)
- 8733 Quem me dera adivinhar
Onde o retratista mora,
Que mandava retratar
Um amor que eu tenho agora. (A.)

8734 — O' pae, eu quero casar.
— O' filha, diz-me com quem?
— Com o mestre sapateiro,
Faz as botas, aperta-as bem

(A.)

8735 Eu já vi uma menina
De pé pequeno e ligeiro,
Que me causou appetite
De aprender a sapateiro.

(A.)

8736 Dançae-me nesse terreiro
'Té o sapato romper,
Que o sapateiro é pobre.
Ajuda-e o a viver.

(D.)

8737 Não quero amor sapateiro,
Sapateiros bebem vinho,
Quero amor carpinteiro,
Que cheiram a pau de pinho.

(A.)

8738 Eu hei-de tomar amores,
Hade ser c'um sapateiro,
Que quero compôr as botas
E nunca tenho dinheiro.

(B. A.)

8739 Todos me queimam o sangue
De o meu bem ser sapateiro,
Sapateiro bate sola,
Mas sempre ganha dinheiro.

(A.)

8740 Olha o triste sapateiro!
Sempre está c'os pés no lódo,
Assentado na tripeça,
Ali leva os dias todos.

(A.)

8741 Olha o triste sapateiro!
Sempre está batendo sola,
Agarra no tirapé
E faz trabalhar a bola.

(A.)

8742 Tenho um mestre sapateiro
Que é de todo um desastrado!
Fez-me as botas sem ponteira,
Tacões cahidos ao lado.

(A.)

8743 Sapateiros da congosta,
Que fazeis do que ganhaes?
Trazeis a mulher descalça,
Nem os sapatos lhe daes!

(D.)

8744 Se me vir's andar descalça,
Lá na rua do Outeiro,
Tenho falta de sapatos,
Meu amor é sapateiro.

(A.)

8745 Não quero amor sapateiro,
Que me cheira a cerol;
Quero o amor latoeiro,
Que é officio melhor.

(A.)

8746 Menina, se quer usar
Sapatinho acatitado,
Namor'-se d'um sapateiro,
Que lhe faça o seu calçado.

(A.)

8747 O meu amor me disse,
E eu achei-lhe graça:
— Eu sou bom sapateiro,
Não andarás descalça.

(A.)

8748 Mal empregada menina,
Filha de tão boa gente,
Ir casar c' um sapateiro,
Que puxa a sola c' o dente!

(A.)

8749 O meu amor, mais o teu,
Ambos são officiaes,
Cá o meu é sapateiro,
O teu reboca poiaes.

(A.)

8750 Senhor mestre serralheiro,
Faça-me uma fechadura,
Quero fechar a minha alma,
Que a tenho mal segura.

(M)

8751 Mariquinhas, tecedeira,
Tem um tear e não tece,
Ou ella anda de amores,
Ou o tear lhe aborrece.

(A.)

3) Burocracia

- 8752 O' senhor juiz de fóra,
Faça justiça brincando:
Prenda-me aquelles dois olhos,
Que me estão desafiando. (A.)
- 8753 O' senhor juiz de fóra.
Faça justiça na terra:
Prenda-me aquelles dois olhos
Que estão naquella janella. (D.)
- 8754 Ao senhor juiz lhe peço
Faça a justiça sem dó:
Mate-me aquella tyranna,
Que se foi, deixou-me só (A.)
- 8755 Vae-me chegando devéras
Toda a mostarda é nariz:
Ninguem deve respingar-me,
Que aqui sou eu o juiz. (A.)
- 8756 Janellas avarandadas!
Mora além algum letrado:
Mora além o meu amor,
Com quem ando namorado. (A.)

8757 **Janettas avarandadas!**
Móra ahi algum doutor,
Móra lá a minha sogra.
Mãe do meu lindo amor.

(A)

8758 **Adeus ó rua de Três,**
Rua d'amarguração,
Onde fazem audiência
Sem haver tabellião.

(A)

8759 **Sou filho de um letrado,**
Neto de um tabellião,
Tambem dou o meu recado
Chegada a occasião.

(A)

8760 **Fiz 'ma carta ao meu amor,**
Tenho o rascunho na mão;
Coitada de quem se fia
Em palavra de *taballião*.

(A.)

8761 **Valha-me Deus, tanto luxo!**
Com tanta ostentação!
Tanto calote no pávol
Quem ganha é o *escrivão*.

(A.)

8762 **Tive amores c'um artista,**
Depois c'um procurador,
Hoje namoro um *escrivão*,
A'manhã s'rá um doutor.

(A.)

8763 Quem dera ter cabo d'ordens,
Como tem o regedor,
Para apartar as desordens
Causadas por teu amor.

(A.)

8764 Namorar as sopeirinhas.
Finfar partes carregadas,
São da policia civil
As prendas mais afamadas.

(E.)

8765 Adeus, ó feira de maio,
D'onde se vende o atum;
Viv'ó vara da justiça,
Senhor Francisco Bárum.

(A.)

8766 Vou de Coimbra p'ra o Porto,
A 'studar p'ra *surgido*,
O remedio p'ra as meninas
Trago eu na minha mão.

(A.)

8767 Venho da Serra da Estrella
De apprender a *surgido*,
Para sangrar as meninas
Na veia do coração.

(B A.)

8768 Senhor pae, senhora mãe,
Bote-me a sua benção,
Eu quer'ir p'ra Trás-os-Montes
Apprender a *surgido*.

(A.)

8769 Ha duas cousas no mundo
Que eu não posso entender:
Os padres ir' p'r'ó inferno
E os *surgides* morrerem.

(A.)

8770 Não te temas á doença,
Que eu sou real *surgião*,
Ando agora eu em cura
Co' o teu doce coração.

(A.)

8771 Descobrir achaques d'alma
Ao *surgião*, é loucura;
O remedio d'uma ausencia
Só com a vista tem cura.

(A.)

8772 Os bombeiros voluntarios
São de muita utilidade,
Trabalham, não por int'resse,
P'ra defender a cidade.

(A.)



4) Clero

- 8773 Hei de me ir para bem longe,
Quanto mais longe melhor.
Hei de me ir a metter monge
Nas covas de Monte-mór.
(A.)
- 8774 Tenho sina de ser monge,
Hei de me ir metter nas covas,
Hei de ir lá para bem longe,
Que de mim não tenhas novas.
(A.)
- 8775 Frades leigos são capuchos,
São pássar's d'arribação;
Quem me dera estar, menina,
Dentro do seu coração.
(A.)
- 8776 Embarquei numa canóa
Para a villa d'Azeitão;
Frade leigo não tem c'róa,
A culpa é do guardião.
(A.)
- 8777 Os frades beneditinos
Puzeram um edital:
Quem quizer comer melões
Venha ao nosso meloal.
(A.)

- 8778 O frade pediu á freira:
Faça aqui a oração;
A freira lhe respondeu:
Patre nostes criçlenson.
(A.)
- 8779 O frade pediu á *frêra*
Um *bêjinho* pela grade;
A *frêra* lhe respondeu:
Um corninho, senhor frade.
(A.)
- 8780 Quando o frade pede á freira
Um beijinho pela grade,
Que é que responde a freira?
—Sim senhor, senhor frade.
(A.)
- 8781 Senhora Madre Abbadessa
Tome conta no mirante,
Que não ha freira, nem frade,
Que não tenha o seu amante.
(A.)
- 8782 Quando te vi, ó freirinha,
Encostada ao mirante,
Logo te eu disse, freirinha:
A freirinha tem amante.
(D.)
- 8783 Se o Padre Santo soubesse
O gosto que o casar tem,
Deixava casar as freiras,
E casava elle tambem.
(A.)

- 8784 O' freiras de Santa Clara,
Ternas filhas de Jesus,
Digo adeus a Coimbra,
Ao mosteir' de Santa Cruz.
(D.)
- 8785 As freiras do meu convento
Teem grande devoção,
Quem me dera a mim ser frade,
É ouvil-as de confissão!
(A.)
- 8786 Eu amei a uma freira,
Que me dava bons docinhos;
Mas a grade não deixava
Lograr-lhe os seus carinhos.
(A.)
- 8787 As freiras de Santa Clara
Mataram o sacristão,
Foram-n'o assar ao forno,
Pensando que era leitão.
(E.)
- 8788 Bote-se d'ahi abaixo,
Freirinha, d'esse convento,
Eu a apanharei nos braços,
Ou nas pontas do meu lenço.
(D.)
- 8789 Na rua do Alcamim,
P'ra baixo, p'ra cima não,
'Stá um convento de freiras,
Quem me déra ser guardião!
(A.)

8790 As irmãs da caridade
São tão puras e donzellas.
Que os garotos da cidade
Dão o coração por ellas.

(M.)

8791 As beatinhas da serra.
Quando vão rezar ao coro,
Viram-se umas para as outras:
Eu se não me caso, morro!

(E.)

8792 O' senhor padre Paulino.
Fale-me aqui ao postigo:
Se você não é casado,
Quer, padre, casar comigo?

(A.)

8793 O' senhor padre Paulino,
Venha-me falar á grade,
Que me quero despedir
De vossa paternidade.

(A.)

8794 —O' senhor padre Paulino,
Diga lá como se chama?
—Chamo-me padre Paulino,
Filho d'uma castelhana.

(A.)

8795 'Strellas do ceo vinde abaixo.
Vinde jurar a verdade,
Se me *vistens* algum dia
Com as freirinhas á grade:

(B. B.)

8796 Menina, não desconfie,
Que sempre é bom saber ler,
Inda que eu vista batina,
Padre nunca eu hei de ser.

(A.)

8797 O meu amor é um padre,
Padre a quem eu quero tanto!
Hei de ir a pé a Roma,
Pedil-o o Padre Santo.

(A.)

8798 Tomei amor's com um padre,
Ai Jesus, que me perdi!
O padre não ama a Deus,
Como me ha de amar a mim!

(B. A.)

8799 Tomei amor's com um padre,
Nunca melhor cousa fiz,
Logo me fez uma saia
Da sua sobrepelliz.

(T. M.)

8800 Tomei amor's com um padre,
Nunca melhor coisa fiz,
Quando não tenho camisa
Visto a sobrepelliz.

(A.)

8801 O padre, quando namora,
Pisc'ó olho e vae andando,
Elle é bem como o peixe,
Que anda no mar nadando.

(A.)

8802 O padre, quando namora.
Logo põe a mão na c'róa:
Namora, padre, namora,
Que Roma tudo perdôa.

(A.)

8803 Dizem que é grande peccado
Namorar a quem tem c'róa:
Namora, padre, namora,
Que o Padre Santo perdôa.

(A.)

8804 Não ha padre que *nam* seja
Amigo de namorar,
E' desforra que lhe tiram
P'r'os *nam* deixarem casar.

(A.)

8805 Namora, padre, namora,
Namora e tens namorado,
Namora essa tua linda
Pelo cabelo entrançado.

(A.)

8806 Menina, se fôr's á missa,
Põe-te para o pé do côro,
Que o padre é muito ratão,
Tambem busca o seu namoro.

(A.)

8807 Menina, se fôr á missa,
Colloque-se ao pé do altar,
Que o padre é muito gaiato,
Não a queira namorar.

(A.)

8808 Todos os padres de missa
Aos infernos são chamados.
Inda elles têm mais filhos
Que os homens que são casados!

(A.)

8809 Todos os padres de missa
Ao inferno são chamados.
Querem ter a liberdade
Que têm os homens casados.

(B. A.)

8810 Padre cura foi ós ovos,
Por ter a mulher parida.
Alegra-te, padre cura,
Que tens uma rapariga.

(A.)

8811 Que passarinho é aquelle
Que canta na ramalheira:
É' o gallo do abbade,
Que fugiu da capoeira.

(D.)

8812 Compadre, a comadre amassa,
Compadre, conta-lhe o pão,
Que faz bollinhos ó padre,
Broinhas ó sacristão.

(A.)

8813 Meu pae era sacristão,
Fazia certas medidas,
Comia azeite com pão,
Punha os santos ás escuras.

(A.)

5) Commercio

8814 Tendes collete de linho,
E sainha de rigor,
Andaes vós muito asseada,
Devido ao mercador.

(D.)

8815 Meu senhor do chapéu branco,
Por amor de Deus m'ó venda,
Eu casei com um tendeiro,
Não tenho que pôr na tenda.

(M.)

8816 O' bella rua dos Arcos,
No meio tens um banquinho:
'Ma menina d'esta rua
Namora um caixeirinho.

(A.)

8817 O Antonio da vizinha
Morre por ser o meu bem,
E eu morro por ser caixeira
D'uma loja que elle tem.

(E.)

8818 Agora é que eu vou ter,
Casaquinha de velludo!
O meu amor é caixeiro,
E a gaveta dá p'ra tudo.

(A.)

- 8819 O meu amor é caixeiro,
Está vendendo ao balcão,
Tem 'inas poucas raparigas,
A todas dá attenção.
(A.)
- 8820 O meu amor é caixeiro,
Passa a vida *ó* balcão,
Só nos domingos á tarde
Pede licença *ó* patrão.
(A.)
- 8821 O meu amor é caixeiro,
Tem litas para me dar,
Vale mais que quem não tem
Nem dinheiro p'r'ás comprar.
(A.)
- 8822 Maria da tenda nova,
Quando está medindo o vinho,
Tambem dá *ós* seus freguezes
Um abraço e um beijinho.
(A.)
- 8823 Maria da tenda nova,
Morres por ser minha dama,
Eu morro por ser caixeiro
Dos lençoes da tua cama.
(D.)
- 8824 O meu vizinho vendeiro,
Que *mexurdia* que elle faz!
Ó vinho feito por elle
E' composto d'agua raz!
(A.)

6) Estudantes

8825 Adeus, ó lindo estudante,
Não 'squeças o meu amor,
A tua capa esfarrapada
Esconde o jardim das flores

(D.)

8826 O' minha mãe, não me mande,
A vender pão á cidade,
Que dizem os estudantes:
—Que padeirinha tão grave!

(D.)

8827 O' minha mãe, não me mande
A' cidade vender pão,
Que dizem os estudantes:
—Padeirinha tem feição.

(D.)

8828 Quem ama um estudante
Faz dois peccados mortaes:
Rouba-lhe o tempo ao estudo,
Rouba o dinheiro aos pais.

(T. M.)

8829 O' cidade de Coimbra,
Que fazes aos estudantes?
São de casa uns santinhos,
Veem de lá uns tratantes!

(A.)

- 8830 O amor dos estudantes
Não dura mais que uma hora.
Toca o sino, vão p'r'ás aulas,
Vem as férias, vão-se embora.
(D.)
- 8831 Já te não quero nem ver,
Nem para ti mais olhar!
'Stavas *honte* á porta ferrea
C'um estudante a conversar!
(D.)
- 8832 Estudantes de Coimbra
Andam sempre sem dinheiro,
Inda devem meias solas
Ao vizinho sapateiro.
(D.)
- 8833 Estudantes de Coimbra
Andam sempre sem dinheiro,
Vão-se embora para férias,
Não pagam ao sapateiro.
(D.)
- 8834 O amor de um estudante
Captivou meu coração,
Um joven de capa e gorro
E' a minha perdição.
(D.)
- 8835 O estudante quando chega
A' porta d'uma pousada,
Logo faz esta pergunta:
Se é bonita a criada.
(D.)

8836 O estudante quando chega
A' porta d'uma botica.
Logo faz esta pergunta:
Se a criada é bonita.

(D.)

8837 Tudo agora são amores
A' roda de mim, no caes.
É mal se apanham doutores,
Fogem e não voltam mais!

(D.)

8838 Estudantes, todos, todos,
São uns grandes maganões,
Que enganam as raparigas
Roubando-lhe os corações.

(A.)

8839 O coração do estudante
E' bem como a marmelada,
Se por fóra cria côdea,
Por dentro não sente nada.

(A.)

8840 A capa dos estudantes,
Mais leve que a viração,
Tapa-lhe a chuva d'inverno,
E guarda-os do sol no v'irão.

(D.)

8841 O meu amor é estudante,
Anda a apprender o latim.
Se elle se chega a formar
Não tenham pena de mim.

(D.)

- 8842 Se Coimbra fosse minha
Como é dos estudantes,
Mandava-lhe pôr no meio
Um raminho de brilhantes.
(D.)
- 8843 O meu amor é estudante,
'Studa agora medicina,
Quando passa para a aula
Sempre diz: adeus, menina.
(D.)
- 8844 O meu amor é estudante,
Quintanista em direito,
Quando vae para a aula
Parece um amor perfeito.
(T. M.)
- 8845 O inferno não foi feito
P'ra as lavadeiras do rio,
Foi feito para estudantes,
Que até no andar têm brio.
(T. M.)
- 8846 Já não ha quem queira dar
Uma filha ao seu amor,
Todos as querem casar,
De carrinho, c'um doutor.
(D.)
- 8847 Semei no meu quintal
O brio dos estudantes,
Nasceu-me uma parreirinha,
Cercada de diamantes
(D.)

8848 Todo o seu é elegante,
Sua voz muito engraçada,
Um joven de capa e gorro
Traz minh'alma apaixonada.

(D.)

8849 Já fui 'studante em Coimbra,
Já rompi bellas baêtas,
Assim que vi os teus olhos
Eu perdi as minhas lettras.

(D.)

8850 Não quero amor estudante,
Que anda sempre a passear,
Ou na Alta, ou na Baixa,
Ou no bilhar a jogar.

(D.)

8851 Cantigas ao desafio
Commigo ninguem as caute,
Que tenho quem m'as ensine,
O meu amor é estudante.

(D.)

8852 O meu amor é estudante,
Em Coimbra tem cadeira,
Elle é desembargador
E eu sou *desembargadeira*.

(D.)

8853 Adeus capas, adeus gorros,
Adeus livros, tudo emfim,
Adeus ó bella Coimbra,
Saudades levo de ti!

(D.)

- 8854 Estudante, deixa os livros,
Vae passear ao jardim,
Val' mais uma hora d'amor,
Do que duas de latim.
(A.)
- 8855 Fui a Coimbra aos estudos,
Caem-me os livros no caes;
Cuidei que me esquecias.
Cada vez me lembrias mais.
(M.)
- 8856 Fui a Coimbra aos estudos,
Apprendi lição de amar,
Apenas vi os teus olhos
Esqueci-me de estudar.
(M.)
- 8857 Fui a Coimbra aos estudos
Com tenção de me formar,
Logo que os teus olhos vi,
Nunca mais pude estudar.
(A.)
- 8858 Tendes garganta de neve,
Nella se póde escrever,
Quem me fôra estudantinho,
Que nella aprendera a ler!
(M.)
- 8859 O' Coimbra, ó Coimbra,
O' Coimbra roubadoura!
Se não fossem os estudantes,
Perca vae melhor te fôra
(A.)

8860 O' 'studante deixa as moças,
Não as queiras enganar,
Se não quer's levar *rapósa*.
Bem podes ir estudar.

(D.)

8861 A capa dos estudantes
E' um jardim de *felores*,
Toda cheia de remendos,
Cada um de varias côres.

(D.)

8862 Estudantes de Coimbra
São parvos, teem pancada,
Trazem as capas forradas
Co'a folha d'uma latada.

(E.)

8863 A belleza do estudante
E' tal que por ella morro,
Gorro e capa, capa e livro,
Livro e capa, capa e gorro.

(D.)

8864 Silva verde diz que prende,
Inda a secca prende mais;
Quem se fiar em 'studantes,
Sempre fica dando ais.

(T. M.)

8865 Quem me dera já cá maio
É o mez que vem atraz,
E' o mez dos estudantes.
Ha de vir o meu rapaz

(B. B.)

8866 Quem me dera já cá Março,
É o mez que vem ao pé,
E' o mez dos estudantes,
Ha de vir o meu José.

(B. B.)

8867 —Adeus amor, adeus 'studante,
Adeus fatos remendados.
—Adeus donzellas vaidosas,
Corações apaixonados.

(D.)

8868 Eu sou o Jayme,
Fresco e peralta,
Namoro as sopeiras
Todas da Alta.

(D.)

8869 Eu sou o Jayme
D'Arco d'Almedina,
Vou para a Figueira
De capa e batina.

(D.)

8870 Eu sou o Jayme,
Cheio de rosas,
Conquistador
Das pequenas formosas

(D.)

8871 Eu sou o Jayme,
Cheio de fitas,
Namorador
Das pequenas bonitas.

(D.)

7) Exercito e marinha

8872 A moça para ser sécia
Deve ter quarenta amantes.
Dez tenentes, dez alferes.
Dez frades, dez estudantes.

(A.)

8873 Toda a mulher que é bonita
Deve ter oito amantes,
Dois generaes, dois alferes,
Dois padres, dois estudantes.

(A.)

8874 Quando eu fui á inspecção.
Que puz o pé no civil,
Ouvi dizer *ó surgião*:
D'estes tomara cá mil.

(A.)

8875 Quero cantar e bailar,
Quero regalar a vida,
Que não vou para soldado.
Que não chego á medida.

(E.)

8876 Eu fui asseutar praça,
Já despachei os papeis;
Cantadores como tu,
Levo eu aos pontapés.

(A.)

8877 O meu amor pequenino,
Que nem chega á craveira,
Se elle não casar comigo,
Prometto morrer solteira.

(A.)

8878 Queres, amor, que te cante
Pescacios da minha vida?
Fui preso para soldado,
Mas não cheguei á medida.

(A.)

8879 Eu bem sei que andas na lista,
Eu bem sei que andas listando,
Eu bem sei que andas no goso,
Eu bem sei que andas gosando.

(A.)

8880 Meu amor anda na lista,
Meu amor anda a listar,
Meu amor anda no goso,
Meu amor anda a gosar.

(A.)

8881 Se a liberdade das sortes
'Stivesse na minha mão,
Não ias a ser soldado,
Amor do meu coração.

(A.)

8882 O meu rapaz mais o teu
Professam grande amizade:
Nas sortes cahiram juntos
E lá vão em sociedade

(A.)

8883 A trança do meu cabelo
Hei de mandal-a vender
Para livrar meu amor,
Soldado não ha de ser.

(D.)

8884 Eu hei de me ir assentar
A' porta da inspecção,
Para ver se o meu amor
Vae para soldado, ou não.

(A.)

8885 Mais me valia morrer,
Dar meu corpo á sepultura,
Que ver o meu bem soldado,
Com correias á cintura.

(A.)

8886 Ai Jesus, que estou na *listra*,
Jesus, que estou *alistrado*,
Bem poderas tu, menina,
Livrar-me de eu ser soldado!

(A.)

8887 Menina, que está á janella,
Deite o cabelo p'ra a rua:
Levam-me para soldado,
Quero levar prenda sua

(B. B.)

8888 Menina, que está á janella,
Deite o seu cabelo á rua,
Que já d'aqui me não vou
Sem levar 'ma prenda sua.

(A.)

8889 Menina, que estás lá dentro,
Deita cabelos á rua,
Quando me fôr d'esta terra
Quero levar prenda tua.

(T. M.)

8890 No dia cinco de março
Perdi a minha alegria,
Fizeram-me sentar praça
No 4 d'infanteria.

(A.)

8891 A's moças da minha terra
Devo-lhe muito obrigado,
Ellas em me vendo vir:
Bello moço p'ra soldado!

(A.)

8892 — 'Stou repêso de mim mesmo,
De ter minha praça assente.
— Servir o estado é nobreza,
Quem o serve é boa gente.

(A.)

8893 Meu amor assentou praça
Por seiscentos mil réis,
Para agora me comprar
Chale. manta e *cachinê*.

(A.)

8894 O' Beja, terrivel Beja,
Terra da minha desgraça,
Davam quatro horas da tarde
Quando me assentaram praça!

(A.)

8895 Adeua, ó castell' d'Abrantes.
Quem te vira derrubado!
Por causa de ti, castello.
E' o meu amor soldado.

(E.)

8896 O' castello, ó castello.
Quem te vira derrubado!
Por amor de ti, castello,
Foi meu amor degradado!

(A.)

8897 O' castello, ó castello,
Quem te vira já no chão!
Por amor de ti, castello,
'Stá o meu bem na prisão!

(A.)

8898 Naquelle castell' d'Abrantes
Muito custa ser soldado!
Encostado a uma cana
Muito frio tenho passado!

(E.)

8899 Eu fui o que assentei praça
Na real tropa do amor.
Jurei ás leaes bandeiras
De nunca ser desertor,

(A.)

8900 Torradinhas com manteiga,
For cima café, café,
Os soldados não são homens
Senão no dia do pret.

(A.)

8901 Fui-me á praça da Figueira
A comprar uma gallinha,
Dentro do papo lhe achei
Um soldado da marinha.

(A.)

8902 O meu bem é soldado,
Deus o chegue a general,
P'ra eu ter á minha porta
Uma guarda principal.

(A)

8903 Rapariga tola, tola,
Olha o que foste fazer!
Foste casar c'um soldado.
Melhor te fora morrer!

(D.)

8904 Sou soldadinho novo,
Ha pouco que assentei praça,
Sentei praça em teu peito,
Assisto na tua graça

(A.)

8905 Sou soldado, assentei praça
Na gentil tropa d'amor,
Prometti jurar bandeiras,
Nunca serei desertor.

(E.)

8906 O meu amor é soldado,
Serve a el-rei por nobreza,
Atira com balas d'ouro,
Que as de prata é baixaza.

(E.)

8907 Esta noite vou de ronda,
Menina, chegue á janella,
Venha ver a triste vida
Que um pobre soldado leva.

(E.)

8908 Eu fui amada d'um conde,
Querida d'um general,
Agora sou d'um soldado,
Olhem que baixa vim dar!

(A.)

8909 Já fui amada d'um rei
E q'rida d'um general,
Hoje sou d'um capitão,
Olha a baixa que vim dar!

(T. M.)

8910 Tomei amor's c' um soldado,
E nelle empregnei meu brio,
De dia á espera do rancho,
A' noite a tremer com frio.

(E.)

8911 Quem tem o amor soldado
Pensa que tem algum duque,
Tem um bolo *da derréis*,
C'uma pedrinha *d'assucre*.

A.)

8912 O meu amor é soldado,
Não o hei de eu livrar:
Servir o rei é nobreza,
Meu amor, deixa-te andar.

(D.)

- 8913 Sou soldado, sirvo o rei,
Tambem sirvo a rainha,
Tambem faço sentinella
A' sua porta, menina.
(A.)
- 8914 Quero dar a meia volta,
Meia volta quero dar,
Tambem os soldados marcham:
A' direita perfilar!
(A.)
- 8915 Todo o soldado que é pobre
E tem a mulher feia,
Qualquer coisa que faça:
Calaboiço, ou cadeia!
(A.)
- 8916 Não posso ajuntar dinheiro
P'ra comprar um *cachinê*;
Quem tem o amor soldado
Tem a desgraça ao pé.
(A.)
- 8917 O meu amor é soldado,
Não tenho desprezo nisso:
Muitos condes e marquezes
Fazem o real serviço.
(A.)
- 8918 O meu amor é soldado,
E' soldado porque eu quero.
Mette guarda no meu peito.
Vae rendel-a ao Castello.
(A.)

8919 Além vem o soldadinho,
E ella fica no ar
A bradar por seu marido.
Um valente militar.

(A.)

8920 Soldados á guerra, á guerra,
'Studantes, ó 'studo, ó 'studo.
Com' pód' el-rei sustentar
Tanto vadio no mundo!

(A.)

8921 Já não ha quem queira dar
Uma filha a um soldado,
Pensando que lhe ha de vir
Das ilhas algum morgado.

(A.)

8922 Estes soldados d'agora
Teem grande fantasia,
Quando vão para o quartel,
Vão logo p'r'á companhia.

(A.)

8923 Os moços d'artilharia,
Todos postos em fileira,
São como botões de rosa
Colhidinhos da roseira.

(A.)

8924 Viva quem toca a viola,
Quem repenica o pandeiro,
Viva quem ha de morrer
Nos braços d'um artilheiro!

(A.)

8925 Tenho uma cama de ferro, -
Em cima um travesseiro;
Anda agora muita em moda
Namorar um artilheiro.

(A.)

8926 Meu amor é artilheiro,
Artilheiro é que eu o q'ria,
Vale mais um artilheiro
Que trinta d'infanteria.

(A.)

8927 Não quero que vás á missa
A S. Domingos, de dia,
Não quero que vás amar
Os moços d'artilharia.

(A.)

8928 O meu amor é soldado
Da primeira bateria,
São os olhos mais bonitos
Que tem a artilharia.

(A.)

8929 Sou soldado de a cavallo,
A' porta da villa entrei,
Fui me rua d'reita abaixo,
Nem para o convento olhei.

(A.)

8930 Os soldados de a cavallo
Todos tem as pernas tortas,
Coitados dos sapateiros
Que *lh'andem* fazer as botas.

(A.)

8931 Sou soldado de dragão,
De bigode retorcido,
Onde quer que deito a mão
Fica o cragão conhecido.

(A.)

8932 Na parada de Lanceiros
'Stá uma porta de vidro,
Antes que queira, não posso
Tirar de lá meu sentido.

(A.)

8933 Os soldados de a cavallo
São os espelhos do rei,
Coitadinhos dos infantes,
Não teem por si ninguem!

(A.)

8934 Adeus ó Villa d'Abrantes,
Onde estão os caçadores,
Muitos musicos da banda
Teem lá os seus amores.

(E.)

8935 Viva o 2, e viva o 3,
E o 4 d'infanteria,
Viva tambem 'ma brigada
Do 2 d'artilharia.

(A.)

8936 No quartel d'infanteria
'Stão bandeiras amarellas
P'ra prenderem raparigas,
Essas que forem donzellas.

(A.)

8937 Já o 4 não val' nada,
O 17 um vin'tem,
Artilharia val' tudo,
P'los bellos moços que tem.

(A.)

8938 O' 4 d' infantaria.
Manda para cá dizer,
Se o amor que eu lá deixei
Inda o tornarei a ver.

(A.)

8939 O meu amor é do 4.
E' do 4, tu não és,
São os olhos mais galantes
Que vão á missa das dez.

(A.)

8940 O meu amor é do 4.
Do 4 d' infantaria,
São os olhos mais galantes
Que vão á missa do dia.

(A.)

8941 Meu amor é aspirante
Da setima companhia.
Não ha quem o iguale
No 4 e artilharia.

(A.)

8942 O meu amor 'stá de guarda.
'Stá de guarda á Vedoria,
São os olhos mais galantes
Que tem a infantaria.

(A.)

- 8943 A minha praça é em Beja,
O meu regimento o onze;
Inda espero de abrandar
O teu coração de bronze.
(A.)
- 8944 Atira, caçador, atira,
Atira lá baixo á parada,
Como são galuchos novos
Atiram e não matam nada.
(A.)
- 8945 Adeus ó forte da Graça,
O' bello real convento,
Bella parada do 4,
Onde fórma o regimento.
(A.)
- 8946 Sou soldado, sou soldado,
Sou soldado porque eu quero.
Sou soldado do 14,
Trago canhão amarello.
(D.)
- 8947 Regimento 17,
Quando está formado em linha.
E' regimento mais lindo
Que tem a nossa rainha.
(A.)
- 8948 O jardim municipal
No meio tem um coreto
Onde tóca o meu amor
Domingos e dias santos.
(A.)

8949 O' senhor cabo de esquadra
Com divisas amarellas,
Das dez para as onze horas
Vá render as sentinellas.

(A.)

8950 Esta noite sae a ronda,
Quem será o rondador?
O cabo é meu irmão,
O sargento é meu amor.

(A.)

8951 Esta noite sae a ronda,
Quem serão os rondadores...
É' Manoel e Antonio,
Maria com seus amores.

(T. M.)

8952 Adeus cidade de Coimbra,
Adeus largo dos quarteis,
Adeus meninas bonitas,
Perdição dos furrieis.

(D.)

8953 Toda a mãe que tem 'ma filha,
Ai, bem a póde casar,
Casal-a c'um sargentinho,
P'ra luvas, chapéo usar.

(A.)

8954 Meu amor é militar
De pequena graduação,
Nem alferes, nem tenente,
Muito menos capitão.

(A.)

8955 Não quero amor militar,
Não quero militar, não,
Pois não quero á minha porta
Recados do capitão.

(A.)

8956 A minha amada *nam* quer
Que *ê* seja do batalhão,
Que *nam* quer ouvir á porta
Recados do capitão.

(A.)

8957 Atraz das tuas pégadas
Meus olhos chorando vão,
Como o soldado na guerra
Atraz do seu capitão

(D.)

8958 Todo o soldado que é pobre
E tem a mulher bonita,
Vae o capitão a casa
Fazer-lhe a sua visita.

(A.)

8959 D'onde vens de banda á cinta,
Patente de capitão?
O' meu bem vem sentar praça
No meu leal coração.

(A.)

8960 Não quero amor soldado,
Nem cabo, nem furriel,
Que não quero á minha porta
Recados do coronel.

(D.)

8961 Não quero amor soldado,
Nem cabo, nem furriel,
Não quero que a minha porta
Seja porta de quartel.

(A.)

8962 O meu amor não é este,
O meu tem chapéu armado,
Andam á pergunta d'elle
P'ra lhe dar com um cajado.

(A.)

8963 D'onde vens de banda á cinta,
Patente de general,
O meu bem vem sentar praça
No meu coração leal.

(A.)

8964 Minha sogra tem um filho
Que parece um general,
Minha mãe me tem a mim
Rainha de Portugal.

(A.)

8965 Eu já fui pobre pedinte,
Fui coisa que nada vale,
Sentei praça, segui postos,
Hoje então sou general.

(A.)

8966 Venha cá, ó minha mãe,
Venha cá baixo ao quintal,
Venha ver a vossa filha
Fallando c' um *genaral*.

(D.)

8967 O amor de militar! . . .
De todos o mais infiel!
Regulam todos p'la mesma.
Desde o soldado ao cor'nel.

(A.)

8968 O amor de militar
Não dura mais que uma hora,
Logo que tocam as câmbas:
Adeus, que me vou embora.

(A.)

8969 O azul é cor do céu,
Coisa que o militar tem:
O' ditoso militar,
Que até o céu lhe quer bem!

(A.)

8970 O meu amor é dos nobres.
Eu dos nobres o busquei,
Não pôde ter mais nobreza
Que ser vassallo do rei.

(A.)

8971 Esta raça dos artistas,
Só ouvil-os dá fastio!
Lá veem os militares,
Esses é que teem brio.

(A.)

8972 Annica, se quer's usar
Sapatinhos de velludo,
Toma amor's com militar.
Que el-rei dá para tudo.

(A.)

- 8973 O primeiro amor que tenha
Ha de ser com militar,
Só para poder dizer:
Alto! frente! perfilar!
(A.)
- 8974 Anda morta por saber
Quem é o meu *tale tale*,
São dos tres, que além veem,
O vestido á militar.
(A.)
- 8975 Andas morta por saber
Quem é o meu *talo talo*,
É' um rapaz trigueirinho,
Vestido de azul *quelaro*.
(A.)
- 8976 Andas morta por saber
Quem será o meu amor:
Vae ao largo de S. Paulo,
Ao 8 de caçadores.
(A.)
- 8977 Andas morta por saber
Quem é o meu *galkobano*,
É' um rapaz *quelarinho*,
Todo vestido de pano.
(A.)
- 8978 Andas morta por saber
Por quem toda me desvelo,
É' um rapaz vermelhinho,
Vestidinho d'amarello.
(A.)

- 8979 Andas morta por saber
Quem é o meu ramallete,
É' um moço trigueirinho,
Vestido d'azul ferrete.
(A.)
- 8980 Com um pão de munição
Que el-rei de Hespanha me dá,
Aqui 'stou eu toda a noite:
Sentinella álerta está!
(A.)
- 8981 Sentinella, brada ás armas,
Que lá vem o *commandante*,
Corneta, toca a reunir,
Fórma a guarda de repente.
(T. M.)
- 8982 Sentinella, chama ás armas,
Que lá vem o *commandante*,
Corneta, toca a sargentos,
Fórma a força num instante.
(D.)
- 8983 Fui um dia a passear
A's portas de S. Vicente.
A sentinella me disse:
A menina vae contente?
(A.)
- 8984 Ai de mim, que eu já *nam* posso,
Mê amor, falar contigo!
Prantam-me guardas á porta,
Sentinellas ó *hostigo*.
(A.)

- 8985 Debaixo d'agua navega
Retroz de *caramuzim*;
Tu nasceste para o rei,
E elle nasceu p'ra mim.
(D.)
- 8986 Viva o vermelho, que é guerra,
Viva o militar do rei!
Vivam os primeiros olhos
Que neste mundo amei!
(T. M.)
- 8987 Eu entrei pelas Hespanhas
A guerrear castelhanos,
Com um exercito de velhas,
Todas de quatorze annos.
(A.)
- 8988 Onde vaes, macarronete,
A brigar c'o *trimbólim*?
Se fóres morrer á guerra,
Não morres por 'môr de mim.
(A.)
- 8989 Vejo a guerra em augmento,
Não sei se marche, se não,
Quem soffre este apartamento
É's tu, no teu coração.
(A.)
- 8990 Serviço que manda el-rei,
Todos os soldados vão,
Desde a fachina ao piquete,
Desde o reforço ao plantão.
(A.)

8991 O meu amor não é este.
Não é este, não o quero.
O meu tem canhão azul,
Este tem-no amarello.

(A.)

8992 Adeus, cidade de Beja.
Adeus, quartel dos soldados
Onde vão as rapanigas
Chorar pelos namorados.

(A.)

8993 Quem me dera em Bragança.
Das muralhas para dentro,
Para ver o meu amor
Formando no regimento.

(T. M.)

8994 Já fui torre em te vêr.
Guarita em te avistar,
Castello em te vencer,
Praça fechada em te amar.

(A.)

8995 Adeus, ó Trem da prisão.
Mais da bella sociedade.
Adeus, quinta do Vedor
E muralhas da cidade.

(A.)

8996 O' Anna, ó minha Anna,
O' minha cara redonda!
Anda ver o teu amor,
Que elle aqui vae na ronda.

(B. A.)

8997 **Vá de roda, vá de roda,
Vá de roda, vá valido;
Que eu sou soldado d'Angola,
Das moças sou conhecido.**

(A.)

8998 **Quem quer canta, quem quer baja,
Depois do barulho armado,
Quem quer vence uma batalha
Com armas de outro soldado.**

(A.)

8999 **Se algum dia me vir livre,
Aos meus amigos direi:
Não ha coisa que mais custe
Que são as armas do rei.**

(A)

9000 **Eu já fui ao teu jardim,
Eu já fui teu jardineiro:
Já servi o rei de graça,
Agora nem por dinheiro.**

(A)

9001 **Maria, vamos embora,
Que aqui não ha que fazer.
Estão achegando as horas
De tocar a reco'her.**

(D.)

9002 **A vida do marinheiro,
E' uma verdade pura,
Anda sempre a trabalhar
Em cima da sepultura!**

(A.)

9003 Tu dizes que não ha rosas
Lá no Rio de Janeiro,
Ainda hontem tirei uma
Do peito d'um marinheiro.

(A.)

9004 Ailé,
Lá baixo á parada,
Prendem meu amor
Com fita encarnada.

(A.)

9005 Ailé,
Lá baixo ao Portão,
Prendem meu amor
C'um grande cordão.

(A.)

9006 Ailé,
Tropa, vira ao lado,
Castigo ao paizano,
Que eu já sou soldado.

(A.)

9007 Ailé,
Tropa ao lado virou,
Castigo ao paizano,
Que eu soldado sou.

(A.)

9008 Quem brilha em Elvas
São os artilheiros,
Em Villa Boim
São os sapateiros.

(A.)

- 9009 Ailé,
Soldados infantes,
Queiram de acavallo,
Que são mais galantes. (A.)
- 9010 Muralhas da cidade,
5 d'artilharia,
8 de caçadores,
4 d'infanteria. (A.)
- 9011 Lá cima ao Castello
Estão os caçadores,
Diga-me, ó menina,
Se já tem amores. (A.)
- 9012 O meu bem amado
E' um anspeçada,
E' o melhor moço
Que vae á parada. (A.)
- 9013 Cabos e sargentos
Não valem *dérréis*,
Agora quem brilha
São os furrieis. (A.)
- 9014 O meu bem amado
E' um furriel,
E' o melhor moço
Que vai ao quartel. (A.)

9015 Se me levam preso,
Não é por ladrões
Por faltar ás ordens
Do meu capitão.

(A.)

9016 Se eu soubera ler,
Como sei cantar,
Lá na minha terra
Era general.

(A.)

9017 Já numero 5,
Divisão do sul,
Canhão encarnado,
Tem a gola azul.

(A.)

9018 Já numero 3,
Divisão do centro,
Quem me dera ver
O teu regimento!

(A.)

9019 Ailé,
Viv'ó encarnado,
Que é o fardamento
Do meu bem amado

(A.)

9020 Já não ha quem queira
Ganhar um pataco
Por levar uma carta
Ao quartel do 4.

(A.)

9021 Já não ha quem queira
Ganhar um vintem,
Por levar 'ma carta
Ao largo do Trem.

(A.)

9022 Já lá vae Manoel
P'r'ó Trem trabalhar,
Cá ficou Maria
Por elle a chorar.

(A.)

9023 Ailé,
No largo do Trem,
E' alli mesmo
Que tenho o meu bem.

(A.)

9024 Rua dos Chilões
Vae ter á muralha;
Nossos corações
Andam em batalha.

(A.)

9025 Ailé,
No forte do Duque
Bebi café
Sem ter *assucre*.

(A.)

9026 Ailé,
No forte do Conde
Vi o meu amor,
Não me lembra *adonde*.

(A.)

9027 Meu bem,
Lá cima d' Castello,
Perdi um sapato,
Achei um chinelo.

(A.)

9028 Toca á retreta,
Deixa-a tocar,
Meninas bonitas
São p'r'ós militares.

(A.)



8) Industria

- 9029 Eu defronte e vós á vista,
Nem eu falo, nem tu dizes,
Pareces um caçador
A' espreita das perdizes. (A.)
- 9030 Aponta, caçador, aponta,
A' pontinha do caniço,
Oh ladrão que me mataste,
Que ella era o meu derrigo! (A.)
- 9031 Se ouvires assobiar
Não cuides que é caçador,
E' a moda que anda agora
De assobiar ao amor. (A.)
- 9032 O ladrão do machinista
Por onde leva o vapor!
Leva-o por fóra da linha,
Lá me mata o meu amor! (A.)
- 9033 No tempo em que era amante,
Muitas vezes não dormia,
Dava passos de marchante.
Em vez de ganhar, perdia. (A.)

9034 Antoninho, meu amor,
E's filho da moleirinha,
Mal empregado rapas
Andar ao pó da farinha!

(E.)

9035 Já furtaram ao moleiro
A sua filha Isabel,
Cuidando que era o cortiço
Que estava cheio de mel.

(A.)

9036 Minha mãe é padoeirinha,
Quando coze faz um bolo,
Quando ella se arrerega
Dá-me com a pé do forno.

(D.)

9037 O' meu amor, vae e vem,
Não te *delates* na praça,
Quem conversa com padadeiras
Mollete come de graça.

(D.)

9038 Minha avó era padeira,
Vendia o pão a vintem,
Agora vende uma aneira,
Nem pão, nem dinheiro tem.

(A.)

9039 A mãe era pobrezinha,
O pae era pescador,
A filha ficava em casa
A falar c'o seu amor.

(A.)

UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES

9040 Cada vez que eu vou e venho
Dou um vintem ao barqueiro,
Para que saibas, ingrata,
Se o amor custa dinheiro.

(A.)

9041 O meu amor é do mar,
E' do mar, é navegante,
Quando vae pegar na vela
Pésca um diamante.

(D.)

9042 Dizeis que viva Oleiros,
Viva tambem Remião,
Viva a companhia da Chupa,
O arraes e o escrivão.

(D.)

9043 Menina, se quer saber
Como se ganha o dinheiro,
Deite cordas ao navio,
Que eu serei seu marinheiro

(A.)

9044 O' Antonio, vae p'rá barca,
Joaquina, vae para o caes,
Não faleis p'lo caminho,
Chegando á ponte falaes.

(D.)

9045 O Antonio marujo
Foi da praia ó Salgado,
Deitou a bocca ao vinho,
Ai Jesus, ficou tombado!

(E.)

9046 O' vareiro, ó vareiro,
Eu gosto de vareirar,
Quem me quer ver contente,
Vareira me ha de chamar.

(D.)

9047 Se eu quizer tomar amores
Ha de ser c'uma vareira,
Traz o pé callejado
De passear a Bandeira.

(D.)

9048 O' rapaz, tu és d'Ovar,
O' rapaz, tu és vareiro,
Tu tens olhos de sardinha,
Rapaz, tu és sardinheiro.

(D.)

9049 Minha mãe mora nos banhos,
Eu sou filha de banheira;
Não me puxes por cantigas,
Que já não sou cantadeira.

(D.)

9050 Os marinheiros são mátulas,
Marinheiros mátulas são,
Aonde chega o vareiro
Tem toda a acceitação.

(D.)

9051 Traz o chapéu á vareira,
Que eu também sou vareirinha,
O' rapaz, casa comigo,
Que eu sou bem arranjadinha.

(D.)

- 9052 Sou peixeira da Foz,
Peixe sei apregoar,
Lá me verão ao domingo
Como é o meu trajar.
(D.)
- 9053 Senhor, que remedio daes
A um barco alagado?
Tirar os pregos do fundo
E deixar o taboado.
(D.)
- 9054 Além Douro, além Douro,
Alegre senhor arracs,
Eu sou leve, peso pouco,
Peso duzentos quintaes.
(D.)
- 9055 Adeus, fabrica das rothas,
Rolheiras e quadradores,
Adeus, ó Mauricio Nobre,
Que fostes os meus amores.
(A.)
- 9056 Lá as meninas rolheiras
Não comem senão farelos,
Todo o dinheiro que ganham
E' p'ra lenços amarellos.
(A.)



9) Maltezes e contrabandistas

9057 Sou maltez amaltezado,
Ando por terras alheias,
Trago o sangue alevantado,
O meu gosto são *garreias*.

(A.)

9058 Sou maltez examinado,
Já estive no *Limôtro*,
Dêvo ó meu bem amado
O não estar *prisionêro*.

(A.)

9059 Lá dizem os *inguelezes*,
Acredite, que é verdade:
Quem dá filhas a maltezes
Tem-lhes bem pouca amizade.

(A.)

9060 Tratar bem é meu empenho,
Para todos sou cortêz,
Quem me vir aqui estranho,
Não me julgue eu ser maltez.

(A.)

9061 Chovam raios de toucinho,
Centelhas de queijo molle,
Venham quartilhos de vinho,
Que este maltez tudo engole.

(A.)

9062 Eu sou maltez de cabana,
Tenho a roupa no Falcato,
Sou parvo, qualquer me engana,
Dou tres a quem me dá quatro.

(A.)

9063 Os gatunos e os brejeiros,
Os maltezes e os velhacos
São capazes de ir roubar
O Brazil aos macacos.

(A.)

9064 Eu sou maltez de casola,
Commigo ninguem se metta,
Tenho chapeu á hespanhola,
Com vinte uma agulheta.

(A.)

9065 Por me vêr de pau e manta,
Não me julgue algum maltez,
Té hoje a maldita enxada
Callos na mão não me fez.

(A.)

9066 Trazes chapeu á rebimba,
Anda tudo rebimbado,
Andas á contrabandista,
Trazes o mundo enganado.

(A.)

9067 Contrabandista valente,
Corri campinas e *vaes*,
Com guardas na minha frente
Com pistolas e punhaes.

(A.)

9068 O amor é contrabando,
Quero ser contrabandista;
Que voltas darei ao mundo
Para estar á tua vista !

(A.)

9069 O' meu amor, meu amor,
Trajas á contrabandista;
Já julgava a tua mãe
Que te comia co'a vista.

(A.)

9070 O meu bem tem olhos
A' contrabandista,
Outros tão bonitos
Não vão á revista.

(A.)



10) Serviços

9071 Menina, não se namore
De criados de servir,
Finda o anno, vão-se embora,
Menina, viste-los ir.

(D.)

9072 Toda a vida me morri
Por criados de servir,
Agora já cá o tenho,
Dos artistas me hei-de eu rir.

(A.)

9073 Eu hei de te amar á noite,
Já que de dia não posso,
De dia sirvo meu amo,
A' noite um criado vosso.

(A.)

9074 Quatro com cinco são nove,
São duas contas eguaes;
As criadas de servir
São tão boas como as mais.

(A.)

9075 Ando desde pequenina
Pelas casas a servir,
Não tenho nada de meu,
Mais que a roupa de vestir.

(A.)

9076 A criada que é janota,
Tambem usa gravatinha,
E fala com seu namoro
Da janella da cozinha.

(A.)

9077 Inda agora aqui cheguei,
Já me lá 'stão a chamar,
Sou criada de servir,
Não me posso demorar.

(A.)

9078 Vou-me embora de meu amo,
Não lhe devo nem um dia,
Inda me elle deve a mim
As noites que não dormia.

(D.)

9079 Lisboa por ser Lisboa
Tambem tem terras de pão,
Tambem tem criadas *chiques*,
Que dão beijos no patrão.

(E.)

9080 Lá na praça da Figueira
E' que se póde namorar,
As sopeirinhas bonitas,
Que hortaliças vão comprar.

(E.)

- 9081 Quatro com cinco são nove,
A conta não quer mentir;
Bem tolo é quem se mata
Por criadas de servir .
(A.)
- 9082 Meu amor me prometeu
Falar-me de madrugada,
Quem trabalha todo o dia,
A' noite está enfadada.
(A.)
- 9083 Vae-te somno, vae-te somno,
Deixa dormir a criada,
Nem a vestes, nem a calças,
Nem lhe pagas a soldada.
(A.)
- 9084 Sou criada de servir
Ando a fazer vontades,
Eu não posso assistir
A's tuas variedades.
(D.)
- 9085 Senhor padre, eu pequei
Lá no sexto mandamento,
Segurei uma criada
Para a não levar o vento.
(A.)
- 9086 Meu Senhor de Mattosinhos,
Este anno lá hei de ir,
Mas não prometto de certo,
Sou criada de servir.
(M.)

9087 Cosinheira p'ra ser boa
Anda sempre num vulcão,
Não tem bem lavado a loiça,
Já tem que estar ao fogão.

(A.)

9088 Lavadeira lava a roupa.
Lava-a bem e lava-a mal,
Bem lavada, mal lavada,
O sabão vem de Pombal.

(D.)

9089 Já morreu quem me lavava!
Minha rica lavadeira!
Quem lavava como prata
Naquelle fresca ribeira.

(A.)

9090 Toda a moça que não tem
Seu amor trabalhador,
Não é moça, não é nada,
Nem tem prenda de valor.

(A.)

9091 Chegando á segunda-feira,
Se eu o tenho, ganho-o bem;
O' meu cravo da craveira,
Queridinho do meu bem.

(A.)

9092 O' senhor apontador
Você é muito bonito,
São horas de eu arrear,
Mande tocar o *grilhito* (apito).

(D.)

9093 Ailé,
 Criadas de servir,
 Levam para as mães
 Tudo o que pode ir.

(A.)

Em respeito a esta secção, veja também os *Cantos* n.ºs 107 a 119, 162, 203, 204, 205, 207, 274, 276, 339, 356, 407, 421, 427, 451, 452, 454, 472, 622, 675, 706, 740, 754, 854, 858 a 860, 1077, 1081, 1174, 1217, 1254, 1255, 1363, 1473, 1603, 1641, 1644, 1684, 1690, 1827, 1903, 1904, 1906, 1911, 1933, 1934, 1980 a 1995, 1997, 1998, 2007, 2009, 2044 a 2046, 2048, 2108, 2107, 2112, 2122 a 2124, 2181, 2224, 2271, 2287, 2328 a 2330, 2351, 2363, 2365, 2371, 2378 a 2380, 2402 a 2405, 2408, 2409, 2460, 2515 a 2518, 2536, 2537, 2540, 2541, 2550, 2553 a 2556, 2602, 2623, 2681, 2767, 2853, 2899, 2959, 3049, 3083, 3102, 3103, 3156, 3175, 3383, 3482 a 3483, 3501, 3514, 3516, 3640 a 3642, 3686, 3712, 3734, 3766, 3986 a 3943, 3950, 3969, 3971, 3977, 4006 a 4008, 4057 a 4065 5424, 5506.



i) Cantigas jocosas e satyricas

- 9094 Quando tenho amores novos
Toda me estou regalando,
Quando passo pelos velhos
Dou-lhe um riso e vou andando.
(A.)
- 9095 Eu sou lá da Aparissa,
Baltizado em Santarem,
Sou freguez onde ouço missa,
Assisto onde me vae bem.
(A.)
- 9096 O José da Beira-Alta
Fez-me uma *rebeldaria,*
Mandei-o buscar azeite,
Mijou-me na almotolia.
(D.)
- 9097 Valha-te Deus, casacão!
Valha-te o verbo divino!
E' tamanha a escuridão,
Que c'o as mangas não atino.
(A)
- 9098 Anda agora uma modinha
De pedir a filha ao pae,
Entrar pela porta dentro:
Senhor sogro, já cá vae
(A)

9099 O' minha rosa amarella,
Toda a gente te cobiça,
Se vier's p'ra a minha mão
Tem as almas uma missa.

(A.)

9100 — Adeus, como passaste.
Maria do tirapé?
— Sou amiga de *chocolate*,
Mas gosto mais de café.

(A.)

9101 Q'ria-te levar, meu bem,
A veres a feira do gado,
Mas não darás lá contigo
Por te apertar o calçado.

(A.)

9102 Na cidade de Lisboa,
Quem é rico, passa bem;
Assim é na minha terra,
Ou noutra qualquer tambem.

(A.)

9103 Eu tenho os meus trinta réis,
Vou gastal-os no costume,
E' agua pisada a pés,
Cozida sem ser ao lume.

(A.)

9104 Eu sempre gostei bastante
De brincar com as crianças,
Comtanto que fosseem femeas,
E dessem boas esp'ranças.

(A.)

9105 Sou filhote d'Allemanha,
P'ra lá me querem levar,
O juizo me acompanha
Em quanto não variar.

(A.)

9106 Eu tive um amor côxo,
Tive *ôtro* amor *alêjado*,
Do primeiro fui querido,
P'lo segundo despresado.

(A.)

9107 Fui tocador de rabeca,
Tres annos 'stive em Angola,
Sem ter c'rôa disse missa,
Já sei falar á hespanhola.

(A)

9108 Meu amor, na tua ausencia,
Nunca puz panella ao lume,
Senão uma pequenina
Que levava meio almude.

(A.)

9109 Um careca caiu da torre,
Outro caraca o foi ver,
Outro careca lhe disse:
Tu careca queres morrer.

(A.)

9110 O meu amor anda inchado,
Vós que remedio lhe daes?
Sopas de vinho maduro,
Raiz de mercuriaes.

(D.)

- 9111 Toma lá o que te en dou,
A fortuna será tua,
Uma mão cheia de nada,
Outra de coisa nenhuma.
(M.)
- 9112 O' Balé, ó Balézinho,
O' Balé, ó Balézote,
Cinco réis é *poucachinho*,
Um vintem é um *fartote*.
(A.)
- 9113 O' adro, quem te minara
Com cinco réis de aguardente!
Meu amor, quem te elogiara
Ao gosto de tua gente.
(A.)
9114. Aperta-me esse collete,
Dá um nó nesse cordão;
Vou-te dar os parabens
Do teu amor ser cambão.
(A.)
- 9115 Menina, que é cabaceira,
Tantos cabaços tem dado,
Veja lá se tem algum
Tambem para mim guardado.
(A.)
- 9116 Minha dama, minha dama,
Boquinha de sangue e leite;
Faz-me lá na tua cama
Um lugar onde me deite.
(A.)

9117 Se eu morrer e tu morreres,
Enterrarêmo-nos juntos;
Ha de ter muito que ver
Numa cova dois defuntos!

(A.)

9118 Eu armei uma armadilha,
Em cada ponta seu laço;
Quem ama a mãe, ama a filha,
Essa conta é que eu lhe faço.

(E.)

9119 Fui ao céu a jantar
Em companhia dos anjinhos,
A sobremesa que eu tive
Foi lograr os teus carinhos.

(ALG.)

9120 Menina, que está deitada
Entre dois lençoes de linho,
Dê um geitinho ao corpo,
Faça-me lá um cantinho.

(ALG.)

9121 Andas morta por saber
Quem é o meu namorado,
Vae á rua do Ensonso,
Pergunta pelo Salgado.

(ALG.)

9122 Meu lindo jasmim d'Italia,
Desmaiaste á sangria,
Mostraste pouco valor
Tendo tão grande valia.

(A.)

9123 Meninas, brincae comigo,
C'os mais homens não, não, não,
Os mais homens são preversos,
Dão-lhe o pé, tomam a mão:
A culpa tem nas senhoras,
Não lhes dar um bofetão.

(E.)

9124 Algum dia era eu
Das moças santo Antoninho,
Davam beijos e abraços
De esmola ao seu santinho.

(M.)

9125 Eu colhi uma rosinha
Que estava em botão.
Abriu logo de repente
C'o calor da minha mão

(M.)

9126 O' menina, vá-se embora,
Vá p ra casa direitinho.
Olhe que lhe fica mal
Ter brinquedos no caminho.

(M.)

9127 Que cara tão feiticeira,
Mesmo cheia de signaes!
Os beijos que nella dei.
Não me esqueceram jamais.

(M.)

9128 Minhas cantigas bonitas
Eu as disse a dois velhinhos,
Deram tão grandes risadas,
Quasi foram p'r'ós anjinhos.

(M.)

9129 Esta noite me prenderam,
Não foi por nenhum ladrão,
Foi por cortar uma rosa
Fechadinha em botão.

(M.)

9130 Passei pela tua porta,
Escutei e não te ouvi.
Divisei teu pae ao longe,
Dei ás gambias e fugi.

(M.)

9131 O' menina da janella,
De collete côr d'anil,
Desça abaixo, dar-lhe-hei,
Só de beijos, mais de mil.

(M.)

9132 Eu não quero mais amar
A mulher do barrigudo,
Não quer que o povo diga
Que tenho cara p'ra tudo.

(A.)

9133 Dei um ai, dei um suspiro,
Dei uma volta na cama,
Para ver se te encontrava ...
Enganaste-me, ó tyranna!

(T. M.)

9134 Abalei da minha terra,
Como tinha na tenção,
Fui pedir a rapariga,
Lá me disseram que não.

(A.)

- 9135 Em vinte pulos eu passo
Pela rua de São Bento;
Mas ao dar tantos pulos,
Ai! Jesus, que eu arrebenito. (E.)
- 9136 Quem me dera, dera, dera,
Quem me dera estar a dar
Uma sóva na Maria,
'Té a corda se quebrar. (E.)
- 9137 Vou vestir-me á Marialva,
Vou ter meu rasga-papeis,
Hei de pôr relógio á cinta
E os dedos cheios d'aneis. (A.)
- 9138 O José da Casa Branca
Até 'screve p'r'ós papeis,
Já ganhou uma medalha
E quarenta e quatro anneis (A.)
- 9138 Venho de S. Braz dos Mattos
De ouvir tocar o tambor,
Era eu que me casava
Co'a filha d'um lavrador. (A.)
- 9140 A todos digo que amo,
Sem sentir o que lhes dige,
E se algum me acredita
Fico-me rindo commigo. (M.)

9141 Minha violinha nova
Tem um buraco no meio,
Que lh'o fizeram os ratos.
Cuidando que era centeio.

(M.)

9142 O que eu vos vou dizer
Já por todos é sabido:
Os passaros querem ar.
As raparigas marido.

(M.)

9143 Escolhe emquanto é tempo,
Não te faças tão rogada:
A mulher depois dos trinta
É uma pera pintada.

(M.)

9144 Entendo que na mulher
A pequenez é um dom:
Uns dizem—do mal o menos,
Outros dizem—pouco e hom.

(M.)

9145 Ai lari, lari, lolóla,
Ai lari, lari, feijões,
Quem morre de mal d'amores
Vae p'r'ó céo aos trambolhões.

(B. B.)

9146 O amor, de tão polido,
Não assenta o pé no chão:
Assenta-o, amor, assenta-o,
Assenta-o, que já é v'rao.

(B. B.)

9147 Aquella menina cuida
Que não ha outra no mundo!
Não é o poço tão alto,
Que se lhe não veja o fundo.

(M)

9148 Menina, não tenha prôa,
Que a prôa dá em baixeza:
Eu já vi toalha mais fina
A ser rodilha na mêsa.

(A.G.)

9149 Tenho andado p'ra te dar
Um lenço de *cachinê*,
Mas entrei a consid'rar
Que tu me passas o pé.

(A.)

9150 O amarello torrado
Anda nas mãos dos pastores:
Que trajo trarão agora
As filhas dos lavradores?

(B. B.)

9151 Erga o chapéu para cima,
O' seu cara de ladrão,
Se o não é nas estradas,
E'-o no meu coração

(A.G.)

9152 Menina, que está á janela,
Já que varanda não tem,
Venha ver se o seu amor
E' algum dos que aqui vem.

(A.G.)

- 9153 Eu não sei se vá, se fique,
Não sei se fique, se vá,
Se vou lá, não fico aqui,
Se fico aqui, não vou lá.
(ALG.)
- 9154 Eu ia não sei p'ra onde,
Buscando não sei quem era,
E encontrei o mez de abril
No meio da primavera.
(ALG.)
- 9155 Sou uma carta cerrada,
Não digo para onde vou,
Por fora não direi nada,
Por dentro direi quem sou.
(ALG.)
- 9156 Como vaes á romaria,
Traz-me de lá os docinhos,
Dar-te-hei por cada um
Meia duzia de beijinhos.
(M.)
- 9157 Alegrai-vos, raparigas,
Que ahi vem a primavera:
Já cantou o rei dos passaros
Junto da minha janella.
(M.)
- 9158 Esta noite me prenderam,
A' cadeia me levaram,
Por amor de ti, menina,
Ferros d'el-rei me deitaram.
(M.)

- 9159 Aqui nesta rua mora
Um amor que já foi meu,
Porta abaixo, porta acima.
O nome já me esqueceu.
(D.)
- 9160 Anda cá, meu amorsinho,
Vamos os dois merendar
Alfacinhas com vinagre.
Que nos vamos consolar.
(D.)
- 9161 Tenho um relógio em meu peito
Que está sempre a trabalhar,
Dá horas com todo o geito,
Sem ninguém corda lhe dar.
(A.)
- 9162 Tenho em ti mil agradós,
Hei de mandar-te prender,
Na cadeia de meus braços,
Tyranha, has de morrer.
(T. M.)
- 9163 Aqui mesmo, nesta rua,
Logo á entrada, não,
Tenho uma cunhadinha
Que é mulher de meu irmão.
(M.)
- 9164 Debaixo do meu chapéu
Eu trago toda a maldade,
Que o céu me não ajude
Se não te digo a verdade.
(A.)

- 9165 Assim eu tivera o céo
Como eu te falo verdade:
As abas do teu chapeu
Encobrem muita maldade.
(R.)
- 9166 O meu bem, de chapeu alto
Parece-me um cidadão,
Elle anda enganando o mundo
Co' as palmilhas pelo chão.
(A.)
- 9167 Meu amor diz que não gosta
De chapeu á mariola;
Eu gosto de o vêr a elle
Com calças de portinhola.
(A.)
- 9168 Tanto chapeu desabado!
Tanta fita ó desdem!
Tanto rapaz enganado!
Raparigas, fazem bem.
(A.)
- 9169 Menina do chapeu novo,
Seu pae não lh'o comprou,
Foram beijos e abraços
Que esse corpinho levou.
(D.)
- 9170 Usam-se agora, é moda,
Fitas brancas no chapeu;
Os padre-nossos dos homens
Não levam almas ó ceu.
(A.)

- 9171 A minha saia amarella
Você foi que m'a rasgou,
Eu não gosto d'essas graças,
Faço queixa ao pae-avô.
(A.)
- 9172 Olha quem d'ali sahiu.
Do canto do hospital.
C'um alguidar á cabeça:
Quem merca tripas sem sal?
(D.)
- 9173 Meu amor, quando abalei.
Logo me disse : cautela
Co'a palavra que lhe dei;
Se achar outra, deixo-a a ella.
(A.)
- 9174 O' meu amor, raios te partam
A cabeça com dormir!
Que me fazes andar triste,
Podendo eu andar a rir.
(A.)
- 9175 Semeei os raios te partam
No vaso das minhas flôres,
Nasceu um raio te partisse
A ti, meu lindo amor.
(A.)
- 9176 Permitta Deus castigar-me
C' um bom prato de perdizes.
Uma borracha de vinho
E uma menina de quinze.
(A.)

- 9177 Dos caróços de azeitonas
Hei de fazer dois barquinhos,
Para embarcar minha sogra
E mandá-ia p'rós anjinhos.
(A.)
- 9178 Sogras nem de barro á porta,
Nem de vidro na loiceira,
Que sogra de boa raça
Inda ha de vir a primeira,
(A.)
- 9179 Minha sogra diz que tem
Um odio de morte a nóra,
Que me importa a mim cá isso,
Pois se elle o filho me adora!
(A.)
- 9180 Minha sogra já morreu,
Deus lhe dê o paraíso,
Deixou-me uma manta velha,
Não posso chorar com riso!
(A.)
- 9181 Tua mãe anda dizendo:
«Meu filho mal empregado»,
Metta-o no fundo das costas,
Traga-o bem arrecadado,
(A.)
- 9182 O teu pae diz que não quer,
Tua mãe diz que não gosta,
Mettam-te numa vidraça,
Andem contigo d'amostra.
(A.)

- 9183 E' um regalo na vida
 Vêr uma velha a morrer,
 C'os dentes arreganhados,
 Parece que quer morder.
 (A.)
- 9184 O velho e mais a velha
 Fazem uma vida santa:
 O velho dóe-lhe a barriga.
 A velha logo lhe canta.
 (B. B.)
- 9185 Eu casei-me c'uma velha
 Por ter a pellica dura,
 Mas o diabo da velha
 Morreu-me da capadura.
 (A.)
- 9186 Tenho uma velha comigo.
 Que é a minha alegria;
 Ó' velha, não vás embora
 D'esta minha companhia.
 (A.)
- 9187 Uma velha deu-me um beijo.
 Que até me fez chorar!
 Vae-te velha p'ro inferno.
 Não me tornes a beijar.
 (A.)
- 9188 Uma velha muito velha,
 Mais velha que a minha avó.
 Estava um dia á janella,
 Deixou cahir o chinó.
 (A.)

9189 Esta noite á meia noite,
Mesmo á meia noite em ponto.
A velha com quem eu dormia
'Stava-me cõntando um conto.

(A.)

9190 Hei de casar c'uma velha,
P'ra me livrar do engano,
Seja uma velha bem velha,
De quinze p'ra dezeseis annos.

(A.)

9191 Olha o diabo da velha,
Tem mais que se lhe diga!
Inda se está *alembrando*
De quando era rapariga!

(A.)

9092 Ora bons dias, velhinha,
Diga como tem passado,
Sabe Deus quanto me custa
Não a ter já encontrado.

(A.)

9193 Eu entrei pelas Hespanhas
A guerrear castelhanos,
Com um exercito de velhas,
Todas de quatorze annos.

(A.)

9194 O velho perdeu a velha,
No caminho da Alagõa,
Pergunta, velho, pergunta,
Que a velha inda era boa.

(A.)

- 9195 Já Lisboa está fechada,
'Stá mettida no socego;
Não ha velha, não ha moça,
Que não tenha o seu morcego.
(A.)
- 9196 P'ra cantar moças solteiras,
Para bailar as casadas,
Para a cama as viúvas,
As velhas para as estradas.
(A.)
- 9197 Meu avô quando morreu,
Morreu todo empanturrado
Por levar na garganta
O netinho atravessado.
(A.)
- 9198 Minha avó, quando morreu,
Deixou-me uma bella herança:
Uma panella e dois taxos,
Um chinó vindo da França.
(A.)
- 9199 Minha avó, quando morreu,
Deixou-me mui bem herdado:
Uma panella e um taxo
E um pau na ponta queimado.
(A.)
- 9200 Minha mãe metteu-me á noite
Debaixo d'um pucarinho,
Veio o gato e levou-me
Julgando que era toucinho.
(B. B.)

- 9201 Tive amor's c' uma casada,
Inda não me arrependi,
Porque o fructo prohibido
E' o que me encanta a mim.
(A.)
- 9202 Se me achar's as mãos frias,
Cala-te, não digas nada,
Isto de quem tem amores
Sempre anda resfriada
(A.)
- 9203 Amores de homem casado,
Quem me dera sequer um,
Que é para calço do pucaro,
Já que não tenho nenhum.
(M.)
- 9204 Amores de homem casado,
O' *caxixa*, quem os cubiça?
São como o cant'ro quebrado
Com a rolha de cortiça.
(M.)
- 9205 Homem casado, és tolo.
Para que tocas viola?
As cordas custam dinheiro,
E a ti ninguem te namora.
(D.)
- 9206 Não ha pão como o pão alvo.
Nem carne como o toucinho,
Nem rapaz que valha um frasco
Cheio d'aguardente ou vinho.
(A.)

- 9207 Oh quem fora rato, rato!
Que ratara pelo chão,
Que ratara as maçarocas
A's meninas do serão.
(B. B.)
- 9208 Oh que janellas tão altas!
Rodeadas de tigelas!
Quem lá tiver o amor
Ha de comer caldo nellas.
(B. B.)
- 9209 O' vida da minha vida,
Tres com um burro andam bem.
Um péga, outro carrega,
Outro olha se vae bem.
(B. B.)
- 9210 Lá vem o meu amorsinho.
Pelos passos o conheço,
Traz o chapéu *d marota*,
E o capote do avesso.
(A.)
- 9211 Lá no monte do Outeiro,
Quem bem áta, mal desáta,
Casa o filho do porqueiro
Com a D. Fortunata.
(A.)
- 9212 A rua de Alcamim
E' rua da taf'laria;
Ha muita saia composta,
Tanta barriga vazia.
(A.)

9213 Adeus, ó rua da Feira,
No meio tens um compasso,
Qual será o desgraçado
Que cáia naquelle laço!

(A.)

9214 As feiras de V'lla Viçosa,
São sempre feiras do tom,
Desde as mulher's 'té ás burras,
Ali vae só o que é bom.

(A.)

9215 As meninas de Moncorvo
Usam só os caracoés,
Ellas são as que não tem
Para a cama os lençóes.

(T. M.)

9216 Quem vive junto ao seu bem
Não pode ter mais desejos,
Mata a fome com amor,
Apaga a séde com beijos.

(E.)

9217 Aqui nesta rua moram
Tres ou quatro alcoviteiras,
Uma borda, outra faz renda,
E só duas fazem esteiras.

(E.)

9218 Homens altos e delgados
Não se podem aturar,
Pois são só aproveitaveis
Para canas de caiar.

(A.)

9219 Os homens são uns santinhos,
São todos da mesma raça,
Isto de quem os atura,
Tem de vestir-se de graça!

(A.)

9220 O' rapaz, mas quem te disse
Que eu por ti que suspirava?
Um suspiro é um arrôto,
Vae-se o vento e fica nada.

(A.)

9221 Aqui nesta rua moram
Duas que eu gosto de ver:
Uma na boca da peça,
Outra no fogo a arder.

(A.)

9222 Já comprei os homens todos,
Todos por meio tostão,
Albardei-os e mandei-os
A' aldeia buscar carvão.

(A.)

9223 Homemzinho do barrete,
Não *no* traga acabanado,
Seu pae não era tão rico
Que o traga afidalgado.

(D.)

9224 A mulher do meu vizinho
E' uma santa mulher,
Dá os ossos ao marido,
A carne a quem ella quer.

(A.)

9225 Não quero nada do mundo
Senão uma coisa só:
E' a linguinha dos homens
Torrada e feita em pó.

(A.)

9226 Vae-te deitar a dormir,
Que os teus olhos já tem somno,
Dorme bem descançadinha,
Que o teu amor já tem dono.

(A.)

9227 Minha prima Barboleza
Já me chegou a dizer,
Que os homens falam verdade
E eu sou bonita a valer.

(ALG.)

9228 Passa por mim não me fala
O ladrão do meu amor,
Anda todo *emberichado*,
E' de má raça o estupor!

(A.)

9229 *Mal'o* haja quem inventou
O alvaiade nas boticas,
Que não deixa diff'rençar
Moças feias das bonitas.

(A.)

9230 Já as feias conseguiram
O que ellas tinham na mente,
Fazer do bonito feio,
Para passarem á frente.

(A.)

- 9231 Toda a mulher que é bonita
Já hoje não faz filé,
Passam as feias á frente,
Já lhe passaram o pé.
(A.)
- 9232 Os senhores da cidade
Tem grande opinião,
Não sabem como hão de andar,
Nem prantar os pés no chão.
(A.)
- 9233 Vou dar cabo do canastro,
Farto de sofrer ingratas!
Mas não discorro o punhal:
Salta um bife com batatas.
(A.)
- 9234 Abana, casaca, abana,
Abana, não tenhas dó,
Que a casaca é mais velha
Que os ossos da minha avó.
(A.)
- 9235 Torradinhas com manteiga,
Quem as torrou foi meu mano,
Quem casa com mulher magra
Tem bacalhau todo o anno.
(A.)
- 9236 Não ha coisa neste mundo,
Para saude lograr,
Que é depois de boa ceia
Divertir e passear.
(A.)

9237 Toda a vida meu pae disse:
Filho, não sejas maroto,
Foge sempre das mulheres,
Como a camisa do corpo.

(A.)

9238 E s uma mulher horrenda,
Não quererás ouvir isto,
Chucha lá nessa borracha,
Off'rece ás chagas de Christo.

(A.)

9239 —Vizinha, você não sabe?
—Diga lá, que eu estou calada.
—A vizinha ali da frente
Namora, sendo casada.

(A.)

9240 Esta noite me chamaram
P'ra baptizar um menino,
Queira Deus que eu não seja
Compadre, pac e padrinho.

(M.)

9241 As moças das Alpedreiras
São bonitas, bailam bem,
Em tendo uma saia nova
Já não falam a ninguem.

(A.)

9242 Ó Maria chouriceira,
Diz-me, quem é o teu homem?
—E' 'hi um calças cahidas,
Um cara cheia de fome.

(D.)

- 9243 A mãe, muito pobresinha,
O pae, não falemos nisso,
E a filha, de gravatinha
Falando co'o seu derricko!
(A.)
- 9244 Senhora Dona Maria,
O seu dom não lhe dá nada,
Vae á ponte, vae ao rio,
Vae á missa, sem criada.
(A.)
- 9245 Raparigas e rapazes,
Nós todos sômos amigos,
As do norte são honradas,
As do sul é o *rasquido*.
(D.)
- 9246 Os homens comparo eu
Com a cinza da barrela,
Que se deita para a rua
É ninguem faz caso d'ella.
(A.)
- 9247 Já não quero mais ameixas
Da horta do Bacalhau,
Apanhou-me lá uma vez,
Deu-me uma sova de pau.
(A.)
- 9248 Já não quero mais ameixas
Da horta do meu compadre,
Apanhou-me lá uma vez
Fez-me dançar toda a tarde.
(A.)

- 9249 A Joaquina cahiu n'agua,
Cahiu n'agua e se molhou,
Ai quem me dera a Joaquina
Molhada como ficou!
(A.)
- 9250 Toda a vida me agradou
Moça de saia rasteira,
Porque pranta o pé no chão
Degavar, não faz poeira.
(E.)
- 9251 Eu quero tanto ao meu bem,
Que já disse ao confessor:
Padre, não seja teimoso,
Que eu não largô o meu amor.
(E.)
- 9252 A Ritta com Camões cantou
Lá na feira de Souzel,
Onde foi a procurar
De que pau era o batel.
(A.)
- 9253 As faces dos homens são
Semelhantes á cortiça,
Tão feia e horrenda coisa,
Que a ninguem mette cobiça.
(A.)
- 9254 Adeus, ó *Manel* da Rosa,
Deixa vir o mez d'abril;
Toda a besta que é manhosa
Não deixa pôr o bornil.
(A.)

- 9255 Quem me a mim pôz o Batuca,
Aos infernos vá parar:
Tenho isto por costume,
Co'a Batuca ir falar.
(A.)
- 9256 Quem tem o amor careca
Tem a morte á cabeceira,
Acorda pela manhã,
Dá c'os olhos na caveira.
(A.)
- 9257 Ao maroto do meu moço
Não lhe hei de pagar o mez,
A todos roubou em casa,
Só lhe faltou a Iñez.
(A.)
- 9258 Quem me déra já cá a noite,
É o pão da ceia na mão,
O almoço na barriga,
O jantar no coração.
(A.)
- 9259 Ando caindo com riso,
Com 'ma vontade de rir!
Que me a mim tocar no guizo
Ha de me gostar de ouvir.
(A.)
- 9260 Saudades são seccuras,
Maria dá cá a borracha,
Se m'a deres, dá-m'a cheia,
Que vazia não tem graça.
(B. B.)

9261 Se eu morrer na tua casa,
Enterra-me em S. Mathias,
Deixa-me a bocca de fora
Para te dar os bons dias

(A.)

9262 Eu devia de nascer
Na maré do tanto monta:
Quem eu quero, não me quer,
Quem me quer, não me faz conta.

(E.)

9263 Eu devia de nascer
Na maré do caranguejo:
Quando cuido vou p'ra diante,
Quanto mais p'ra trás me vejo!

(E.)

9264 Já me mandam para a India
Preso, mas não por ladrão,
Por dar beijos e abraços;
Na India tambem se dão.

(E.)

9265 Lá vae Maria mais Anna,
E Pedro na mula sua:
Entre Maria e mais Anna,
E Pedro fique na rua.

(E.)

9266 Lá vem Manoel abaixo,
Carregado de cebolas,
Deu-lhe a fome no caminho,
Manoel comeu-as todas.

(E.)

9267 Toda esta noite andei
Volta ao mar, volta á terra,
Para deitar a fateixa
Defronte d'esta janela.
(E.)

9268 Não me metta o pé por baixo,
Que me suja o meu asseio,
Ao depois não vá dizer
Que tal, que sim, que foi, que veio.
(E.)

9269 Menina, se quer usar
Sapato de polimento,
Namore um, e ria d'outro,
Vá assim passando o tempo.
(A.)

9270 Menina, se quer dar, dê,
Que eu ao castigo não fujo,
A sua vara é de rei,
Mas a minha é de zambujo.
(A.)

9271 Os olhos do meu amor
Ambos olham p'ra um lado,
Quem me manda amar um torto
Com olhar atravessado?
(A.)

9272 O meu amor já vem torto,
Já se perdeu no caminho,
Não se lembra já de mim,
Mas não se esqueceu do vinho!
(A.)

9273 Meu amor está doente
Numa cama d'algodão,
Nossa Senhora o envie
Pr'ó alto de S. João.

(E.)

9274 Menina, diga a seu pae
Que não se deixe dormir,
Que quando estiver sonhando,
Posso eu d'elle estar-me a rir.

(A.)

9275 Adeus, ó Anna Morgada,
Raminho de amendoeira,
'Stavas para ser casada,
Inda morreste solteira.

(B. B.)

9276 Venho toda admirada
Do preço que os homens tem!
Já ali fóra me davam
Um santo por um vintem!

(A.)

9277 Maria, minha Maria,
Maria do pé do leque,
Estás feita uma tafula,
Já usas de *casabeque*.

(A)

9278 Rapariga, quando nova,
Sempre é *arregodda*,
Mas em sendo quarentona
Já p'ra mim não vale nada.

(A)

- 9279 Coitadinhas das mulheres!
Já venderam os anneis
P'ra comprarem rija tranja
Para pearem os pés.
(A.)
- 9280 Portugal, terra d' *Abôa*,
Theatro de maravilhas,
Os filhos batem nos paes,
Despresam as mães as filhas!
(A.)
- 9281 Raparigas de hoje em dia
Enganam a toda a gente,
A que em solteira é bonita,
Em casada é uma serpente.
(A.)
- 9282 Coitadinhas das mulheres!
Já vivem tão desgraçadas,
P'ra passearem nas ruas
Vão com as pernas atadas!
(A.)
- 9283 O' mulh'res não durmam tanto,
Não queiram tanto dormir,
Se não acabam as modas,
Já não tem que vestir.
(A.)
- 9284 As senhoras com a modas
Mettem medo aos innocentes,
Andam mettidas em saccos,
Parecem umas serpentes.
(A.)

9285 O alma do outro mundo,
Que vens a pedir soccorro:
Meu marido 'stá em casa,
'Squeceu-me tirar o corno.

(A.)

9286 O amor é uma albarda
Que se põe a quem quer bem:
Eu, p'ra não ser albardado,
Não quero bem a ninguém.

(A.)

9287 Minha mulher, meu cavallo,
Ambos morreram num dia;
Leve o demonio a mulher,
O meu cavallo é que eu q'ria.

(E.)

9288 Esta noite, á meia noite,
Eu ouvi grandes clamores,
Ouvi clamor que diziam:
Dá cá vida, chega amores.

(E.)

9289 O meu amor era torto,
Eu mandei-o cavacar,
Agora posso dizer:
Tenho lenha p'ra queimar.

(D.)

9290 Tenho um amor que me ama,
Outro que me dá dinheiro,
Outro que me veste e calça,
Este é que é o verdadeiro.

(M.)

9291 Chamaste a meu pae Caco,
A minha mãe Caco Maria,
Todos em casa são cacos,
Sou filha da cacaria.

(A.)

9292 Deus te dê saude n' alma,
No corpo seja a doença,
As melhoras no caixão,
Na tumba a convalescença.

(A.)

9293 O homem para ser homem
Deve ter trinta mulheres,
Cada dia matar uma,
Dos ossos fazer colheres.

(A.)

9294 Eu venho de Portugal,
Falo verdade a mentir:
'Stou de pé, 'stando sentada,
Estou séria, estando a rir.

(A.)

9295 Sempre me andas a dizer
O meu monte, o meu monte!
No cabo são duas telhas,
Com dois ram'lhos defronte.

(A.)

9296 Sempre me andas a dizer
Minha horta, minha horta!
Nam exijo de saber
De *côsas* que não me importa.

(A.)

9297 No adro de S. Martinho
Quero o meu corpo enterrado
Entre dois coiros de vinho,
Trinta pães de cada lado.

(A.)

9298 A' cabeceira um toucinho,
Aos pés um chouriço assado,
Porque quem vae de caminho
Leva o alforge aviado.

(A.)

9299 Toda a vida desejei
Mulher forte, braços grossos,
E tenho uma delgadinha
Que tem *na* manha nos ossos!

(A.)

9300 Toda a vida desejei
Mulher forte, braços grossos,
Deu-me Deus uma tão bella,
Que só tem a pelle e os ossos!

(E.)

9301 Pedi a Deus que me dêsse
Uma delicada dama,
Deus me deu uma *baiuca*
Que me não cabe na cama!

(A.)

9302 O' moças, casem commigo,
Que eu 'stou bem afazendado:
Tenho umas casas cahidas,
E tenho outras sem telhado.

(A.)

- 9303 O' moças, casem commigo,
Que eu sou bem afazendado,
Toda a fazenda que tenho
Dou-lhe voltas assentado.
(A.)
- 9304 Menina, case commigo,
Que eu tenho muita fazenda:
Tenho de dez em dez annos
Vinte e cinco réis de renda.
(A.)
- 9305 Menina, venha commigo,
Não tenha mêdo á fome,
Que meu pae tem uma quinta
Que sustenta a quem não come.
(T. M.)
- 9306 Minha mãe casou-me em maio,
Minha sogra não tem pão,
Doe-me a barriga com fome,
Oh! que dôr do coração!
(M.)
- 9307 Vinte quatro casamentos
Ajustei eu numa tarde,
Visto chegar a mentir,
Minto á minha vontade.
(A.)
- 9308 A mulher aos quarenta
E' uma couve espigada:
Que pegue nas suas contas,
Não serve para mais nada.
(M.)

9309 Eu hontem fui ao moinho,
Com tres quartas de centeio,
Dei um beijo na moleira,
Logo trouxe alqueire e meio.

(M.)

9310 Eu hontem fui ao moinho,
'Scorreguei, cahi lá dentro,
Trouxe farinha no bolso
Para fazer o fermento.

(M.)

9311 Eu amava dois amores,
Deixei um por não ter geito,
Agora estou sem nenhum,
'Stá um cabaço bem feito!

(ALG.)

9312 A vergonha deixei eu
Lá na vargem da Telhada,
Mandei-a ficar atraz,
Que ella vinha adiantada.

(ALG.)

9313 Venha o cópo, venha a pinga,
Venha mais meia canada,
Quero bem á minha sogra,
Que é a mãe da minha amada.

(ALG.)

9314 D'aqui d'onde estou, bem vejo
Dois olhinhos num buraco,
Ou são os do meu amor,
Ou são os de algum gato.

(ALG.)

- 9315 Quem lhe deu as arrecadas
Que espera de arrecadar?
Toda a vida ouvi dizer:
Quem accita ha de dar.
(B. B.)
- 9316 Hei de pedir ao coveiro
Que me enterrar na cova,
Me deixe as unhas de fóra
Para arranhar miuha sogra.
(M.)
- 9317 Senhora D. Thereza
Tem vinte cinco lençoes,
Que lh'os deu o *Falta d'ar*
Na leira dos caracoos.
(B. B.)
- 9318 Se os beijos espigassem
Como espiga o alecrim,
Então tinhas, ó menina,
A cara como um jasmim.
(M.)
- 9319 A' tua porta está lama,
A' minha está um lameiro;
Tira p'ra lá os narizes,
Não te piques no sedeiro.
(M.)
- 9320 Olha o que vais de contente
C' um amor que já foi meu!
Agora chupa-lhe os ossos,
Que a polpa comi-a eu.
(T. M.)

9321 Você diz arromba, arromba,
Não se arromba sem dinheiro;
Esta noite arrombei eu
As grades do Limoeiro.

(E.)

9322 Deixaste-me, amor, por pobre,
E eu a ti por judeu:
Olha a diferença que vai
Do meu sangue para o teu.

(A.)

9323 Tenho um chapéu de toucinho
Forrado de pão de ló,
As abas são de arroz doce,
E a capa de queijo molle.

(A.)

9324 Tenho um chapéu de toucinho
Forrado de bacalhau,
As borlas são de arroz doce,
As agulhetas de pau.

(A.)

9325 Eu tenho um chapéu de lombo,
Debruado de salsicha,
As borlas são de morcella,
O cordão é de linguça.

(A.)

9326 Tenho um boné de latão,
'Ma gravata de pell' d'ouriço,
Um casaco d'esteirão,
Que me fez o meu derriço.

(A.)

- 9327 Eu tenho sete camisas,
Nenhuma d'ellas me vem,
Fechadas a sete chaves
Em casa de quem as tem.
(A.)
- 9328 Tenho uma camisa nova,
E do mais fino paninho.
Não tem corpo, não tem costas,
Nem mangas, nem collarinho.
(A.)
- 9329 Tenho uma camisa nova,
Toda feita ó desdem,
Por cima tudo são rendas,
Por baixo nem fralda tem.
(A.)
- 9330 A camisa não é tua,
A jaqueta é emprestada.
Disse o dono do chapéu
Que lhe levasse a espada.
(A.)
- 9331 Tenho um colletinho novo,
Não tem avêssô, nem d'reito,
Romendo sobre romendo,
Não se sabe de que foi feito.
(A.)
- 9332 Tenho uma jaleca á *polca*,
Do mais bonito modelo,
Não tem gola, não tem mangas,
E é rota no cotovello.
(E.)

- 9333 Tenho uma véstia d'abobora,
Forrada de melancia,
Os botões de vento norte,
As casas de calmaria.
(E.)
- 9334 Tenho calças d'alamares,
Jaqueta á boca de sino,
Um boné com meias solas,
Sapatos de pano fino.
(A.)
- 9335 Não tenho vintem de meu,
As calças se me *resgou*,
A casaca é remendada,
Sou fliz, ólaré se sou!
(A.)
- 9336 Tenho os sapatos rotos,
Com as solas descosidas:
Isto é de andar de noite
A' cata das raparigas.
(A.)
- 9337 Tenho uns sapatos de couve,
Debruados com alface,
As solas são de cebola,
As correias são de salsa.
(A.)
- 9338 Eu tenho um casaco novo,
Com as abinhas p'ra fóra,
Que me deu p'lo S. Matheus
O rapaz que me namora.
(A.)

- 9339 Tenho uma saia amarella,
Não m'a deu nenhum tyranno,
Foi ganha com honra e brio
Na cella d'um franciscano.
(A.)
- 9340 Quem perdeu o que eu achei
No caminho de Marvão?
Uma camisa sem mangas,
Sem fralda, nem cabeção.
(A.)
- 9341 Quem perdeu o que eu achei
No caminho do Pontão?
Coisa de muita valia:
As mangas d'um casacão.
(D.)
- 9342 Tens calçado na cabeça,
Chapeu nas unhas dos pés,
Tens as luvas nas orelhas,
No nariz tens os aneis.
(A.)
- 9343 Quem perdeu o que eu achei
No caminho d'Alemquer?
Quatro garfos com um dente,
É o rabo de uma colher.
(A.)
- 9344 De Lisboa me mandaram
As orelhas d'um piolho
Mettidas dentro d'um cofre
Do feitio d'um repolho.
(A.)

9345 De Lisboa me mandaram
Um presente nada mau:
O teu retrato mettido
Nas *guerlas* d'um bacalhau.

(A.)

9346 De Lisboa me mandaram
Uma camisa bem feita,
C'o retrato do amor
No punho da mão direita.

(B. B.)

9347 Semei no meu quintal
A malicia das mulheres,
Nasceu-me uma laranjeira:
Já tenho pau p'ra colhéres.

(A.)

9348 Semei no meu quintal
Sementes de malva roxa,
Nasceu-me uma burra preta
A bailar a fôfa côxa

(A.)

9349 Semei no meu quintal
A semente do repolho,
Nasceu-me um velho careca
C'uma batata num olho.

(A.)

9350 Semei na minha horta
A semente das maçans,
Nasceu-me uma cerejeira
Carregada d'avellãs.

(A.)

- 9351 Semei no meu quintal
Semente das raparigas,
Nasceu-me uma burra velha
Com as orelhas caídas.
(A.)
- 9352 Semei no meu quintal
Sementes de bacalhau,
Nasceu-me uma burra podre
Tocando num berimbau.
(A.)
- 9353 Semei no meu quintal
Amorinhas de Isabel,
Nasceu-me uma parreirinha
Com um cacho moscatel.
(E.)
- 9354 Semei no meu quintal
Um bacalhau feito ás postas,
Nasceu-me um burrinho novo
C'uma cacheirinha ás costas.
(A.)
- 9355 Estes rapazes d'agora
Dormem todos no palhiço,
Só se lavam ao domingo
P'ra falarem ó derriço.
(A.)
- 9356 Estes rapazes d'agora
Não querem usar tamancos,
P'ra guardarem o dinheiro
Para chapeusinhos brancos.
(M.)

- 9357 Estes rapazes d'agora
São delgados e grossos,
Põe camisas engomadas,
Sem gravatas ao pescoço.
(D.)
- 9358 Estes rapazes d'agora,
Elles que pensam que são?
Elles trajam á janota,
O chapéu á bandalhão!
(D.)
- 9359 Estes rapazes d'agora
Não querem senão casar,
Levam as mulher's p'ra casa,
Não as sabem governar.
(A.)
- 9560 Estes rapazes d'agora
Não bebem senão gazosa,
P'ra forrarem o dinheiro
P'ra camisas côr de rosa.
(A)
- 9361 Estes rapazes d'agora,
Estes frangos de vintem,
Promettem dez réis ás almas,
A ver se a barba lhes vem.
(E.)
- 9362 O' rua das Oliveiras,
Na esquina faz um S;
Estes rapazes d'agora
Julgam que tudo merecem.
(M.)

9363 Estes mocinhos d'agora
São franguinhos de vintem,
Promettem dez réis ás almas,
P'ra ver se a barba lhes vem.

(B. B.)

9364 Estes mocinhos d'agora,
Estes que d'agora são,
Em vendo rir uma moça
Julgam que a tem na mão.

(B. B.)

9365 Estes mocinhos d'agora
São bonitos, bailam bem;
Mas em tendo um fato novo,
Já *nam* falam a ninguém.

(A.)

9366 Estas mocinhas d'agora
Não comem senão caspacho,
Para forrarem dinheiro
P'ra saias de lista abaixo.

(A.)

9367 Estas mocinhas d'agora,
São algumas, não são todas,
Botam meias sobre meias,
P'ra fazer as pernas gordas.

(D.)

9368 Estas mocinhas d'agora
Não querem senão casar,
Tem o brio no cabelo,
O dote no calcanhar.

(M.)

9369 Estas mocinhas d'agora
Não comem senão bagaço,
Andam forrando dinheiro
P'ra sapatinhos de laço.

(M.)

9370 Estas meninas d'agora
Não usam senão regalo,
Bom sapato, melhor meia,
E a barriga dando estalo.

(A.)

9371 Estas meninas de agora
Mettem medo aos innocentes,
Andam mettidas em talas,
Parecem umas serpentes.

(A.)

9372 Estas meninas d'agora
Não querem senão casar,
Começam uma camisa,
Não a sabem acabar.

(A.)

9373 Estas meninas d'agora
Dizem que tem, que tem,
Por cima tudo são rendas,
Por baixo nem fraldas tem.

(D.)

9374 Estas cachopas d'agora,
Estas bellas castanheiras,
Vão empenhar as saias
P'ra pagarem ás doceiras.

(D.)

- 9375 Estas raparigas d'Anta
Já não sabe comer pão,
Comem papas de farelos
Adubadas com sabão.
(D.)
- 9376 Quando eu vim da Bahia,
D'aquelle nobre jardim,
Mulatas e cariocas
Todas choraram por mim.
(A.)
- 9377 A bôa velha carioca,
Com cabelo arripiado,
Está atacando a broca
Com pitadas de tabaco.
(A.)
- 9378 A praia das Cariocas
E' comprida e tem areia,
A gente que nella mora
Não come senão baleia.
(E.)
- 9379 Tomei amor's c'uma preta
Com tenção de zombar d'ella,
E por mal de meus peccatos
Fazem-me casar com ella!
(A.)
- 9380 Tomei amor's c'uma preta
Que até era cozinheira,
Tinha os beiços tostados
De lamber a frigideira.
(A.)

9381 Namorei uma mulata
Da côr do carvão do gaz,
Para ver se a punha branca,
Lavei-a com agua-raz.

(A.)

9382 Eu casei-me c'uma preta
Pelo toucado que tinha,
Deu-lhe o vento no toucado,
Appar'ceu-lhe a carapinha.

(A.)

9383 Indo a noiva p'r'á igreja,
'Companhada da madrinha,
Dê-l'o vento na cabeça,
Apparcê-lh'a carapinha.

(A.)

9384 Indo eu para a igreja,
Com 'ma preta atraz de mim,
Todos olhavam p'r'á preta,
Ninguem olhava p'ra si.

(A.)

9385 O' pretinha dá-me um beijo,
P'ra mostrar's o teu amor,
Que os beijos de uma branca
É' que me foram traidores.

(A.)

9386 O' meu pae não venda a preta,
Porque a preta é coisa linda,
Em quanto a preta fôr viva,
Não lhe ha de faltar a pinga.

(A.)

- 9387 O' meu pae não venda a preta,
Porque a preta é coisa boa,
Em quanto a preta fôr viva,
Não lhe ha de faltar a *brôa*.
(M.)
- 9388 *Dê um bêjo* numa preta,
Sôbe-me a uvas ferraes,
Inda agora estou dizendo:
O' preta, tomar' é mais.
(A.)
- 9389 Estando pretinha á janella,
Passou preto pela rua,
Disse preto para a preta:
Meu coração *sari* tua.
(E.)
- 9390 Lá no Rio de Janeiro
Tenho muito quem me queira,
Quem me dê com o dôce
Dos cachos da bananeira
(E.)
- 9391 Mulatinhos são barquinhos,
As crioulas são saveiros:
Que bellas embarcações
Para embarcar marinheiros!
(E.)
- 9392 Mulatinhas e crioulas
São amigas de dinheiro,
Botam cordas á janella:
Suba, suba, marinheiro.
(E.)

9393 Mulatinha, tu não queres
Amar ao teu queridinho,
Já não quer's ter compaixão
D'este teu triste negrinho!

(E.)

9394 Pretas, brancas e mulatas,
Solteiras, casadas, viúvas;
Garfos, facas e colhéres,
Peras, maçans e uvas.

(A.)

9395 O preto é *rê* dos bichos,
Emperador dos macacos;
Que protesto fez o preto
De nunca usar sapatos!

(A.)

9396 As cadellas chocam ovos,
As gallinhas criam o cão;
Lá para a ceifa das uvas
E' que se vindlima o pão.

(A.)

9397 E's branca como o tomate,
Córada como o cerol,
Tens a cabeça á soimbra,
E o corpo tem-lo ó sol.

(A.)

9398 A' porta dos aleijados,
'Stavam dez mudos cantando,
Vinte cegos 'stavam vendo,
Trinta moucos escutando.

(A.)

- 9399 Na serra de S. Mamede
'Stão dois mudos a cantar,
E dois céguinhos a verem,
E dois moucos a escutar.
(A.)
- 9400 Faz sabbado quinta-feira,
P'ra lá d'Elvas tres semanas,
Que pariu 'ma porca um burro
Com vinte quatorze mâmas.
(A.)
- 9401 Fez sabbado quinta-feira,
P'ra lá d'Ev'ra tres semanas;
'Stive dez annos num v'rao
Lá nas Amer'cas romanas.
(A.)
- 9402 Esta noite que ha de vir
Foram-me os ladrões ao monte,
Roubaram-me o que eu não tinha,
Deitaram-me fogo á fonte.
(A.)
- 9403 Para bailar doe-me um dente,
Para cantar uma perna,
Onde tenho algum allivio
E' á porta da taberna.
(A.)
- 9404 Tenho catarrho nas unhas,
Dôr de dentes no cachaço,
Dôr de tripas na cabeça,
E um unheiro num braço.
(A.)

9405 Quem tem olivães, tem uvas,
Quem tem vinhas, tem azeite,
Quem tem cabras, tem toucinho,
Quem tem porcos vende leite.
(A.)

9406 Eu não posso descansar,
Nem mesmo á hora da sésta,
Tenho amargos nos joelhos,
Dôr de barriga na testa.
(A.)

9407 Fui á Figueira aos figos,
Ataquei-me de limões,
Veio o dono das ameixas:
O' ladrão, deixa os feijões.
(A.)

9408 O' meu bem, quando eu morrer,
Hei de deixar-te uma prenda:
Uma casa sem telhado,
Que bom dinheiro te renda.
(A.)

9409 Tenho assucar, café, chá,
Só me falta o chocolate,
Choc'lateira p'r'ô fazer,
E o pau com que se bate.
(A.)

9410 Dei um banquete mimoso,
Tudo estava d'espavento,
A carne já tinha bichos,
O pão 'stava bolorento.
(A.)

- 9411 Fui convidado p'ra a boda,
Apresentei-me asseado;
Mas não levava calções,
Nem camisa, nem calçado.
(A.)
- 9412 Se soubesse que voando
Alcançava o meu amor,
Mandava vir da cozinha
As asas do assador.
(A.)
- 9413 Tenho uma avó de engonços,
Com vinte cinco joelhos,
Vinte quatro calcanhares,
Outros tantos tornozelos.
(D.)
- 9414 O homem p'ra namorar
Deve ter o pé ligeiro,
Uma corcunda nas costas,
O nariz de palmo e meio.
(A.)
- 9415 A mulher p'ra ser bonita
Deve ter as pernas tortas,
Sete belidas nos olhos,
Uma corcunda nas costas.
(A.)
- 9416 Ferros velhos, ferros novos,
Fechaduras e mais nada,
Eu morro por ti, amor,
Como gato por salada.
(E.)

9417 Que lindo botão de rosa
Que aquella roseira tem!
Debaixo ninguem lhe chega,
Maria dá cá a escada.

(A.)

9418 Aqui, ao pé d'este carro,
Se fez o meu casamento,
Anda cá carro d'esta alma,
Quem te trouxe agora aqui?

(A.)

9419 Se eu soubera, Mariquinhas,
Que tu eras alfaiata,
Mandava-te a vir do Porto
Um banco de ferrador.

(A.)

9420 Ferros velhos, ferros novos,
Fechaduras e trinquetes,
O badalo do sino grande
Cheira a castanhas assadas.

(A.)

9421 Ferros velhos, ferros novos,
Fechaduras e trinquetes,
Morro por ti, meus amores,
Como gato por salada.

(A.)

9422 Indo eu por aqui abaixo,
Aos tralhões c uma podôa,
Vira o carro, vira o carro,
Que está c'o terço para o ar.

(D.)

- 9423 Passei pela tua porta,
Petisquei-te no ferrolho,
Veio de lá o teu pae sogro,
Deu-me c'uma bota n'alma.
(A.)
- 9424 Quando os kagados se viram
De baetas encarnadas,
Disseram uns para os outros:
Esta gente traz alforges.
(A.)
- 9425 Hei de me casar este anno,
P'ra solteira já sou velha,
Esta magua não me deixa
Senão quando eu fôr p'r'á cova.
(A.)
- 9426 Debaixo d'aquelle carro
Tomei eu os meus amores;
Os vossos olhos, menina,
Parecem pratos d'estanho.
(A.)
- 9427 Lá detraz d'aquelle outeiro,
'Stão os chibos a berrar;
Cala-te ahi, ó cabreiro,
Vae deitar chibos ás mães.
(A.)
- 9428 Maria, minha Maria,
Meu raminho de zangalho,
Foste criada na póda,
E agora estás de alqueive.
(A.)

9429 O' almas do outro mundo,
Que passaes os passageiros,
Passae-me a mim tambem
P'ra ficar c'os pés enxutos.

(A.)

9430 O' almas do outro mundo,
Que estaes da banda d'além,
Passae-me estes alforges,
Não me dê o sol nas costas.

(A.)

9431 Indo eu por aqui a' aixó
Com o meu machado ás costas,
Toda a gente me dizia
Que eu era meu pae pintado.

(A.)

9432 Tenho um amor, tenho dois,
Tenho tres, não é defeito,
Agora tenho mais um,
E' p'ra ir a colher grão.

(A.)

9433 Tenho um sacco de cantigas,
Inda mais 'ma taleigada,
Mas se hoje canto tudo
Fico rouco p'r'á *curesma*.

(A.)

9434 Vou-me embora, vou-me embora,
Já tenho a roupa no barco,
E' chegada a triste hora
Que vou a ficar sem ti.

(A.)

- 9435 Lari ló lé lé, sou tua,
Não no digas a ninguém,
Nem ás pedrinhas da rua.
(E.)
- 9436 Já fui ao Brazil,
Já fui ao Pará,
Já comi maná
Do teu mananá.
(A.)
- 9437 O meu bem amado
E' b'nito, bem feito,
E' largo dos cóis,
Estreito do peito.
(A.)
- 9438 O' amor, amor,
Com trezentos diabos,
Mandei-te ás alfaces,
Tróveste-me nabos!
(A.)
- 9439 O amor dos homens
E' como o fermento,
Fimlos oito dias
Está bolorento.
(A.)
- 9440 O' Manel da horta,
Manel dos outeiros,
Meninas bonitas
Não são p'ra brejeiros.
(A.)

9441 O' moças, ó moças,
Eu sou do contracto,
Pergunto sabão,
Polvora e tabaco.

(A.)

9442 - Olha p'ra mim,
Minha adoração.
—Olhava p'ra ti,
Se tu foras pão.

(A.)

9443 Senhora Maria,
Eu coser bem sei,
Metta a agulha,
Que eu puxarei.

(A.)

9444 O' reza, não queiras
Viver nos quintaes,
Aqui no meu peito
Inda brilha mais.

(E.)

9445 Volta atraz, tyranna,
Volta atraz, vem ver
Amorinhos novos
Que eu estou para ter.

(A)

9446 Minha querida mãe,
Tudo sei fazer,
Menos namorar,
Nem quero apprender.

(E.)

- 9447 Toca, gaiteiro,
Que eu quero dançar,
Com filhas do Porto
Não quero casar.
(E.)
- 9448 O' Anna, ó Anna,
Quem caiu, caiu,
Levanta-te, ó Anna.
Que ninguem te viu.
(E.)
- 9449 A tua abalada
Para mim foi boa,
Já cá 'stou virada
P'ra outra pessoa.
(E.)
- 9450 Quem me dera ver
A Ritta casada,
Só para ver o dote
Que seu pae lhe dava.
(A)
- 9451 Ailé,
Lá vae o remate:
Tens o calção roto,
Vae ao alfaiate.
(A.)
- 9452 Ailé,
Lá no *malvarisco*;
Pendi p'ra Miguel,
Zangou-se Francisco.
(A.)

9453 Ailé,
Viva lá quem anda
Enganando a duas,
Aqui d'esta banda.

(A.)

9454 Ailé,
Toma lá mais esta:
Um cravo p'r'ô peito,
Um corno p'r'á testa.

(A.)

9455 Ailé,
Mària qu' és tu,
A panell' ó lume,
O arrôz 'stá cru!

(A.)

9456 Ailé,
O' *sésma*, ó *sésma*,
Diz-me quantos dias
Tem uma *curesma*.

(A.)

9457 Ailé,
Rua do Poço,
Todas são pelladas,
Nenhuma tem *troço*.

(A.)

9458 Ailé,
Lá na tapadinha,
Ingrata, tyranna,
Que já foste minha!

(A.)

- 9459 Ailé,
Ribeira, ribeira,
Vou-me a rebolar
Na erva cidreira.
(A.)
- 9460 Ailé,
Lá no chafariz
Q'ria-te assoar
Esse teu nariz.
(A.)
- 9461 Ailé,
A' hora do meio-dia
Não me venha vêr
Vossa senhoria.
(A.)
- 9462 Ailé,
No trevo, no trevo,
Se não és já minha
E' que eu não me atrevo.
(A.)
- 9463 Ailé,
Lá na Mouraria
Já te encontrei
De noite e de dia.
(A.)
- 9464 Ailé,
Lá no Rio Tinto,
Falo te a verdade
Quando te não minto.
(A.)

9465 Ailé,
Chega-te á piscola,
Cá no meu sentido
Padeces da bola.
(A.)

9466 Ailé,
No largo da S.^{ta},
Da tua familia
Tu és a ralé.
(A.)

9467 Ailé,
Estrada da Fé,
O meu namorado
E' coxo d'um pé.
(A.)

9468 Ailé,
Poejo, poejo,
Cá levo teus beijos
Neste cabanejo.
(A.)

9469 Ailé,
S'ra morgada,
Morreu-lhe seu pae,
Não lhe ficou na la.
(A.)

9470 Ailé,
Cascaes,
- Todos os filhos dos padres
Chamam padrinhos aos paes.
(A.)

- 9471 Ailé,
Giesta, giesta,
Tens dois abrolhos
No alto da testa.
(A.)
- 9472 Ailé,
O teu lindo pé
Inda hei de medil-o
C'o meu tirapé.
(A.)
- 9473 Ailé,
Maria d'Ourem,
Come quanto ganha,
Gasta quanto tem.
(A.)
- 9474 Ailé,
Olhem que pardal
De bico amarello
Se poz a cantar!
(A.)
- 9475 Ailé,
Lá nas Aversadas
Não fazes farinha,
Perdes as passadas.
(A.)
- 9476 Ailé,
Lá nas Ameimôas
Fizeste-te fino,
Mas ouviste-as boas.
(A.)

9477 Ailé,
No Paço do Bispo,
Fui comprar carvão,
Só me deram cisco.

(A.)

9478 Ailé,
Lá em Barbacena
Ha mulher's p'r'á cama
E burros p'r'á lenha.

(A.)

9479 Ailé,
Corage, corage,
Se for's p'r'á cadêa
Pago a carcerage.

(A.)

9480 Ailé,
Na horta do Paço,
Já são duas moças
Que te dão cabaço.

(A.)

9481 Ailé,
Na villa do Crato
Quem quizer comer
Tem de levar prato.

(A.)

9482 Ailé,
Amores, amores,
Que os leve o diabo,
Que só deixam dôres.

(A.)

- 9483 Ailé,
Na villa de Veiros
São todos barbados,
Não ha lá barbeiros.
(A.)
- 9484 Ailé,
A' fonte das Pias
Vão lavar as fraldas
Todas as Marias.
(A.)
- 9485 Ailé,
Na villa d'Alverca;
Se tu me deixar's
Olha a grande perca!
(A.)
- 9486 Ailé,
Que te cae a anagoa,
Eu t'a vou lavar,
Aquell' tanque d'agua.
(A.)
- 9487 Ailé,
Viva a reinação,
Que é ma cura certa
P'ra qualquer paixão.
(A.)
- 9488 Ailé,
No Baldio do Conde
Perdeste uma liga,
Não soubeste aonde.
(A.)

9489 Ailé,
Monte d'Atalaia,
Arrecólhe os pés
P'ra baixo da saía.

(A.)

9490 Ailé,
Cá desato o sacco,
Quem me quer comprar
Amor's a pataco?

(A.)

9491 Ailé,
Lá no *Landroal*,
Colhi 'ma laranja
Do teu laranjal.

(A.)

9492 Ailé,
Monte da Terruge,
Déssa *chuminé*
Cae, muita ferruge.

(A.)

9493 Ailé,
Cabeça de grillo,
Tu é que és a causa
D'este meu martyrio!

(A.)

9494 Ailé,
Venho da tourada,
Toma lá 'ma farpa
Para a tua amada.

(A.)

- 9495 Ailé,
Lá em Santa Olaia
Perdi uns calções,
Encontrei 'ma saia.
(A.)
- 9496 Ailé,
Faço aqui leilão:
Quem é que dá mais
Pelo meu João?
(A.)
- 9497 Ailé,
Lagarto, lagarto,
Que me foste á arca
Onde tinha o fato!
(A.)
- 9498 Ailé,
Ponho-te a arreata,
E vou-te a levar
A' fonte da Prata.
(A.)
- 9499 Ailé,
Marcho p'r'á cidade,
Quanto menos gente
Mais *quelaridade*.
(A.)
- 9500 Ailé,
Fructa de retorno,
Não sei quando irá
O teu dôce ao forno.
(A.)

950: Ailé,
 Não te digo mais,
 Meias de perdiz,
 Sapatos de pardaes.

(A.)

Em respeito a esta secção, veja também os *Cantos*
 n.º 67, 68, 305, 320, 337, 752, 753, 834, 854, 1085, 1200,
 1202, 1228, 1243, 1250, 1257, 1276, 1287, 1294, 1296,
 1297, 1325, 1376, 1388, 1398, 1410, 1411, 1415, 1480,
 1514, 1547, 1591, 1595, 1666, 1715, 1732, 1742, 1746,
 1748, 1749, 1753, 1759, 1839, 1872, 1902, 1908, 1910,
 1939, 1947, 1961, 1962, 2021, 2101, 2121, 2163, 2235,
 2246, 2252, 2264, 2314, 2332, 2362, 2399, 2410, 2412,
 2413, 2430, 2432, 2440, 2448, 2459, 2464, 2471, 2473,
 2474, 2516, 2539, 2563, 2566, 2583, 2636, 2682, 2702,
 2703, 2704, 2835, 2850, 2854, 2949, 2950, 2953, 2956,
 2982, 2991, 3013, 3046, 3053, 3131, 3279, 3479, 3527,
 3535 a 3537, 3561, 3609, 3654, 3671, 3675, 3676, 3687,
 3694 a 3712, 3715, 3720, 3724, 3728, 3733, 3742, 3743,
 3749, 3771, 3772, 3777, 3786, 3792, 3807 a 3810, 3855,
 3857, 3870, 3872, 3873, 3879, 3885, 3888, 3927, 3945,
 3946, 3948, 3952, 3954 a 3958, 3963, 3964, 3996 a 3968,
 3970, 3975 a 3977, 3982 a 3990, 3998, 4009 a 4012.



j) Cantigas sentenciosas e moraes



- 9502 Devagar se vae ao longe,
O amor quer paciencia;
Bem poucas vezes se ajuntam
Querer bem e conveniencia.
(A.)
- 9503 Devagar se vae ao longe,
E' bem tôlo quem se mata,
Cada noite tem seu dia,
Não ha coisa mais barata.
(D.)
- 9504 As palavras e as razões,
O mal é principal-as,
São tantas as reflexões,
Que o melhor é deixal-as.
(A.)
- 9505 O leal quer lealdade,
Meu amor, eu bem o sei:
Se algum dia tu for's meu,
Com amor te pagarei.
(A.)
- 9506 O' meu amor, se tu queres
Toda a vida viver bem,
Has de ouvir, has de calar,
Não dizer mal de ninguém.
(A.)

9507 Eu hei de pôr uma loja
D'aguardente e de café;
Ateimar com quem ateima
E' remar contra a maré.

(A.)

9508 As moças da minha aldeia
Todas usam saia branca,
Se não fosse tanto luxo,
Perdição não era tanta.

(A.)

9509 Se os ricos bem soubessem
O que custa a trabalhar,
Davam da sua riqueza
A quem não o pôde ganhar.

(A.)

9510 Mal o haja quem *mermura*
Sem poder *mermuriar*,
Quanto mais se fala d'outrem,
Mais se vem depois pagar.

(A.)

9511 O alegre tem alegria,
E o triste tem tristeza,
O falso tem falsidade,
Só o firme tem firmeza.

(A.)

9512 Os presos da sala livre
Pedem a Deus liberdade,
Que farão os da enxovia,
Fechados a tanta chave!

(A.)

- 9513 Que figura faz um pobre
Ao pé de quem muito tem?
A pobreza e a miséria
Não deixam brilhar ninguém.
(A.)
- 9514 Das onze p'ra o meio-dia
Meu coração enfraquece;
São as pagas de hoje em dia,
Quem mais faz menos merece.
(A.)
- 9515 Eu embarquei na Barquinha,
Fui ter a *Felora* da Rosa;
Se a inveja fôra tinha,
Muita gente era tihosa.
(A.)
- 9516 P'r a grossura d'uma linha,
Pela roda d'um novello;
Se a inveja fosse tinha,
Já tu não tinhas cabelo.
(A.)
- 9517 Aqui nesta rua passa
Quem me a mim tira o sentido;
Ninguém sabe o bem que perde,
Senão depois de perdido.
(A.)
- 9518 E' verdade, certo é,
Valem mais quatro que tres;
O homem que tem vergonha
Só dá palavra uma vez.
(A.)

9519 O amor é pequenino,
Em qualquer coração cabe;
Tenha paciencia, menina,
Caro custa o que bem sabe.

(A.)

9520 Menina, não me despreze
Pela sua formosura,
Olhe que a belleza acaba
E a firmeza sempre dura.

(A.)

9521 Não se me dá de quem fala,
Nem de quem odio me tem,
O *berio* da minha gala
E' o meu proceder bem.

(A.)

9522 Quem tem tabaco é que fuma,
Ísso é regra sabida:
Quem tem acções de velhaco
Tem a reputação perdida.

(A.)

9523 Penteei o meu cabello
Para traz, como as ciganas,
Agora posso eu dizer
Que os trajos fazem as damas.

(A.)

9524 Uma doce illusão
Pode suster uma vida,
Um terrivel desengano
Mata sem fazer ferida.

(A.)

- 9525 Quem ao alto quer subir,
Sem ter forças naturaes,
Nas baixas vem a cair,
Por não poder subir mais.
(E.)
- 9526 Eu quero subir ao alto,
Ao alto eu quero subir,
Quem ao mais alto *assube*,
Do mais alto vem cair.
(D.)
- 9527 Não *assubas* tão por alto,
Olha que podes cair,
Que mais rico era Job
É acabou a pedir.
(D.)
- 9528 Não desprezes quem 'stá preso,
Que é falta de humanidade,
Quem 'stá preso sempre espera
De sair p'r'á liberdade.
(D.)
- 9529 Preso que estaes na cadeia,
Porque não limaes as grades?
Bem fala quem 'stá de fóra
Com todas as liberdades.
(T. M.)
- 9530 O pobre pede riqueza,
O rico pede uma esp'rança,
Pede o proscripto uma patria,
O nauta pede bonança.
(A.)

9531 Toda a vida ouvi dizer,
Não sei se será verdade:
Quem dá filhas a marotos,
Que lhes tem pouca amizade.

(A)

9532 Toda a vida ouvi dizer:
Ou sangue, ou criação;
Torça-se quem se torcer,
Que este não se torce, não.

(A.)

9533 Quem ama não considera,
Quem considera não ama,
Eu amei, não consid'rei,
Agora gêmo na cama.

(M.)

9534 Um homem na sua aldeia,
Por mal que esteja, está bem,
Em se vendo em terra alheia
Fala sem saber a quem.

(A.)

9535 Ha 'ma razão que se diz:
Bem pouco acerta quem 'scolhe;
Toda a vida ouvi dizer:
Quem não semeia não colhe.

(A.)

9536 Lembram-me as tardes d'agora,
Pelas *manhêns* do verão;
Tudo no mundo renova,
Só a mocidade não.

(A.)

- 9537 O' meu amor, cala, cala,
Que o calado vence tudo,
Em certas occasiões
Mais me valera ser mudo.
(A.)
- 9538 O amor e o interesse
Sairam ao campo um dia,
O amor ia pensativo,
O int'resse cheio d'alegria.
(A.)
- 9539 O tempo da primavera
E' um tempo *felorido*;
Quem sáe aos seus não deg'nera,
Toda a vida assim tem sido.
(A.)
- 9540 Tenho cama no hospital,
Um ladrilho na cadeia,
Sete palmos no cardal,
Um amor na miã'h'aldeia.
(A.)
- 9541 Toma lá o que me déste,
Torna-e-o a arrecadar,
Eu tenho por nova certa:
Quem aceita que ha de dar.
(M.)
- 9542 O' menina, diga *vene*,
Que anda agora muito em moda;
Quanto mais fino é o pano,
Mais depressa cáe a *noda*.
(A.)

9543 Tenho chorado ao dia
Lagrimas mais de noventa,
Quem canta seu mal espanta,
Quem chora seu mal aumenta.

(D.)

9544 Quem canta seu mal espanta,
Minha avó me ensinou,
Para allivio de uma pena,
Uma cantiga cantou.

(A)

9545 Eu desejava saber
Se o teu coração se *astreve*;
Toda a vida ouvi dizer:
Quem tudo quer, tudo perde.

(A.)

9546 Muito bom é ser criança
Para tudo acreditar;
Porém ainda é melhor
O ser velho e não pensar.

(A.)

9547 Quem pela lingua perdeu,
Quem *varia* do sentido,
Quem a honra não sustenta,
Dá-se-lhe o mundo por castigo.

(A.)

9548 Eu hei de morrer a rir,
Que o chorar entristece,
Lamurias não curam chagas,
Quem mais chora mais padece.

(A.)

- 9549 A saude é um morgado
Como não ha outro igual;
Dos trabalhos d'este mundo,
O mais custoso é o mal.
(A.)
- 9550 Quem vae devagar atura,
Depressa póde cançar,
Muda muito de figura
Depressa p'r'ó devagar.
(A.)
- 9551 Ninguem diga que está bem,
Nem tenha tal presumpção,
Que em a roda desandando,
Não ha quem lhe tenha mão.
(A.)
- 9552 Ha 'ma razão que se diz,
E está 'ma razão bem dita:
Não ha mocidade feia,
Nem ha velhice bonita.
(A.)
- 9553 Pois eu moça como fui,
Sempre paguei o tributo;
Mais vale pão ralo e sêcco,
Do que o alvo sem conducto.
(A.)
- 9554 Os pratos da *cantarêra*
Sempre estão *telim, telim*;
Todos falam e murmuram,
Ninguem olha para *sim*.
(A.)

9555 Quem fez a casa na praça
A muito se aventurou,
Uns dizem que ella que é baixa,
Outros que de alta passou.

(A.)

9556 Oh coração de baeta,
D'aquella mais denegrída!
Ninguem diga que está bem,
Sem que olhe p'r'á sua vida.

(A.)

9557 A viola pela prima,
A prima pelo bordão,
O homem pela palavra,
A mulher p'lo coração.

(A.)

9558 A viola pela prima,
E a prima pelo bordão,
O homem pela palavra,
A menina pela mão.

(A.)

9559 Mal o hajam pae e mãe
Que ensinam filhas a ler,
Que por causa das cartinhas
Deitam casas a perder.

(A.)

9560 Os corações são comboios
De grande velocidade,
As cartinhas são machinas
Que arrastam a mocidade.

(T. M.)

- 9561 De vagar se vae ao longe,
De nada serve o correr;
Por feliz que o homem seja,
Sempre ha de vir a morrer.
(A.)
- 9562 Encontrei o meu amor
Lá na rua da Botica,
Toda a vida ouvi dizer,
Sarna com gosto não pica.
(A.)
- 9563 Boniteza hoje em dia
Anda muito introduzida,
Mais anda elle a riqueza,
Que é p'r'ó governo da vida.
(A.)
- 9564 Lindo amor da minha alma,
Amor do meu coração,
Quem não tem, não póde dar
Juizo e consid'ração.
(A.)
- 9565 Para que queres, viuva,
Sapato de cordovão,
Reza por alma ao teu homem,
Que está debaixo do chão.
(A.)
- 9566 Para que queres, viuva,
Sapato de polimento,
Reza por alma ao teu homem,
Que morreu ha pouco tempo.
(A.)

- 9567 Adão por si sósinho
Nunca teria peccado,
Foi preciso a tentação
Para o deixar engasgado.
(A.)
- 9568 'Té Eva no paraíso
Enganou o pae Adão,
Que o deixou bem engasgado
C'o fructo da perdição.
(A.)
- 9569 A serpente tentou Eva,
E Eva tentou Adão,
A mulher tenta o homem,
D'ahi vem a perdição.
(A.)
- 9570 Eu hei de mandar fazer,
De folhas verdes, um leito;
Diga o mundo o que quizer,
Querer bem não é defeito.
(A.)
- 9571 As raparigas de hoje em dia
Usam fatos bem compridos,
Não se lembram que estas modas
Não conveem aos maridos.
(A)
- 9572 Assentada reparei
Que os dedos não são eguaes,
Uns curtos, outros compridos,
Uns menos e outros mais.
(A.)

- 9573 Eu já fui a Olivença,
Subi a ladeira d'Alter;
Presumpção e agua benta,
Cada qual toma a que quer.
(A.)
- 9574 Quando eu mudo de casas,
Adormeço a consid'rar
As voltas que tenho dado,
E as que inda terei de dar!
(A.)
- 9575 Meu coração pequenino,
Tudo lhe cabe lá dentro,
Vae ouvindo e vae calando,
Falará quando fôr tempo.
(E.)
- 9576 Anel d'ouro esmaltado,
Torna para quem te deu,
Amores de homem casado
Para que os quero eu?
(E.)
- 9577 Não quero que me dês nada,
Que o vosso dar me obriga,
Quero ser mulher honrada,
Quero ganhar minha vida.
(E.)
- 9578 Duros grilhões nos prenderam,
O que Deus fizer é feito,
Pois Deus tudo determina,
Ter amor não é defeito.
(E.)

9579 Tenho-te dito mil vezes:
Rapaz, não sejas garoto,
Andas cobrando má fama,
Dando maus tratos ao corpo.

(M.)

9580 Lindos campos *feloridos*
Para passear e ver;
Quem quizer amar a Deus
Do mundo se ha de esquecer

(B. B.)

9581 Quem quizer amar a Deus
Não diga que não tem tempo,
Pode andar no seu serviço,
Trazer Deus no pensamento.

(B. B.)

9582 Vós dizeis que não, que não,
Ainda heis de vir a q'rer,
Tanto dá a agua na pedra,
Té que a faz abrandecer.

(B. B.)

9583 Toda a moça que não usa
Lenço trocado no peito,
Não é moça, não é nada,
Ninguem lhe guarda respeito.

(A.)

9584 Olhos verdes, côr da esp'rança,
Olhos verdes, côr da hera;
Quem espera sempre alcança,
Por isso minh'alma espera.

(E.)

9585 Menina do chapéu branco,
Não vire a cara p'r'a banda,
Inda que seu pae é rico,
A roda trmbem desanda.

(M.)

9586 O muito falar faz sêde,
A muita sêde, segura,
Muita pedra faz parede,
A muita parede, altura,

(ALG.)

9587 Quem alto sóbe,
Ao baixo desce,
Quem o feio ama,
Bonito lhe parece.

(D.)

9588 Eu hei de ir, hei de ir,
Não hei de mandar,
Quem recados leva,
Recados vae dar.

(D.)

9589 Ailé,
Arroz com cebola,
Muita presumpção
Faz a gente tola.

(A.)


9590 Ailé,
 Lá na Casa Branca,
 Que mais força tem,
 Mais peso *alevanta*.

Em respeito a esta secção veja também os *Cantos*
 n.^{os} 4, 6, 7, 9, 10, 13, 17, 23, 42, 44, 60, 66, 68, 759, 333,
 348, 389, 411, 431, 452, 555, 557, 747, 760 a 762, 771,
 774, 815, 822, 835, 1009, 1111, 1169, 1186, 1210, 1341,
 1347, 1383, 1394, 1420, 1436, 1459, 1490, 1494, 1501,
 1504, 1528, 1581 a 1584, 1617, 1653, 1688, 1719, 1855,
 1856, 1886, 1907, 2036, 2149, 2187, 2245, 2267, 2264,
 2290 a 2293, 2322, 2373, 2422, 2423, 2437, 2530, 2531,
 2569, 2570, 2594, 2617, 2716, 2794, 2820, 2821, 2837,
 2942, 2947, 2952, 2954, 2957, 2971, 2992, 2998, 3005,
 3025, 3039, 3054, 3108, 3130, 3145, 3194, 3195, 3197,
 3199, 3213, 3214, 3249, 3256, 3261, 3321, 3326, 3339,
 3385, 3411, 3650, 3547 e 3898.



k) Cantigas historicas e politicas

Segundo o plano da coordenação d'estes *Cantos*, seguiam aqui as *Cantigas historicas e politicas*; mas tendo essas cantigas constituido o folheto intitulado *Cancioneiro popular politico*, de que já publiquei duas edições (a primeira em 1891 e a segunda em 1906—Elvas, Typographia Progresso), escusado é da-las novamente á estampa.



1) Cantigas geographicas



9591 Sou do Minho, sou minhoto,
Do 'lemejo, 'lemejana,
Sou da Beira, sou beirôa,
Sou de Troia, sou troiana.

(A.)

9592 Das cidades, é Lisboa,
Das villas, Villa Real,
Das aldêas, Santo Amaro,
Das quintas, rei é Urgal.

(B. B.)

9593 Das cidades, é o Porto,
Das villas, Villa Real,
Das aldêas, Santa Comba,
Das quintas, o Carrascal.

(T. M.)

9594 Quatro terras tem o Douro (*sic*)
Em que se pode passear,
São o Porto, é a Regoa,
Lamego e Villa-Real.

(D.)

9595 Tenho um namoro em Bellas,
Tenho outro em Queluz,
Um outro na Trafaria,
Um quarto no Bom Jesus.

(E.)

- 9596 Deitei-me a dormir em Muge,
Acordei, 'stava na Erra,
Tomei amores na Terrugem,
Fui casar a Salvaterra.
(A.)
- 9597 Salvaterra me desterra,
Já Elvas me dá calor,
Ponho os olhos em Bemfica,
Lembra-me Penamacor.
(A.)
- 9598 Comparo Elvas com Sines.
Badajoz com Assumar,
Terena com Villa Viçosa,
Bencatel co' Alandroal.
(A.)
- 9599 Olhos pretos são gentios,
São gentios de Guiné,
De Guiné por serem pretos,
Gentios por não terem fé.
(A.)
- 9600 Fui á Hespanha, vim hespanhol,
Fui á França, vim francez,
Fui á India, indio vim,
Agora sou portuguez.
(A.)
- 9601 Fui a Hespanha, fui hespanhola,
'Stive em França, fui franceza,
Em Italia fui 'taliana,
Agora sou portugueza.
(A.)

9602 Chamaste-me castelhana,
Eu em Castella nasci,
Tomaras tu uma dama
Castelhana como a mim.

(A.)

9603 Subi o ceu p'r uma linha
E descí por um retroz;
Quem quizer moças bonitas
Procure-as em Badajoz.

(A.)

9604 Ailé,
Lá em Badajoz
Eu fui embarcada
Na casca da noz.

(A.)

9605 Já fui a Inglaterra,
Já passei os quatro mares;
Quando tu me alebraste
Fiquei suspenso nos ares.

(D.)

9606 Eu quero ir ao Brasil,
Mas não é por ter dinheiro,
E' só para ter a fama
De me chamar brasileiro.

(D.)

9607 Eu hei de ir para o Brasil,
Casar c'uma brasileira,
Que nesta terra não acho
Uma menina solteira.

(A.)

- 9608 Já fui ao Brasil e vim,
De lá trouxe o meu cruzado,
Eu andei pelas tavernas,
Lá o deixei empenhado.
(M.)
- 9609 Tenho corrido mil terras
E já fui a Pernambuco,
Quem quizer moças bonitas
Vá á terra do assucar.
(D.)
- 9610 Pernambuco me prendeu,
A Bahia me soltou,
Adeus ó Rio de Janeiro,
Que eu já para lá não vou.
(E.)
- 9611 Villa Nova já foi villa,
Agora é um chiqueiro;
Quem quizer moças bonitas
Vá ao Rio de Janeiro.
(D.)
- 9612 Lá no Rio de Janeiro
Ia eu morrendo á sêde,
Uma secia me deu agua
Da raiz da salsa verde.
(A.)
- 9613 Além Douro, além Douro,
Além Douro fica o Minho;
Eu logo fui inclinado
A's armas, de pequenino.
(B. B.)

9614 Sou do Minho, sou minhoto,
Filho de uma minhoteira,
Pego nos picos ás costas,
Vou-me trabalhar p'r'á Beira.

(B. B.)

9615 Já não ha papel em Braga,
Nem tinta pelos conventos,
Já não ha quem escreva
Nessos duros sentimentos.

(A.)

9616 O' Braga, que estás perdida,
Cada vez mais derrotada!
Por causa do muito luxo
Muita mulher desgraçada!

(M.)

9617 Adeus caldas do Gerez,
Adeus amigo banheiro,
Que eu vim buscar a saude
A' custa do meu dinheiro.

(M)

9618 Não me lembrava Vianna,
Nem que tal cidade havia,
Agora nunca me esquece,
Nem de noite, nem de dia.

(D.)

9619 Viva e Pezo, viva a Regoa,
Viva o alto de Lobrigos,
Viva tambem uma rosa
Que eu levo nos meus sentidos.

(B.)

- 9620 Do Pezo até á Regoa,
Da Regoa até ao Pinhão,
Tenho lá os meus amores,
Prendo lá meu coração.
(B. B)
- 9621 O' Villa Real alegre,
Ninguem te quer mais do que eu!
Basta seres a linda patria
Onde o meu amor nasceu.
(T. M.)
- 9622 Altos montes tem Bragança,
Maiores Villa Real;
Os suspiros pelos montes
Vão abafar-se no valle.
(A.)
- 9623 Hei de cercar Bragança
Com vara e meia de fita,
A' porta do meu amor
Hei de pôr a mais bonita.
(T. M.)
- 9624 Adeus, adeus, Carrazêda,
'Stás num alto, dá-te o vento,
Tens rapazes como cravos,
Raparigas de espavento.
(T. M.)
- 9625 Adeus, adeus, Carrazêda,
Quem te agora passera,
De cima até ao fundo,
E no meio se assentára!
(T. M.)

9626 Adeus, adeus, Carrazêda,
Que tens ao fundo uma cira,
Tens rapazes d'uma canna,
Raparigas de canna e meia.

(T. M.)

9627 O Amêdo deu um tombo,
Samorinha — temte-lá . .
Carrazêda é um brinquinho,
Sempre o foi e o será.

(T. M.)

9628 A villa de Mirandela
Só tem bonita uma rua,
Mas tem via reduzida
Da villa até Fóz Tua.

(T. M.)

9629 A ponte de Mirandela
Com vinte e cinco olhaes?
Ainda hontem lá passei,
Tem desoito, não tem mais.

(T. M.)

9630 Chamaes-me mira mira,
Eu não sou de Mirandela,
Sou do districto de Bragança,
Carrazêda é minha terra.

(T. M.)

9631 A rua da Ponte é cravo,
E a praça uma roseira,
Cabo da Villa, caipira,
O Tournal, Ilha Terceira.

(T. M.)

9632 Adeus ó rua da Ponte,
Encosto dos mandriões,
Onde se vendem baêtas
Dos mais finos algodões.

(T M)

9633 Adeus rua da Deveza,
Direita até ao Freixo,
Quando me fôr d'esta terra
Lindos amores cá deixo.

(T. M.)

9634 Já hoje fui á Deveza,
Já hoje passei o rego,
Já hoje fui á cadeia
Onde meu amor 'stá prêso.

(T. M.)

9635 Adeus, adeus, ó Sabroza,
Estás d'alto, dá-te o vento,
Tens rapazes como torres,
Moças que são um tormento.

(T. M.)

9636 Ao pé da Lavandeira
Fica o pôvo das Selores,
Em tempos que já lá vão
Tive alli os meus amores.

(T. M.)

9637 Adeus, adeus, Penedôno,
Capella de S. João,
Onde tenho o meu amor
Fechadinho num botão.

(T. M.)

9638 O castell' de Penedôno
Quem o fez não era tôlo,
Que lhe deixou as esquinas
Viradinhas para o povo.
(T. M.)

9639 No alto de Santa Clara
Me quizeram conhecer,
Metti a mão na algibeira:
Ou retirar, ou morrer.
(T. M.)

9640 Venho de cima do Douro,
Inda não venho dourada,
Venho da terra dos moços,
A mais não venho casada.
(D.)

9641 Quem me dera ser do Porto,
Ôu no Porto ter alguem,
Só p'ra ter a liberdade
Que as moças do Porto têm.
(A.)

9642 Eu não sei que quer o Porto,
O Porto chora por mim,
Eu não devo nada ao Porto,
Nein o Porto deve a mim.
(A.)

9643 Quando eu ia para o Porto,
Villa Real me alembrou,
Villa Real da minh'alma,
O Porto me enfeitçou!
(B. A.)

- 9644 Tenho uma prima no Porto,
Outra no cães de Vianna,
Se a do Porto é bonita,
A outra ainda lhe ganha.
(M.)
- 9645 Eu tenho um amor no Porto,
Outro no cães de Belem,
Eu quero mais *ó* do Porto,
O do cães não me convem.
(A.)
- 9646 Tudo que no mar embarca
A' barra do Porto vem,
Tudo vejo vir á vela,
Só o meu amor não vem!
(B. B.)
- 9647 As moças do Porto cuidam
Que não ha outras no mundo!
Não é o poço tão alto,
Que se lhe não veja o fundo.
(M.)
- 9648 Adeus cidade do Porto,
Castello da lavadeira;
A que chegou por despique
A mocidade solteira!
(D.)
- 9649 Adeus Povoá, adeus Povoá,
Cada vez mais *arreïnada!*
Por causa de tanto luxo
Tanta mulher desgraçada!
(D.)

9650 O' Aveiro, ó Aveiro,
O' Aveiro pequenino,
Trago o Aveiro pintado
Nas costas do meu machinho.

(D.)

9651 Menina que vem d'Aveiro,
Da terra dos pucarinhos,
Vá devagar com a loiça,
Olhe não faça caquinhos.

(D.)

9652 Aveiro, por ser Aveiro,
Por ter marinhas de sal,
Não ha terra como a minha
No reino de Portugal.

(D.)

9653 O' Coimbra, ó Coimbra,
Deixa-me assim dizer,
Se uma prenda que eu lá trago
Eu a tornarei a ver.

(D.)

9654 Nunca eu fôra a Coimbra,
Nem passara por Sant'Anna!
'Ma meniņa de lá disse:
Muito padeçe quem ama.

(A.)

9655 O meu amor é de Coimbra,
Vendedeira d'arrufadas,
Tem os olhos côr da noite,
Tem umas tranças doiradas.

(D.)

- 9656 Coimbra, nobre Coimbra,
Coimbra, nobre cidade,
Tu és a patria querida,
Desterro da mocidade.
(T. M.)
- 9657 Coimbra, nobre cidade
Onde se formam doutores,
Andam lá p'ra se formarem
Os meus primeiros amores.
(D.)
- 9658 Coimbra, nobre cidade,
Onde se vae ás perguntas,
Inda lá hei de levar
Nove raparigas juntas.
(D)
- 9659 As meninas da Figueira
São pobres, mas trajam bem,
São delgadas, mas não servem
De palito a ninguém.
(A.)
- 9660 Bella praia da Figueira,
Quem me déra já lá estar,
Para vêr as figueirenses
Quando se vão a banhar.
(A.)
- 9661 O' Figueira, verde lima,
O' praia, verde limão,
Rua Direita ao pinhal
Onde os meus amores são.
(D.)

- 9662 Adeus ó bairro de Espinho,
Que és um bairro bem airoso,
Quem nelle tomar amores
Póde-se dar por ditoso.
(D.)
- 9663 Tenho um amor em Parâmos,
E o outro em Remuão,
Outro na praia de Espinho,
Que esse é do meu coração.
(D.)
- 9664 Parâmos é rei das moças,
Nunca foi, nem ha de ser;
Anda Oleiros em demanda,
Silvalde ha de vencer.
(D.)
- 9665 Em Parâmos fui nascida,
Em Silvado baptisada,
Em Parâmos tomei amores,
Em Oleiros 'stou casada.
(D.)
- 9666 Deus lhe dê mui boas tardes,
Senhor regedor d'Oleiros;
Inda espero de subir
E descer alguns oiteiros.
(D.)
- 9667 Perguntas-me d'onde eu sou,
Minha terra não *na* nego,
Minha terra é Silvalde,
Onde os meus olhos navegam.
(D.)

- 9668 Adeus logar de Silvalde,
Adeus ramada sem uvas,
Adeus Maria do Céu,
'Stás no rol das viuvas.
(D.)
- 9669 Adeus bairro de Silvalde,
Cedo te vou visitar,
A' noite se Deus quizer,
E' que me lá vou gosar.
(D.)
- 9670 Adeus logar de Silvalde,
Alli logo á entrada,
Onde eu tenho os meus amores,
A mais ninguem sabe nada.
(D.)
- 9671 Inda que eu sou de Barrozas,
Criado na carrasqueira,
Inda espero de casar
C'uma menina solteira.
(M)
- 9672 Adeus Caldas de S. Jorge,
Adeus amigo banheiro,
A saude vae na mesma,
A bolsa vae sem dinheiro.
(D.)
- 9673 Perguntaes-me d'onde eu sou,
Onde eu fui baptisada,
Baptisada em S. Vicente,
Naquella pia sagrada.
(D.)

- 9674 Adeus Villar, adeus villa,
Adeus villa, adeus encanto,
Adeus vista dos meus olhos,
A quem eu queria tanto!
(D.)
- 9675 Vós dizeis: ó Serra, ó Serra!
Na Serra também ha pão,
Na Serra também se criam
Moças da minha feição.
(D.)
- 9676 O Bairro de Monte Arroio
Não é villa, nem cidade,
E' um bairro muito lindo,
Onde brilha a mocidade.
(D.)
- 9677 As casas da Violante
São bonitas, minha joia,
As do Gião mais bonitas
Por terem as clara-boias.
(D.)
- 9678 Adeus largo da Bergada,
E' um largo bom airoso,
Onde se enterrou o preto,
Esse sitio está viçoso.
(D.)
- 9679 As mocinhas de Lisboa
Já não sabem fiar 'stôpa,
Andam pelos loiceiros
A vêr se a malga tem sôpa.
(M.)

- 9680 As meninas de Lisboa
Não tomam os banhos bem,
Ellas vem p'ra passear
A's praias de Santarem
(E.)
- 9681 As meninas de Lisboa
São bastante feiticeiras,
Mas nenhuma d'ellas tem
Os dindins das brasileiras
(E.)
- 9682 O' Lisboa, ó Lisboa,
O' Lisboa do ganhar,
Tambem aqui ha Lisboa
P'ra quem sabe trabalhar.
(D.)
- 9683 O' Lisboa, ó Lisboa,
Terra da minha affeição,
Onde eu tenho o meu amor;
Ninguem me diga que não.
(A.)
- 9684 Hei de mandar fazer,
Não sei se ficará boa,
Uma ponte de madeira
Na capital de Lisboa.
(E.)
- 9685 Fui a Lisboa num ai,
E voltei de lá num ui,
Ninguem irá a Lisboa
Tão depressa como eu fui.
(A.)

9686 Se Lisboa fôra minha,
Não fôra de meu irmão,
Fizera d'Elvas, Lisboa,
De Campo Maior, Marvão.

(A.)

9687 Lisboa, por ser Lisboa,
Tambem é terra de valle,
Tambem tem moças bonitas,
Claras como o crystal.

(A.)

9688 Lisboa, por ser Lisboa,
Tambem é terra de pão,
Tambem tem moças bonitas,
Tão claras como o carvão.

(A.)

9689 Quatro coisas tem Lisboa
Muito á minha vontade:
A estatua, o Tejo, el-rei,
E a Avenida da Liberdade.

(A.)

9690 De Lisboa me mandaram
Quatro frades num ceirão,
Frei azeite, frei vinagre,
Frei alho, frei pimentão.

(A.)

9691 O' menina do cabaz,
Compre-me cá esta pera
Para levar 'ma lembrança
Cá da praça da Figueira.

(E.)

- 9692 Fui á praça da Figueira
A comprar o meu almoço,
Encontrei o meu amor
De gravatinha ao pescoço.
(A.)
- 9693 Ailé,
Lisboa, meu bem,
Quero coisa boa
Por mais um vintem.
(A.)
- 9694 Ailé,
Lisboa, Lisboa,
Por mais um vintem
Quero coisa boa.
(A.)
- 9695 De Lisboa p'ra Belem
Vae a gente no vapor,
Encontram-se moças bonitas
Falando c' o seu amor.
(E.)
- 9696 Eu tenho os meus amores
P'ra os lados de Bemfica,
E' feia e trigueirinha,
Mas gosto d'ella, que é rica.
(E.)
- 9697 O' Mineiro, ó Mineirinho,
O' Mineiro de Cascaes,
Por tua causa, Mineiro,
Fogem as filhas aos paes.
(E.)

9698 O povo da outra banda
E' um povo jovial,
Na outra banda ha bons petiscos,
Alli ninguem passa mal.

(E.)

9699 Quando eu vim de Lisboa,
Villa Franca me lembrou;
Villa Franca da minh'alma,
Que já p'ra mim acabou!

(A.)

9700 Eu tenho uma casa em Tancos,
Alicerces na Marinha,
As paredes em Alverca,
E os telhados na Barquinha.

(A.)

9701 Fui ás touros a Salvaterra,
A's cavalhadas a Samora,
Fui a 'ma caçada á Erra,
Vim á pesca para Móra.

(A.)

9702 Salvaterra é do rei,
Villa Nova da rainha,
Se eu fôra filha do rei
Villa Nova era minha.

(A.)

9703 Fui a Santarem por terra,
For ver o santo milagre,
Não vi terra de mais santos,
Gente de tanta maldade!

(A.)

- 9704 Anda cá, meu bem amado,
Que eu sem ti não sou ninguém,
Foste nascido em Vallada,
Baptisado em Santarem.
(A.)
- 9705 Aguardente de Setubal,
Passada pela garganta;
Anda agora muito em moda
A volta do chale manta.
(A.)
- 9706 Se Setubal e Palmella
Teem grande *elevação*,
Alhos Vedros e Pégões
São eguaes a Poceirão.
(A.)
- 9707 Fui fazer uma viagem
De Vendas Novas aos Pégões,
Para comprar umas pelles
Para fazer uns *ceifões*.
(A.)
- 9708 Chamáste a Abrantes villa,
A Rio de Moinhos aldeia,
A Lisboa arcos de prata
Onde o meu amor passeia.
(E.)
- 9709 Em todas as segundas-feiras
Vou ao mercado d'Abrantes,
Só para ver as *bandeiras*
Que alli trazem os marchantes.
(E.)

9710 Adeus castello d'Abrantes,
Onde batem as trindades;
Não se podem ter amores
Por causa das saudades.

(E.)

9711 Adeus ó *recio* d'Abrantes,
Nem chove, nem faz orvalho;
Menina, se quer ser minha,
Não me dê tanto trabalho.

(E.)

9712 Não me fales em Abrantes,
Que tem as casas cahidas,
Fala-me em cidade d'Elvas,
Que tem boas raparigas.

(E.)

9713 O' Abrantes, ó Abrantes,
Terra da marchanteria,
Quando eu era marchante
Tambem a Abrantes ia.

(A.)

9714 No Largo da Ferraria
Toda a gente me quer bem,
Só o pae do meu amor
Não sei que *boleio* me tem.

(E.)

9715 Já não quero ir a Abrantes,
Nem por Abrantes passar,
Que as meninas d'Abrantes
Não qucrem senão casar.

(A.)

- 9716 Tenho um amor em Lamego,
Outro em villa de Sande,
Inda espero de ter outro
Na villa de Bretiande.
(B. A.)
- 9717 Esta noite, por meu gosto,
Lamego se ha de arrasar,
Para que saibas, Lamego,
Que chegou Villa Real.
(T. M.)
- 9718 Adeus ó quinta do Poço,
Videirinhas que eu podei;
Não se me dá que outra logre
Amores que eu regeitei.
(B. A.)
- 9719 Adeus, adeus, ó Seara,
Passadas que eu em ti dei!
Oxalá eu dera mais,
Que tão bem as empreguei!
(B. A.)
- 9720 Adeus ó Eira Queimada,
Nem uma folha lá bole,
Não ha lá moças bonitas,
Nem rapaz que as namore.
(B. A.)
- 9721 Castello Branco é meu,
Comprei-o com o meu dinheiro,
Quem quizer passear nelle
Fale comigo primeiro.
(A.)

9722 Adeus ó Castello Branco,
Adeus chafariz da Adorna;
O meu amor foi-se embora
Por tres annos, logo torna.

(A.)

9723 Villa Nova, Villa Nova,
Villa Nova de Foscôa,
Se não fossem os judeus,
Villa Nova era bôa.

(B. B.)

9724 Adeus villa de Trancoso,
Fui lá e não entrei dentro,
Agora lhe fica o nome:
Villa do esquecimento.

(B. B.)

9725 Hei de ir a Trancoso
Com vara e meia de fita,
A' porta do meu amor
Hei de pôr a mais bonita.

(B. B.)

9726 Adeus villa de Trancoso,
Logo ali á entrada,
Ficaram meus olhos presos
Numa rosa encarnada.

(B. B.)

9727 O' Taboço, ó Idanha,
O' Mesura, ó Juncal,
O' Brites d'além do rio,
Meu corpo lá vae parar.

(D.)

9728 Eu hei de ir a Cima Côa
A segar e a atar pão,
Hei de te levar comigo,
Prenda do meu coração.

(B. B.)

9729 Quem diz que a villa de Mêda
Que não prende corações?
Lá ficou o meu bem preso,
Atado com dois *listrões*.

(B. B.)

9730 O' rua do Tabolado,
No meio tem uma botica,
Lá ficaram os meus olhos
Numa casa tão bonita.

(B. B.)

9731 Nas terras do Alemtejo
E' tudo tão asseado!
As casas e os corações
Sempre tudo anda lavado.

(E.)

9732 Se fôres ao Alemtejo
Tráz de lá 'ma alemtejana,
Pequenina e bem feita,
Que saiba fazer 'ma cama.

(M.)

9733 Se fôres ao Alemtejo
Trazei-me uma alemtejana,
Pequenina e bem feita,
Que caiba na minha cama.

(D.)

- 9734 Se fôres ao Alemtejo
Traz de lá 'ma alemtejana,
Pequenina e espertinha,
Que ellas d'isso teem fama.
(M.)
- 9735 Alemtejo, terra triste,
A Beira é mais alegre ;
Diga-me ó minha menina
Porque razão me não 'screve.
(D.)
- 9736 Alemtejo, gravidade,
Foi minha *devotação*;
Sou filha da Borda d'Agua,
Criada na fresquidão.
(D.)
- 9737 Adeus ó cidade d'Evora,
Que hei de lá ir não sei quando,
Quer de noite, quer de dia,
Sempre em Ev'ra 'stou pensando.
(A.)
- 9738 A bella cidade d'Evora
Nunca me a mim agradou,
Meu amor não é de lá,
E eu de lá tambem não sou.
(A.)
- 9739 Se fôres a Evora
Vae á Sé tambem,
Que é a melhor cousa
Que a cidade tem.
(A.)

- 9740 Se for's á villa de Borba
Traz-me de lá um anel,
Para dar ao meu amor,
Que se chama Manoel.
(A.)
- 9741 De Borba é que vem o vinho,
Do Crato é que vem a loiça;
Diz lá tu devagarinho,
Com que minha mãe não ouça.
(A.)
- 9742 Adeus villa de Borba,
Inda lá tenho raizes,
Vou á aldeia da Terrugem
Onde são os meus paizes.
(A.)
- 9743 Adeus ó villa de Borba;
Villa Viçosa ao pé,
Adeus villa d'Estremoz,
Freguezia de S. Thomé.
(A.)
- 9744 Se o Alandroal fosse meu,
Como é da minha avó,
Mandava-lhe a pôr no meio,
Tres *felores* num pé só.
(A.)
- 9745 Vou mudar a residencia
Do 'Landroal p'ra Santarem;
Vou confiar-te um segredo,
Só a ti, a mais ninguem,
(A.)

- 9746 Entre Borba e Villa Viçosa
Ouve grande berraria,
Se não acudisse a tropa,
Havia grossa pancadaria.
(A.)
- 9747 Adeus ó Villa Viçosa,
Terra da minha paixão,
Onde eu tenho, não o nego,
O amor do meu coração.
(A.)
- 9748 Adeus ó Villa Viçosa,
E's villa dos candieiros,
Eu sou da villa de Borba,
Tenho zanga ós labuteiros.
(A.)
- 9749 Villa Viçosa me chama,
Borba me diz não vá lá;
Não sei que faça ao sentido,
Que tanta volta me dá!
(A.)
- 9750 Alli em Villa Viçosa
'Stá o palacio real,
Em frente os Agostinhos,
Mais adeante o Carrascal.
(A.)
- 9751 Tenho um amor em Borba,
Tenho outro em Villa Boim,
Tenho outro na cidade,
Que esse dá cabo de mim.
(A.)

- 9752 As meninas d'Estremoz
Todas usam aventaes,
Umas são muito bonitas,
Outras são feias a mais.
(A.)
- 9753 Tenho um amor em Estremoz,
Outro em Alter do Chão,
Outro em Villa Viçosa,
E mais quatro em Marvão.
(A.)
- 9754 Adeus ó villa do Cano,
As costas te vou virando,
Os meus olhos se vão rindo,
Meu coração vae chorando.
(A.)
- 9755 Quando o Cano era Cano,
Quando o Cano, Cano era,
Colhi eu lá uma flôr
No tempo da primavera.
(A.)
- 9756 O' Brinche, ó lindo Brinche,
Tu d'antes eras aldeia,
Agora és nobre cidade,
Onde o meu amor passeia.
(A.)
- 9757 Convento da Serra d'Ossa,
Que estaes no meio d'um escampado,
Prendei lá o meu amor,
Que anda mal encaminhado.
(A.)

- 9758 Convento da Serra d'Ossa,
Quem me déra agora lá,
Para me recordar dos tempos
Que não tornam a vir já!
(A.)
- 9759 Cidade de Portalegre.
Duas coisas tens em ti,
Uma é a fabrica das rolhas,
Outra o Senhor do Bomfim.
(A.)
- 9760 Portalegre, terra a'egre,
Terra aonde eu nasci,
Para todos foste mãe,
Só madrasta para *mi*.
(A.)
- 9761 Já me não lembrava d'Elvas,
Nem que tal cidade havia;
Não me esquece o meu amor,
Nem de noite, nem de dia.
(A.)
- 9762 Adeus ó cidade de Elvas
E banco do ferrador,
Já te tiraram a Sé,
Não perdeste o teu valor.
(A.)
- 9763 Não sei o que tem Elvas
Que sempre me está lembrando,
Em vindo a primavera
As elvenses me estão chamando.
(A.)

- 9764 O' Elvas tu já não podes,
Com a tua opinião,
Puxar a torre da Sé
Com um fio d'algodão.
(A.)
- 9765 Tenho um amor em Elvas,
Outro em Villa Viçosa,
Outro no Alandroal,
Como a folha d'uma rosa.
(A.)
- 9766 Quatro villas tendes Elvas
Que nos cercam em redor,
Villa Viçosa, Olivença,
Estremoz, Campo Maior.
(A.)
- 9767 O' Elvas, tu já 'stás morta,
Vives muito encolhidinha,
Já se lá foram os tempos
Em que semeavas sardinha.
(A.)
- 9768 Adeus ó rua da Feira,
Rua da tafularia,
Onde eu vejo o meu amôr,
A toda a hora do dia.
(A.)
- 9769 O Largo do Collegio
Deu-m'o el-rei por sorte,
Quem nelle tomar amores
Não póde ter melhor sorte.
(A.)

- 9770 Na rua dos Cavalleiros,
Logo ali á entrada,
Prenderam os brasileiros
Com uma fita encarnada.
(A.)
- 9771 A rua dos Cavalleiros
No meio tem um lettreiro,
Que logo ali á entrada
Prenderam os brasileiros.
(A.)
- 9772 Na rua dos Cavalleiros
Foi posta 'ma sentinella,
Para não deixar fugir
Brasileiros p'la janella.
(A.)
- 9773 A rua de Martim Mendes
No meio é assim, assim,
Lá prenderam o brasileiro
Com uma fita de setim.
(A.)
- 9774 Ailé,
Rua dos Chilões,
Pagam-se amidades
Com ingratidões.
(A.)
- 9775 Eu tenho um amor em Varche
Que vae beber agua ao Cano,
Outro na cidade de Elvas
Ha de haver coisa d'um anno.
(A.)

- 9776 Já Elvas não é cidade,
Nem villa lhe chamarão,
Já os arcos da Amoreira
Deram comsigo no chão.
(A.)
- 9777 Já Elvas não é cidade,
Nem villa lhe hão de chamar,
Já os arcos da Amoreira
Tiraram comsigo ao ar.
(A.)
- 9778 Já os arcos da Amoreira
Foram feitos á d'reitura,
Em baixo estrada real,
Caminho da sepultura.
(A.)
- 9779 Os arcos da Amoreira
São arcos de grande altura,
Por baixo estrada real,
Caminho da sepultura.
(A.)
- 9780 Os arcos atravessados
Foram feitos p'r'ós Alcamins,
Por baixo estrada real,
Caminho de Villa Boim.
(A.)
- 9781 Largo do Rocio,
Mãe da Nazareth,
Arcos da Amoreira
Logo ali ao pé.
(A.)

9782 O' sério, menina, ó sério,
O' sério, devagarinho,
Já não vou á feira d'Elvas,
Que não quer o meu bemzinho.
(A.)

9783 Venho de Villa Boim,
E sem medo vim sósinho,
Não quero amores de lá,
Se eu tenho um no Ribeirinho.
(A.)

9784 A villa de Barbacena
Tem um asylo no meio,
Onde as meninas namoram
Nas horas do seu recreio.
(A.)

9785 O povo de Barbacena
E' um povo muito honrado,
Quando fôr á nossa terra
Ha de ser muito estimado.
(A.)

9786 A villa de Barbacena
E' caminh' da Conceição,
No meio fica a Colonia
Onde trabalha o meu João.
(A.)

9787 Ailé,
Lá em Barbacena
Me quizeram dar,
Mas tiveram pena.
(A.)

- 9788 Em Barbacena
Me quizeram dar,
Mas tiveram pena
De me vêr chorar.
(A.)
- 9789 Aldeia de Santa Eulalia,
Tem uma estação ao pé,
Algum dia era aldeia,
Agora nem povo é.
(A.)
- 9790 Aldeia de Santa *Olaia*
Dá para cá uma volta;
Já tenho outros amores,
Já de ti me não importa.
(A.)
- 9791 Aldeia de Santa Eulalia
De comprida não tem fim,
Lá se anda creando um cravo
Que nasceu só para mim.
(A.)
- 9792 Aldeia de Santa *Olaia*
Duas cousas te dão graça,
E' ter's a estação ao pé
E as casas novas na praça.
(A.)
- 9793 Santa Eulalia, Santa Eu'alia,
Mal de ti nunca direi,
Mais abaixo, mais acima,
Em Santa Eulalia ficarei.
(A.)

9794 Aldeia de Santa Eulalia,
Terra onde eu me criei,
Mais abaixo, mais acima,
Sempre nella viverei.

(A.)

9795 Quatro terras tem aldeia
Desviadas duas leguas,
E' Arronches e Monforte,
Campo Maior e Elvas.

(A.)

9796 Santa Eulalia, Santa Eulalia,
Terra da minha paixão,
Quem me déra poder dar-lhe
Alma, vida e coração.

(A.)

9797 Aldeia de Santa *Olaia*,
Toda cercada de flôres,
Póde dar-se por ditoso
Quem nella tiver amores.

(A.)

9798 Aldeia de Santa *Olaia*,
Toda cercada de uvas;
Eu gosto só das casadas,
Das solteiras e viúvas.

(A.)

9799 Aldeia de Santa *Olaia*
Tem uma janella de vidro,
Aonde eu vou a chorar
Lagrimas d'arrepellido.

(A.)

- 9800 Mal o haja, mal o haja,
Mal o haja a minha vida!
A aldeia de Santa Eulalia
E' mais larga que comprida.
(A.)
- 9801 Santa Eulalia, Santa Eulalia,
Barbacena e Conceição,
Onde o meu bem faz *arraia*,
Em chegando a *encasião*.
(A.)
- 9802 Na aldeia de Santa Eulalia
'Stão deitando tres balões,
Com letrinhas que dizem:
Morra quem tiver paixões.
(A.)
- 9803 Ailé,
Lá em Santa *Olaia*
Namoram-se as môças
Pelo cós da saia.
(A.)
- 9804 O' Quinta de S. João,
O' Povo de S. Vicente,
Aldeia de Santa Eulalia,
Onde eu tenho a minha gente.
(A.)
- 9805 O' povo de S. Vicente
Dá para cá um vae-vem,
Tenho lá o meu amor,
Quem me déra lá tambem!
(A.)

- 9806 O' povo de S. Vicente,
Não sei quem te ha de seguir,
Ha de ser o meu sentido,
Já que não posso lá ir.
(A.)
- 9807 Ailé,
O' Povo, *Pavô*,
Quem lá 'stá um anno,
P'r'ô outro casou.
(A.)
- 9808 S. Vicente e Aventosa
São arrabaldes d'Aldeia;
Tu és a melhor rosa
Que nesta terra passeia.
(A.)
- 9809 Aldeia da Conceição
Vae 'stando muito augmentada,
Já tem um correio novo
Caminho de Santa *Olaia*.
(A.)
- 9810 Aldeia da Conceição
Tem uma c'lonia real,
Que tem moinho de vento,
Machina d'amassar cal.
(A.)
- 9811 Aldeia da Conceição,
Caiada ha de luzir,
O meu amor já lá está,
Eu tambem p'ra lá hei de ir.
(A.)

- 9812 Naldeia da Calçadinha,
Onde as moças vão dançar,
Apparece gente fina
A' sacada do bilhar.
(A.)
- 9813 Subi ao ceu p'r uma linha,
E desci por um retroz;
Fui passar á Calçadinha
Para ir p'ra Badajoz
(A.)
- 9814 Na aldeia de Santa Ritta,
Lá no centro, moro eu;
Já não é de hontem, nem de hoje,
Que o meu coração é teu.
(A.)
- 9815 As môças de Santa Ritta
Todas tem a fralda rôta,
Só a Vicenta, a Bixa,
Tem uma nova d'estôpa.
(A.)
- 9816 Adeus rocio da feira,
Mais abaixo Santa Ritta,
O Senhor da Piedade,
O' que igreja tão bonita!
(A.)
- 9817 As môças das Alpedreiras
São bonitas, bailam bem,
Em tendo uma saia nova
Já não falam a ninguem.
(A.)

9818 As moças do Ribeirinho
São bonitas, gosto d'ellas,
Só uma falta lhes ponho:
Não se pode fiar nellas.

(A.)

9819 Vim da Venda, fui á Venda,
A Venda me tem matado,
Dizem as moças d'aldeia:
Inda não 'stás emendado?

(A.)

9820 Ailé,
Lá em S. Lourenço
Eu quiz acenar-te
Mas não tinha lenço.

(A.)

9821 O Forte da Graça tem
Vinte cinco baterias,
Dezoito são para o Trem,
E sete p'r'ás frontarias.

(A.)

9822 Bellas janellas de vidros
Tem a quinta do Malvar;
Meu amor, se te desvias,
Já não tornas a chegar.

(A.)

9823 Bella quinta do Malvar
Tem dois marcos ó portão;
Muito custa a apartar
Uma casa d'um botão.

(A.)

9824 Adeus quinta do Malvar,
Tens o terreiro varrido,
Antes que queira não posso
Tirar de lá meu sentido.

(A.)

9825 Adeus horta de S. Paulo,
No meio tem 'ma capella,
'Stá lá uma boa môça,
Hei-de-me apossar d'ella.

(A.)

9826 Adeus horta de S. Paulo,
Que estás ao pé do jardim,
Com saudades e amores,
Maravilhas e jasmíns.

(A.)

9827 Na horta dos Aguilares
A nora está entaipada,
Porque se afogou lá dentro
Uma pobre namorada.

(A.)

9828 Adeus ó horta da Serra,
Lá ao pé da estrada nova;
Eu hei-de armar uma guerra,
P'ra convencer minha sogra.

(A.)

9829 Passei hontem ao Touril,
Indo por aquella v'reda,
Para ver o jardim novo,
Que fizeram na alameda.

(A.)

- 9830 A' entrada da Estação
Está um amor perfeito,
Que deixaram os ceifadores
Ao irem p'r'ó lazareto.
(A.)
- 9831 Ailé,
Eu venho, eu venho
Debaixo da Estação,
De ver o engenho.
(A.)
- 9832 Ailé,
Quinta do Védor,
Muralhas da cidade,
Estação do vapor.
(A.)
- 9833 Bello monte da do Brito,
Ao lado tem uma flôr,
As rosinhas que ella deita
São os ais do meu amor.
(A.)
- 9834 Adeus ó Monte do Lago,
Horta do Chaparrinho;
Meu amor está doente,
Deus o ponha melhorsinho.
(A.)
- 9835 Mandaste-me perguntar
Aonde a môça assistia:
Lá no monte da Calleça,
Quer de noite, quer de dia.
(A.)

- 9836 Pena Clara, Pena Clara,
Bello monte d'Abegoaria,
Lá estão os meus amores,
Em casa da D. Maria.
(A.)
- 9837 Adeus monte da Deseza,
Quelarinho como o sol;
Minha mãe é camponeza,
Eu sou de Campo Maior.
(A.)
- 9838 O' monte das Ameimôas,
Calçadinha mal segura,
O meu amor vae por ella,
Não ha pedra que não bula.
(A.)
- 9839 O' monte da Arengozinha,
Que tem janellas p'r'ó norte;
Ninguem pensa, nem *magina*
Aonde tem a sua sorte.
(A.)
- 9840 Tenho no monte da P'reira
Uma obra delicada:
Um relógio de algibeira,
Que dá horas na Alagada.
(A.)
- 9841 O' monte da Casa Branca,
Quem me déra agora lá!
Não é tanto pelo monte,
Por meu amor, que lá 'stá.
(A.)

- 9842 Bello monte d'Alentisca,
Bem caiado por fóra,
Não me *alembra* a mim o monte,
E' o meu bem que lá móra.
(A.)
- 9843 Fui ao monte da Commenda,
Comendo fui, comendo vim,
Comi, nada comendo,
Comendo, nada comi.
(A.)
- 9844 Bello monte da Coxola,
Onde eu vou a trabathar;
Vou-me d'aqui embora,
Tenho do Torrão passar.
(A.)
- 9845 O' bella quinta das Longas,
Com janellas á franceza.
Onde combatem as balas
D'esta tua fortaleza.
(A.)
- 9846 Adeus ó quinta das Longas;
Torre do Picão á frente,
Ao lado quinta S. João,
A' vista Povo S. Vicente.
(A.)
- 9847 Adeus ó quinta das Longas,
Rodeada de *fetores*,
Viva a sua ganharia,
Juntamente os lavradores.
(A.)

- 9848 Bello monte do Falcato,
Que estaes á meia ladeira;
Para espelho sou turva,
Para palito grosseira.
(A.)
- 9849 O' Vall' de Figueira,
Não digo que não,
O' Pena Clara
Deves-me paixão.
(A.)
- 9850 Penna Clara,
Pena d'uma côr,
Em Pena Clara
Tenho o meu amor.
(A.)
- 9851 Ailé,
Em Pena Clara,
O trigo barato,
A farinha cara.
(A.)
- 9852 Ailé,
Monte do Reguengo;
Meu amor é gago,
Eu bem o entendo.
(A.)
- 9853 Ailé,
Monte da do Rocha;
Deixei o meu bem
Por via d'uma aposta.
(A.)

- 9854 Ailé,
Monte das Freiras;
Já me dóe o peito
De subir ladeiras.
(A.)
- 9855 Ailé,
Monte da Contenda;
Cá na minha loja
Ha boa fazenda.
(A.)
- 9856 Ailé,
Lá nos. Azeiteiros,
Foi aonde eu tive
Meus amor's primeiros.
(A.)
- 9857 Não quero Castell' de Vide,
Que é poleiro de gallinhas,
Quero Evora cidade,
Aonde ha boas meninas.
(A.)
- 9858 Não quero Castell' de Vide,
Que é terra de cardadores,
Quero a cidade d'Elvas,
Onde tenho os meus amores.
(A.)
- 9859 O' nobre Castell' de Vide,
Terra das tres freguezias,
A mais nobre d'ellas todas
E' a de Santa Maria.
(A.)

- 9860 O' bello Castell' de Vide,
Que não ha outro no mundo!
Tens o Calvario ao principio,
O 'Spirito Santo ao fundo.
(A.)
- 9861 Ailé,
Villa de Marvão;
Não me apanharás
Lá p'ra a tua mão.
(A.)
- 9862 Olá Cabeço de Vide,
Toda coberta de neve,
Terra do neto da bruxa,
Quem não tem chocalh' não bebe.
(A.)
- 9863 Quem perdeu o que eu achei
Caminho da Ponte Sor?
Foi 'ma coisa de valia,
Os botões d'um lavrador.
(A.)
- 9864 Ailé,
O' Villa de Veiros
Que foi onde eu tive
Meus amor's primeiros.
(A.)
- 9865 Raparigas d'Alegrete,
Não queiram morar na serra,
Venham p'r á villa d'Arronches,
Tomar amor's nesta terra.
(A.)

- 9866 Villa Nova de Monforte
Tem muralhas ao desdem;
Já cahi na pouca sorte
De falar não sei com quem. (A.)
- 9867 Bella villa de Monforte,
Já tens um Calvario novo,
Tens uma fonte na praça
Que é beneficio p'r' o povo. (A.)
- 9868 Bella villa de Monforte,
Estás virada p'ra o norte,
Quem tem amor's nesta villa
Não pode ter melhor sorte. (A.)
- 9869 Quem me déra ser guarita
Das muralhas de Fundão, (1)
Só para estar sempre á vista
Da Virgem da Conceição. (A.)
- 9870 Bella villa de Monforte,
Lá no cimo moro eu;
Não é de hoje, nem de hontem,
Que o meu coração é teu. (A.)
- 9871 Monforte estás augmentada:
Com grandes *apurações*:
Os filhos da gente pobre
Parecem uns *cidadões*. (A.)

(1) Rua e largo de Monforte.

- 9872 Quando venho p'ra Monforte
Passo á horta do Vedor;
Rapariga, o teu rapaz
Parece-me um lavrador. (A.)
- 9873 Quando venho p'ra Monforte
Passo á horta do Vedor;
Quando olho p'ra o meu bem
Parece-me um lavrador. (A.)
- 9874 Quem me déra estar em Palma, (1)
Ou em Palma ter alguém,
Só p'ra ter a liberdade
Que as moças de Palma teem. (A.)
- 9875 Bello monte de Revelhos,
'Stá caiado até luzir;
Os olhos do meu amor
E' que lá me fazem ir. (A.)
- 9876 Bello monte de Revelhos,
Bello monte, bello monte,
Bella horta da Vallada,
S. *Bertholameu* defronte. (A.)
- 9877 Affirmo-te os meus conselhos,
Tudo isto é por arte;
Bello monte de Revelhos
Tem nomeada em toda a parte. (A.)

(1) Herdade no termo de Vaimonte, antiga *honra* ou *couro* dos Sequeiras Cerveiras, e depois de Diogo de Mendonça Corte-Real.

9878 Monte de Revelhos,
Horta da Vallada,
Onde o meu bem
Dá muitas passadas.

(A.)

9879 Ailé,
Monte de Revelhos,
Dá-me tu dinheiro,
Não me dês conselhos.

(A.)

9880 Bartholomeu da ladeira,
Lavrador de tres arados,
Foi lavrar á Taboeira,
Deu voltas pelos Alvados

(A.)

9881 Lindo monte da Fradina,
Para mim já fradinou;
Quem me déra agora ver
Meu amor, que lá ficou.

(A.)

9882 Ailé,
Lá em Degolados,
A' missa do dia
Vão os namorados.

(A.)

9883 O bello Campo Maior
Já se compara com França,
O adro de S. João
Tem gradaria com lança.

- 9884 Villa de Campo Maior
E' 'ma villa *com'ás* mais,
O terreiro do Barão,
O largo dos *Cravajaes*.
(A.)
- 9885 Adeus, ó Campo Maior,
Adeus, ó terra dss manas,
Umas d'ellas são ingratas,
E as outras são tyrannas.
(A.)
- 9886 Hei-de-me ir para a cidade,
Campo Maior me aborrece,
Que eu tenho lá na cidade
Quem penas por mim padece.
(A.)
- 9887 Villa de Campo Maior
E' 'ma villa amuralhada,
Matam os homens a tiro,
As mulher's á punhalada.
(A.)
- 9888 Adeus torre da cidade,
Adeus villa S. Major,
Eu tenho-te amizade
De França a Campo Maior.
(A.)
- 9889 A villa de Campo Maior
Vae estando em grande *dimenta*,
Vim rua *D'rêta* acima,
Foi o fogo ao convento
(A.)

9890 Se for's a Campo Maior
Traz de lá 'ma camponeza,
Que saiba cantar bem
E não tenha a fala presa.

(A.)

9891 Eu sou de Campo Maior
E trajo á camponeza;
Diz-me, amor, se estás melhor,
Tira-me d'esta tristeza.

(A.)

9892 Venho de Campo Maior
Tocando na pandereta;
Vamos a vêr qual de nós
Namora aquella sujeita.

(A.)

9893 Vivam Campo Maior e Elvas,
Viva a villa d'Oliveira,
Viva tambem meu amor,
Que tem tão bella presença.

(A.)

9894 Campo Maior é das manas,
Portalegre dos pucarinhos,
Conceição é das pimponas,
Villa Boim dos rapazinhos.

(A.)

9895 Villa de Campo Maior
E' muralhada á franceza;
Meu amor já está melhor,
Acabou minha tristeza

(A.)

9896 Val' d'Elvas deu 'ma facada
Nas costas ó Rossilhão,
Acudiu Raiva-na-manta,
'Stá preso no Callejão.

(A.)

9897 No Largo da Corredoura,
Logo ali ao cantinho,
Tenho o meu amor preso
Com abraços e beijinhos.

(A.)

9898 Não me fales na canada,
Que me dá grande paixão:
Fala-me na canadinha
Da rua de S. João.

(A.)

9899 A rua da Mouraria
E' comprida como as mais,
No meio tem uma torre
Combatida dos meus ais.

(A.)

9900 O' bella rua dos P'reiras,
Que já se não chama assim,
Ágora é rua das rosas,
No meio tem um jardim.

(A.)

9901 No monte dos Arabizes
Ha tres rosas e um botão,
E' Cath'rina, é Francisca,
E' Maria, é João.

(A.)

- 9902 O' Campo Maior,
Villa tão querida,
Toda aquella gente
E' muito atrevida.
(A.)
- 9903 Olá,
Monte do Rencão,
Vamos dar as vivas
O' *sôr* D. Leão.
(A.)
- 9904 Ailé,
Lá na Abegoaria,
Trabalhar de noite
P'ra folgar de dia.
(A.)
- 9905 Campo Maior,
Terra sem sahida,
Se não sou tão leve
Tiravam-me a vida.
(A.)
- 9906 Adeus villa d'Ouguella,
Que não ha villa mais nobre,
Para teres vinte ruas
Faltam-te só dezanove.
(A.)
- 9907 Ailé,
Na villa d'Ouguella,
Pedi a mais moça,
Deram-me a mais velha.
(A.)

- 9908 Ailé,
Ouguella, Ouguella,
Já me dóe a vista
De olhar para ella.
(A.)
- 9909 Comparo Aviz co' as Galveias,
Montemór com Marvão,
Casa Branca com Souzel,
Souzel com Cabeção.
(A.)
- 9910 Comparo Aviz co'as Galveias,
Só lhe falta o laranjal,
O Cano é como Fronteira,
Souzel como o Ervedal.
(A.)
- 9911 Ailé,
Villa de Souzel,
Quem dorme na rua
Não paga quartel.
(A.)
- 9912 Villa de Souzel,
Em te eu avistando,
Minha pena triste
Vae alliviando.
(A.)
- 9913 Aldeia da Casa Branca,
No meio tem uma ponte;
Por amor das raparigas
Muito sapato se rompe.
(A.)

- 9914 Eu venho de Villa Franca
Com o cabelo á estrangeira,
Almocei na Casa Branca,
Vim cear á Vinagreira.
(A.)
- 9915 Armou um grande combate
O Crato co' a Flor da Rosa,
Neste barulho acudiu
Borba com Villa Viçosa.
(A.)
- 9916 Comparo Beja com Quintos,
Salvada com Baleizão,
A Cuba é com Alvito,
Villa Nova c'o Torrão.
(A.)
- 9917 Salvada, minha Salvada,
Ninguem d'ella diga mal,
Que não ha nem um christão
Que se não queira salvar.
(A.)
- 9918 Fui á praia dos amantes,
Embarquei, fui ter a Beja;
Hei de amar-te como d'antes,
Por muitos terem inveja.
(A.)
- 9919 Eu hei de ir a Beja
Descalço, a pedir,
Que as m'ninas de Beja
Me hão de acudir.
(A.)

- 9920 Eu hei de ir a Beja
No tempo do v'rao,
Pedir ás bejenses
O seu coração.
(A.)
- 9921 As mocinhas de Beja
Nãõ sãõ como as d'aqui,
Essas vinham correndo
Abraçarem-se a mi'.
- (A.)
- 9922 O' Beja, ó Beja,
Quem dera lá ir,
Para vêr as moças
Dos homens fugir.
(A.)
- 9923 O' moças de Beja,
Quem me dera vel-as,
Dizem que sãõ lindas,
Q'ria conhecel-as.
(A.)
- 9924 Se Baleizãõ fosse minha,
Como tinha na vontade,
Fazia de Beja aldeia,
De Baleizãõ a cidade.
(A.)
- 9925 O' Baleizãõ, Baleizãõ,
Quem te atirara dois tiros,
C' uma espingarda de abraços,
Atacada de suspiros!
(A.)

9926 O' de Serpa, ó Baleizão,
As Pias ficam no meio,
Onde quer que Serpa chega
Não ha que ter *arreccio*.

(A.)

9927 Lá vae Serpa, lá vae Moura,
As Pias ficam no meio,
Quando chego á Aldeia Nova
Não deve haver *arreccio*.

(A.)

9928 Salvador e Quintos,
Serpa e Baleizão
São as quatro terras
Da minha paixão.

(A.)

9929 Adeus, villa de Ferreira,
Que é terra da providencia,
Tem no meio a estrada nova,
Onde passa a diligencia.

(A.)

9930 Se fores á Vidigueira,
Pergunta por Marianna,
Que é 'ma moça trigueirinha,
Que até no canto tem fama.

(A.)

9931 Adeus, aldeia da Serra,
Boa terra, melhor gente,
Dá de comer a quem passa,
Se levar dinheiro corrente.

(A.)

- 9932 Ailé,
Rua do Poço,
Todas são pelladas,
Nenhuma tem *troço*.
(A.)
- 9933 Eu hei de ir ao Algarve,
Hei de lá 'star oito dias,
Hei de comer e beber
A' custa das *algravias*.
(A.)
- 9934 Adeus, cidade de Faro,
O' terra das pescarias,
Adeus, villa de Loulé,
Adeus, moças *algravias*.
(A.)
- 9935 Alcoutim é uma villa,
Havia de ser cidade,
O Pereiro é um barquinho
Onde embarca a mocidade.
(Al.G.)
- 9936 Adeus, aldeia do P'reiro,
Ao fundo sim, ao cimo não,
Ao fundo está uma rosa,
Ao cimo um mangericão.
(Al.G.)
- 9937 Adeus, ponte de Tavira,
No Algarve não ha outra:
Lá chorei, com meu amor,
A nossa ventura pouca.
(A.)

9938 Adeus, ponte de Tavira,
No Algarve não ha outra:
Passam os barcos á vela,
Com bandeirinha na proa.

(A)

9939 Adeus, ponte de Tavira,
No Algarve não ha outra:
Passam os barcos á vela
D'uma banda para a outra.

(ALG.)

9940 O' José, vindo de Faro,
Filhóte de Tavira,
Casadinho em Olhão,
Baptisado em Odemira.

(A.)

9941 No Algarve ha um correio
P'r'á ribeira do Vascão,
Leva novas e traz novas
Da mina e do Pomeirão.

(ALG.)

9942 Villa-nova do Algarve
'Stá feita numa *remã*,
Onde vac o meu amor
Domingo pela manhã.

(ALG.)

9943 Villa de Loulé um sitio,
 Santa Barb'ra uma aldeia,
 Palacios de S. Lourenço,
 Onde o meu amor passeia.

(A.)

Em respeito a esta secção, veja também os *Cantos* n.ºs 283, 284, 294, 343, 344, 366, 406, 409, 410, 413, 417, 460, 461, 582, 646, 741, 838, 888, 1070, 1113, 1150, 1327, 1349, 1350, 1370, 1404, 1405, 1486, 1520, 1551, 1586 a 1588, 1638 a 1640, 1642, 1644, 1648 a 1651, 1692, 1696, 1734, 1751, 1752, 1754, 1760 a 1775, 1778, 1781, 1819 a 1822, 1825, 1840 a 1842, 1904, 1999, 2000, 2014, 2018, 2109, 2140, 2184, 2185, 2195 a 2197, 2224, 2231, 2241, 2243, 2425, 2428, 2449, 2475, 2500, 2501, 2559, 2582 a 2564, 2622, 2699, 2706, 2721, 2770, 2785, 2984, 2996, 2998, 3011, 3023, 3027, 3043, 3044, 3113 a 3120, 3259, 3269, 3270, 3293, 3309, 3322, 3400, 3406, 3409, 3509, 3513, 3522, 3523, 3528, 3532 a 3536, 3552 a 3554, 3557, 3571, 3576, 3577, 3606, 3610, 3611, 3615, 3621, 3622, 3629, 3642, 3651, 3666 a 3668, 3678, 3686, 3687, 3393, 3702, 3703, 3705, 3707, 3717, 3723, 3726, 3733, 3748, 3754 a 3756, 3770, 3782, 3787, 3858, 3862, 3866, 3868, 3880, 3893, 3902, 3909, 3938, 3939, 3944, 3946, 3947, 3957, 3970 a 3972, 3991, 4021, 4022, 4131, 4136, 4179, 4222, 4345, 4374, 4399, 4415, 4425, 4460, 4522, 4546, 4554, 4556, 4559, 4562 a 4564, 4635, 4687, 4752, 4992, 4993, 4995 a 4998, 5040, 5070, 5083, 5088, 5137 a 5139, 5163, 5288, 5299, 5321, 5322, 5324 a 5328, 5331 a 5333, 5399, 5427, 5438, 5458, 5495 a 5497, 5505, 5511, 5513, 5591, 5616, 5705, 5739, 5744, 5755, 5759, 5826, 5834, 5853, 5899, 5935, 6027, 6039, 6040, 6049, 6051, 6318, 6712, 6762, 6763, 6768, 6771, 6787, 6803, 6895, 6998 a 7002, 7004 a 7007, 7073 a 7078, 7081.



m) Doença e morte

9944 Eu pedi a morte a Deus,
Agora já estou doente,
Agora peço a Deus vida,
Nunca Deus me tem contente.

(A.)

9945 Eu mandei dizer á morte
Que me viesse a buscar,
Agora já tenho pena
De tal recado mandar

(A.I.G.)

9946 Eu já encontrei a morte
No campo a vindimar uvas,
Vae-te d'ahi, negra morte,
Desamparo das viúvas.

(A.)

9947 De joelhos peço a Deus
Que dê vida ó meu amor.
Eu sem elle não sou nada,
Seu bem q'rer me dá valor.

(A.)

9948 'Stás doente, rei das flores,
Pela cara bem o vejo,
Deus te dê saude, amor,
Como eu para mim desejo.

(A.)

- 9949 Eu doente e tu doente,
Eu sangrada e tu sangrado,
Eu unvida e tu unvido,
Eu morta, tu sepultado.
(A.)
- 9950 O meu amor 'stá doente,
Deus o ponha melhorzinho,
Para vir falar comigo,
Não se perder no caminho.
(A.)
- 9951 Fui-te ver, 'stavas doente,
Perguntei-te se era dôr,
Tu triste me respondeste
Que era paixão de amor.
(A.)
- 9952 Fui-te ver, 'stavas doente,
Encostei as mãos ao leito:
Levanta-te e vem comigo
Dar allivios a meu peito.
(A.)
- 9953 Fui-te ver, 'stavas doente,
Encostei meu braço ao leito:
Levanta-te, vem comigo,
Linda joia do meu peito.
(A.)
- 9954 Fui-te ver, 'stavas doente,
Encostei-me ao teu leito,
Levanta-te, anda comigo,
Roubador d'este meu peito.
(D.)

9955 O meu amor 'stá doente
No catre de laranjeira,
Nosso Senhor o melhora,
Que eu não posso, antes que queira.

(A.)

9956 A villa de Campo Maior
Tem muralhas á franceza;
Meu amor, se estás melhor,
Acabou minha tristeza.

(A.)

9957 O meu amor 'stá doente,
Agora p'ra mais sangrado!
A el' tiraram o sangue,
Meu coração foi picado.

(A.)

9958 Desgraçado, infeliz,
Só em mim cahiu a sorte
De na flôr da minha vida
Ter o meu amor á morte!

(A.)

9959 O' morte, tyranna morte,
Não me leves o meu bem,
Se me levas essa prenda,
Já me não fica ninguém.

(A.)

9960 O' morte, para que levas
Quem no mundo quer viver?
O' morte, leva-me a mim,
Já farta de padecer!

(D.)

9961 Tenho pena, sinto muito
A morte do meu João,
Mas depois que elle morreu
Livrou-se o meu coração.

(D.)

9962 Indo eu para a igreja,
As minhas contas rezando,
No caminho me disseram:
Teu amor 'stá acabando.

(A.)

9963 Fui a comprar á botica
Remedio para morrer,
O boticario me disse:
Ingrata! que vaes fazer!

(ALG)

9964 A caveira de meu pae
Sem ter lingua me falou:
Olha, filha, o triste estado
Em que a morte me deixou!

(A.)

9965 Se eu me morresse ao nascer,
Feliz era a minha sorte,
Nem dizia, nem ouvia,
Nem receava a triste morte.

(A.)

9966 O' morte, cruel morte,
Contra ti tenho mil queixas,
Quem has de levar, não levas,
Quem has de deixar, não deixas!

(D.)

9967 Morre toda a maioria,
Morrem grandes e pequenos,
Morre tudo que Deus cria,
Morre quem dá os *ordenos*.

(A.)

9968 Qual é que foi o auctor
Que esta machina formou?
Nada no mundo é eterno,
A morte tudo acabou.

(A.)

9969 Altos ceus, que levaste
Minha doce companhia!
Levaste-me a melhor prenda
Que no mundo possuia!

(D.)

9970 Raparigas do meu tempo
Já vão estando acabadas,
Umas morrem, leva-as Deus,
Outras vão 'stando casadas.

(A.)

9971 O' Manoel, ó Manoel,
O' Manoel, tu és santo,
Já te tocaram os sinos,
Já te fizeram o pranto.

(D.)

9972 Se ouvir's dizer que morri,
Não chores por mim, meu bem,
Que a morte d'um desgraçado
Não causa pena a ninguem.

(A.)

- 9973 O' meu amor tu não morras,
Se tu morres eu *magino*,
Quando passar p'la igreja
Eu mando tocar *lo* sino.
(D.)
- 9974 O meu amor, coitadinho,
Com triste sorte nasceu,
Não pode vencer co' a sua,
Faltou-lhe a vida, morreu.
(A.)
- 9975 Das môças da minha aldeia
A mais infeliz sou eu,
Namorei um velho torto
E assim mesmo me morreu!
(A)
- 9976 Triste vida, cruel sorte,
Já é tempo de acabar!
Se hei de viver em ternura,
O' morte vem-me buscar.
(A.)
- 9977 Adeus, que eu deixo o mundo,
Porque a morte me chama,
No meu testamento digo:
Morra o homem, fique fama.
(A.)
- 9978 Não se me dá de morrer
Na ponta d'uma catana,
Toda a vida ouvi dizer:
Morra o homem, fique fama.
(A.)

9979 Andas vestida de luto,
Diz, amor, quem te morreu?
Se te morreu pae ou mãe,
Não chores, que aqui 'stou eu.

(A.)

9980 Andas vestida de luto,
E' trajo que deixa a morte;
Em vindo p'ra meu poder
Has de trajar d'outra sorte.

(A.)

9981 Lá nesses agrestes campos,
Por meu nome ouvi bradar;
E' a morte que me chama,
Adeus, que vou acabar.

(A.)

9982 O meu amor já morreu,
Vae mettido no caixão,
Leva palmito e capella,
Vae vestido á Conceição.

(A.)

9983 A' tua porta estou morto,
Trata de me ir enterrar;
Na tua mão 'stava a vida,
Se tu m'a quizesse dar.

(B. B.)

9984 — O' Rosa, quando morreres,
Quem te levará á cova?
— Quatro mocinhas solteiras,
A cantarem uma trova.

(A.)

- 9985 —O' Rosa, quando morreres,
Quem te fará a mortalha?
—Das folhas da mesma rosa
Qualquer alfaiate a talha.
(A.)
- 9986 —O' Rosa, em tu morrendo,
Quem te ha de a mortalha dar?
—No mais fechado botão
Se ha de a Rosa amortalhar.
(A.)
- 9987 —O' Rosa, em tu morrendo,
Quem te ha de levar á cova?
—Quatro rapazes solteiros,
Cantando a moda nova.
(A.)
- 9988 O ladrão do meu peitinho,
Quem o ha de levar á cova?
Quatro rapazes solteiros,
Que eu sou rapariga nova.
(T. M.)
- 9989 Lá cima, na rua d'reita,
Que é a rua da amargura,
Vae uma estrada seguida,
Direitinha á sepultura.
(A.)
- 9990 Debaixo d'uma sepultura,
Uma voz me assim falou:
Meu amor, não vivas triste,
Que inda aqui está quem te amou.
(A.)

9991 Cada vez que eu olho, e viro
As costas ao campo santo,
Digo para o meu corpinho:
Além tens o teu descanso.

(A.)

9992 Passei pelo cemiterio,
E fiz alto e reparei:
Tanta gente que aqui entra,
Agora ninguem se vê!

(A.G.)

9993 No mundo p'ra que haverá
Justiça, guerra, vingança?
O *sementirio* além está,
Onde tudo em paz descansa.

(A.)

9994 Morreu o meu bem,
Foi p'r'á sepultura,
Que o diga o meu lenço,
Mais a cercadura.

(A.)

9995 Ai Jesus! que estou morrendo!
Deus tenha de mim piedade!
Quem ha de poder negar
Ao Senhor, que tudo sabe!

(E.)

9996 Ai Jesus! que estou morrendo!
Quero fazer testamento,
Quero entregar a minh'alma
Ao Divino Sacramento.

(E.)

9997 Ai Jesus! que eu 'stou morrendo!
 Não sei a hora, nem quando,
 O' terra, que has de comer-me,
 Vac-te já aparelhando.

(E.)

9998 Já não tenho pae, nem mãe,
 Sou filho das tristes hervas,
 Morte, que andas pelo mundo,
 Que fazes, que me não levas?

(E.)

9999 Deixem-me ir, que eu vou depressa
 Mandar tocar ao Senhor,
 Estou em grande afflicção,
 Pois me morre o meu amor.

(E.)

10000 Amores bonitos
 Para que os quero eu?
 Tinha um tão lindo,
 Logo me morreu!

(A.)



Com respeito a esta secção, veja tambem os Cantos n.º 8, 10 a 13, 38, 39, 51, 62, 219 a 252, 287, 301, 363, 418, 447, 764, 778 a 780, 785, 816, 821, 1226, 1264, 1360, 1421, 1442, 1463, 1635, 1831, 2009, 2050 a 2060, 2062 a 2064, 2067, 2070 a 2086, 2088, 2094, 2099, 2100, 2142, 2220, 2222, 2285, 2286, 2300, 2354, 2360, 2376, 2396, 2410, 2776, 2825, 2964, 2970, 2977, 3018, 3019, 3029, 3116, 3236, 3316, 3323, 3452, 3680, 3681, 3719, 3835, 3891, 3897, 4080 a 4086, 4089, 4090, 4095, 4375, 4486, 4561, 4919 a 4932, 5571, 5663.



IV

Varia

1) Conceito popular de Cupido

O Cupido é um ladrão,
Que veio a Portugal,
Veio trazer mal d'amores,
Que cá não havia tal.

Dois corações bem unidos
Vem Cupido a enlaçar,
Pois é justo que te lembres
Que nasci para te amar.

Dois corações unidos
Cupido quiz ligar,
E' justo que te alembres
Que nasci para te amar.

Para que, cruel Cupido,
Me féres com teus farpões?
Fére tambem esse ingrato,
Fére aos dois corações.

Cupido quando nasceu
Logo doce desejou,
Como não pode ser doce
Quem do amor se criou?

Cupido quando nasceu
Nasceu nu, sem paciência;
Do amor nasce o ciúme,
Do ciúme a malquerença.

Cupido, rei dos amantes,
Tende de mim piedade,
Que me vejo sem amores
Na *felor* da minha idade.

O' Cupido, rei das flores,
Tem tu de mim piedade,
'Stou despresado de amores
Na *felor* da minha idade!

O Cupido é quartel-mestre,
Dá quartel aos seus soldados,
Bem puderas tu, Cupido,
Dar quartel aos meus cuidados.

O Cupido é quartel-mestre,
Apprendeu a cravador,
Para cravar diamantes
No peito do meu amor

Cupido é quartel-mestre,
Apprendeu a cravador,
Para acravar diamantes
No peito do seu amor

Na escola de Cupido
Sete annos nella andei,
O Cupido foi meu mestre,
Vê lá tu se eu saberei.

Cupido, meu Cupidinho,
Cupido, meu maganão,
Vossê é mestre d'amores,
Dê-me cá uma lição.

Atira, Cupido, atira,
Atira, não tenhas dó,
Mata-me aquelle ingrato,
Que se foi, deixou-me só.

Hei de escrever a Cupido,
Mandando-lhe procurar
Se um coração offendido,
Tem obrigação de amar.

Cupido vae pela serra
Descalço, pisando flores,
Vae gritando em altas vozes:
Viva quem sustenta amores.

Cupido vae pela serra
Descalço, pisando flores,
Vae andando, vae dizendo:
Morra quem não tem amores.

Fui á escola de Cupido,
E para amar apprendi;
Com pena de não te ver,
Uma carta te escrevi.

Na escola de Cupido
Não se dão palmatoadas,
Dão-se abraços e beijinhos,
Que são prendas delicadas.

No tribunal de Cupido
Me fizeram julgador,
Não sei como haja quem dê
Sentenças contra o amor.

Se eu podera esclarecer
O que me occorre ao sentido,
Seria juiz de direito
No tribunal de Cupido.

Nesse mesmo tribunal
Me fizeram julgadôr,
Não accitei, por não dar
Sentenças contra o amor.

No tribunal de Cupido
Apprendi a lei de amante,
Deu-me o amor um combate,
Valeu-me o ser estudante.

O' meu amor, se te vires
No tribunal do amor,
Peço-te que não desprezes
As mocinhas do Vêdor.

O' meu amor, se tu fores
Ao tribunal das formosas,
Apega-te ás trigueirinhas,
Que as brancas são enganosas.

O' meu amor, se te vires
No tribunal das formosas,
Não te enleves nas branquinhas,
Que são muito melindrosas.

Tu chamaste aos meus cabellos
Cannavial de Cupido,
Tambem eu chamei aos teus
Laços que me teem prendido.

Cupido, dos céos baixando,
Em doirado coche vem,
Traz tintas para fazer
O retrato do meu bem.

O encarnado é guerra,
Que d'elle traja Cupido,
O azul é paciencia,
Deus m'a dê para contigo.

Hei de escrever a Cupido
Nas azas que o pombo fecha,
Mandando-lhe perguntar
A causa porque me deixas.

Cupido doe-se d'uma asa,
D'uma penna que perdeu,
Cupido sempre dá penas
A quem sem pennas nasceu.

Eu passei e vi Cupido
Entre as pedras a chorar,
Ao passar por elle, disse:
E' bem feito, torna a amar.

Cupido anda de noite
Causando perturbação,
A todos fazendo guerra,
Aqui d'el-rei, ó ladrão!

Cupido é muito travesso,
 Tem perverso coração,
 Tem brinquinhos de rapazes,
 'Tira a seta, esconde a mão.

O Cupido anda ás cegas,
 Cahe aqui, cahe acolá;
 Em má hora eu te amei,
 Em má hora, hora má.



2) Conceito popular de Salomão

Sabio era Salomão,
 C'o mesmo saber errou,
 Mais força tinha Sansão
 E a mesma força o matou.

Salomão, como entendido,
 Deu-me um conselho afamado:
 Que não fosse intromettido
 Onde não seja chamado.

Quem houver de dar combate
 A' minha imaginação,
 Deve ter memoria de arte,
 O saber de Salomão.

Para sabio Salomão,
 Para discreto Jacó,
 Para força só Sansão,
 Para propheta Nembró.

Para sabio Salomão,
Para alegria Jacó,
Para força só Sansão,
Para paciencia Jó.

Para encantos Medéa,
Salomão para juizo,
Para adorar Sant'Olaia,
Para pintar S. Narciso.

Algum dia Salomão
Andava de madrugada;
A rosa emquanto é botão
De todos é estimada.

Algum dia Salomão
Deu esta palavra acertada;
A rosa emquanto é botão
Dos homens é cubiçada.

Algum dia Salomão
Andava por este mundo;
Ninguem se metta comigo.
Que sou Salomão segundo.

O jardim de Salomão
Tem cravos na galeria,
Das varias flores que são
Nem eu lhe sei a quantia.

Salomão, no oriente
Por muito saber, errou,
Bem como o homem valente.
A mesma força o matou.



3) Conceito popular das côres

Amarello, amarello,
Amarello, linda côr,
Quem se veste de amarello
Desespera do amor.

Amarello é desespero,
O verde é côr d'esp'rança;
Mariquinhas trago sempre,
Sempre, sempre na lembrança.

Amarello, côr de oiro,
Significa paciencia;
Não podes falar comigo,
Faze, amor, a diligencia.

O amarello debota,
O encarnado perde a côr,
Tambem eu já perdi
A amizade ao meu amor.

Menina do amarello
E do encarnado no peito,
Des'java que houvesse guerra,
P'ra p'lejar por seu respeito.

Tu trazes lenço encarnado,
Trazes guerra em teu peito,
Não se me dá de ir à guerra,
Sendo ella por teu respeito.

O encarnado é vingança,
Que se vinga do amarello;
Não te amo por vingança,
Mas pelo bem que te quero.

Eu gosto do encarnado
Só pela vista que faz;
Que voltas darei eu hoje
P'ra falar ao meu rapaz?

As portas da minha casa
São pintadas de encarnado,
E' ssta umá das côres
De que mais tenho gostado.

O encarnado se queixa
Que não tem bonita côr,
Viva o roxo, côr do lirio,
Na ausencia do amor.

O encarnado é fogo,
Eu não me quero queimar;
O roxo é paciencia,
Deus m'a dê para te amar.

O encarnado é guerra,
Quem o usa quer brigar;
Mas o roxo é paciencia,
Deus m'a dê para te amar.

O encarnado é guerra,
Vae na prôa do navio;
Vae-te embora encarnado,
Deixa vir o alvadio.

Do encarnado que eu vejo
Hei de fazer um vestido;
O azul é paciência,
Deus m'a dê para contigo.

Encarnado, encarnado,
Quem o usa faz figura;
Quem me dera já chegar
A ser d'essa tua altura.

O encarnado é guerra,
De guerra é a tua saia;
Ainda não fui a Hespanha,
Porém já passei a raia.

O encarnado é guerra,
O azul é paciência,
O verde dizem que é esp'rança,
O roxo escuro é prudência.

O encarnado *estreluz*,
O branco de noite alveja;
O meu coração, amor,
Ao pé de ti se deseja.

O' vermelho, ó vermelho,
O' vermelho das casadas,
O verde das solteirinhas,
O branco das namoradas.

Semeei o roxo n'agua,
O encarnado na areia;
A' vista d'esses teus olhos
Quem tem juizo *vareia*.

Hei de me vestir de roxo,
Da côr mais triste que houver,
Para mostrar sentimento
A quem me chama cruel.

Menina não vista branco,
Que o branco logo se suja,
Vista amarello, côr d'oiro,
E' agora o que se usa.

Não sei que mal fiz ao sol,
Que não vem á minha rua,
Hei de me vestir de branco,
Que de branco veste a lua.

Hei de me vestir de branco,
Côr de rosa é ternura;
Já fui amada d'um anjo,
Sempre Deus me deu ventura.

E' tão certo o eu amar-te
Como o branco firme ser,
Hei de deixar de te amar
Quando o branco a côr perder.

Aqui tens este raminho
Atado com linha branca,
Não o quiz atar com seda,
Que a linha branca é esp'rança.

Muito bem diz o preto
Ao pé do branco lavado;
Muito brilha uma menina
Ao pé do seu namorado!

Dizem que o preto é luto.
Eu acho que é gravidade;
Deixa-te andar, meu amor,
Que andas á minha vontade.

Dizem que o preto é luto
Pela sua escuridão,
O encarnado alegria,
O roxo terna paixão.

Dizem que o preto é luto,
Gala lhe chamarei eu,
Que de preto anda vestido
Um amor que Deus me deu.

Dizem que o preto é feio,
O preto é 'ma linda côr,
O preto é com que eu escrevo
Cartas ao meu lindo amor.

Andas vestida de luto,
E' côr da honestidade,
Andas ao gosto do mundo,
Tambem á minha vontade.

Quem diz que o preto é firme
Bem pouco entende de côres,
Já amei uns olhos pretos,
Logo me foram traidores.

'Stás bem de preto.
Se não fosse dó,
Paciencia, amor,
E' um anno só.

Quem disser que o verde é feio,
Hei de lhe dizer que mente,
Não ha cravo, não ha rosa,
Aonde o verde não entre.

Dizes que o verde é esp'rança,
Amor, bem te tenho esp'rado,
O encarnado é vingança,
Amor, bem te tens vingado.

O verde dizem que é esp'rança,
Vingativo o amarello,
Eu não te amo por vingança,
Mas sim pelo que te quero.

Dêste-me azul, é ciume,
Não soubeste escolher,
Dá-me roxo, côr do lirio,
Significa o bem querer.

Dêste-me azul, que é ciume,
Não soubeste escolher;
Deixaste-me a mim por outra,
Inda te has de arrepender.

Fitas azues são ciumes,
Nada tenho de ciosa;
As tuas ingratições
Fazem-me mostrar queixosa.

Olhos azues são ciumes,
Os meus olhos azues são,
Tenho ciume nos olhos,
Firmeza no coração.

Andas vestida de azul,
Andas á honestidade,
E' a côr que dá ao mundo
O signal da virgindade.



4) Cantigas numerativas

4 com 5 são 9,
9 com mais 3 são 12;
Se eu deixava o meu amor,
'Stava uma de 14.

4 com 5 são 9,
Para 12 faltam 3;
Se te faltei algum dia,
Aqui me tens outra vez.

4 com 5 são 9,
9 e 9 são 18,
Quem dera ver-te, menina,
Nas pontinhas de 28.

4 com 5 são 9,
9 e 9 são 18;
Quem te agarrara, menina,
Na idade de 28.

4 com 5 são 9,
20 e 20 são 40;
Como sabe se eu sou firme,
Se vossê me não exp'rimenta?

4 com 5 são 9,
Mais amores tenho eu;
Se eu quizesse, mais teria.
Foi sorte que Deus me deu.

4 com 5 são 9,
Com mais 9 são 18,
Com mais 6 são 24,
Com mais 4 são 28.

4 com 5 são 9,
A conta não quer mentir;
Bem tolo é quem se mata
Por criadas de servir.

4 com 5 são 9,
São duas contas iguaes;
As criadas de servir
São tão boas como as mais.

4 com 5 são 9,
Já se findou a novena;
Amei-te com tanto gosto,
Deixei-te com tanta pena!

Eu d'amores tenho 11,
10 e 9, 8 e 7,
6 e 5, 4 e 3,
De 2 só 1 me compete.

Tenho 23 amores,
Falta 1 p'ra 24,
Em chegando ao quarteirão
Vendo todos a pataco.

Tenho 23 amores,
Comtigo são 24,
A todos digo que sim,
Só a ti é que não falto.

Tenho 24 amores,
Tenho 24 cravos,
Só 1 trago no sentido,
Todos os mais enganados.

Tenho 24 lenços,
23 são encarnados;
Tenho 24 amores,
23 são enganados.

Tenho 24 damas
Como 24 flores,
6 Annas, 6 Mariannas,
6 Zefas, 6 Lianores.

Tenho 1 amor, tenho 2,
Tenho 3, e tenho 4,
Tenho 5, esse, é firme.
Tenho 6, não me retracto.

Eu tenho 5 namoros,
3 de manhã, 2 de tarde,
A todos elles eu minto,
Só a 1 falo verdade.

7 annos andei de amores,
Outros 7 inda hei de andar,
7 e 7 são 14,
Amores me hão de matar.

Amar 1 não é prazer,
Amar 2 é cobardia,
Mas amar a meia duzia,
Isso sim que é phantasia!

Tenho 3 lenços de seda,
2 azues, 1 encarnado,
Tambem tenho 3 amores,
1 firme, 2 enganados.

Eu tenho 4 vestidos,
1 branco, 3 encarnados,
Tambem tenho 4 amores,
1 firme, 3 enganados.

Que é do lenço que te dei
Com 24 borletas,
6 brancas, 6 amarellas,
6 encarnadas, 6 pretas?

Tu, ingrato, amas a duas,
Tambem podes amar 3,
Tambem podes amar 4,
Cada uma por sua vez.

Com 8 letras se escreve
O lindo nome de Marianna,
Com 4 tambem se escrevem
O de Rosa, Iria e Anna.

Ha 3 dias que não janto,
Ha 4 que não almoço,
E ha 5 que te não vejo,
Meu amor, por que não posso

A's 10 horas parte a náu,
A's 11 se põe á véla,
A's 12 parte o amor,
Meu lindo bem, d'esta terra.

Puz-me a contar ás avessas
As pedras d'uma columna:
Contei 7, 6 e 5,
4, 3, duas e uma.

5 com 5 são 10,
Não vi continha mais justa:
Mulher bonita, casada,
Passar a vida lhe custa.

3 á agua, 3 á fonte,
3 ao mato, e 3 á lenha,
7 que ficam aqui,
9 vão a ver quem venha:

Tomem nota, meus senhores,
De falar aqui estou foito,
'Stando esta familia junta
Vinhã a ser 28.

A' uma hora nasci,
A's duas fui baptisado,
A's 3 andava d'amores,
A's 4 estava casado;

A's 5 estava doente,
A's 6 estava adoentado,
A's 7 já estava morto,
E ás 8 sepultado.

5) Modas e modinhas

a) BAILES E JOGOS DE RODA (1)

I

H Amorosa (2)

Já não quero mais laranjas
Do pomar de D. Rosa,
Que ella apanhou-me lá dentro
Fez-me dançar a *Amorosa*.

A *Amorosa* foi ao campo
Levar o pão aos pastores,
Deu o vento na *Amorosa*,
Toda se cobriu de flores.

A *Amorosa* foi ao campo
Levar o pão aos ceifeiros,
Deu o vento na *Amorosa*,
Foi ter á villa de Veiros.

(A.)

(1) As *Modas e Modinhas* da provincia de Trás-os-Montes, procedem de Carrazeda de Ansiães, onde foram recolhidas, a pedido meu, pelo ex.^{mo} sr. general Manoel Antonio de Aranjó; as das outras provincias foram por mim recolhidas, procedendo, todas as do Alemtejo, da cidade de Elvas; as do Minho, das serras do Gerez; as do Douro, da praia de Espinho; e as da Extremadura, da villa das Caldas da Rainha.

(2) ... quatro murmurações em tiple, e quatro satyras em contra-baixo; toda esta solfa a quatro faz melhor consonancia nos ouvidos aventureiros, do que fazia a *Amorosa* no tempo da Trinta.— *Governo do Mundo em seco*. Tomo I. fol 90

II

Ai laços! ai fitas!

O' meu lindo amor,
 O que ha de ser, seja:
 Casamento justo,
 Papeis na igreja.

Ai laços! ai fitas!
 Morrer, acabar,
 P'las moças bonitas.
 Ai fitas! ai laços!
 Morrer, acabar,
 Menina, em teus braços.

Ai fitas! ai flores!
 Morrer, acabar,
 Pelos meus amores.
 Ai flores! ai fitas!
 Morrer, acabar,
 P'las moças bonitas.

(A.)

III

Ai que lindos amores!

No meio da praça nova
 Uma velha apregoou:
 Quem quer comprar, que eu vendo,
 A moda do *Rei-chegou?*

Ai que lindos
 Amors que eu tenho!
 Faça a cama
 Que eu já venho.

(A.)

IV

A mim não me enganas tu

O meu amor é estudante,
Quintanista em direito,
Quando vai para a aula
Parece um amor-perfeito.

A mim não me enganas tu,
A panella ao lume,
E o arroz 'stá cru;
Se está crú, deixa-o cozer,
Que eu tenho fome,
Quero-o comer.

(T. M.)

V

Anda cá meu amorzinho

O' velludo, ó velludo,
O' velludo encarnado,
Por causa de ti, velludo,
Não falo ao meu namorado.

O' velludo, ó velludo,
O' velludo amarello,
Por causa de ti, velludo,
Não vejo a quem eu quero.

O' velludo, ó velludo,
O' velludo vermelhinho,
Por causa de ti, velludo,
Não falo ao meu bemzinho
Anda cá, meu amorzinho,
Que estás das bandas d'além,
Anda cá para meus braços,
Que te quero tanto bem.
Óra adeus, adeus,
Adeus, que me vou,
Sem ti não sou nada,
Sem ti nada sou.

(T. M.)

VI

A' porta fiz um cigarro

Eu já fui a Olivença,
Tres dias andei a pé:
Amor, faz a diligencia,
Que a falta por mim não é.
A' porta fiz um cigarro,
A' porta o embrulhei,
A' porta vi os teus olhos,
A' porta os namorei.

(A.)

VII

Aqui se canta, aqui se baila

Este meu cantar de agora
Já não é como tem sido;
Não sou pano da Bahia,
Que tenha o luxo perdido.

Aqui se canta, aqui se baila,
 Aqui se marca o *balance*,
 Eu conheço o meu amor
 Pelo pôr do *câchiné*;
 Pelo pôr do *câchiné*,
 Pelo nó da gravatinha,
 Aqui se canta, aqui se baila,
 Aqui se joga a laranjinha.

(A.)

VIII

Arredonda a saia

Quem me dera agora vêr
 Quem me lembrou de repente,
 Se será vivo, ou será morto,
 Ou estará na cama doente.

Arredonda a saia,
 Arredonda a saia,
 Arredonda-a bem;
 Meia volta que dês ao par,
 Bates as palmas,
 Ólaré, meu bem.

(T. M.)

IX

Atira, caçador, atira

Atira, caçador, atira,
 Atira lá baixo á parada;
 Como são galuchos novos,
 Atiram, não matam nada.

Atira, caçador, atira,
 Faremos uma caçada;
 Como são galuchos novos,
 Atiram, não matam nada.

(A.)

X

Bailarico galóio

Baila o bailarico,
Senhora Maria,
Lá na sua cama
Muita pulga havia.

Baila o bailarico,
Bail'ó bem bailado,
De hoje a quinze dias
Ha de haver noivado.

Baila o bailarico,
Bail'ó bem bailado,
De hoje a um anno
Ha um baptisado.

Baila o bailarico,
Bail'ó se quizeres;
Por todo esse mundo
Não faltam mulheres.

(E.)

XI

Brinca tudo

Na noite em que me casei
Tudo eram brincadeirinhas:
Brinca o pae, brinca a mãe,
Brinca tudo, Mariquinhas.

Ora brinca, brinca tu,
Brinca tu, e eu tambem,
Beijinhos e abraços
São só p'r'ó meu bem.
Palminhas, òlaré, palminhas,
Palminhas, òlaré, trás, trás;
Já te não querem as moças,
Oh desgraçado rapaz!

(T. M.)

XII

A Camponeza

Meu amor, quero-te bem,
Não o dou a demonstrar,
Não quero que tenhas guerras,
Nem o mundo que falar.
Além vem a camponeza,
Além, além, além, além,
Já a vi, já lhe falei,
Ora passe muito bem.

(A.)

XIII

Caninha verde

O' minha caninha verde,
Verde cana, recòcò,
P'ra dançar a cana verde
Venham moças de Grijó.

O' minha caninha verde,
Rebatida no pinheiro;
O que é caro é barato,
O que é bom custa dinheiro.

O' minha caninha verde,
Verde cana, verde cana,
Das moças que andam na roda
A melhor é a Marianna.

O' minha caninha verde,
O' minha verde caninha,
Salpicadinha de amores,
De amores salpicadinha.

O' minha caninha verde,
Verde cana de encanar;
As meninas dos meus olhos
Se arrasaram com chorar.

O' minha caninha verde,
Verde cana, tanto monta,
Vieste por muito esperta,
Agora tapei-te a boca.

O' minha caninha verde,
O' bella cana sem lei,
Dá-me a tua liberdade,
Que a minha já te a dei.

(D.)

Lá vem o comboio á ponte,
Lá vem o sol a brilhar,
Acertem a *Cana-verde*
Que ella é boa de acertar.

Quem accode á cana verde,
Que se parte aos bocadinhos?
Quem accode aos namorados,
Que se matam com beijinhos?

Quem achar a cana verde
Faça favor de m'a dar,
Que eu trazia-a no meu peito,
Não dei fé de me faltar

Quem achar a cana verde
Queira-m'a restituir,
Eu trazia-a no meu peito,
Não dei fé d'ella cair.

(M.)

XIV

Canta a rôla, chia a rôla

Quem me dera ter 'ma lima
Para limar a garganta,
Para cantar como a rôla,
Como a rôla ninguem canta.
Canta a rôla, chia a rôla,
Chia a rôla na tapada,
Todos teem, só eu não,
Na funcção a sua amada;
Na funcção a sua amada,
Na funcção o seu amor,
Canta a rôla, chia a rôla,
Chia a rôla no vapor.

(A.)

XV

Cantando, ó José, cantando

Amor do meu coração,
Meus suspiros são fataes,
Vem dar fim a meus dias,
Sepultura a meus ais.

Cantando, ó José, cantando,
 Cantando, ó José, cantou;
 Vae indo, José, vae indo,
 Vae indo, que já lá vou.

(T. M.)

Cantando, meu Lem, cantando,
 Quem tem farinha tem pão,
 Eu não vou á tua casa,
 Que não quer o meu João.

(A.)

XVI

Caracoes

Inguezes e francezes,
 Hollandezes, hespanhoes
 Invejam aos portuguezes
 A dança dos *caracoes*.

Caracoes, caracolinhos,
 São os nossos amorzinhos.

(E.)

XVII

Caridosa

O sol quando quer nascer
 A' tua porta vem dar,
 Vem pedir obediencia
 Dos raios que ha de deitar.

Queridinha,
 Menina caridosa,
 Cara tão linda
 Como a flor da rosa;
 Queridinha,
 Menina queridinha,
 Cara tão linda
 Tão bonitinha.

(A.)

XVIII

Carolina, adeus, adeus

Suspiros, ais e dôres,
Imaginações e cuidados
E' o manjar dos amores
Quando vivem ausentados.
Carolina, adeus, adeus,
Carolina, adeus, meu bem,
Meu amor foi p'r'ó Brazil,
P'r'ó Brazil, e logo vem.

(T. M.)

XIX

Carrasquinha

Esta moda, bem cantada,
Cantada como ella é,
Faz saltar velhos e velhas
Do canto da chaminé.
Mathilde, sacode a saia,
Mathilde, levanta o braço;
Mathilde, dá-me um beijinho,
Que eu te darei um abraço;
Eu nunca fiz a ninguem
Carinhos que a ti te faço.

(A.)

A moda da *Carrasquinha*
E' uma moda excellente,
Bota joelhos á terra,
Dá vivas a toda a gente.

Este baile da *Carrasquinha*
 E' um baile assignalado,
 Bota joelhos em terra,
 Fica o povo admirado.

(D.)

A dança da *Carrasquinha*
 E' dançada assim — ao lado,
 Põe o joelho em terra,
 lindo amor,
 Fica tudo admirado.

Mathilde, sacode a saia,
 Mathilde, levanta o braço,
 Mathilde, dá-me um beijinho,
 lindo amor,
 Que eu te darei um abraço.

(T. M.)

XX

O chapéu novo

Já o sapato me aperta,
 E a meia me dá calor,
 Meu coração me arrebenta
 Se me não falas, amor.

Eu comprei um chapéu novo
 Para ir a namorar,

Ai, ai,

Para ir a namorar,
 O chapéu vae-se rompendo,
 E o amor vae-se a acabar,

Ai, ai,

E o amor vae-se a acabar.

A borda do meu chapéu
E' de linhas de marcar;
Em morrendo vou p'r'ó ceu,
Que já lá tenho logar.
Eu comprei um chapéu branco
Para namorar de noite,
O chapéu branco rompeu-se,
O amor logrou-o *oitre*.

Puz-me a brincar com a rosa,
Piquei-me nos seus espinhos;
E' bem feito, quem me manda
A' rosa fazer carinhos?
Eu comprei um chapéu novo
Todo feito ao desdem,
Para ir ver as meninas
Que juram me querem bem.

(A.)

XXI

O Chiribú

Esses teus olhos, menina,
São dois vasos d'alegria,
Amal-os é meu intento,
Beijal-os é que eu queria.
Dança o dominó,
Dança o dominé,
Dança o chiribú,
Chiribú, ai lé.

(A.)

XXII

Chegou, chegou, chegou

Não quero que me dê nada,
Que eu a ti nada te dou,
Quero que vivas lembrado
Do tempo que já passou.

Chegou, chegou, chegou,
Agora, agora, agora,
Chegou ha bocadinho,
Inda não ha meia hora.

(A.)

XXIII

H Ciranda

A Ciranda foi á fonte,
E quebrou a cantarinha,
Anda cá, minha Ciranda,
Anda cá, Ciranda minha.
Oh Ciranda, oh Cirandinha,
Vamos nós a cirandar,
Vamos dar a meia volta,
Meia volta vamos dar,
Vamos dar a outra meia,
Quem 'stá bem deixa-se estar.

Oh Ciranda, oh Cirandinha,
Vamos nós a cirandar,
Por amor de ti, menina,
Outra volta quero dar,
Vamos dar a outra meia,
Outra meia e troca o par.

(A.)

XXIV

Compadre Chegadinho

Semei no meu quintal
A semente do pepino,
Nasceram-me dois velhinhos
A bailar o *Chegadinho*.
Oh Compadre Chegadinho, faz, faz,
Oh Compadre Chegadinho, fez, fez.

A moda do *Chegadinho*

Já não vem cá outra vez.

Oh Compadre Chegadinho, faz, faz,

Oh Compadre Chegadinho, fez, fez.

(A.)

XXV

A Condessa d'Aragão

—O' Condessa, ó Condessinha,

O' Condessa de Aragão,

Dá-me uma das tuas filhas,

Oh que lindas que ellas são!

—Eu não dou as minhas filhas,

Nem por ouro, nem por prata,

Nem por fio de algodão,

Oh que lindas que ellas são!

—Que alegres que nós viemos,

E que tristes que voltamos,

Pela filha da Condessa,

Que d'aqui não a levamos!

—Volta atraz, ó cavalleiro,

Que se for's homem de bem,

Vae lá baixo ao conventinho,

Escolhe a que te convem.

—Não quer' esta, por ser rosa,

Nem quer' esta, por ser cravo,

Nem esta, por ser jasmim,

Quero esta cá p'ra mim.

(A.)

XXVI

O Contrabandista

Olhos pretos, amarelos,
 Olhos de todas as cores,
 Olhos de quem quer e gosta,
 Olhos de quem tem amores.

O' Contrabandista,
 Deixa o tabaco na areia.
 Que lá veem os policias
 A levar-te p'r'a cadeia.

O' Contrabandista,
 Deixa o tabaco no chão,
 Que lá veem os policias
 A levar-te p'r'a prisão.

(A.)

XXVII

Coradinha

Menina, não te namores
 De homem que já viuou,
 Uma fala, duas falas:
 Mulher que Deus me levou.
 Fala-me, ó rôla, a mim sósinha.
 Verás como ficas coradinha.
 Coradinha, ólaré, ó linda,
 Coradinha, ólaré, limão,
 Dá-me cá esses teus braços,
 Prenda do meu coração.

Fala-me, ó rôla, a mim sosinha,
 Verás como ficas coradinha.

Coradinha, ai li, ai lé,
Li ai lé, 'stás tão corada,
Eras minha, agora és d'outro,
Triste bella desgraçada.

(T. M.)

XXVIII

A Cozinheira

Fui ao jardim de Italia
Colher a flor á tulipa,
Bem tola é a menina
Se o seu amor publica.

Olha a rôla, olha a rôla,
Meu amor, chega-te a mim;
Minha prima Laureana
Ha dias que a não vi.
Aquella cozinheira,
Que cozinha mal,
Deixou a cozinha
Foi falar ao quintal.

Aquella cozinheira,
Que cozinha bem,
Deixou a cozinha
Foi falar ao seu bem.

(T. M.)

Olha a cozinheira,
Que cozinha bem,
Sahiu da cozinha
P'ra falar ao seu bem.

O seu bem assim que a viu,
 Logo d'ella se agradou,
 Tal foi o lindo modo
 Com que ella lhe falou.
 Dai-me agua, dai-me agua,
 Pelo copo de beber,
 Dá-me, amor, os teus braços,
 Que nelles quero morrer.

(A.)

XXIX

Dá-me os teus braços

Fui á fonte das tres bicas
 Encher o meu cantarinho,
 'Stava lá o meu amor
 Todo triste, encolhidinho.
 Basta, sim, basta,
 Meu pensamento,
 Tu és a causa
 Dos meus tormentos;
 Dá-me os teus braços,
 Dar-te-hei os meus,
 Já te vaes embora,
 Meu amor, adeus.

(A.)

XXX

Don Solidon

Pombinha branca,
 Ai Don Solidon,
 'Cahiu no laço,
 Ai Don Solidon,
 Dá-me um beijinho,
 Ai Don Solidon,
 Dar-te-hei um abraço,
 Ai Don Solidon.

Pombinha branca
Cahiu no laço,
Dá-me um beijinho.
— Isso é que eu não faço.

A pombinha branca
Lá no mar é verde,
C'o biquinho aberto,
Morrendo-se á sêde.

(A.)

XXXI

A Douradinha

Esta noite sae a ronda,
Quem serão os rondadores?
São os olhos do meu bem,
Os olhos dos meus amores.
Que lhe importa á douradinha,
Que lhe importa o meu rapaz?
Ai, douradinha,
Minha douradinha,
Ai, douradinha,
Que faz trás, trás.

(A.)

XXXII

foram ellas, foram ellas

Eu amava-te, ó Cath'rina,
Se não fôra um senão:
Seres pia d'agua benta
Onde todos põem a mão.
Foram ellas, foram ellas,
Foram ellas, ó Tyranna,
Foram ellas que roubaram
O derriço ao Gadanha.

(A.)

XXXIII

Já lá correm os arames

Anna, Marianna, Helena,
 Onde vaes tu, meu amor?
 Eu vou ver a estrada nova
 Aonde passa o vapor.

Já lá correm os arames
 De Lisbôa a Portugal,
 E dizem os machinistas:
 Esta linha não vae mal;
 Esta linha não vae mal,
 Esta linha não combina,
 Já lá correm os arames
 De Lisbôa á Barquinha.

(A.)

XXXIV

Josésito

O' José, ó Josésito,
 Tens cara de enganador,
 Tu enganas as meninas
 Com palavrinhas d'amor.
 Josésito,
 Já te tenho dito,
 Que não é bonito
 Andar's a namorar;
 Chora agora,
 Josésito, chora,
 Que me vou embora,
 Para não voltar.

(T. M.)

XXXV

Lá cima ao castello

Lá cima ao Castello
Se vende aguardente,
Diga-me, ó menina,
Se emborracha a gente.
 Andando, dobando
 Meadinhas d'ouro,
 Cahiu-me o novello.
 Lá vae o pódoouro.

(T. M.)

Lá cima ao Castello
Se vendem repolhos,
Diga-me, ó menina,
Se a sáia tem folhos.

Lá cima ao Castello
Se vendem dois peros.
Rapazes fadistas
São os sapateiros.

Além mais abaixo
Se vende bom vinho
A *derreis* o copo
Para o meu bemzinho;
Para o meu bemzinho,
Para o meu amor,
Além mais abaixo
Se vende licor.

(A.)

XXXVI

O ladrão do gato

Se eu soubera ler,
Tinha-te escrevido,
Com tinta e papel,
Pena do sentido.

O ladrão do gato
Comeu-me o toucinho,
Já lá está em casa
Preso p'lo focinho.

Se eu soubera ler,
Tinha-te escrevido,
Com *pena* de lapis,
Tinteiro de *urido*.

O ladrão do gato
Comeu-me o chouriço,
Já lá está em casa
Preso p'lo toutiço.

(A.)

XXXVII

Ladrãozinho

O' senhor ladrão,
Venha ligeirinho,
Não queira ficar
Na roda *sósinho*.

Na roda *sósinho*
Não hei de ficar.
Alguma senhora
Me ha de abraçar.

(T. M.)

Olha o ladrãozinho
Que agora chegou!
Deixem-no roubar,
Que inda não roubou:
Rouba ladrãozinho.
Rouba ligeirinho.
Não queiras ficar
Na funcção sósinho.
Na funcção sósinho
Não hei de ficar,
Alguma das moças
Me ha de abraçar.

(A.)

XXXVIII

Laranja da China

O amor dos homens
E' de pouca dura,
E' como a laranja
Quando está madura.
Laranja da China
Do jardim do rei,
O casar é doce,
Isso é que eu não sei;
Isso é que eu não sei,
A mim não me importa,
Laranja da China
Lá no meio da horta.

Laranja da China
A' mesa do rei,
Se o casar é doce,
Isso é que eu não sei;
Isso é que eu não sei,
Hei de exp'imentar,
Laranja da China
Do meu laranja!

(A.)

XXXIX

Machadinha

Passarinho, abre o bico,
 Que te quero ver os dentes,
 Inda meus olhos não viram
 Perolas tão excellentes.

Machadinha, linda machaquina,
 Quem te offendeu, sabendo que és minha?
 Sabendo que és minha, e eu que sou teu,
 Linda machadinha, teu amor sou eu.

(A.)

XL

Menina Annica*(Fogo dos officios)*

O' menina Annica,
 Venha abaixo ao seu jardim.
 A ver as engommadeiras
 A fazer assim, assim.

O' menina Annica,
 Venha abaixo ao seu jardim,
 Para ver as costureiras
 A fazer assim, assim.

O' menina Annica,
 Venha abaixo ao seu jardim.
 Para ver os sapateiros
 A fazer assim, assim.

(A.)

Etc., etc. . . .

No terceiro verso de cada cantiga nomela-se o officio cujo movimento se imita.

XLI

Menina do casabeque

Menina do *casabeque*
Do *casabeque* de chita,
E' bonita, gosto d'ella,
Por ser ella tão bonita.

Menina do *casabeque*,
Do *casabeque* de renda,
E' bonita, gosto d'ella,
Essa sim que é minha prenda.

Menina do *casabeque*,
Do *casabeque* de lona,
E' bonita, gosto d'ella,
Andou comigo á azeitona.

(A.)

XLII

Menina casadoira

A menina que está no meio,
Está na idade de casar,
Queira, pois, aqui, na roda
'Scolher aquell' que lhe agradar.
Não te quero.
Não te quero.
Não me serves:
Só a ti,
Só a ti,
Te hei de amar.

XLIII

A menina vae ao baile

A menina vae ao baile,
 Oh vindima!
 Leva saia de balão,
 Brinquem todos, todos, todos,
 Brinquem todos que aqui estão.

Sem botinhas de tacão,
 Sem saia de cambrainha.
 Eu não quero ir ao baile
 Sem calça recortadinha.

Minha mãe compra-me um vestido,
 Meu pae compra-me um balão,
 Eu não quero ir ao baile
 Sem botinhas de tacão.

(A)

XLIV

Meninas de Baleizão

Tens o rosto côr de rosa,
 Os olhos da côr do ceo.
 Tens o cabelo tão lindo,
 Não precisas de chapeu.
 Ai sim, ai não,
 Meninas de Baleisãõ,
 Eu vos peço me não deixes
 Com pena do coração.

(A.)

XLV

Menino Antoninho

O' menino Antonio,
Menino Antoninho,
Ao dar da mão
Ficará sósinho.

O' senhor do meio
Ande ligeirinho,
Se não quer ficar
Na roda sósinho.

Sósinho não fico,
Nem hei de ficar,
Uma dama d'estas
Ha de ser meu par,
Ha de ser meu par,
Ha de ser, se o fôr,
Uma dama d'estas
E' o meu amor.

(A.)

XLVI

Morena

Toda a vida desejei
O meu amor tocador,
Agora nas mãos o tenho,
Josésinho, meu amor.
Se tu não foras morena,
Levavas abraços meus;
Assim, como és morena,
Moreninha, adeus, adeus.

(T. M.)

XLVII

Olha o que eu tenho passado!

De noite pelas esquinas,
 Feito mercador quebrado,
 Sofrendo mil caldeiradas,
 Olha o que eu tenho passado!
 Tenho gemido,
 Tenho chorado,
 Tenho sofrido
 E suspirado;
 N'estas trocas e baldrocas,
 Olha o que eu tenho passado!

De noite pelas esquinas,
 De capote amantilhado,
 Sofrendo frios e neves,
 Olha o que eu tenho passado!
 Tenho gemido, etc.

(A.)

XLVIII

Olhos pretos, olhos pretos

Hei de te amar, amar, { *bis*
 Hei de te querer, querer, |
 Hei de te tirar de casa |
 Sem a tua mãe saber. { *bis*

Olhos pretos, olhos pretos, | *bis*
 Os teus olhos pretos são, |
 As flores de teus affectos |
 Prenderam meu coração. { *bis*

(T. M.)

XLIX

Oh balancé!

Linda letra é o l,
 Que precisa esmaltado,
 Com o I é que se escreve
 O nome do meu amado.
Oh balancé, balancé!
Balancé da Beira-baixa,
 Quem falar c'o meu amor
 Não tem vergonha nem *lacha*.

Oh balancé, balancé!
Oh balancé de Lisboa!
 Quem falar c'o meu amor
 Vae a ver coisa bôa!

Oh balancé, balancé!
Oh balancé de Coimbra!
 Quem falar c'o meu amor
 Vae a ver coisa linda.

Oh balancé, balancé!
Oh balancé do Vedor!
 Quem falar c'o meu amor
 Vae a andar no vapor.

(A.)

I.

Oh Belem, oh Belemzínho!

Noite escura, noite escura,
 Não vejo nada por ella,
 Bem podias tu, menina,
 Deitar luzes á janella.

Oh Belem, oh Belemzinho,
 Oh Belem, oh Belador!
 Vira par e troca par,
 Vira-te p'ra mim, amor.

(T. M.)

LI

Oh que lindo rapazinho!

Adeus, adeus, Carrazêda,
 'Stás num alto, dá-te o vento,
 Tens rapazes como cravos,
 Raparigas de espavento.

Oh que lindo rapazinho
 Toda a noite aqui andou!
 Eu q'ria casar com elle,
 Minha mãe não me deixou;
 Minha mãe não me deixou,
 Meu pae faça o que quizer;
 Oh que lindo rapazinho
 Para mim, que sou mulher!
 Para mim, que sou mulher.
 Para mim, que mulher sou;
 Oh que lindo rapazinho
 Toda a noite aqui andou!
 Toda a noite aqui andou,
 Toda a noite a passear,
 Oh que lindo rapazinho,
 Para comigo casar!

(T. M.)

LII

Oh que salero!

Oh que linda moda nova
 Que veio para Portugal!
 Trouxeram-n'a as hespanholas
 No bolso do avental.

Oh que salero!
 Oh que salero!
 Oh que salero!
 Que perfeição!
 Sente-se um tique.
 Um tique-tique,
 Um tique-taque,
 No coração.

(T. M.)

LIII

O' Julia, ó Julia, ó Julia!

—O' Julia, ó Julia, ó Julia!
 —Que é, que é, que é?
 —Se quer's casar comigo, ó Julia.
 Has de pôr aqui o pé;
 Has de pôr aqui o pé,
 Has de pôr o pé ligeiro;
 O' Julia, ó Julia, ó Julia,
 Já não vale o teu dinheiro;
 Já não vale o teu dinheiro.
 Já não tens o teu valor;
 O' Julia, ó Julia, ó Julia,
 Has de ser o meu amor;
 Has de ser o meu amor,
 Has de ser, se Deus quizer;
 O' Julia, ó Julia, ó Julia,
 Has de ser minha mulher;
 Has de ser minha mulher,
 Has de ser, como eu te digo,
 O' Julia, ó Julia, ó Julia,
 Tu has de casar comigo.

(A.)

LIV

O' Maria Antunes

—O' Maria Antunes,
 Do meu coração,
 Vae buscar a capa
 Vamos ao sermão.

— Oh isso não!
 — O' Maria Antunes
 Do meu coração!
 Oh isso sim!
 — Oh isso não! (A.)

LV

O' menina, venha cá

Ora venha, se ha de vir,
 Que me mato, se não vem
 Ora porque não?
 O' menina, venha cá,
 Se você cá não vem,
 Eu á noite não vou lá.
 Se não vem até domingo,
 Juro que me vou também.
 Ora porque não?
 O' menina, venha cá.
 Se você cá não vem,
 Eu á noite não vou lá. (T. M.)

Ora venha, se ha de vir,
 Que me mata, se não vem,
 Já que os meus olhos chegaram
 A querer-lhe tanto bem. (D.)

Eu não posso mais cantar
 Sem que beba meio quartilho.
 Já se deixa ver,
 O' menina, venha cá.
 Se ella cá não vem,
 Eu á noite não vou lá;
 Eu á noite não vou lá,
 Eu á noite lá não vou:
 Já se deixa ver,
 O' menina, venha cá,
 Se ella cá não vem,
 Eu á noite não vou lá. (A.)

LVI

O' ribola tu

Martinho de Mello
 Caiu do machinho,
 Deixal-o cair,
 Triste, coitadinho.

O' *ribola* tu,
 Que eu já *ribolei*,
 Casasses-te tu,
 Como eu me casei.

(A.)

LVII

Os pratos da cantareira

Quando o rouxinol padece,
 Que é uma ave tão pequena,
 Que fará meu coração
 Com tanta magoa e pena!
 Os pratos da cantareira
 Tndos fazem tlim, tlim, tlim,
 Assim é o meu amor
 Quando está ao pé de mim.

(A.)

LVIII

O' Zabel das Canas

Não sei que mal fiz ao sol,
 Que não vem á minha rua,
 Hei de me vestir de branco,
 Que de branco veste a lua.

O' Zabel das canas,
 Dá volta ás gavetas,
 Eu bem sei que tens
 Umas meias pretas.

O' Zabel das canas,
 Dá volta aos bahús,
 Eu bem sei que tens
 Sapatos de trús.

(A.)

LIX

Padeirinhas de Sevilha

As padeiras de Sevilha,
 Trouxeram a moda nova,
 Para cantar e bailar
 Como fazem a manobra.

Padeirinhas de Sevilha
 Não comem senão farelos,
 Para trazerem sapatos
 De courinho amarello.

Padeirinhas de Sevilha,
 Quando vêm a Portugal,
 Trazem o seu contrabando
 Nos folhos do avental.

Ao som da guitarra,
 Ao som da viola,
 Dançam, raparigas,
 À moda hespanhola.

(D.)

LX

O paspalhão

Vae colhê' la rosa,
 Vae colhê' la, vae,
 Se ella te picar,
 Não digas: ai, ai!

Não digas: ai, ai!
 Não digas: úi, úi!
 Vae colhê' la rosa,
 Vae colhê' la, vae;
 Eu colhê' la fui,
 Estava em botão;
 Quem ficou sem par
 É' um paspalhão.

(A)

LXI

Pobre pastor que aqui chegou

Lá cima, naquella serra,
Andam dois coelhos bravos;
Já é tempo que se juntem
Dois corações desejados.
Pobre pastor, que aqui chegou,
O modo, o geito e a graça (*bis*)
Com que você me enganou!
Nestas cadeias
Nos ajuntêmos,
Em ternos braços
Nos abracêmos.

O pastor que a viu
Logo lhe acenou,
Esse modo e lindo geito (*bis*)
Com que vossê me enganou!
Dáe me agua, dae-me agua,
Por um copo de beber, (*bis*)
Dá-me cá esses teus braços,
Que nelles quero morrer. (*bis*).
(T. M.)

LXII

Ponha aqui o seu pésinho

Ponha aqui o seu pésinho,
Ponha aqui ao pé do meu,
Ao tirar do seu pésinho
Ai Jesus, que lá vou eu!

Ponha aqui o seu pésinho
Ponha aqui, ó seu diabo!
Ao tirar do seu pésinho
E' que a porca torce o rabo!

(A.)

LXIII

A rolinha chora, chora

Lá na borda do caminho,
 Lá na borda do vallado,
 A rolinha chora, chora,
 Furtaram-lhe o namorado. } *bis*

A rôla se vae queixando
 Que lhe tiraram os ovos,
 Não os puseras tu, rôla,
 Tanto á vista dos olhos. } *bis*

A rôla se vae queixando
 Que lhe tiraram o ninho,
 Não o fizeras tu, rôla,
 Tanto ao pé do caminho. } *bis*

A rolinha, pois, sim, sim,
 Caiu no laço, meu bem;
 Dá-me um beijo, sim, dou, dou, } *bis*
 Dá-me um abraço tambem. (T. M.)

LXIV

He saias

Canto saias, bailo saias,
 Eu saias ando bailando,
 Gosto de bailar as saias
 Com quem as anda trajando.

Meu bem,
 O' José, José,
 Ando encantada
 No teu *cachimé*;

Cachinô,
No teu *cachinô,*
Meu bem,
O' José, José.

Estas são as saias novas
Que chegaram á cidade,
São dançadas e bailadas
No Senhor da Piedade.

Ai lé,
Maria, Maria,
Essa tua cara
E' a luz do dia;
Luz do dia,
E' a luz do dia,
Ai lé,
Maria, Maria.

Balhem saias, *balhem* saias,
Usem fitas, usem fitas,
Eu gosto de *balhar* as saias
Com quem as usa bonitas.

Ai lé,
O' amor, amor,
Hei de te levar
Para onde fôr;
Onde fôr,
Para onde fôr,
Ai lé,
O' amor, amor.

Canto saiar, bailo saias,
Canto chitas, bailo chitas,
Se quer que eu baile saias,
Traga-me moças bonitas.

XLVII

Olha o que eu tenho passado!

De noite pelas esquinas,
 Feito mercador quebrado;
 Sofrendo mil caldeiradas,
 Olha o que eu tenho passado!
 Tenho geinido,
 Tenho chorado,
 Tenho soffrido
 E suspirado;
 N'estas trocas e baldrocas,
 Olha o que eu tenho passado!

De noite pelas esquinas,
 De capote amantilhado,
 Sofrendo frios e neves,
 Olha o que eu tenho passado!
 Tenho gemido, etc.

(A.)

XLVIII

Olhos pretos, olhos pretos

Hei de te amar, amar, { *bis*
 Hei de te querer, querer, {
 Hei de te tirar de casa { *bis*
 Sem a tua mãe saber. }

Olhos pretos, olhos pretos, { *bis*
 Os teus olhos pretos são, {
 As flores de teus affectos { *bis*
 Prenderam meu coração. }

(T. M.)

XLIX

Oh balancé!

Linda letra é o I,
 Que precisa esmaltado,
 Com o I é que se escreve
 O nome do meu amado.
Oh balancé, balancé!
Balancé da Beira-baixa,
 Quem falar c'o meu amor
 Não tem vergonha nem *lacha*.

Oh balancé, balancé!
Oh balancé de Lisboa!
 Quem falar c'o meu amor
 Vae a ver coisa bôa!

Oh balancé, balancé!
Oh balancé de Coimbra!
 Quem falar c'o meu amor
 Vae a ver coisa linda.

Oh balancé, balancé!
Oh balancé do Vedor!
 Quem falar c'o meu amor
 Vae a andar no vapor.

(A.)

I.

Oh Belem, oh Belemzínho!

Noite escura, noite escura,
 Não vejo nada por ella,
 Bem podias tu, menina,
 Deitar luzes á janella.

Oh Belem, oh Belemzinho,
 Oh Belem, oh Belador!
 Vira par e troca par,
 Vira-te p'ra mim, amor.

(T. M.)

LI

Oh que lindo rapazinho!

Adeus, adeus, Carrazêda,
 'Stás num alto, dá-te o vento,
 Tens rapazes como cravos,
 Raparigas de espavento.

Oh que lindo rapazinho
 Toda a noite aqui andou!
 Eu q'ria casar com elle,
 Minha mãe não me deixou;
 Minha mãe não me deixou,
 Meu pae faça o que quizer;
 Oh que lindo rapazinho
 Para mim, que sou mulher!
 Para mim, que sou mulher,
 Para mim, que mulher sou;
 Oh que lindo rapazinho
 Toda a noite aqui andou!
 Toda a noite aqui andou,
 Toda a noite a passear,
 Oh que lindo rapazinho,
 Para comigo casar!

(T. M.)

LII

Oh que salero!

Oh que linda moda nova
 Que veio para Portugal!
 Trouxeram-n'a as hespanholas
 No bolso do avental.

Oh que salero!
 Oh que salero!
 Oh que salero!
 Que perfeição!
 Sente-se um tique.
 Um tique-tique,
 Um tique-taque,
 No coração.

(T. M.)

LIII

O' Julia, ó Julia, ó Julia!

—O' Julia, ó Julia, ó Julia!
 —Que é, que é, que é?
 —Se quer's casar comigo, ó Julia.
 Has de pôr aqui o pé;
 Has de pôr aqui o pé,
 Has de pôr o pé ligeiro;
 O' Julia, ó Julia, ó Julia,
 Já não vale o teu dinheiro;
 Já não vale o teu dinheiro.
 Já não tens o teu valor;
 O' Julia, ó Julia, ó Julia,
 Has de ser o meu amor;
 Has de ser o meu amor,
 Has de ser, se Deus quizer;
 O' Julia, ó Julia, ó Julia,
 Has de ser minha mulher;
 Has de ser minha mulher,
 Has de ser, como eu te digo,
 O' Julia, ó Julia, ó Julia,
 Tu has de casar comigo.

(A.)

LIV

O' Maria Antunes

—O' Maria Antunes,
 Do meu coração,
 Vae buscar a capa
 Vamos ao sermão.

— Oh isso não!
 — O' Maria Antunes
 Do meu coração!
 Oh isso sim!
 — Oh isso não! (A.)

LV

O' menina, venha cá

Ora venha, se ha de vir,
 Que me mato, se não vem
 Ora porque não?
 O' menina, venha cá,
 Se você cá não vem,
 Eu á noite não vou lá.
 Se não vem até domingo,
 Juro que me vou tambem.
 Ora porque não?
 O' menina, venha cá.
 Se você cá não vem,
 Eu á noite não vou lá. (T. M.)

Ora venha, se ha de vir,
 Que me mata, se não vem,
 Já que os meus olhos chegaram
 A querer-lhe tanto bem. (D.)

Eu não posso mais cantar
 Sem que beba meio quartilho.
 Já se deixa ver,
 O' menina, venha cá.
 Se ella cá não vem,
 Eu á noite não vou lá;
 Eu á noite não vou lá,
 Eu á noite lá não vou:
 Já se deixa ver,
 O' menina, venha cá,
 Se ella cá não vem,
 Eu á noite não vou lá (A.)

LVI

O' ribola tu

Martinho de Mello
 Caiu do machinho,
 Deixal-o cair,
 Triste, coitadinho.

O' *ribola* tu,
 Que eu já *ribolei*,
 Casasses-te tu,
 Como eu me casei. (A.)

LVII

Os pratos da cantareira

Quando o rouxinol padece,
 Que é uma ave tão pequena,
 Que fará meu coração
 Com tanta magoa e pena!
 Os pratos da cantareira
 Tndos fazem tlim, tlim, tlim,
 Assim é o meu amor
 Quando está ao pé de mim.

(A.)

LVIII

O' Zabel das Canas

Não sei que mal fiz ao sol,
 Que não vem á minha rua,
 Hei de me vestir de branco,
 Que de branco veste a lua.

O' Zabel das canas,
 Dá volta ás gavetas,
 Eu bem sei que tens
 Umhas meias pretas.

O' Zabel das canas,
 Dá volta aos bahús,
 Eu bem sei que tens
 Sapatos de trús.

(A.)

LIX

Padeirinhas de Sevilha

As padeiras de Sevilha,
 Trouxeram a moda nova,
 Para cantar e bailar
 Como fazem a manobra.

Padeirinhas de Sevilha
 Não comem senão farelos,
 Para trazerem sapatos
 De courinho amarello.

Padeirinhas de Sevilha,
 Quando vêm a Portugal,
 Trazem o seu contrabando
 Nos folhos do avental.

Ao som da guitarra,
 Ao som da viola,
 Dançam, raparigas,
 A moda hespanhola.

(D.)

LX

O paspalhão

Vae colhé' la rosa,
 Vae colhé' la, vae,
 Se ella te picar,
 Não digas: ai, ai!
 Não digas: ai, ai!
 Não digas: úi, úi!
 Vae colhé' la rosa,
 Vae colhé' la, vae;
 Eu colhé' la fui,
 Estava em botão;
 Quem ficou sem par
 É' um paspalhão.

(A.)

LXI

Pobre pastor que aqui chegou

Lá cima, naquella serra,
Andam dois coelhos bravos;
Já é tempo que se juntem
Dois corações desejados.

Pobre pastor, que aqui chegou,
O modo, o geito e a graça (*bis*)
Com que você me enganou!
Nestas cadeias
Nos ajuntêmos,
Em ternos braços
Nos abracêmos.

O pastor que a viu
Logo lhe acenou,
Esse modo e lindo geito (*bis*)
Com que vossê me enganou!
Dáe me agua, dae-me agua,
Por um copo de beber, (*bis*)
Dá-me cá esses teus braços,
Que nelles quero morrer. (*bis*).
(T. M.)

LXII

Ponha aqui o seu pésinho

Ponha aqui o seu pésinho,
Ponha aqui ao pé do meu,
Ao tirar do seu pésinho
Ai Jesus, que lá vou eu!

Ponha aqui o seu pésinho
Ponha aqui, ó seu diabo!
Ao tirar do seu pésinho
E' que a porca torce o rabo!

(A.)

LXIII

A rolinha chora, chora

Lá na borda do caminho,
 Lá na borda do vallado,
 A rolinha chora, chora,
 Furtaram-lhe o namorado. } *bis*

A rôla se vae queixando
 Que lhe tiraram os ovos,
 Não os puseras tu, rôla,
 Tanto á vista dos olhos. } *bis*

A rôla se vae queixando
 Que lhe tiraram o ninho,
 Não o fizeras tu, rôla.
 Tanto ao pé do caminho. } *bis*

A rolinha, pois, sim, sim,
 Caiu no laço, meu bem;
 Dá-me um beijo, sim, dou, dou, } *bis*
 Dá-me um abraço também.

(T. M.)

LXIV

He saias

Canto saias, bailo saias,
 Eu saias ando bailando,
 Gosto de bailar as saias
 Com quem as anda trajando.

Meu bem,
 O' José, José,
 Ando encantada
 No teu *cachimé*;

Cachinç,
No teu *cachinç,*
Meu bem,
O' José, José.

Estas são as saias novas
Que chegaram á cidade,
São dançadas e bailadas
No Senhor da Piedade.

Ai lé,
Maria, Maria,
Essa tua cara
E' a luz do dia;
Luz do dia,
E' a luz do dia,
Ai lé,
Maria, Maria.

Balhem saias, *balhem* saias,
Usem fitas, usem fitas,
Eu gosto de *balhar* as saias
Com quem as usa bonitas.

Ai lé,
O' amor, amor,
Hei de te levar
Para onde fôr;
Onde fôr,
Para onde fôr,
Ai lé,
O' amor, amor.

Canto saiar, bailo saias,
Canto chitas, bailo chitas,
Se quer que eu baile saias,
Traga-me moças bonitas.

Ai lé,
 E' um regalinho
 Falar ao amor
 Quando está sósinho;
 'Stá sósinho,
 Quando está sósinho,
 Ai lé,
 E' um regalinho.

Estas é que são as saias,
 Estas é que são as taes,
 Que trouxeram as camponezas
 Nas pontas dos aventaes.

Ai lé,
 Quinta da Provença,
 Não *cante* das saias
 Não ha que te vença;
 Quem te vença,
 Não ha quem te vença.
 Ai lé,
 Quinta da Provença.

(A.)

LXV

Se eu quizera amores

Se eu quizera amores,
 Tinha mais de cem,
 Mas não quer' amores,
 Que eu assim 'stou bem.

Se eu quizera amores,
 Tinha mais de um cento,
 Mas tenho só um,
 Que me dá alento.

Se eu quizera amores
Tinha mais de um cento,
Bonecos de palha,
Cabeças de vento.

Se eu quizera amores,
Tinha mais de um cento,
Mas não quer' nenhuns,
'Stou no meu convento.

Se eu quizera amores,
Tinha-os aos punhados,
Mas não quer' amores,
Que não quer' cuidados.

Se eu quizera amores,
Tinha mais de um moio,
Mas tenho só um,
Que é trigo sem joio.

Se eu quizera amores.
Tinha mais de trinta,
Mas tenho só um,
'Stou na minha quinta,
Co'a bengala na mão,
E o relógio á cinta.
Esta é que é a moda
Que a Ritta cantou,
Lá na praia nova
Ninguem lhe ganhóu;
Ninguem lhe ganhou,
Ninguem lhe ganhava,
Esta é que é a moda
Que a Ritta cantava.

(A.)

LXVI

Sou lavadeira

Amar e ter amante
 Ensinou-me quem sabia,
 Amar a natureza
 E escolher a sympathia.

O pedreiro cheira a cal,
 O carpinteiro á madeira,
 Cada qual no seu officio,
 Eu tambem sou lavadeira;
 Eu tambem sou lavadeira
 E lavo no rio Jordão,
 Lavo saias de entremeio,
 Tambem lavo o meu balão;
 Cada qual no seu officio,
 Tambem lavo o meu calção.

(T. M.)

LXVII

Trás, trás, vira-te ao norte

Carvoeiras, carvoeiras,
 Retirae-vos para o canto,
 Que lá vem as camponezas
 Vestidas de azul e branco

Trás, trás, vira-te ó norte,
 Trás trás, já estou virado,
 O luxo das camponezas
 E' o lencinho encarnado;
 E' o lencinho encarnado,
 E' o lenço carmezim,
 Trás, trás, vira-te ó norte,
 Meu amor, vira-te a mim.

Trás, trás, vira-te ó norte,
Trás, trás, já me virei,
O luxo das camponezas
E' lindo que eu bem no sei.

(A.)

LXVIII

Tyranna

Tyranna quando nasceu
Logo um doce desejou,
Quem é que não ha de ser doce
Quem com doce se criou!

Eu já vi estar a Tyranna
Assentada numa telha,
Oh que ella está tão corada!
Oh que ella está tão vermelha!

A Tyranna morreu hontem,
Foi-se enterrar ao paraiso,
Deixou-me uma saia velha,
Não posso chorar com riso.

Olé, ó linda Tyranna,
Volta já, e já voltou;
Eu vou para ti e foges,
Eu p'ra soldado não vou.

Tyranna, volta Tyranna,
Tyranna do arvoredos;
Agora vou degradada,
Vou cumprir o meu degredo.

Tyranna, volta Tyranna
Tyranna do *ailari*;
Dormi contigo na cama,
D'isso te não gabas tu.

Tyranna, linda Tyranna,
 Tyranna, olé, olé,
 Eu vou para ti, tu foges.
 Isso que diabo é?

(D.)

LXIX

Uma libra, duas libras d'ellas

O anel que tu me deste,
 No domingo da Trindade,
 No dedo fica apertado,
 E bem largo na amizade.
 Uma libra, duas libras d'ellas,
 Oh que lindas, bellas!
 Oh que lindas bellas!
 São de cavallinho;
 Sou firme, sou diligente,
 Sou leal ao meu bemzinho.

Aqui estou á tua beira,
 E mais tu não me conheces,
 Sou aquelle amante firme,
 Que tu na vida tiveste.
 Oh que duas libras!
 Oh que duas bellas!
 São de cavallinho,
 São amarellas,
 São da côr do vinho
 De Cabanellas.

(M.)

LXX

Valverde-ladrão

—O' Valverde, ó Valverde,
 O' Valverde-ladrão,
 Rouba agora a moça,
 Que tens occasião.

Já cá vae roubada,
Já cá vae na mão,
Já cá vae mettida
No meu coração.

O' Valverde, ó Valverde,
O' Valverde-ladrão,
Que *roubastes* a menina
Nesta mesma occasião.

—O' ladrão roubado,
Quem te roubaria?
—'Ma menina d'Elvas
Chamada Maria

As meninas d'Elvas
Foram as primeiras
Que assentaram praça,
Juraram bandeiras.

As meninas d'Elvas
Vão á missa á Graça,
De capote rôto,
Com toda a chalaça.

As meninas d'Elvas
Vão á missa á Sé,
De capote rôto,
Chinelo no pé.

As meninas d'Elvas
São minhas madrinhas,
Dae-lhes *soidades*
E visitas minhas.

As meninas d'Elvas
São minhas comadres,
Se por lá passares,
Dac-lhes *soidades*.

As meninas d'Elvas
E as de Anadia
Assentaram praça
Na infantaria.

As meninas d'Elvas
E as do Fundão
Assentaram praça
No meu batalhão.

Hei de ir a Elvas
Tres vezes no dia,
Só p'ra ver a tropa
De cavallaria.

Hei de ir a Elvas
Tres vezes no anno,
Só p'ra ver a tropa
Do rei castelhano.

Se fores a Elvas,
Vae devagarinho,
Olha lá não cáias
No tal barranquinho.

Se fores a Elvas,
Vae com geitinho,
Cuidado não caias
No tal barranquinho.

Furta ladrãozinho.
Furta ligeirinho,
Olha lá não caias
No tal barranquinho.

No tal barranquinho
Não hei de cair,
Que as meninas d'Elvas
Me hão de acudir.

Se fores a Elvas,
Trazei-me um saiote
De barra amarella,
Que me não debote.

Se fôres a Elvas,
Vae á Piedade,
Que é a melhor coisa
Que tem a cidade.

Se fores a Elvas,
Vae á Conceição,
Que lá 'stá no alto,
Perto da prisão.

Se fores a Elvas,
Vae á Conceição,
Que é a melhor coisa
Que tem a nação.

Se fôres a Elvas,
Vae com cuidado,
Elvas 'stá minada
De polv'ra e soldados.

Se fores a Elvas,
Vae lá cima ao forte,
Onde os hespanhoes
Temeram a morte.

A' entrada d'Elvas
Uma voz ouvi:
Prendem-me p'ra soldado,
Que será de mim!

A' entrada d'Elvas
Achei uma agulha,
Com ella marquei:
Viva a formosura.

A' entrada d'Elvas
Achei uma agulha,
Com letras que dizem:
Viva D. Julia.

A' entrada d'Elvas
Achei um anel,
Logo fui dar parte
Ao meu coronel.

A' entrada d'Elvas
Achei um dedal,
Logo fui dar parte
Ao meu general.

A' entrada d'Elvas
Achei um limão,
Com letras que dizem:
Viva D. João.

A' entrada d'Elvas
'Stá um edital
Com letras que dizem:
Viva Portugal.

A' entrada d'Elvas
Achei uma fita
Com letras que dizem:
Viva D. Rita.

Mal o haja Elvas,
Tudo p'ra lá vae,
Não ha de lá ir
Filho de meu paer.

O' Elvas, ó Elvas,
Convento de freiras,
Eu sou capitão
Das moças solteiras.

O' Elvas, ó Elvas,
Convento de freiras,
Arrecolhimento
Das moças solteiras.

O' Elvas, ó Elvas,
O nome te basta,
E's mãe p'r'ós de fora,
P'r'ós da terra **madrasta**.

O' Elvas, ó Elvas,
Arrazada sejam,
De cravos e rosas
Maças e cerejas.

O' Elvas, ó Elvas,
Badajoz á vista,
Já não faz milagres
S. João Baptista.

O' Elvas, ó Elvas,
Com seus olivaes,
Já não sou, amor,
De quem vós cuidaes.

O' Elvas, ó Elvas,
Já lá estive dentro.
Meu ainor cá fora
Passando tormentos.

Ai lé,
O' Elvas, ó Elvas,
Não tenho ninguem,
Sou filha das ervas.

Ai lé,
O' Elvas, ó Elvas,
A minha amizade
Ainda a conservas.

Mal o haja Elvas,
Tanta peça tem,
Todas embocadas
Ao meu lindo bem.

Eu cuidava que Elvas
Era um curral,
E' praça fechada
De areia e cal.

Eu cuidava que Elvas
Era uma aldeia,
E' praça fechada
De cal e areia.

O meu bem 'stá preso
Na cadeia de Elvas,
Quando de lá sair
Vem da côr das ervas.

Os soldados d'Elvas,
São como mosquitos,
Em indo p'r'a guerra
Parecem palmitos.

Elvas, ó Elvas,
Não tem medo, não,
Elvas tem um forte
Por baixo do chão.

O forte da Graça
Anda numa onda,
Fugiram os presos
Da casa redonda.

O forte da Graça
Tem duas ladeiras,
Uma p'r'ás casadas,
Outra p'r'ás solteiras.

Ai lé,
Se fores ao forte
Virás as bandeiras
Viradas ao norte.

O' rapaz, tu és pimpão,
Tens a fala muito fina,
Sabes cantar *ó ladrão*,
E não sabes a doutrina.

(A.)

LXXI

Vamos seguindo sempre

Entre bosques e rochedos
Tu juraste e eu jurei,
Que me eras muito grato,
É és-me falso, bem o sei.
Vamos seguindo sempre
Por esses caminhos fora,
Que a manhã vae rindo
Nos labios da aurora.

(T. M.)

LXXII

A Vassoírinha

Sempre, sempre em movimento, (*bis*)
A vassoírinha varre o chão,
O abano faz o vento (*bis*)
Para accender o fogão.
Rica vassoira,
Rica vassoírinha,
Rica vassoira,
Quando s'rás minha?
Varre, varre,
Q'rida vassoírinha,
Abana, abana,
Meu abanador;
E tu, de abano
Passaste a varredor.

Anda cá, ó pobresinha, (*bis*)
 De varrer triste condão,
 Anda cá, ó vassoirinha, (*bis*)
 Vem varrer meu coração.

Rica vassoira, etc.

(A.)

LXXIII

O Verde-gaio

A moda do *Verde-gaio*
 E' bonita, toca bem,
 Faz arrebentar o corpo
 Por quantas ilhargas tem.
 O *Verde-gaio* é meu,
 Que me custou bom dinheiro:
 Quatro patacas e meia
 Lá no Rio de Janeiro.

(A.)

LXXIV

O Vira-vira

Meninas dançae o *Vira*,
 Que lá vem a viração;
 Eu já vi dançar o *Vira*
 Na noite de S. João.
 O' moças, ó moças,
 Quem vira, quem vira?
 Quem suspira, chora,
 Quem chora, suspira.

O' moças virae, virae,
 Que lá vem a viração,
 Que lá vem os marujinhos
 A cheirar a alcatrão.

O' *Vira*, ó *Vira*,
 O' *Vira* do Minho,
 Dancemos o *Vira*
 Mais devagarinho.

A moda do *Vira-vira*
 Quem a havia de inventar?
 Foi os presos da cadeia,
 'Stão á sombra, tem vagar.

(M.)

LXXV

A Viuvinha

Além vem a viuvinha,
 Ella além vem a chorar,
 E' bem feito, não ha de achar,
 Não ha de achar com quem casar.

Sou viuvinha
 Das bandas d'além,
 Quero casar,
 Não acho com quem;
 Nem contigo,
 Nem contigo,
 Só contigo,
 Meu lindo bem.

Viuva, triste viuva,
 Viuva, triste, coitada,
 Que por dar contas ao mundo
 Vive só e abandonada.

Sou viuvinha
 Das bandas de fora,
 Quero casar
 Mas *neja* por ora;
 Nem contigo,
 Nem contigo,
 Só contigo,
 Meu lindo bem.

Tenho dó da viuvinha,
 Que ella ainda tem valor,
 Deus levou-lhe o seu marido,
 Deixou-lhe no peito amor.

Sou viuvinha
 Das bandas d'aqui,
 Quero casar
 Não acho madr nha;
 Nem contigo,
 Nem contigo,
 Queres-me tu,
 Meu lindo bem?

Já levaste um cabaço,
 Dois ou tres has de levar,
 E' bem feito, não has de achar,
 Não has de achar com quem casar.

Inda bem que já achastes
 Noivo para te casares,
 Meia volta darás ao par
 P'r'ó levar's ao seu logar.

(A.)



b) CANÇÕES DAS RUAS

LXXVI

A criada que é janota

A criada que é janota
 Tambem usa o seu cordão,
 Quando faz a cama ao noivo
 Dá beijinhos ao patrão.

As criadas de hoje em dia
 Todas usam seu cordão,
 Fazem festas á patroa,
 Dão beijinhos ao patrão.

A criada que é janota
 Também usa gravatinha,
 E fala com seu namoro
 Da janella da cozinha.

(A.)

LXXVII

Adelaidinha

O' Delaide, ó Delaidinha,
 Quem namora, aperta a mão,
 Inda espero que tu sejas
 Chave do meu coração.

(T. M.)

O' Delaide, ó Delaidinha,
 Olha o que teu pae te diz:
 Não te encostes á vaidade,
 Que inda podes ser feliz.

—O' Delaide, ó Delaidinha,
 Tua mãe está-te a chamar.
 —Eu agora não vou lá,
 Que tenho que namorar.

Já morreu a Delaidinha,
 Já lá vae a enterrar,
 A quem deixaria ella
 O ferrinho de engommar!

(A.)

LXXVIII

Afasta, janota, afasta

O' que linda fita verde
Eu tenho no meu roupão!
Afasta, janota, afasta,
Deixa passar o balão.

Que linda fita da moda,
Eu tenho na minha saia,
Afasta, janota, afasta,
Que o balão é de cambraia.

Afasta, janota, afasta,
Que o meu balão está sujo;
A fita do meu cabelo,
Foi dada por um marujo.

Afasta, janota, afasta,
Que o balão ha de ir ao ceu;
A fita da moda nova
Trago eu no meu chapéu.

(A.)

LXXIX

Dá-lh'ó, dá-lh'ó, dá-lh'ó

O' minha Anna, ó minha Anna.
 Ui, ui, ui!
Tu bem sabes quem eu sou;
 Dá-lh'ó, dá-lh'ó, dá-lh'ó,
 Não dou, não dou. não dou.

(A.)

LXXX

Digo dae

Vossê diz que não tem vícios,
 Digo dae, digo dae, dae, dão,
 Ou terá vícios ou não,
 Tirolé, té, té, ó tirolé, té, té,
 Tem o seu viciosinho,
 Digo dae, digo dae, dae, dão,
 Que lhe rala o coração.
 Tirolé, té, té, ó tirolé, té, té.

(T. M.)

LXXXI

Marianna diz que tem

Marianna diz que tem
 Um lencinho encarnado,
 Que lhe deu o machinista,
 Seu derriço e namorado.

Marianna diz que tem
 Sete saias de morim;
 No fim de contas, Marianna,
 Tu tens tantas como a mim.

Marianna é baixinha,
 Leva a saia pela lama,
 Tenho-te dito mil vezes:
 Levanta a saia, Marianna.

Marianna diz que tem
Uma saia de balão,
Que lhe deu um caixeirinho
Da gaveta do patrão.

Marianna diz que tem
Uma saia do burél,
Que lhe deu o caixeirinho
Da loja do Samuel.

(A.)

LXXXII

Mulatinhas da Bahia

Mulatinhas da Bahia,
Quando vão rezar o terço,
Dizem umas para as outras:
Eu se não caso, esmoreço.

Mulatinhas da Bahia,
Quando vão domingo á missa,
Levam contas de bugalhos,
Padre-nossos de cortiça.

Mulatinhas da Bahia,
Quando vão para o sermão,
Levam contas de bugalhos,
Padre-nossos de carvão.

Mulatinhas da Bahia
Foram-se lavar ao mar.
Deixaram as aguas turvas.
Sendo ellas como crystal.

(A.)

Mulatinhas da Bahia
 Foram-se lavar ao mar,
 Acharam a agua fria,
 Tornaram a recuar.

Mulatinhas da Bahia
 Foram-se lavar ao rio,
 Disseram umas p'r'ás outras:
 Não se pode parar com frio.

Mulatinhas da Bahia
 Foram acompanhar um terço,
 Disseram umas p'r'ás outras:
 Se não caso enlouqueço!

Mulatinhas da Bahia
 Não tem senão dez réis,
 Compram duas mulatinhas,
 Cada uma cinco réis.

As mulatas da Bahia
 Já não comem bacalhau,
 Comem o bello arroz doce,
 Bella farinha de pau.

(D.)

LXXXIII

Negro melro

O ladrão do negro melro
 Onde foi fazer o ninho,
 Na taboada do meu amor,
 No mais alto pinheirinho!

(D.)

Negro melro, negro melro,
 Negro melro, passarinho,
 Quem quer ver o negro melro
 Suba acima, *trópe* o ninho.

O ladrão do negro melro
 Toda a noite assobiou,
 Lá por essa madrugada
 Bateu as azas, voou.

(A.)

LXXXIV

O' homem que vaes no barco

Fui á praça da Figueira
 A comprar uma galinha,
 Dentro do papo lhe achei
 Um soldado da marinha.

—O' homem que vaes no barco...

—Que é lá isso?

—Olha que vaes enganado...

—Porquê?

—Essa mulher que ahí levas...

—E então?

—E' amiga de um soldado.

—Ora poças!

(A.)

LXXXV

Oh Maria Paula!

Quem me dera ser guarita
 Das muralhas do Vedor,
 Para sempre estar á vista
 Da porta do meu amor.

Oh Maria Paula,
 Olha a Candidinha,
 Que se foi embora!
 É eu fiquei sósinha.

(A.)

LXXXVI

Oh mulher! oh mulher!

—Oh mulher, oh mulher,
 Eu comprava-te umas meias.

—Isso não, marido, não,
 Que me faz as pernas feias.

—Oh mulher, oh mulher,
 Eu comprava-te umas botas.

—Isso não, marido, não,
 Que me faz as pernas tortas.

—Oh mulher, oh mulher,
 Eu comprava-te um saiote.

—Isso não, marido, não,
 Que me podem chamar pote.

—Oh mulher, oh mulher,
 Eu comprava-te uma touca.

—Isso não, marido, não,
 Que me podem chamar louca;

Compra-me antes um vinhinho,
 P'ra regar o meu peitinho,
 Tu bem sabes, maridinho,
 Que a agua me *fai* malzinho.

(T. M.)

LXXXVII

Oh Quizumba!

Scincei no meu quintal
Oh Quizumba!
Os cácos d'uma caneca,
Oh Quizumba!
Nasceu-me uma velha torta
Oh Quizumba!
A tocar numa rabeça,
Oh Quizumba!
Ai, ai, ai,
Ai, oh meu Deus!
Estes rapazinhos
São peccados meus.

(A.)

LXXXVIII

O meu lindo bem

O meu lindo bem
'Stá chega, chegando,
Não desembarcou,
'Stá desembarcando.

O meu lindo bem
'Stá chega, chegou,
'Stá desembarcando,
Não desembarcou.

O meu lindo bem
'Stá chega, não chega,
'Stá dnsemarcando
Em Akleia Gallega.

(A.)

LXXXIX

Ora toma, Mariquinhas

Moro na sé de Braga,
 E ha lá boas rapariguinhas,
 Anda agora uma moda:
 Ora toma,
 Ora toma, Mariquinhas.

(T. M.)

Lá na praça da Ribeira,
 Onde salgam as sardinhas,
 Lá já sabem quem tu és,
 Ora toma,
 Ora toma, Mariquinhas.

Em casa da minha gente
 Tudo são brincadeiras,
 Brinca 'o pae, brinca a mãe,
 Ora toma,
 Ora toma, Mariquinhas.

No jardim da Cordoaria
 Ha coisas muito *lendinhas*,
 Os guitas com as sopeiras,
 Ora toma,
 Ora toma, Mariquinhas.

(D.)

Ora toma, Mariquinhas,
 Ora toma, toma bem,
 Toma o pae, toma a mãe,
 Ora toma,
 Toma tu, tambem, meu bem.

(A.)

XC

Ora viva a sucia!

O' Antonio, ó Antonio,
 Ora viva a sucia,
 O teu nome me ha-de matar,
 Toma lá, dá cá;
 Como á sucia não ha, não ha,
 Como á sucia não ha, nem vi.

De dia no pensamento,
 Ora viva a sucia,
 A' noite no maginar.
 Toma lá, dá cá;
 Como á sucia não ha, não ha,
 Como á sucia não ha, nem vi.

(A.)

XCI

Os olhos de Marianita

Os olhos de Marianita { *bis*
 São verdes, côr do limão;
 Ai! sim, Marianita, ai! sim, { *bis*
 Ai! sim, Marianita, ai! não. }
 Os olhos de Marianita { *bis*
 São a minha perdição;
 Ai! sim, Marianita, ai! sim, { *bis*
 Ai! sim, Marianita, ai! não. }
 Os olhos de Marianita { *bis*
 Ai! que lindos elles são!
 Ai! sim, Marianita, ai! sim, { *bis*
 Ai! sim, Marianita, ai! não. }

(A.)

XCH

Pirolito

Janella de pau de pinho,
De pau de pinho, janella,
Quem me dera estar deitado
Nos braços de quem 'stá nella!

Pirolito que bate, que bate,
Pirolito que já bateu,
Quem gosta de mim é ella,
Quem gosta d'ella sou eu.

Pirolito que bate, que bate,
Pirolito já batido,
Quem gosta de mim é ella,
Hei de ser o seu marido.

XCHH

Ramtamplam

Já me fizeram soldado,
Amor do meu coração,
Não te esqueças de mim, sim,
Não te esqueças de mim, não.
Ai! amor,
Que o tambor
Já lá berra
Ramtamplam:
Adeus, adeus, minha terra,
Ramtamplam,
Que eu vou p'r'á guerra.

(T. M.)

XCIV

Rei chegou

D. Miguel chegou á barra,
A' barra de Lisboa,
E disseram os malhados:
Esta obra não 'stá boa.
Rei chegou,
Rei chegou,
Em Belem
Desembarcou:
Aos realistas
Abraçou,
Aos malhados
Não falou.

D. Miguel chegou á barra,
A' barra de Belem,
E disseram os malhados:
Esta obra não vae bem.
Rei chegou,
Rei chegou,
Em Belem
Desembarcou:
Na barraca
Não entrou,
E o papel
Não assignou.

D. Miguel chegou á barra,
Já o seu signal içou:
E' certo e mais que certo,
Que já D. Miguel chegou.
Rei chegou, etc.

D. Miguel chegou á barra,
 Voltou costas á nação,
 Rogando pragas immensas
 A' nova constituição.

D. Miguel quando chegou
 Deu um suspiro e um ai,
 Disse á sua augusta mãe:
 Que é do meu augusto pae?

Sua mãe lhe respondeu,
 Com grande pena e ternura:
 Já os malvados malhados
 O teem na sepultura.

D. Miguel quando chegou
 Ao palacio de seu pae,
 Disse á sua augusta mãe:
 Que é do meu augusto pae?

Sua mãe lhe respondeu
 Com grande dor e ternura:
 Já os grandes libertinos
 Lhe deram a sepultura.

D. Miguel chegou á barra,
 A sua mãe beijou a mão:
 —Anda cá filho da minh'alma,
 Não queiras constituição.

D. Miguel chegou á barra
 Sua mãe lhe deu a mão:
 Anda cá filho d'esta alma,
 Já te pertence a nação.

Quando D. Miguel chegou
A' quinta do Ramalhão,
Olhou para sua mãe:
O' mãe do meu coração!

D Miguel quando chegou
Logo foi ao beijamão,
Disse á sua augusta mãe:
Deitae-me a vossa benção.

D. Miguel é nosso Rei,
Elle é rei d'esta nação,
Defensor e general
Da santa religião.

Pedro quarto, não podendo
Mandar o seu coração,
Mandou joia de igual preço,
D. Miguel, seu q'rido irmão.

As nações o desterraram,
Enganando o augusto pae;
Ora vede, reparae,
Como elles se enganaram.

D. Miguel chegou á barra,
Já lá estava o seu carrinho,
Para ir ao seu palacio
Descançar um bocadinho.

E' certo e mais que certo,
Que el-rei D. Miguel chegou
Lá á torre do Bugio,
Onde seu signal deixou.

E' certo e mais que certo,
 D. Miguel ser nosso rei,
 E' certo e mais que certo,
 Que assim é que manda a lei.

D. Miguel desembarcou
 Com 'mas esporas de prata,
 A cavallo no Saldanha,
 Claudino de arreata.

Rei chegou,
 Rei chegou,
 Em Belem
 Desembarcou:
 Aos realistas
 Abraçou,
 Aos malhados
 Não falou.

(A.)

XCV

Re-pi-pio

Eu bem vi nascer o sol,
 Eu bem o vi *arraiar*,
 Eu bem vi uma menina
 Pelo seu amor chorar.

Chamaste-me re-pi-pio,
 Isso a mim não se me dá,
 Re-pi-pio, ora diga, diga,
 Re-pi-pio, ora diga lá. (*bis*)

(T. M.)

XCVI

Saia branca de balão

Bellas arv'res do Rocio,
 Que encobrem o Ramalhão,
 Anda agora muito em moda
 Saia branca de balão,
 E' *túpiss* da barriga,
 Que cobre uma, e outra não.

(A.)

XCVII

Saloia

Sou saloia, honro-me d'isso,
P'ra casacas não sou má,
Os janotas atrevidos
Sei correr a varapau.

Sou saloia, trago botas,
E tambem trago manteu,
Tambem trago carapuça
Debaixo do meu chapéu.

O' saloia dá-me um beijo,
Que te darei nm vintem,
Os beijos de uma saloia
São poucos, mas sabem bem.

O' saloia dá-me um beijo,
Que me estou morrendo á fome,
O beijo d'uma saloia
E' o sustento d'um home'.

Não ha sapatos que aturem,
Nem pernas que tanto andem,
Acompanho uma saloia
De Loures ao Campo-Grande.

(A.)

XCVIII

S. João

No altar de S. João
Está um cravo encarnado,
Das cortinas para dentro
'Stá Jesus sacramentado.

Isso sim,
 Capella de flores;
 S. João é
 Os meus amores.

Eu hei de ir a S. João,
 Com viola e pandeiro,
 Se achar as portas fechadas
 Hei de bailar no terreiro.
 Ora viva,
 Lá no mastro;
 S. João é
 O meu padraço.

Eu hei de ir a S. João
 A levar-lhe nove rosas,
 Tres brancas, tres amarellas,
 Tres encarnadas, formosas.
 Isso sim,
 Capella, capellas,
 S. João
 Casae as donzellas.

Fui á porta do Baptista
 Perguntar p'los meus amores,
 Lá de dentro me atiraram
 Com 'ma capella de flores.
 Isso sim,
 Meu cravo branco;
 Viva o Baptista,
 Que é santo.

A capella do Baptista
 E' de rosas amarellas,
 A capella é do santo,
 O santo é das donzellas.
 Isso sim,
 Capella de cravos;
 S. João é
 Os meus cuidados...

A capella do Baptista
E' de fitas côr de rosa,
Que lh'a fizeram as freiras
D'esta côr primorosa.

Não é nada,
Não é nada,
S. João
Comeu pescada.

Ao senhor governador
Pedimos com attenção
Dê as chaves ao ajudante,
P'ra irmos a S. João.

Isso sim,
Mas isso não,
O' Baptista
S. João.

Se S. João bem soubera
Quando era o seu dia,
Viria do ceu á terra
Com prazer e alegria.

Isso sim,
Mas isso cêdo,
Antonio,
João e Pedro.

Quero cantar e bailar,
Divertir-me a todo o pano,
Quem sabe quem chegará
D'este Baptista a um anno.

Ora viva,
Com grandesa,
S. João
E Santa Th'reza.

(A.)

XCIX

'Stá bonita a chita

'Stá bonita a chita,
O balão 'stá sujo,
Deu-m'a o meu amor,
Deu-m'a o meu marujo.

'Stá bonita a chita,
Está bonita, é,
Deu-m'a meu amor,
Deu-m'a o meu José.

'Stá bonita a chita,
'Stá bonita, está,
Deu-m'a o meu amor,
Deu-m'a o meu Thomaz

'Stá bonita a chita,
E' de ramalhões,
A gente vê caras
Não vê corações.

(A.)

C

Táp'isso, ólaré, táp'isso

Táp'isso, ólaré, táp'isso,
Táp'isso, que elles lá veem,
Fugiram, tiveram medo
Da villa de Santarem.

Táp'isso, ólaré, táp'isso,
 Táp'isso, que elles lá vão.
 Toda a bocca se lambuça
 A quem não comeu melão.

Esta moda do *Táp'isso*
 Quem *na havera* d'inventar?
 O batalhão dos polacos
 Para aprender a marchar.
 Táp'isso, ólaré, táp'isso,
 Que é polaco e não é chouriço.

(A.)

CI

Tia Annica

Já morreu a ti'Annica,
 Foi-se enterrar a Loulé,
 A quem deixaria ella
 A caixinha do rapé?

Já morreu a ti'Annica,
 Foi-se enterrar a Loulé,
 A quem deixaria ella
 A barra do *cachiné*?

Já morreu a ti'Annica,
 Foi-se enterrar o Olhão,
 A quem deixaria ella
 A sainha de balão?

Já morreu a ti'Annica,
 Foi-se enterrar á Fuseta,
 A quem deixaria ella
 A sainha de baêta?

(A.)

CII

Trigueirinha

Trigueirinha,
Ponha o pé na areia,
Vá vêr o seu amor,
Que está na cadeia.

Trigueirinha,
Ponha o pé no chão,
Vá vêr o seu amor,
Que está na prisão.

CIII

Você quebra a louça

Você quebra a louça,
Você quebra tudo,
Você quebra a louça
No dia de entrudo.

Você quebra a louça,
Você quer quebrar,
Você quebra a louça,
Você tem de a pagar.

Anda cá, paixão,
Leal conselheira,
Vem viver comigo
Até que Deus queira.

(A.)

CIV

Referências a outras modas

A moda do *Ai que rico!*
Quem a havia de augmentar?
Foi a filha da forneira,
Que andava p'r'a se casar.

(D.)

Esta noite, na esfolhada,
Ouvi a *Chula* tocar;
Cantigas de alegria
Eu não cessei de cantar.

(M.)

Na disputa do *Fandango*
Não pode haver primazia,
O *Fandango* não se baila
Sem grossa pancadaria.

(E.)

O' minha *Farrapeirinha*,
Como se chama o teu homem?
Chama-se batata assada,
Sem azeite não se come.

(D.)

Vá de ginguêro, ó Gingo,
Vá de ginguêra, ó não,
Quem quizer dançar o *Gingo*
Vá de roda de S. João.

(A.)

O' Giralda, ó *Giraldinha*,
Vamos nós a giraldar,
Lá no meio da azeitona
Dança a pombinha no ar.

(A.)

Já não quero mais ameixas
Do quintal de D. Rita.
Se ella lá vae dar comigo,
Faz-me dançar *La chica*.

(D.)

Venha pão e azeitonas.
Estamos na nossa quinta,
Bailêmos o *Sapateado*,
Sem tirar relógio e cinta.

(A.)

A modinha da *Cegada*,
E' uma modinha alegre.
Ella mesmo vae dizendo:
Quem te espalha que te cegue.

(D.)



APPENDIX





CANTOS POPULARES PORTUGUEZES

APPENDIX

1

O Sobrenatural

1) Religião christã

b) Jesus Christo e a Virgem Maria

- 1 O' Senhor da Piedade,
Ao vosso altar cheguei,
Tantos anjos me acompanhem
Como de passadas dei.

(A.)

- 2 Os meus primeiros amores
Entreguei-os a Jesus,
Estes que agora tenho
A' Virgem do pé da Cruz.

(B. B.)

- 3 Os meus primeiros amores
Entreguei-os ao diabo,
Estes que agora tenho
A' Mãe Deus do Rosario.
(B. B.)
- 4 Nossa Senhora da Veiga
E' pequenina e airosa,
Vae a gente de tão longe
Só p'ra ver tão linda rosa.
(B. B.)
- 5 Nossa Senhora da Veiga
Tem o gallo no seu sino,
Cada vez que o gallo canta
Recorda o Verbo Divino.
(B. B.)
- 6 Nossa Senhora da Veiga,
Ella lá vae Douro acima,
Com a cestinha no braço,
Fazer a sua vindima.
(B. B.)
- 7 —Nossa Senhora da Veiga,
Com que douraes o cabelo?
—Com uma ervinha do monte
Que se chama *tomantêlo*.
(B. B.)
- 8 Nossa Senhora da Veiga,
Da Veiga e da Veiguinha,
Chamae-me vós afilhada,
Que eu vos chamarei madrinha.
(B. B.)

- 9 Nossa Senhora da Veiga
Visinha dos olivaes,
Guardae a minha azeitona
Não m'a comam os pardaes;
Comam uma, comam duas,
Comam tres, não comam mais.

(B. B.)

- 10 Nossa Senhora da **Veiga**
Fez um milagre no monte.
O Menino pediu-lhe agua,
Logo lhe abriu uma fonte:
A fontinha era de prata,
A agua era de cheiro,
O Menino era Santo,
Filho de Deus verdadeiro.

(B. B.)

- 11 Nossa Senhora de Vagos
Tem um manto azul claro,
Que lh'o deu uma devota
Da villa de Santo Amaro

(D.)

- 12 Nossa Senhora de Vagos
Tem um rebate de pedra,
Bem o podera ter de oiro,
Se ella bem o quizera.

(D.)

- 13 Nossa Senhora de Vagos
Tem um tear á janella,
Dá-lhe o vento, dá-lhe a chuva,
Todo o fiado se quebra.

(D.)

- 14 Lá no mar anda a sereia,
Virgem Mãe da Conceição
Livrae d'ella o meu amor,
O meu amor, que é João.
(A.)
- 15 Ailé,
Senhor da Piedade,
Partiram-te a porta,
Tiraram-te a grade.
(A.)
- 16 Ailé,
Senhor da Bôa-Fé
Chegae o meu amor
Cá para o meu pé.
(A.)
- 17 Ailé,
Senhora da Penha
Mandae vir a chuva
P'ra moêr a azenha.
(A.)
- 18 Ailé,
O' Rocio da Feira,
Mãe da Nazareth
Fica na ladeira.
(A.)



d) Santos

- 19 Santo Amaro é a quinze,
E faz-se a festa a quatorze,
Tomara o seu ermitão
Muito pão no seu alforge.
(A.)
- 20 Meu amor é barrenciro,
Trabalha na contramina,
Vou rezar a Santo Antonio,
P'ra lhe não cair em cima.
(ALG.)
- 21 Minha avó tem lá em casa
Um Santo Antonio velhinho,
Em as moças não me q'rendo,
Dou pancadas no santinho.
(ALG.)
- 22 Tenho um dedinho de cêra
Para dar a Santo Antonio,
A ver se o santo me livra
Das tentações do demonio.
(A.)
- 23 Tenho um dedinho de cêra
Para dar a S. João,
A ver se o santo me livra
De uma má tentação.
(A.)

24 Quem me dera ser pintor,
Que pintava a S. João,
Que pintava o meu amor
Dentro do meu coração.
Que é lá isso,
Meu amor,
Que é lá isso?
É' um rouxinol
Feito num chouriço.

(A.)

25 Que é lá isso,
Meu amor,
Que é lá isso?
Lá no mar
Anda o meu derriço;
Não é nada,
Meu amor,
Não é nada,
Lá no mar
Anda o peixe espada.

(A.)

26 Ailé,
Senhor S. João.
Que o meu bem não perca
À sua tenção.

(A.)

27 Ailé,
Senhor Santo André
Fazei que o meu bem
Não me passe o pé.

(A.)



II

A Natureza

a) Os Astros

- 28 Sol divino não te ponhas,
Que fica o mundo ás escuras,
O' morte que tanto tardas!
O' vida que tanto duras!
(A.L.G.)
- 29 O meu amor é um sol,
Eu tambem o sol mereço,
Todos dizem que o venda,
O meu amor não tem preço.
(B. B.)
- 30 O sol posto vae doente,
A lua o vae sangrar,
O sereno lhe ata a fita,
Pega no braço o luar.
(E.)
- 31 A lua tem tres estrellas,
Mas nenhuma nos conduz,
Os raios d'esses teus olhos
Tem mais brilho do que a luz.
(A.L.G.)
- 32 O' luar, que assim vaes claro,
Nem tão claro te eu queria,
Isto de quem tem amores
Quer mais noite que de dia.
(E.)

33 O' luar da meia noite
Não sejas meu inimigo,
A' porta do meu amor
Não venhas a ter comigo.

(A.)

34 O' luar, vae-te esconder,
Ao menos á madrugada,
Foge, a ver se eu posso entrar
Em casa da minha amada.

(A.L.G.)

35 Já o luar se levanta,
Só tu minha preguiçosa
Desprezas quem se deseja
Nesse leito côr de rosa!

(A.L.G.)

36 Ailé,
Lua marcolina,
Vae entrar na roda
A mana Bernardina.

(A.)

37 Ailé,
Ao nascer da lua,
Lá me irei chegando
A' porta da rua.

(A.)

38 O' estrella da manhã
Demora-te mais uma hora,
Deixa dormir meu amor,
Que inda se deitou agora.

(D.)

- 39 Estrella do céu brilhante,
Secretaria de meu peito,
Dae remedio a meus males,
Que eu morro por um sujeito.
(E.)
- 40 Estrella do céu brilhante,
Secretária de meu peito,
Dae graça a uns certos olhos,
Que eu morro por um sujeito.
(E.)
- 41 Puz-me a contar as estrelas,
Contei cinco, contei dez,
Fui para contar as onze,
Vi-me cahido a teus pés.
(E.)
- 42 Os sete-estrellos cahiram
No adro de Penedono ;
Eu acho que é loucura
Amar a quem já tem dono.
(B. B.)
- 43 No céu anda uma estrella
Que se parece contigo;
O dia que te não vejo
A estrella é o meu allivio.
(B. B.)



b) Fogo, luz e sombra

- 44 Eu fui a que accendi lume:
 Numa chaminé de vidro,
 Eu fui a que reparti
 D'amores para contigo.

(B. B.)

- 45 Para ver se o lume qucima
 Basta só chegar-lhe a mão ;
 Inda hei de ver se os teus olhos
 Me podem queimar ou não.

(E.)



c) A atmosphera

- 46 'Stá o céu ennevoadado,
Tem um *quellaro* no meio;
Não é muito de quem ama
A' noite dar seu passeio.
(B. B.)
- 47 'Stá o céu ennevoadado,
E' um signal de chover;
Vejo o meu amor chorando
E não lhe posso valer !
(M.)
- 48 Estas cantigas de hoje
Leva-as o vento suão ;
Tu tens uma *sympathia*
Eu tenho uma opinião.
(M.)
- 49 Ailé,
Vento suão,
Vento hespanhol.
Vento villão.
(A.)
- 50 Ailé,
Ventinho do norte,
Vassoira do céu,
Livrai-me da morte.
(A.)
- 51 Ailé,
Chove e rechove.
Faz hoje oito dias.
Se não são já nove.
(A.)

d) A água

52 A água da fonte vae turva,
Quem tem sêde sempre bebe,
Quem tem vontade de amar
Coisa nenhuma o impede.

(ALG.)

53 Quem quizer que a água corra,
Faça-lhe o rego direito:
Quem quizer que eu o ame
Hà de falar-me com geito.

(M.)

54 Namorei-me do ribeiro
E da pedra de lavar;
Começo segunda-feira,
Sabbado vou acabar.

(B. B.)

55 A ribeira d'Odeleite
No meio tem uma fonte.
Onde o Machadinho bebe
Quando vae para o meu monte.

(ALG.)

56 Já o rio não leva água,
Senão folhas de limão,
D'onde irei lavar o lenço
Do meu riquinho João ?

(E.)

57 Móro á beira do rio,
Meu sustento são peixinhos;
Ai Jesus! que vida a minha!
Dar abraços e beijinhos!

(M.)

58 O' menina do rio triste,
Venha lavar ao alegre,
Que a agua do nosso rio
Faz a roupa como neve.

(A. G.)

59 Nunca mais torno ao rio,
Nunca mais vou pescar peixe;
Hei de deixar o meu bem,
Antes que elle me deixe.

(M.)

60 O' rio dos desenganos,
Engrossa, faze-te mar,
Que desejo em tuas aguas
O meu amor afogar.

(D.)

61 Subi ao alto rochedo
Dar vivas ao Guadiana;
Mais vale um beijo d'amor
Que o jornal d'uma semana.

(ALG.)

62 Embarquei-me no mar largo,
Já perdi vistas á terra,
Já não vejo senão céo,
Agua e vento que me leva.

(M.)

63 As ondas do mar são verdes,
Em todo o campo ha verdura,
Nas faces d'esse teu rosto
Pintou Deus a formosura.

(M.)

64 Já o mar bate na areia,
E as ondas na fortaleza,
Tambem meu coração bate
Onde não acha firmeza.

(ALG.)

65 Fui ao mar buscar lume,
Queimei-me numa faisca;
Os teus olhos me prenderam,
Quem ama a muito se arrisca.

(D.)

66 O meu amor quer-me tanto,
Que até ao mar me levou
Numa lanchinha de prata,
Ramos d'ouro lhe deitou.

(ALG.)

67 As ondas do mar lá fóra,
São pretas como o lemiste;
Se choraes porque não vêdes,
Alegrai-vos, que já viste.

(E.)

68 Embarquei no mar vermelho
Com maré de vento sul.
Para ver se nos teus olhos
Eu achava o mar azul.

(E.)

69 No meio d'aquelle mar
Me morreu o meu querido;
Quem ha de poder olhar
Para o mar tão atrevido?
(E.)

70 Como és curioso,
Meu amor, procura
Quantas braças tem
O mar de fundura.
(E.)

71 Ailé,
Se queres vir, vem
Passar o Guadiana
P'r'ás bandas d'além.
(A.)

72 Ailé,
Lá em Badajoz
Passei o Guadiana
Na casca da noz.
(A.)



f) As pedras

- 73 No meio do Campo Grande
'Stá uma pedra lavrada,
Donde o meu amor descança
Quando vem de madrugada.
(E.)
- 74 As pedras, com: serem pedras,
Sente' os golpes que lhe' dão,
Como não hei de eu sentir
Essa tua ingratidão!
(M.)
- 75 Hei de amar a pedra dura,
Não te hei de amar a ti,
A pedra sempre me é firme,
Tu não o és para mim.
(E.)
- 76 O' anel de sete pedras,
O' anel de pedras brancas;
Como queres que eu te queira
Se tu dás paleio a tantas!
(A.L.G.)



h) Os vegetaes

- 77 A folha da hera *atrepa*,
Por ser a mais diligente;
Estes meninos de agora
Quanto mais juram, mais mentem.
(D.)
- 78 C'o chá da herva cidreira,
E com a arruda em pó,
Nunca o diabo fez farinha
Em casa da minha avó.
(E.)
- 79 Salsa verde á minha porta
Sem a ninguem semear!
Semeou-a algum va io,
Com tenção de me enganar.
(B. B.)
- 80 Salsa significa gosto,
Eu que gosto posso ter?
Deixaste a mim por outro,
Inda te has de arrepender.
(M.)
- 81 O serpão é miudinho,
Eu bem o amiudei;
Desde muito pequenino
Sempre por ti suspirei.
(M.)

82 No alto de Santo Antonio
Vae uma silva nascendo,
Todos passam pela silva,
Só eu na silva me prendo.

(ALG.)

83 Dizes que não pode ser,
Eu tambem digo que não,
Silva verde dar um cravo,
Laranjeira um limão.

(ALG.)

84 Ha silvas que dão amoras,
Ha outras que dão *felores*:
Ha amores que são firmes,
E outros que são traidores.

(B. B.)

85 E's um valverde em altura,
Um girasol no brilhar,
Um cravo na formosura,
Uma rosa no cheirar.

(ALG.)

86 Os olhos d'Anna parecem
Trigo malhado na eira,
Inda não 'stá semeado,
Já *verdega* na ladeira

(B. B.)

87 Se fores ao meu jardim,
Corta a *felor* que quizeres,
Só te peço que me deixes
A *felor* do mal-me-queres.

(M.)

88 D'antes, no tempo de inverno,
Não havia uma flor,
Agora não faltam rosas
Que offereça ao meu amor.

(M.)

89 Alecrim pertence ao sono,
Quem tem sono vae dormir,
Eu tenho sono e não durmo,
Amor, p'ra te possuir.

(ALG.)

90 Não cuidei que o lirio roxo
Na borda d'agua seccasse:
Não cuidei que o teu amor
Tão depressa me deixasse!

(E.)

91 O' lirio roxo do campo,
Criado na primavera,
Desejava, amor, saber
A tua tenção qual era.

(ALG.)

92 Desgraçada malva roxa,
A folha mette terror!
Todos dizem que te deixe,
Não quero, que és meu amor.

(ALG.)

93 Não ha cravo como o branco,
Depois de secco e mirrado;
Este nosso bem querer
Parece por Deus decretado.

(M.)

94 Deitei o cravo no poço,
A rosa no chafariz;
O meu coração é o teu
Já vão criando raiz.

(B. B.)

95 Cravos da minha janella
Não dou a rapaz nenhum,
Folhinhas dou-as a todos,
Liberdades: só a um.

(E.)

96 Toma lá, que te dou eu,
Esta rosinha amarella,
E em troca quero ver
O que tu me dás por ella.

(M.)

97 Eu subi ao castanheiro,
Deixei-o bem varejado;
Sempre que a ti me chego
Eu fico enfeitado.

(M.)

98 Castanheiro, faz-me sombra,
Que eu abafo de calor;
Quem déra dormir um sono
Nos braços do meu amor!

(M.)

99 Olha como do ouriço
Espreita a linda castanha;
Dizes que namoro outra,
Oh que mentira tamanha!

(M.)

- 100 Nunca vi figueira preta
Dar o figo na raiz:
Nunca vi moça de padre
Ser bem feita do nariz.

(B. B.)

- 101 Loureiro, verde loureiro,
Loureiro da vaidade;
Não se podem ter amores,
Por causa da falsidade.

(ALG.)

- 102 Hei de subir ao loureiro,
Chegar á mais alta folha;
Eu a respeito d'amores
Tenho muito aonde escolha.

(ALG.)

- 103 Por mais que o loureiro cresça,
Ao céo não ha de chegar;
Se me não fores ingrata,
Nunca te hei de deixar.

(M.)

- 104 O loireiro bate, bate,
Eu bem o sinto bater
Com os ramos no telhado
Quando o amor me vem vêr.

(E.)

- 105 Tendes loureiro á porta,
Que sombra tão regalada!
Como tendes boa fama,
Haveis de ser procurada.

(M.)

- 106 Loureiro, verde loureiro,
Loureiro da baga preta;
Da fama ninguem se livra,
Ao p'riço ninguem se metta.
(M.)
- 107 Tua baga, ó loureiro,
Alguem a ha de apanhar;
Quem tem o amor que eu tenho
Bem se pode regalar.
(M.)
- 108 Trigo louro, trigo louro,
Trigo louro da azinhaga,
Por causa do trigo louro
O loureiro é que o paga.
(A.)
- 109 Pecegueiro, dá-me um pecego
Com a casca avelludada,
Quero dal-o de presente
A' minha bella namorada.
(M.)
- 110 O' minha açucena branca,
Meu pecegueiro molar,
Sempre foste, e has de ser,
Amor, da minha vontade.
(B. B.)
- 111 Escrevi no pecegueiro
Tres letrinhas d'oiro fino;
Não me trates com lisonja,
Que hei de fazer desatino.
(E.)

112 Salgueiro pega de estaca,
Amieiro de raiz,
Foste engeitada de outrem,
Para mim já não servís.

(E.)

113 A azeitona cordovil
Tem o caroço pintado;
Quem comtigo toma amores
Vae mui bem aproveitado.

(E.)

114 Azeitona miudinha
Tambem entra no lagar;
Estes rapazes de agora
De nada se vão gabar.

(B. B.)

115 A azeitona, antes que é preta,
Tambem tem seu parecer;
Em bons panos cáe a nodoa,
Isso pouco tem que ver.

(B. B.)

116 Minha maçã vermelhinha,
Colhida no mez de outono,
E' grande cegueira minha
Amar a quem já tem dono.

(M.)

117 Deitei a laranja' ao ar,
Caiu num tanque de neve,
Menina, se busca amores,
Aqui 'stá um que lhe serve.

(B. B.)

- 118 'Tirei co'a laranja ao ar,
Cahiu no mar, afogou-se:
O anel que tu me déste
Era de vidro, quebrou-se.
(A.)
- 119 Toma lá esta laranja
Que é da China, vem do mar,
Que te tire esse fastio
Que tu tens de me falar.
(E.)
- 120 Tanto limão, tanta lima!
Tanta laranja no chão!
Tanta menina bonita!
Nenhuma na minha mão!
(M.)
- 121 Não posso comer a lima
Sem mastigar o limão:
Não posso tirar meus olhos
D'onde os meus amôr's estão.
(ALG.)
- 122 Quebrei a casca á nos,
Parti-a, tirei-lhe o grão:
Tambem tu, sem me partires,
Me tiraste o coração.
(M.)
- 123 Quem me déra uma pera,
Que fosse de amorim,
Para dar ao meu amor,
Que ~~está de frente de mim.~~
(M.)

i) Os animaes

124 Quem vem aqui por te ver,
Deseja bem de te amar,
Eu sou como a borboleta,
Que ao lume se vae queimar.

(ALG.)

125 Uma grande borboleta
Sobre as minhas mãos pousou,
Nas azas 'screvi teu nome,
E a borboleta voou.

(ALG.)

126 Canta o gallo, é de dia,
Relógio dos namorados,
Inda não é meia noite
Já os gallos tem cantado.

(B. B.)

127 O melro canta na faya,
Escutae o que elle diz:
Quem fez o mal que o pague,
Menos eu que o não fiz.

(M.)

128 Sobre as azas de uma pomba
Eu vi um pombo gener,
Dando suspiros e ais
Sem acabar de morrer.

(M.)

129 O rouxinol ama o bosque,
A mariposa o jasmim,
O triste ama a solidão,
Eu amo-te só a ti.

(ALG.)

130 O rouxinol quando canta
Lá dá o seu assobio,
Tambem as moças solteiras
Não podem falar com brio.

(M.)

131 Acolá no laranjal
Ha um lindo rouxinol,
Que todos os dias canta
Quando vem nascendo o sol.

(M.)

132 O rouxinol quando canta
Dá c'o pé no alecrim,
Encosta-se á manjerona,
Dá combates ao jasmim.

(E.)



III

O Homem e a Sociedade

d) Cantigas amorosas

1) Anhelos, requebros e lisonjas

- 133 Eu não sei se isto é sorte,
Ou se é só por sympathia:
Em não stando á tua vista
Já eu não tenho alegria

(ALG.)

- 134 Quem vem aqui de tão longe,
Em risco de se perder,
Saltando muros e serros,
Meu amor, só p'ra te vêr?

(ALG.)

- 135 Os olhos do meu amor
São bonitos, benza-os Deus,
Se os deitarem a lanço,
Por todo o preço são meus.

(ALG.)

- 136 Acorda, se estás dormindo,
Chega, meu bem, ao balcão,
Vem ver quem por ti suspira,
Minha rosa em botão.

(ALG.)

137 A tua bocca é 'ma rosa,
Cada face é um botão,
No teu peito 'stá um vaso
Co'a raiz no coração.

(ALG.)

138 Meu anel da pera verde,
Ganhadinho ao luar,
Hei de amar a quem m'o deu,
Arrebente quem falar.

(ALG.)

139 Eu hei de mandar fazer
Um castello com dois muros,
Para prender os teus olhos,
Que inda os não tenho seguros.

(ALG.)

140 As telhas do meu telhado,
As pedras do meu muro,
Essas são as testemunhas
Das vezes que te procuro.

(ALG.)

141 Nesta rua vou entrando,
Alegres são moradores,
Dando vistas aos meus olhos,
Alegria aos meus amores.

(ALG.)

142 Se o amor é contrabando,
Eu quer' ser contrabandista;
Namoraram-me os teus olhos
Logo á primeira vista.

(ALG.)

- 143 Amar-te, não é só isso,
Que eu tenho quem me embarace,
Ha muito que eu era tua
Se a minha mãe me dcixasse.
(ALG.)
- 144 A' segunda te vou ver,
A' terça te quero bem,
A' quarta morro por ti,
A' quinta por mais ninguem.
(ALG.)
- 145 Prima do meu coração,
'Stima bem o meu amor,
Que eu estimarei o teu
Se elle á minha casa fôr.
(ALG.)
- 146 Quero bem á minha sogra
Que é a mãe dos meus amores,
Para mim 'steve creando
Um ramalhete de flores.
(ALG.)
- 147 Maria, terna Maria,
Vamos ao mundo, que é nosso,
Quer' trazer-te no c'ração,
Já que lograr-te não posso.
(ALG.)
- 148 Se eu fosse fita da moda,
Meu amor tambem não é,
Andaria sempre ao peito
D'ell' que se chama José.
(ALG.)

149 Recordando-me o teu nome,
Sobre um tronco o escrevi,
Como louca o fui beijando,
Julguei dar um beijo em ti.

(ALG.)

150 Chapeu preto, chapeu preto,
Essa fita não é tua;
Tira-te d'ahi do sol,
Não 'stejas ahi na rua.

(ALG.)

151 Que lindo botão de rosa
Que eu levo á minha canhota!
Que linda sombra me faz!
Que bello cheiro que bota!

(ALG.)

152 Tens olhos d'amora preta,
Tens faces d'amendoa branca,
Como te posso eu deixar,
Se o teu rosto me encanta?

(AG.)

153 Nasce o sol para adorar-te,
Dá volta ao mundo por vêr-te,
Quando o sol deseja amar-te,
Como não hei de eu querer-te?

(AG.)

154 Mandei fazer um castello,
Os alicerces são d'ouro,
As chaves de diamante,
Para fechar teu namoro.

(ALG.)

- 155 Tenho um amor, tenho dois,
Tenho tres para escolher,
E' moreno, preto, e louro,
Ao louro me hei de render.

(ALG.)

- 156 Dizes que as minhas mãos picam
Ao pé das tuas mimosas,
Tambem as roseiras picam
A quem vae colher as rosas.

(ALG.)

- 157 Tens olhos de seda preta,
Tens rosto de amendoa doce,
Dizem que eu que te namoro,
Prouvera a Deus que assim fosse!

(ALG.)

- 158 Gosto muito d'olhos pretos,
Olhos leaes, verdadeiros,
Gosto muito dos teus olhos,
Olhos pretos, feiticeiros.

(ALG.)

- 159 Quem disser que o preto é triste,
Hei de lhe dizer que mente:
Meu amor tem olhos pretos,
Alegres p'ra toda a gente.

(ALG.)

- 160 Os teus olhos, lindos, lindos,
Os teus olhos lindos são,
Os teus olhos, lindos, lindos,
Captivam o meu coração.

(ALG.)

161 Não tenho sceptro, nem c'róa,
Nem joias p'ra te off'recer,
Tenho um leal coração,
Que te adora até morrer.

(ALG.)

162 Antes da noite ser noite,
Antes do dia ser dia,
Já meu coração te amava,
Minh'alma por ti morria.

(ALG.)

163 Aqui tens meu coração,
Mette a mão, tira-o com geito,
Lá verás que amor tão grande
Num palacio tão estreito.

(E.)

164 Que lindo jasmim d'Italia
Que eu tenho á mão direita!
Que lindo cheiro que tem!
Que raios d'amor que deita!

(E.)

165 Meu lindo jasmin d'Italia,
O meu coração é vosso,
Dei-te vida, dei-te tudo,
Alma não, porque não posso.

(E.)

166 A' vista da Bella-vista
Socega meu coração;
A' vista d'esses teus olhos
Não pude dizer que não.

(E.)

- 167 Tenho dentro de meu peito
O que eu não posso dizer:
Um bocadinho de affecto,
Que me faz enlouquecer.
(E.)
- 168 De noite tudo são sombras,
Lá mesmo te irei buscar,
Já que eu de dia não posso
Tuas falas alcançar.
(E.)
- 169 Chamaste-me *jala-só*,
Oh que falsa opinião!
Estava a falar contigo,
Falando ao meu coração.
(E.)
- 170 O meu amor é um frança,
Mas diga-o quem o conhece,
Haverá outro mais frança,
Mas a mim não me parece
(E.)
- 171 Um raminho, dois raminhos,
Cada qual de sua côr,
Que não ha oiro, nem prata,
Que lhe pague o seu valor.
(E.)
- 172 O meu amor é rapaz,
Eu tambem sou rapariga,
Namorou-me de pequena,
Ha de me dar boa vida.
(E.)

- 173 Venho da Ilha dos vidros,
Dos crystaes e diamantes,
Por esses mares perdidos,
Por ver teus olhos brilhantes.
(E.)
- 174 Acordae, meu bem dormido,
D'esse sono em que estaes,
Vinde ver vossos amores,
Que vos vem buscar com ais.
(E.)
- 175 Esses teus olhos, menina,
Virão a ser o meu fim,
Não se faça tão tiranna,
Compadeça-se de mim.
(E.)
- 176 O' rosa vem tu comigo,
Deixa ficar a roseira.
Irás para onde eu fôr,
Serás minha companheira.
(E.)
- 177 Quando abres os teus olhos
Parece que nasce o dia:
Fui céguinho até agora,
Antes de os ver, nada via.
(E.)
- 178 Que lindos olhos que tens
Por baixo do teu chapéo!
Parecem balanças d'oiro
De pesar almas no céo.
(E.)

179 Tenho o meu peito aberto
Para quem quizer entrar,
Se tu és o meu amor,
'Stás em primeiro iogar.

(E.)

180 Sou cego, não de nascença,
Ceguei apenas te vi:
Quem ama é cego d'amores,
Sou cego de amor por ti.

(E.)

181 Quero-te muito e bem,
Mas não é demasiado,
Querer-te bem é doidice,
Querer-te mal é peccado.

(E)

182 Tendes o dentinho raro,
Metteis o cravo no meio,
Se vós *morrereis* em graça,
Ireis com todo o asseio.

(B. B.)

183 Tendes garganta de neve,
Nella se póde escrever,
Oh quem fôra estudantinho,
Que nella aprendera a ler!

(B. B)

184 Antoninho, meia branca,
Passeia toda a cidade,
Sempre foste e has de ser,
Amor, da minha vontade.

(B. B.)

- 185 Defronte de mim 'stão olhos,
Mas eu vêl-os, inda não,
Pelo resplendor que deitam
Reconheço de quem são.
(B. B.)
- 186 Manoel, Manoelzinho,
Cara linda, sem signaes,
Essa seja a sepultura
Onde se enterrem meus ais.
(B. B.)
- 187 Não me namorei de ti,
Nem da tua formosura,
Namorei-me do asseio
Que trazeis pela rna.
(B. B.)
- 188 Os meus olhos são pedidos,
Os meus olhos não se dão,
A quem eu dér os meus olhos,
Darei o meu coração.
(B. B.)
- 189 Trazeis o chapéu baixinho,
Mandae-o arredondar,
Que debaixo d'elles andam
Dois olhos a namorar.
(B. B.)
- 190 Alfinetes são amores,
Eu julguei de nunca os ter,
Achei coisa de meu gosto,
Foi causa do meu render.
(B. B.)

- 191 Não me namorei de ti,
Nem da tua branquidão,
Namorei-me dos teus olhos,
Que tão fagueirinhos são.
(B. B.)
- 192 Dá-me de lá um adeus.
Amor, de quando em quando,
De modo que não perceba
A gente que anda no bando.
(B. B.)
- 193 Tenho defronte a quem amo,
Não quero mais nesta vida
Que ser amada de um anjo
É d'um seraphim querida.
(B. B.)
- 194 Coimbra, nobre Coimbra,
Coimbra, nobre cidade;
Sempre foste e has de ser,
Amor, da minha vontade.
(B. B.)
- 195 Quero bem aos Antonios,
Muito mais aos Manoeis,
Que os trago em meus dedos.
Reformados em aneis.
(B. B.)
- 196 O' desvelo dos sentidos,
Aguilha de marear,
Strella por onde me guio
Quando te quero falar.
(B. B.)

- 197 Já me davam a escolher
D'aquellas tres que ahi vão.
A de verde não a quero,
A de azul não m'a dão,
Quero a do vermelhinho,
Que me alegra o coração,
(B. B.)
- 198 O' José, ó cacho d'uvas,
Oh quem te depenicara!
Quem me dera uma casinha,
Onde contigo morara!
(M.)
- 199 O teu cabelo entrançado
Diz bem de toda a maneira,
Quem me dera tel-o breve
Sobre a minha travesseiral
(M.)
- 200 Não te vás já tão depressa,
Assenta-te ao pé de mim,
Dormiremos um soninho
Nesta cama de capim.
(M.)
- 201 Eu não sei que sympathia
Minh'alma contigo tem:
Não me pede o coração
Senão que te queira bem!
(M.)
- 202 Tudo quanto o mar encerra,
Tudo quanto a terra cria,
Tudo é nada neste mundo
Sem a tua companhia.
(M.)

203 **Dá-me um sim, que já é tempo,
Não digas sempre que não:
Dá-me um sim da tua boca,
Dá-me um sim do coração.**

(M.)

204 **Os teus olhos, ó menina,
Que tão fagueirinhos são,
Logo á primeira vista
Prenderam meu coração.**

(M.)

205 **Parece-me inda estar vendo
Aquella noite de v'ráo,
Em que fizemos a troca
Do teu p'lo meu coração.**

(M.)

206 **Nem teu pae, nem tua mãe,
Teu avô e tua avó,
Te podem fazer feliz,
Como te farei eu só.**

(M.)

207 **Não tenho ainda amores,
Nem tenção de os tomar,
Se eu os chegar a ter
Terás o primeiro logar.**

(M.)

208 **Olhos pretos lisonjeiros,
Contrarios ao meu viver,
Andam numa roda viva,
Que me deitam a perder.**

(M.)

- 209 Que te amo, bem o sabes,
Torna a culpa aos teus agrados,
Só quem te não conhecêr
Deixará de ter cuidados.
(M.)
- 210 Mariquinhas dá-me um beijo
Meu desejo finda aqui,
Dou-te em troca minha vida,
Se pedida fôr por ti.
(M.)
- 211 As pragas que eu te rogo
Permitta Deus que te alcancem:
Que teu coração e o meu
Na mesma cama descancem.
(M.)
- 212 Graças a Deus para sempre!
Já vi a quem eu queria,
Já se desfez a nuvem
Que meu coração trazia.
(M.)
- 213 Somos dois amantes firmes,
Gerados do mesmo pó,
Tu és meu, eu sou tua,
Somos dois, somos um só.
(M.)
- 214 O' meu amor da minh'alma,
Põe aqui a tua mão,
Ouvirás as pancadinhas
Que dá o meu coração.
(M.)

- 215 Não ha branco como a neve,
Nem verde como a ortiga,
Olha que te quero bem
Inda que nada te diga.
(M.)
- 216 Lindos olhos tens, menina,
Se não fossem levianos,
Onde chegam, logo prendem
Com palavrinhas de enganos.
(M.)
- 217 Querer bem não é peccado,
Nem o confessor o dicta,
Peccado era deixar
Rapariga tão bonita.
(M.)
- 218 Os olhos da tua cara
Parecem-se com os meus,
Mas ha já bastantes annos
Que todos quatro são teus.
(M.)
- 219 O' Rosa, se tu és rosa,
Não me firas c'os espinhos.
Antes me mates, Rosinha,
Com os teus ternos carinhos.
(M.)
- 220 Tendes os olhos pretos,
Embora sejam fataes,
Só por elles estremeço,
Não vejo outros iguaes,
(M.)

- 221 Repara bem, meu amado,
Olha para o peito meu,
Unâmos as nossas almas,
Voêmes ambos ao céo.
(M.)
- 222 Teus olhos são penetrantes,
Que nem fital-os convêm,
São meigos, são feiticeiros,
E são tyrannos tambem.
(M.)
- 223 Despacha-me, ó menina,
Esta minha petição:
Guarda junto ao teu peito
O meu triste coração.
(M.)
- 224 Toma lá este raminho,
Inda agora foi colhido.
Entre folhas e folhinhas
Vae meu coração mettido.
(M.)
- 225 Quando tu fores á missa
De collete carmesim,
Não te vás ajoelhar
Muito distante de mim.
(M.)
- 226 D'aqui onde estou bem vejo
Duas meninas iguaes,
Se quizer, bem sei
A qual d'ellas quero mais.
(M.)

- 227 Talvez que nem o rei
Queira tanto á rainha,
Como eu te quererei,
Se chegares a ser minha!
(M.)
- 228 Quem me déra, ó menina,
Que eu te pudesse dar
Uma casa ao pé da minha,
Onde tu foras morar!
(M.)
- 229 Estou preso, e bem preso,
Esta prisão eu venero,
Preso ao teu coração,
Melhor prisão eu não quero.
(D.)
- 230 Disseste que me não q'rias,
Porque eu era desordeiro,
Aqui me tens a teus pés
Mansinho como um cordeiro.
(M.)
- 231 Todo o captivo deseja
Seu captiveiro perder;
Mas eu, captivo por ti
Captivo quero morrer.
(D.)
- 232 Oh que lindos olhos tem
A filha da moleirinha!
Que mal empregados olhos
Andar' ao pó da farinha!
(D.)

- 233 Tenho mandado fazer,
Eu não sei se estará feito,
Um anel para o meu dedo,
Um laço para o teu peito,
(D.)
- 234 Os olhos d'aquella, aquella,
Os olhos d'aquella, além,
Os olhos d'aquella, aquella,
São os olhos do meu bem.
(A.)
- 235 Na rua dos Sapateiros,
Logo alli ao pé da praça,
Vejo eu dois lindos olhos,
Que captivam a quem passa.
(A.)
- 236 Na rua do Tabolado,
P'ra baixo, p'ra cima não,
P'ra cima está meu sentido,
P'ra baixo meu coração.
(A.)
- 237 Adeus rua dos Fagundes,
No meio tens um letreiro,
Onde vão os moços todos,
Meu amor é o primeiro.
(A.)
- 238 A rua de S. Lourenço
E' custosa de subir,
Mas quem nella toma amores,
Tem por força de lá ir.
(A.)

- 239 A rua do Escor'gadio
Ao meio tem um letreiro,
Quem por lá tiver amores
Tem que andar c'o pé ligeiro,
(A.)
- 240 A rua do 'Sp'rito Santo
Está cercada de fitas,
A' porta da minha sogra
E' que estão as mais bonitas.
(A.)
- 241 A rua de S. Francisco
No meio faz um compasso,
Todos passam, não-se prendem,
E eu só cahi no laço!
(A.)
- 242 E' na rua da Cadeia.
A rua da beila vista,
Que habita o meu amor,
Que é filha d'um bom artista.
(A.)
- 243 Amanhã é domingo,
E quem m'o déra já cá,
Para ver o meu amor
De saude como está.
(A.)
- 244 O meu coração, amor,
E' 'ma pedra de lavar;
Nunca me esqueço de ti,
Ande lá por onde andar.
(A.)

- 245 Se te chamasse, não vinhas,
Se me chamasses, eu ia,
Que são sempre meus desejos
Ver-te cem vezes ao dia.
(A.)
- 246 Hei de te amar, ó meu bem,
Hei de te amar, que é meu gosto,
Só pelos signaes que tens,
Os olhos á flôr do rosto.
(A.)
- 247 Constança, tu andas triste,
Dize-me quem te morreu,
Se te morreu o amor,
Constança, aqui estou eu.
(D.)
- 248 Segunda-feira te amo,
Na terça te quero bem,
Na quarta por ti espero,
Na quinta por mais ninguém.
(E.)
- 249 A mim não me custa
Subir a ladeira,
Sómente receio
Que o teu pae não queira.
(A.)
- 250 O' Laurindinha,
Tu és meu amor,
Andas coradinha,
Não é do calor.
(A.)

251 Quem me dera estar
No teu coração,
Como está o sumino
Dentro do limão.

(A)

252 Ailé,
Lá na missa nova
Vi uma santinha
Que me leva á cova.

(A.)

253 Ailé,
Rua d'Alcamim,
Este meu amor
Dá cabo de mim.

(A.)

254 Ailé,
Monte do Gaião,
E' allí que tenho
A m'nha perdição.

(A.)

255 Ailé,
Viva o malmequer,
Que iuda hontem me disse
Que tu bem me queres.

(A.)

256 Ailé,
Carrinho de linhas,
Essas sobranceiras
Inda hão de ser minhas.

(A.)

- 257 Ailé,
Lá baixo á muralha
Tenho o meu amor
Cá da minha igualha.
(A.)
- 258 Ailé,
Monte do Rangem.
Ninguem faz figura
Onde está meu bem.
(A.)
- 259 Ailé,
Ribeir' dos Judeus,
Que esses teus olhos
Inda hão de ser meus.
(A.)
- 260 Ailé,
Jaqueta de pano,
Luxo do meu bem,
E mais do meu mano.
(A.)
- 261 Ailé,
Villa de *Estremôri*,
Onde tem s'a mãe
Cá o meu *amôri*.
(A.)
- 262 Ailé,
Montinho da Areia,
Todo o meu sentido
Para lá *vareia*.
(A.)

- 263 Ailé,
Amoras, amoras,
Vou p'r'ó mesmo sitio
Aonde tu móras.
(A.)
- 264 Ailé,
Francisca, Francisca,
Aqui 'stá bem firme
Quem por ti se arrisca.
(A.)
- 265 Ailé,
O teu pae é meu,
Tua mãe é minha,
Teu amor sou eu.
(A.)
- 266 Ailé,
Tinta do tinteiro,
Viva lá quem foi
Meu amor primeiro.
(A.)
- 267 Ailé,
Monte Val da Rata,
Merece o teu pé
Sapato de prata.
(A.)
- 268 Ailé,
O' lima, limão,
Leva esse aperto
D'esta minha mão.
(A.)

269 Tem tem,
Menina, tem tem,
Um signal na cara
Que lhe diz mui bem.

(A.)

270 Ailé,
Tem mão e tem mão,
Que inda tu vaes ser
A m'nha perdição.

(A.)



3) Constancia

271 Póde o norte aventar,
A nau fazer-se em pedaços,
Mas p'ra eu deixar de amar-te
Nem que haja mil embaraços.

(ALC.)

272 Quero-te bem té á morte,
Até depois de morrer,
Até debaixo da terra,
Meu amor, podendo ser.

(ALC.)

273 Quando as pedras soltem gritos,
É o sol deixe de girar,
O mar deixe de ter agua,
Deixarei eu de te amar.

(ALC.)

274 Alto castello de vidro,
Nasce o sol, combate o vento;
Meu amor para contigo
Já não tem acabamentoo.

(ALC.)

275 Tenho feito juramento
Numa mesa de marfim,
De não te ser inconstante,
De te amar até ao fim.

(ALC.)

- 276 Tenho feito juramento,
Em mais de quarenta livros,
De não amar outros olhos
Emquanto os teus forem vivos,
(B. B.)
- 277 Inda que eu no peito traga
Um triste, cruel, rigor,
Não deixarei de amar
O teu rosto encantador.
(B. B.)
- 278 Ainda que cuide
De levar pancadas,
Eu hei de seguir
As tuas pisadas.
(E.)
- 279 Ailé,
Inverno, inverno,
Este meu amor
Ha de ser eterno.
(A.)



4) Ciumes, tribulações e desenganos

280 Anda cá, vem ver arder
As chamma da saudade,
Abrazada de ciumes
Pela tua falsidade.

(ALG.)

281 Rosa que estás resequiada,
Já te torceram o pé,
Se estás de mim offendida
Diz-me, amor, por que é?

(ALG.)

282 Eu hei de me ir aos teus olhos,
E com uma pedra partil-os,
Já que me não goso d'elles,
Não ha de outro possuil-os.

(ALG.)

283 Juraste-me lealdade,
Quando fôï o dar da mão,
Mas assim me falseaste
Com a tua ingratição!

(ALG.)

284 O meu amor quèr por força,
Quer que eu ande padecendo,
Divertindo-se com outra,
Eu então chorando e vendo!

(E.)

285 Suspiros me dão combates,
E' chegado este meu fim,
Dize com quem te divertes
Quando te apartas de mim.

(E.)

286 Eu bem sei com quem passaste
Esta noite no jardim,
Pódes enganar os outros,
Mas não me enganas a mim.

(M.)

287 Se por outra me deixaes,
Paciencia, não importa,
Algum dia me dirás
Que tal ficaste na troca.

(E.)

288 Mariquinhas, cara linda,
Rosto cheio de signaes,
Palavras que daes a outro
São facadas que me daes.

(M.)

289 O' meu amor da minha alma,
Já te não chamo amor,
Chamo-te regalos d'outra,
Nisso tenho a minha dôr.

(M.)

290 Dei um ai, tu não ouviste,
Suspirei, não déste fé;
O meu coração é teu,
O teu não sei de quem é!

(A.)

- 291 As telhas do teu telhado
São amarellas e verdes;
Não me guardaes lealdade
Senão enquanto me vêdes!
(M.)
- 292 Eu bem sei que tens amores,
E estavas muito calada!
Se julgas que me enganas,
Tu é que estás enganada.
(M.)
- 293 O meu coração
Em tudo é valente:
Mesmo com ciumes
Vive alegremente.
(E.)
- 294 Atraz d'uma moita está outra,
Já me tem *assucedido*
Deixar meu amor por outro,
Sem ser esse o meu sentido.
(A.)
- 295 Deixae-me viver, deixae-me,
Que eu já te não posso amar.
Este mal que me persegue
Só por morte ha de acabar.
(E.)
- 296 Já estou arrependida,
E não me sahe do sentido:
Ninguem sabe o bem que perde
Senão depois de perdido.
(M.)

- 297 No paŝscar d'estes campos,
Se achares o chão molhado,
Lembra-te que vaes pisando
Lagrimas d'um desgraçado.
(ALG.)
- 298 A' tua porta, menina,
'Stá um *piãl* de velludo,
Aonde os meus olhos choram
Lagrimas de sangue puro.
(E)
- 299 Esses teus olhos, menina,
A ama-os me sugitei,
Nãõ t'os posso captivar,
Infeliz sempre serei!
(M.)
- 300 O' amor, quando eu morrer,
Na sepultura vae pôr
Uma letra em cada canto:
A, M, O, R, amor.
(A.)
- 301 No prazer sinto tristeza,
Parece-me a noite o dia,
O mesmo dia é pranto
Sem a tua companhia.
(M.)
- 302 Passei cedo á tua porta,
Olhei, a ver se te via,
Mas nãõ tive tal ventura,
Começou-me mal o dia!
(M.)

- 303 Se te eu vira descansada,
Então descansara eu;
Mas vejo-te agoniada,
Sinto o meu mal, choro o teu.
(E.)
- 304 Triste sou, triste me vejo,
Sem a tua companhia,
Tão triste, que nem me lembra
Se alegre fui algum dia.
(M.)
- 305 Estas lagrimas que choro
Não são choradas em vão,
Quero ver se afogo nellas
Restos da minha paixão.
(E.)
- 306 Quem é pobre sempre é pobre,
Quem é pobre nada tem,
Quem é rico sempre é nobre,
É ás vezes não é ninguém.
(E.)
- 307 Suspiros, rompei esta alma,
Batalhae comigo, dôres,
Desgraçado de quem toma,
Por pouco tempo, amores.
(E.)
- 308 Choraes olhos, choraes olhos,
Já que p'ra chorar nascestes,
Choraes a pouca ventura,
Já que mais não mcrecestes.
(E.)

5) Penas e sentimentos

- 309 P'ra que me déste uma penna,
Se te não posso escrever?
Quanto mais *penas* me deres,
Tanto mais eu te hei de q'rer.
(A.)
- 310 Sentei-me á beira do mar
Para as aguas ver correr,
Vi correr a dos teus olhos,
Para mais penas eu ter.
(Alg.)
- 311 Padecer, por padecer,
Antes eu, que meu amor,
Antes eu padeça penas,
Do que tu uma só dôr.
(M.)
- 312 Se te quero bcm, ou não,
Já t'o dei a demonstrar,
Não te quero causar penas,
Nem ao mundo que falar.
(M.)
- 313 Se eu te quizera dar penas,
Dar ao mundo que dizer,
Ia te ver ao tear
Onde estavas a tecer.
(BB.)

314 Adeus, meu amor, adeus,
Adeus, que já não és meu,
A glori: tem quem vos ama,
As penas sinto-as eu.

(E.)

315 Tenho dentro em meu peito
Duas penas a bulir,
Uma diz qu' quer amores,
Outra d'elles quer fugir.

(M.)

316 Com *pena* te escrevo esta,
O' meu delicado amor,
Que te não esqueças de mim
Só te peço por favor.

(ALG.)

317 Amei sem considerar
Que tinha de padecer,
Agora estou penando,
Meu regalo é morrer.

(M.)

318 Vae-te embora, amor,
Desculpa mandar-te,
Sabe Deus a pena
Que tenho em deixar-te.

(E.)

319 A' vista da Bella-vista
Como poderei eu estar?
De dia com sentimentos,
E de noite a suspirar.

(M.)

- 320 Suspiros, ais e tristeza
São minha sustentação,
Tudo soffre, tudo sente
O meu triste coração.
(M.)
- 321 Vim ao mundo sem ventura,
Nunca o mundo me enganou,
Nada da terra é p'ra mim,
Nada o mundo me deixou!
(ALG.)
- 322 Passarinho que estás cantando
No ramo das tres *felores*,
Todos cantam, só eu choro,
Assim faz quem tem amores!
(ALG.)
- 323 Levantei-me hoje tão triste!
Já me aborrece o viver!
De não ver um bem que adoro,
Que alegria posso eu ter?!
(ALG.)
- 324 O beijo que tu me déste
Naquella noite tão 'scura! . . .
Mais valia eu ter dado
O meu corpo á sepultura!
(ALG.)
- 325 Esta noite, nesta aldeia,
Anda tudo em reboição,
Minha aldeia da minh'alma!
Nem me quero lembrar d'isso!
(ALG.)

- 326 A' vista da Bella vista
Como poderei eu estar?
De dia com sentimentos,
E de noite a suspirar.
(E.)
- 327 Tira-me as setas do peito,
Deixa-me o sangue correr,
Já que tu por mim não morres,
Quero eu por ti morrer.
(ALG.)
- 328 Ando triste, pensativo,
De contínuo imaginando,
Com carvão pelas paredes
Meus males ando pintando.
(E.)
- 329 Tenho dentro em meu peito
Um junquillo por abrir;
O que tenho na lembrança
Nunca o pude conseguir.
(E.)
- 330 Eu fui a mais desgraçada
Das filhas de minha mãe,
Todas tem a quem se cheguem,
Só eu não tenho ninguem.
(E.)
- 331 Eu tenho dois corações,
Que bem os sinto bater,
Um que nasceu para amar,
E outro para soffrer.
(D.)

- 332 Todas gosam um bocado
De prazer e de ventura,
Só eu nasci agarrado
A' pedra da sepultura!
(E.)
- 333 Trago sempre o coração
De tristeza revestido,
Nem el' pode andar alegre
Sem que vá viver contigo.
(A.)
- 334 Tanto chorei esta noite
Que molhei o taboado:
Coração que tanto chora
Deve estar bem maguado!
(M.)
- 335 Dos teus olhos vi correr
Lagrimas até ao chão,
Quiz aparal-as, não pude,
Dentro do meu coração.
(A.L.G.)
- 336 Ao céo me hei de queixar
Das prisões em que me vejo,
De não ter a liberdade
De falar a quem desejo.
(M.)
- 337 Debaixo d'um triste cedro,
Dormindo, estava sonhando;
Acordei, achei-me só,
Tristes lagrimas chorando.
(E.)

338 Por esta rua corre água,
Pela outra corre vinho,
Pela outra corre sangue
Do meu amor, coitadinho!

(B. B.)

339 Quando eu era pequenina
Chorava por minha mãe,
Agora, que já sou grande,
Choro, não digo por quem.

(E.)

340 Deixae-me ir d'aqui embora,
Que aqui não ha que fazer,
'Stão as janellas fechadas,
'Stá dormindo o bem querer.

(E)

341 Já não quero ir á praia,
Nem ao Chafariz d'El-Rei,
Que 'stá lá um homem morto,
E dirão que eu que o matei.

(E.)

342 As nodoas da roupa suja
Saem todas com sabão,
Só não ha nada que tire
As nodoas do coração.

(A.)

343 Triste vida a da mulher
Que tem captiva a liberdade.
Já não pode ser constante
A qualquer sociedade.

(A.)

344 Lá ri ló lé ló lá,
Lá ri ló lé, meu bem,
Desgraçado mais que a todos,
Amante mais que ninguém.

(E.)

345 Nasce o sol, põe-se o sol,
Sem que eu deixe de gemer,
Que vida tão tormentosa,
Ai! meu Deus, isto é morrer!

(A.)

346 Ailé,
Meu bem não me assiste,
Quando os olhos choram
É' que a alma é triste.

(A.)



6) Arrufos, queixas e desavenças

347 Eu hei de ir e hei de vir,
Mas fala não te hei de dar,
Hei de te fazer moer
Como as areias no mar.

(ALG.)

348 Sou séria, não sou fingida,
Em mim não ha fingimentos,
Minhas palavras são sérias,
A ninguem causam tormentos.

(ALG.)

349 Os homens todos são falsos,
Firme serias tu só,
São todos da mesma massa,
Farinha do mesmo pó.

(ALG.)

350 E's mais linda do que o sol,
Mais mudavel do que o vento,
E's muito namoradeira,
Namoras só p'r um momento.

(ALG.)

351 Amor que despresa amor,
Sem motivos, nem razão,
Para voltar ao antigo
Tem que lhe pedir perdão.

(ALG.)

352 Se eu em ser leal te offendo,
 Não te quero offender mais,
 Se ò bem querer é delicto,
 Nossos crimes são iguaes.

(A.G.)

353 Fui bater ao teu portão,
 P'ra mim sempre está fechado!
 E' como o teu coração,
 Aos meus ais sempre cerrado.

(A.G.)

354 Quem me dera agora ver
 Quem eu vi hontem á noite,
 Que eu lhe dera o meu recado,
 Não lh'o mandára por outro'.

(E.)

355 Quem me dera agora ver
 Quem eu vi hontem á tarde,
 Que eu lhe dera o meu recado,
 Mui bem á minha vontade.

(E.)

356 No lenço de cercadura
 Toda eu me vejo cercada,
 Só de ti, meu amorsinho,
 Me eu vejo desamparada!

(B. B.)

357 Já não ha sinceridades,
 Tudo é adulação,
 Se a verdade se aborrece,
 Que quer o meu coração?

(E.)

358 Não quizeste ser perpetua,
Sendo eu amor perfeito,
Quizeste ser lirio roxo,
Martyrio d'este meu peito!

(E.)

359 A minh' alma toda é tua,
Todo é teu meu coração,
Se não ouves meus suspiros,
Mata-me por compaixão.

(E.)

360 Minha amada liberdade
A'quella menina dei,
Dei-lhe a alma, dei-lhe a vida,
Nada para mim deixei!

(E.)

361 Amei-te, tenho-te amado,
Confesso minha fraqueza,
Não foi só culpa minha,
Foi tambem da natureza.

(M.)

362 Eu jurei e tu juraste,
Quebra a jura de repente,
Este amor é o demonio,
Que faz tentar toda a gente.

(E.)

363 Se eu quizera, bem podera,
Amar-te pouco me custa,
Não quero que tu me digas
Que o meu amor que te busca.

(E.)

- 364 Fui sentar-me ao pé de ti,
Fugiste da minha beira:
Se repetes essa graça,
Não faltará quem me queira.
(M.)
- 365 Eu quero bem, na verdade,
A quem me não pode ver,
Passa por mim, não me fala,
Faz-se cego, sem o ser.
(E.)
- 366 Eu jurei eternamente
De nunca mais te adorar,
Os teus olhos me fizeram
O juramento quebrar.
(E.)
- 367 Se o meu amor me não fala,
A'manhã me vou embora,
Para não sentir paixão
Mais me vale andar por fora.
(E.)
- 368 Eu quero tanto ao meu bem,
Amo-o com tanta paixão,
Que até chego a adorar
Sua própria ingratição!
(E.)
- 369 Eu queria, e não queria,
Amava, e não amava,
Tinha olhos, e não via,
Na cegueira em que eu andava.
(B. B.)

370 Eu queria, e não queria,
Amava, e não amei,
Tinha olhos, e não via,
Na cegueira em que eu andei.

(B. B.)

371 Se eu algum dia não dera
Palavrinhas ao desdem,
O meu amor me não tinha
Tão prêso como me tem.

(E.)

372 Dize-me cá, ó ingrato,
Quantos aggravos tens meus?
Sahiste do pé de mim
Nem sequer disseste adeus!

(M.)

373 Dizeis que me quereis muito,
O vosso querer é engano,
Cortaes pela minha vida
Como a tesoura por pano.

(E.)

374 O meu bem 'stá mal comigo
Porque a porta lhe fechei,
O meu bem deve pensar
Que tranca de porta s'rei.

(E.)

375 Este amor é um contracto,
E' em quanto tu quizeres,
Se me deixas, faço o mesmo,
Farei o que tu fizeres.

(E.)

376 Oh cruel sem piedade!
Oh inimigo sem lei!
Olha o pago que me deste
Do tempo que te eu amei!

(E.)

377 Foi por ti que me perdi,
Diz agora que mais queres?
Não ha mal nenhum na vida
Que não venha das mulheres.

(D)

378 Ailé,
Aldeia do Matto,
Vamos desmanchar
O nosso contracto.

(A.)



7) Imprecações, desdems e motejos

379 Se tua mãe me não quer,
Uma praga vou rogar:
Que sua filha se perca
Onde eu a vá encontrar.

(M.)

380 Desde que o mundo é mundo
As mulheres falsas são,
A primeira foi mãe Eva
Que enganou o pae Adão.

(A.L.G.)

381 Já os meus olhos não querem
Senão olhar para o chão,
Se elles assim não fizerem,
Chocalheiras que dirão.

(E.)

382 Que importa que o mundo fale,
Que importa que o mundo diga?
Eu hei de rir e falar
Com a minha rapariga.

(E.)

383 O mundo fala de mim,
O mundo que tem' comigo;
Eu não sou mulher casada
Que dê penas ao marido.

(M.)

- 384 Dizeis que tenho amores,
Tenho, tenho, na verdade,
Escolhi o meu amor
Muito á minha vontade.
(M.)
- 385 *Anna vem, Anna vem, Anna vem,*
Anna vem, bico de chá,
Quem falar p'r'ó meu amor
Pouca vergonha terá.
(B. B.)
- 386 Você anda-se a galhar
Que tem muito ãonde escolha,
Queira Deus não vá ficar
Como a figueira sem folha.
(E.)
- 387 Tua mãe diz que não quer,
O teu pae diz que não gosta,
Mettam-te numa vidraça,
Andem contigo em amostra.
(ALG.)
- 388 O teu pae diz que não quer,
Porque eu não tenho fazenda,
Nem tão rico o teu pae é,
Nem tu és tão boa prenda.
(ALG.)
- 389 Algum dia, em tendo sede,
Ia beber ao teu monte,
Agora estou mal contigo,
Vou beber a outra fonte.
(ALG.)

- 390 Se tu soubesses o gosto
Que eu faço em te avistar,
A' rua aonde eu estivesse
Não havias tu passar.
(ALG.)
- 391 Inda que teu pae te dê
A vacca mais o bezerro,
Eu não quer' casar contigo,
Ruim cara, mau cabelo.
(ALG.)
- 392 Inda que teu pae te dê
A vacca mais o burrinho,
Eu não quer' casar contigo,
Ruim cara, mau focinho.
(ALG.)
- 393 As aguas correm do Douro,
O sol vem detrás da serra;
Todos os males do mundo
A mulher os trouxe á terra.
(ALG.)
- 394 Adeus que de ti me ausento,
Sabe Deus com que vontade!
Meus olhos irão chorando
Lagrimas de saudade.
(ALG.)
- 395 — O' Rosinha, minha rosa,
Com o tempo me has de amar.
— Não sou rosa, nem sou vossa,
Viva quem me ha de lograr.
(A.)

- 396 Eu soffro, se te não vejo,
E se te vejo, tambem:
Primeiro soffro da ausencia,
E depois, do teu desdem.
(A.)
- 397 A' tua porta, menina,
Me prometteram pancadas:
Venha quem as ha de dar.
Leval-as-ha dobradas.
(E.)
- 398 Olhaste para mim hontem,
Quando estavas á mesa;
Mas teu olhar é tão frio!
Mostra não teres firmeza!
(M.)
- 399 Toda a vida eu gostei
De conversar raparigas;
Porém sempre desprezei
As que eram presumidas.
(M.)
- 400 Adeus, rua d'Alagoa,
Adeus, largo do Collegio;
Já lá tens amores novos,
Mas eu não te os invejo.
(A.)
- 401 Foste dizer mal de mim
A mais de vinte rapazes:
Em logar de um, vêm dois,
Olha a falta que me fazes!
(M.)

402 Foste dizer mal de mim
A quem logo m'o contou,
Sempre quiz bem na terra
A quem me desenganou.
(M.)

403 Bem sei que foste dizer
Mal de mim a meus amores,
Isto é como quem deita
Água por cima de flores.
(B. B.)

404 Eu bem sei a quem disseste
Que me havias de deixar,
Tudo o que não ha se escusa,
Eu sem ti hei de passar.
(E.)

405 Eu bem sei a quem tu dizes
Que tens paredes mais altas:
Pois eu digo-te — adeusinho —
Que não sirvo para as faltas.
(M.)

406 Eu bem sei a quem disseste
Que não temes que eu te deixe:
Pois adeus, ó meu menino,
Pela boca morre o peixe.
(M.)

407 Já te podia ter dado
A chave da minha vida;
Agora já t'a não dou,
Já a tenho promettida.
(A.)

- 408 Soube que me eras falsa,
Porém não me affligi,
Deitei-me na minha cama,
Bem descançado dormi.
(M.)
- 409 Hei de cantar, hei de rir
Com quem eu quizer, meu bem,
Inda não fiz escriptura
Do meu c'ração a ninguem.
(M.)
- 410 Deixei de amar o sol claro,
Para amar a noite escura;
Eu amo a quem eu quero,
Porque não fiz escriptura.
(ALG.)
- 411 Chamaste me trigueirinha,
Eu bem sei que sou trigueira,
O que tu talvez não saibas
E' que eu tenho quem me queira.
(ALG.)
- 412 Minha *pampolia* da India,
Não te dês á gravidade,
Acho que é tolice minha
Falar a quem se faz grave.
(ALG.)
- 413 Vai-te d'aqui linda rosa,
Vai-te sentar no jardim,
Que uma flor tão mimosa
Não a quero para mim.
(ALG.)

414 Estas mocinhas de agora
Não querem senão casar,
Teem a panella ao fogo,
Nem volta lhe sabem dar!

(ALG.)

415 O' prima, chamas-me prima,
O' prima, não te sou nada,
Eu não sei de aonde vem
Esta nossa *primalhada*.

(ALG.)

416 Ateima, teimoso,
Tens bem que ateimar,
Eu sou ferro frio
Que é mau de dobrar.

(E.)

417 Ailé,
Já me aborreci
De andar tanto tempo
Sempre atrás de ti.

(A.)

418 Ailé,
Monte do Rincão,
Pensas que me enganas,
Não me enganas não.

(A.)

419 Ailé,
No monte da Freira,
Matar-me por ti
Acho que é asneira.

(A.)

- 420 Ailé,
Ribeira, ribeira,
Se tu me deixares
Ha muito quem queira.
(A)
- 421 Ailé,
O' vidinha, ó vida,
Anda o meu amor
De tromba caída.
(A.)
- 422 Ailé,
Maria *Gestrudes*,
Com a tua labia
A mim não me illudes.
(A.)
- 423 Ailé,
Roseira d'armar,
Com esse teu genio
Quem te ha de amar?
(A.)



9) Despedida, ausencia e saudade

424 Não me atrevo a dizer-te
Que d'aqui me vou embora,
Quem ama, como eu amo,
Quando parte, sempre chora.

(M.)

425 Se te fôres, hei de armar
Laços á tua partida;
Quero mais ao meu amor
Que á minha propria vida.

(ALG.)

426 O' meu amor, se te fores,
Leva-me na tua alminha,
Eu sou como a primavera,
Onde quer vou mettidinha.

(M.)

427 Nesta cruel despedida
Diz amor que hei de fazer:
Levar-te não é possível,
Deixar-te não póde ser!

(A.)

428 Recebe o triste adeus
De quem está de partida,
Se saudades tambem matam,
Curta será minha vida.

(M.)

- 429 Despedida, despedida,
Assim faz o passarinho,
Que se despede cantando
E deixa as *penas* no ninho.
(ALG.)
- 430 Diz alguém que a despedida
Nada custa ao coração;
Quem tal diz que se despeça
É verã se custa ou não.
(A.)
- 431 O' José, ó Josésinho,
Não se vá por ahí além,
As flôres do monte seccam,
Que fará quem lhe quer bem?
(M.)
- 432 Adeus cidade do Porto,
Adeus ponte dos guindaes,
Eu cá vou para o Brasil,
Adeus, até nunca mais.
(M.)
- 433 Adeus ó Terreiro do Paço,
Adeus do Paço o Terreiro,
Adeus meu amor mangando,
Podendo ser verdadeiro.
(E.)
- 434 Estes campos por aqui
Talvez já os não aviste,
Adeus amor da minha alma,
Que despedida tão triste!
(ALG.)

- 435 Não posso nem a brilhar
Dizer adeus a ninguém;
Quem parte saudades leva,
Quem fica saudades tem.
(E.)
- 436 Coitadinho de queim anda
Por fóra do seu paiz!
A qualquer terra que chegue,
E' mestre, fica aprendiz.
(A.)
- 437 Meu coração 'stá fechado,
'Stá fechado; não se abre,
Quem o domina 'está longe.
'Stá longe quem traz a chave.
(E.)
- 438 Anda cá meu amor morto,
Dize lá quem te matou:
Se te matou minha ausencia,
Resuscita, que aqui estou.
(M.)
- 439 Manoel, calções azues,
Vócé já por cá não vem!
Venha, como vinha d'antes,
Não se lhe dê de ninguém.
(E.)
- 440 Quem me dera cá setembro
É a saude tambem,
Para ir com muito gosto
Visitar a minha mãe;
Minha mãe do coração,
A quem tenho amizade,
Ha cinco annos 'stou ausente,
Já tenho minha saudade.
(B. B.)

- 441 Puz-me a contar as horas,
E os dias a crescer,
Para chegar ao domingo,
Meu amor, para te eu ver.
(E.)
- 442 Suspiros me põe a mesa,
Lagrimas são meu comer,
Saudades me sustentam
Até que te torne a ver.
(M.)
- 443 Tanto ai, tanto suspiro,
Que por esta rua vem!
Não são ais, nem suspiros,
São saudades do meu bem.
(A.)
- 444 Se os meus suspiros podessem
Aos teus ouvidos chegar,
Verias que uma saudade
E' capaz de me matar.
(A.)
- 445 Meu amor foi p'r'ó Brasil,
Quiz-me consigo levar,
Mas eu não me animei
P'r'ás aguas do mar passar.
(M.)
- 446 Esta carta mal notada
Fui eu só que a notei,
Com lagrimas a escrevi,
Com suspiros a fechei.
(M.)

447 O' ave, que vaes voando,
Leva-me lá esta carta,
Vae dizer ao meu amor
Que a sua ausencia me mata.

(A. G.)

448 Vae-te carta, vae-te carta,
Pelos ares a bulir,
Vae dar as mil saudades,
Já que eu não posso lá ir.

(B. A.)

449 Lá te mandei uma carta
Toda cheia de *felores*,
Bordada aos passarinhos,
Cantando versos de amores.

(A. G.)

450 Lá te mandei uma carta
Por cima d'esse jardim,
Só te peço, meu amor,
Que não te esqueças de mim.

(A. G.)

451 Lá te mando um ramallete
Que inda não vae acabado,
Entre folhas e folhinhas
Vae meu amor retratado.

(E.)

452 Pomba, que vaes voando,
No bico leva o raminho,
Leva as minhas saudades
Ao meu amor Antõninho.

(B. B.)

453 Cartas, cartas são papeis,
Os papeis falsos serão,
Mas as palavras dos olhos
São vozes do coração.

(E.)

454 Amôr, marca no teu lenço
A linda flôr do desejo,
Tambem eu marco no meu
As horas que te não vêjo.

(ALG.)

455 Fui ao jardim passear,
Encontrei *felores* tristes;
Diz, amôr, como passaste
Os dias que me não viste.

(ALG.)

456 Suspiro quando não vejo
O rôsto do bem que adôro,
Alegro-me na presença,
Na ausencia triste chôro.

(ALG.)

457 Passo semanas sem ver-te,
'Stou mezes sem te falar,
Com estas ausências todas,
Nunca deixo de te amar.

(ALG.)

458 Amores ao pé da porta
Ninguém sabe o bem que tem;
Tei os amores distantes
E' como não ter ninguém.

(ALG.)

459 Perpetua é flôr que nasce
 Entre as *brunhas* duma ausencia,
 Colhe-se com saudades,
 E regá-se com paciência.

(ALG.)

460 Desejava de saber
 Quem mais saudades tem!
 Se é quem 'stá para chegar,
 Ou quem 'spera por quem vem.

(ALG.)

461 Mandei fazer um navio,
 Com 25 janelas,
 Para embarcar saudades,
 Já que eu não posso com ellas.

(ALG.)

462 As saudades são *felbres*
 Criadas no meu jardim,
 As minhas para contigo
 Só á vista terão fim.

(B. A.)

463 Não chores, amor,
 Que eu não vou morrer,
 Dá graças a Deus,
 Que inda me has de ver.

(E.)



10) Theoria e conselhos amatorios

464 O' amor, não dês cavaco
Nem em enredos, nem em ditos,
Da-te pelos meus conselhos,
Esses são os mais bonitos.

(A.L.G.)

465 O amor quer-se rogado,
Eu não o rogo a ninguém,
Eu renego do amôr
Que a poder de rogos vem.

(A.L.G.)

466 A paixão me tem pedido
P'ra eu lhe dar aposento,
Não ha de entrar em meu peito
Sem lhe eu dar consentimento.

(A.L.G.)

467 Ha muito quem saiba ler,
Pouco quem saiba notar:
Ha muito quem tenha amôres,
Ha pouco quem saiba amar.

(A.L.G.)

468 Coração ambicioso,
Deixa lá, anda comigo,
Por um amor duvidoso
Não deixes um bom abrigo.

(D.)

469 Meu amor, não vivas triste,
Nem morras apaixonado,
O que pretendes de mim
Inda está desoccupado.

(A.)

470 Meu amor, fala baixinho,
Que as paredes tem ouvidos,
É quando as paredes ouvem
Que farão meus inimigos!

(M.)

471 Não ha sol como o de Maio,
Nem luar como em Janeiro,
Nem cheiro como o do cravo,
Nem amor como o primeiro.

(E.)

472 Meu amor, não vivas triste.
Vive alegre, se poderes.
Muito breve gozarás
O bem que agora queres.

(M.)

473 Coração por coração,
Amor, não deixes o meu,
O coração que aqui trago
Foi sempre leal ao teu.

(M.)

474 Rosa branca, ou encarnada,
Deixa-te estar na roseira,
Emquanto não 'stiver's murcha,
Não faltará quem te queira.

(M.)

- 475 Impossível me parece
Erva fina dar baganha;
E' difficil de encontrar
Amor firme em terra estranha.
(ALG)
- 476 Amor de moça tontinha
E' amor de mangação:
Se hoje nos diz que sim,
A'manhã diz-nos que não.
(D.)
- 477 Amavas-me, não o dizias,
Junto a mim ficavas mudo,
Tua boça não falava,
Os olhos diziam tudo.
(M.)
- 478 Não pegue na minha mão,
Diga de longe o que quer,
Se alguém nos vê, eu perco,
Perco porque sou mulher.
(M.)
- 479 Suspiros, mana, suspiros,
Suspiros, por quem serão?
Vê lá tu por quem suspiras,
Não des suspiros em vão.
(E.)
- 480 Ai lari, lari, lô lôla,
Ai lari, lô lô, meu bem,
'Stava varia quando disse:
Sem amores passo bem.
(B. B.)

481 Alerta, ó raparigas!
Moças não vos fiéis,
Palavras leva-as o vento,
Cartas d'amor são papeis.

(E.)

482 Fui á feira só por ver,
O vermelho me agradou;
Falinhas quantas quizeres,
Liberdade não t'a dou.

(B. B.)

483 Do céu caiu um suspiro,
E no ar se espalhou;
Quem neste mundo não ama,
No outro não se salvou.

(ALG.)

484 O' rosa, deixa-te estar
Fechadinha em botão,
Que aberta caem-te as folhas,
E fechada é que não.

(ALG.)

485 Amores ao pé da porta
Tomara eu sempre ter,
Quando não possa falar-lhes,
Não deixarei de os ver.

(M.)

486 Menina, o seu coração
E' como uma pedra dura,
Se você não quer ser freira,
Acceite quem a procura.

(M.)

f) Casamento

487 Trazeis raminho ao peito,
E' signal de casamento,
Deixae cahir o raminho,
O casar inda tem tempo.

(M.)

488 Menina dos meus encantos,
Meu amor, minha paixão,
Quando iremos á igreja
Dar o nó que muitos dão?

(M.)

489 Eu amar-te, hei de amar-te,
Que t'o tenho promettido,
Casar contigo, não caso,
Porque me é prohibido.

(M.)

490 Dá-me da tua merenda
Um bocadinho de pão,
Eu vou para o Limoeiro,
Eu te trarei um limão;
Eu te trarei um limão
Do limoeiro azedo,
Para tirar o fastio
A quem me casou tão cedo.

(B. B)

491 Ô' meu lindo amor,
Despacha, que é tempo,
Eu não estou guardada
P'ra nenhum convento.

(E.)

492 Ailé,
A' loja do Simão
Vae buscar a cama
P'r'á nossa união.

(A.)

493 Ailé,
Café, aguardente,
Sempre me anojou
Casar com parente.

(A.)



3) Festa e baile

494 Tenho uma saia encarnada,
Tambem tenho avental roxo,
Esta noite vou bailar
A casa do José Côxo.

(ALG.)

495 Não é cantar que dá fim
Da bella rapaziada,
E' o muito andar de noite,
E namorar de empicada.

(ALG.)

496 Fui dispôr a erva roxa
Na rocha, que é pedra dura;
Se o cantar te dá molestia,
P'ra que cantas, criatura?!

(ALG.)

497 Gosto de te ouvir cantar,
O' prima, que cantas bem,
Quem tivesse a tua fala,
Que cantava assim tambem.

(ALG.)

498 Cantigas ao desafio
Ninguem m'as venha cantar,
Tenho um grande repertorio,
A todas hei de ganhar.

(ALG.)

499 Meu pae era cantador,
Minha mãe tambem cantava,
Essa sim que estava boa,
Se a filha lhe não ganhava!

(ALG.)

500 Da Barrada já são todas,
De Santa Justa metade,
Faltava uma para a conta,
Foram buscal-a a Mal-frade.

(ALG.)

501 Quatro coisas ha no mundo
Que eu desejava saber:
Cantar bem e ser bonita,
Namorar e saber ler.

(ALG.)

502 Nem só d'alegre se canta,
Nem só de triste se chóra,
D'alegre tenho eu chorado,
De triste cantei agora.

(ALG.)

503 Toca lá na concertina,
Que eu agora quer' cantar
A moda da tia Annica,
Para a gente mais pular.

(ALG.)

504 De Mal-frade Anna Teixeira,
Do Zambujal a Joanna,
Do monte de Santa Justa
A filha do Pelengana.

(ALG.)

505 Tenho sapatos e meias,
Graças a Deus tudo tenho,
Por me não andar calçando,
Mesmo assim, descalça, venho.

(ALG.)

506 Aqui venho, aqui chego,
Não faltei ao promettido,
Não quero que tu me chames
Rapaz vário do sentido.

(M.)

507 Cantae, meu amor, cantae,
Índa hoje heis de dizer:
Quem anda no meu quintal
Não ha de gostar de morrer.

(B. B.)

508 Bem receio que me tenham
Na conta de um pateta,
Desde que tive a ideia
De passar por um poeta.

(M.)

509 Sou um grande maçador,
Deus me fez sem se lembrar
Que não fizera ouvidos
Que me queiram aturar.

(M.)

510 O vento é que vira a folha
A' pimpinella da horta;
Vá de roda, vá de roda,
Vem, amor, falar-me á porta.

(E.)

- 511 'Stou aqui mettido ao canto,
Com vergonha de appar'cer,
Com o fato da semana,
E a barba por fazer.

(E.)

- 512 Tenho uma casa entre as nuvens
Trancada com cinco trancas,
E tenho um burro lá dentro
Que *zorna* como tu cantas.

(ALG.)

- 513 Lá vae uma, lá vão duas,
Lá vão quatro, lá vão cinco,
Viva quem anda na roda
Rescendendo a vinho tinto.

(A.)

- 514 Queres cantar e não sabes,
Mais valera estar's callado,
Cantigas de baile de roda
Não são cantigas do fado.

(A.)

- 515 Bal' de roda, bal' de roda,
Na roda ando eu ha *munto*,
Ando na roda da vida
A dar voltas neste mundo.

(A.)

- 516 Não canto por bem cantar,
Nem pelo bem que parece,
Canto para alliviar
Meu coração, que padece.

(M.)

- 517 A Tyranna tem tres filhas,
Todas tres por baptizar,
A mais velha d'ellas todas
Tyranna se ha de chamar.
(B. B.)
- 518 Dae uma volta, ó Tyranna,
Dae outra ao tocador,
Dae outra, se vós quizeres,
Que aqui está o teu amor.
(B. B.)
- 519 Eu bem vi estar a Tyranna
Na praça a vender sardinha,
Diacho da porcalhona,
Come a carne e vende a espinha!
(B. B.)
- 520 A Ciranda quer que eu vá
Com ella ao seu jardim,
Quer que eu vá fazer o chá
Das flores do alecrim.
(B. B.)
- 521 Eu não sei se isto é sorte
Que Deus me tem destinado,
Em ouvindo uma viola
Já não posso estar calado.
(ALG.)
- 522 A candeia não dá luz,
'Stá o baile annuviado,
Quanto menos luz no baile,
Mais o par anda apertado
(A.)

523 A candeia não dá luz,
'Stá o baile annuviado,
Já são horas de dormir,
O' patrão, dê o *louvado*.

(A.)

524 O' minha caninha verde,
Verde cana de encanar,
Sou a mesma rapariga
Moro no mesmo lugar.

(M.)

525 Ora deixa-te estar,
Ora assenta-te aqui,
Ora deixa-te estar,
Amor, ao pé de mim.

(A.)

526 O meu lindo amor
Ficou d'aqui vir,
Deitou-se na cama,
Deixou-se dormir.

(E.)

527 Ailé,
Toma lá, dá cá,
E' 'ma moda nova
Que anda agora cá.

(A.)

528 Ailé,
Casaco da moda,
Inveja de todos
Que andam na roda.

(A.)

- 529 Ailé,
Fita de velludo,
Abriste-me o peito
C'um punhal agudo. (A)
- 530 Ailé,
Cá no meu par'cer,
Baile sem çandeia
Pouco tem que ver. (A)
- 531 Ailé,
Tenha mão na manta,
Que não é você
Que me a mim desbanca. (A)
- 532 Ailé,
Aqui no terreiro
Vae cair-lhe a trança,
Perde o seu dinheiro. (A)
- 533 Ailé,
Raminho d'alecrim,
Vá-se a malta toda,
Fica tu, Joaquim. (A)
- 534 Ailé,
Cat'rina, o teu maino
Anda aqui na roda
Com botas de cano. (A)

535 Ailé,
Prazer do bem feito,
A tua cantiga
Entrou no meu peito.

(A.)

536 Ailé,
Viva o encarnado,
Que é a côr da tinta
Que marca o meu gado.

(A.)

537 Ailé,
Viva o fadistão,
E' chegado o diabo
A' nossa funcção.

(A.)

538 Ailé,
Mathias, Mathias,
Já nasceu o sol,
Rei das alegrias.

(A.)

539 Ailé,
Viva a alegria,
Meu amor 'stá longe,
Anda na tosquia.

(A.)

540 Ailé,
Loja do Simão,
Lá comprei a chita
P'r'ó meu mandrião.

(A.)

- 541 Ailé,
Vae para o borralho,
'Stás aqui de mais,
No mê' d'este *balho*.
(A.)
- 542 Ailé,
Casa ladrilhada,
Cá no Alemtejo
E' obra assada.
(A.)
- 543 Ailé,
Cadeia da moda,
Deixa lá o canto,
Anda cá p'r'á roda.
(A.)
- 544 Ailé,
Folgança, folgança,
Que esta vida é triste
Para quem não dança.
(A.)
- 545 Ailé,
Tira o *cassiné*,
Que me 'stá par'cendo
Lenço de rapé.
(A.)
- 546 Ailé,
Sapato de laço
Faz o pé bem feito,
Capaz de ir ao paço.
(A.)

- 547 Ailé,
Bota afiambrada,
Vou sonhar com ella
Toda a madrugada.
(A.)
- 548 Ailé,
Pé acatitado
Só o tem aqui
O meu bem amado.
(A.)
- 549 Ailé,
O' Rosa, ó Anna,
Façam-me esquecer
Aquella tyranna
(A.)
- 550 Ailé,
Lá em Badajoz
E' que eu abrandei
Esta minha voz.
(A.)
- 551 Ailé,
Retruco, retruco,
Que são tuas falas
De grande maluco.
(A.)
- 552 Ailé,
Morro-me de riso
D'esse teu dizer
Tão falto de siso.
(A.)

- 553 Ailé,
No monte da Granja,
Inda te hei de pôr
A pão e laranja.
(A.)
- 554 Ailé,
Lá nos Gasparões
E' que vão abaixo
Tantas opiniões.
(A.)
- 555 Ailé,
Villa d'Olivença,
Antes de cantar's
Vem pedir-me a *bença*.
(A.)
- 556 Ailé,
Volta atraz, Helenà,
Que esse teu cantar
'Stá causando pena.
(A.)
- 557 Ailé,
Fita verde *ds* molhos,
Levanta o chapeu,
Deixa ver os olhos.
(A.)
- 558 Ailé,
Lá em S. Vicente,
No *balho* de roda
Te cahiu o pentê.
(A.)

559 Ailé,
Vieira, Vieira,
Fazes mais figura
Com a pá na eira.

(A.)

560 Ailé,
Viva o bem feito,
Esta cantiga
Tem muito geito.

(A.)

561 O' Maria Amelia,
O' do Zé da Chica,
Canta outra moda,
Que essa já cá fica.

(A.)

562 Ailé,
Meia noite dada!
Esta minha *azença*
Vae a ser falada.

(A.)



i) Cantigas jocosas e satiricas

563 E's bonita como a morte,
Alegre como um enterro,
Direita como um anzol;
Delicada como um serro.

(ALG.)

564 Aqui nesta rua móra
Uma grande alcoviteira,
Leva cartas e traz cartas
Como o vapor da carreira.

(ALG.)

565 Já morreu a minha sogra,
E o meu sogro também;
No tempo da fava verde,
Que me lembra muito bem:

(ALG.)

566 Quem perdeu o que eu achei
No caminho da Junqueira:
O nariz de minha sogra
Mettido numa piteira.

(ALG.)

567 Eu casei com uma velha,
P'ra ella filhos não ter,
Agora o diabo da velha
Teve dez, sem eu saber!

(ALG.)

568 Eu casei com uma velha
Para me fartar de rir,
Fiz-lhe a cama muito alta
Para ella não a subir.

(ALG.)

569 O' moças, casem comigo,
Que eu tenho muito dinheiro,
Tenho cinco réis furados
Dentro do meu mealheiro.

(ALG.)

570 O' moças, casem comigo,
Que eu sou rico, afazendado,
Eu tenho umas casas novas,
Sem paredes, nem telhado.

(ALG.)

571 Semeei no meu quintal
A semente d'alfarroba;
Nasceu uma burra nova
Com patas de meia arroba.

(ALG.)

572 Semeei no meu quintal
A semente da erva doce,
Nasceu nma burra nova
Respigando e dando coices

(ALG.)

573 Quem tem pedra faz parede,
Quem tem fiado faz pano,
Quem tem a mulher azeda
Tem vinagre todo o anno.

(ALG.)

574 Eu cuidava e tu cuidavas,
Eramos dois a cuidar,
Eu cuidava no almoço,
Tu cuidavas no jantar.
(ALG.)

575 São tantas as saudades
Que eu tenho de ti ás vezes!
Em sendo os dias pequenos
Não como senão tres vezes.
(ALG.)

576 Ai de mim, da minha vida!
Já me morreram os gatos!
Agora vejo-me só,
Todo cercado de ratos!
(ALG.)

577 O' Anna tres vezes Anna,
O' Anna dos caracões,
Se não casasses comigo
Não dormias em lençoes.
(ALG.)

578 O meu amor é aquelle
Que me não tira o chapéu,
Que tem a porta p'r' a rua
É o telhado para o ceu.
(ALG.)

579 Minha avó era da serra,
Foi á missa a Martim-longo,
Caíu da mula carôcha,
Partiu a trave do lombo.
(ALG.)

580 Minha avó era da serra,
 Foi á missa ao Zambujal,
 Caiu da mula carôcha,
 Partiu a mola real.

(ALG.)

581 O tempo que te eu amei,
 Mais valia amar um burro:
 Num burro andava a cavallo,
 Já não vinha a perder tudo.

(ALG.)

582 Chamaste-me farrroupinha,
 Eu não ando com farrapos,
 Eu tenho uma sáia nova,
 Toda cheia de buracos.

(ALG.)

583 Pensava que não havia
 Embarcações nesta terra,
 Agora já sei que ha
 Uma embarcação de guerra.

(ALG.)

584 Puz o pé da junqueira
 Quando por ella passei,
 Junqueira dá-me conta
 Do amor que te entreguei.

(ALG.)

585 A lingua da minha sogra
 Tem tres palmos e quarenta,
 E' feita de sal amargo,
 Misturado com pimenta.

(ALG.)

586 Quando eu te vi vir
Com as fôrmas á cabeça,
Logo o meu coração disse
Que tu eras alfaiate.

(ALG.)

587 Tenho a minha fala presa,
Não é de beber vinagre,
Foi da agua que eu bebi
Esta manhã no barranco.

(ALG.)

588 Deitei-me a dormir em Muge,
Acordei, 'stava na Erra,
Tomei amor's em Coruche,
Fui casar a Salvaterra.

(A.)

589 Quem me dera um pau preto
Para colher uma amora,
Para mandar de presente
Ao senhor Juiz de Fóra.

(A.)

590 Quem se fia das mulho'es
É d'ellas faz cabedal,
Começa pela cadeia
E acaba no hospital.

(A.)

591 Já se lá vae o entrudo
C'os pésinhos e magrões,
Já lá vem a quaresma
De alabaças e feijões.

(A.)

- 592 A rua dos Cavaleiros
No meio tem uma esteira,
Onde vão as velhas todas
A curtir a bebedeira.
(A.)
- 593 Na rua do Esp'rito Santo
Não se póde namorar,
Porque as velhas estão ouvindo
O que se está a conversar.
(A.)
- 594 As portas d'Oliveança
Já não tem guarda-portão,
Hei de para lá mandar
O meu leal coração.
(A.)
- 595 Já degradaram o grillo
Para o campo da manobra,
Por dar uma navalhada
Na barriga d'uma cobra.
(A.)
- 596 Hei de comprar um fatinho
Que custe pouco dinheiro,
As meias de rosmaninho,
Sapatos de *c'rapelêro*.
(A.)
- 597 Tenho gravata de azinho
Forrada de carapeto;
Vou para assar o toucinho
E não preciso de espeto.
(A.)

598 Do Cêto p'ra baixo
Tudo é Cayola,
Tens pouco juizo,
Trabalha-te a bola.

(A.)

599 Ailé,
O' lima, limão,
Quando digo sim,
Dizes tu que não.

(A.)

600 Ailé,
Outono, outono,
Foste escolher moça,
E já tinha dono.

(A.)



INDICE DO VOLUME IV

III

O HOMEM E A SOCIEDADE

	Pag.
g) Festa e baile.....	5
h) Cantigas profissionaes:	
1) Agricultura.....	126
2) Artes e officios....	145
3) Burocraçia.....	156
4) Clero.....	160
5) Commercio.....	167
6) Estudantes.....	169
7) Exercito e marinha	177
8) Industria.....	204
9) Maltezes e contra- bandistas.....	209
10) Serviçaes.....	212

	Pag.
i) Cantigas jocosas e sa- tyricas	217
j) Cantigas sentenciosas e moraes	286
k) Cantigas historicas e politicas	302
l) Cantigas geographicas	303
m) Doença e morte	363

IV

VARIA

1) Conceito popular de Cupido	373
2) Conceito popular de Salomão	378
3) Conceito popular das côres	380
4) Cantigas numerativas	386
5) Modas e modinhas . . .	391

APPENDIX

I

O SOBRENATURAL

1) Religião cristã

	Pag.
b) Jesus Christo e a Virgem Maria	469
d) Santos	473

II

A NATUREZA

a) Os astros	475
b) Fogo, luz e sombra	478
c) A atmosphera	479

	Pag.
<i>d) A agua</i>	480
<i>f) As pedras</i>	484
<i>h) Os vegetaes</i>	485
<i>i) Os animaes</i>	493

III

O HOMEM E A SOCIEDADE

d) Cantigas amorosas:

1) Anhelos, requebros e lisonjas	495
3) Constancia	519
4) Ciumes, tribulações e desenganos	521
5) Penas e sentimentos	526
6) Arrufos, queixas e desavenças	533
7) Imprecações, des- dens e motejos	539

	Pag.
9) Despedida, ausencia e saudade.....	547
10) Theoria e conselhos amatorios.....	554
f) Casamento.....	558
g) Festa e baile.....	560
i) Cantigas jocosas e satyricas.....	572



UNIVERSITY OF MICHIGAN



3 9015 02834 0274

The KALMBACHER
BOOKBINDING CO
CERTIFIED
LIBRARY BANDER
TOLEDO, OHIO

